

ANDERS RYDELL



LADRÕES DE LIVROS

A história real de como os nazistas roubaram
milhões de livros durante a Segunda Guerra



CRÍTICA

wider den



ANDERS RYDELL

LADRÕES DE LIVROS

**A história real de como os nazistas roubaram
milhões de livros durante a Segunda Guerra**

Tradução
Rogério Galindo

CRÍTICA

Copyright © Anders Rydell, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Publicado em acordo com Salomonsson Agency
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Book Thieves*

Preparação: Andressa Veronesi
Revisão: Clara Diamant e Olívia Tavares
Diagramação: C. Carreiro
Capa: Rafael Brum
Imagens de capa: Anthony Potter Collection/ Contributor/ Getty Images
Imagens de miolo: Arquivo pessoal do autor
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rydell, Anders

Ladrões de livros: a história real de como os nazistas roubaram milhões de livros durante a Segunda Guerra / Anders Rydell ; tradução de Rogério Galindo. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.

416 p.

ISBN: 978-85-422-1122-1

Título original: *The Book Thieves*

1. Livros 2. Roubo de livros 3. Bibliotecas – Europa – Destruição e pilhagem 4. Guerra Mundial, 1939-1945 – Destruição e pilhagem 5. Nazismo – Roubo de livros I. Título II. Galindo, Rogério

18-0328

CDD 027.04

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro e impresso pela RR Donnelley para a Editora Planeta do Brasil em abril de 2018

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Alva, meu amor e inspiração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1:

UM FOGO QUE CONSOME O MUNDO

CAPÍTULO 2:

FANTASMAS NA BERLINER STADTBIBLIOTHEK

CAPÍTULO 3:

O CARVALHO DE GOETHE

CAPÍTULO 4:

A BIBLIOTECA DE HIMMLER

CAPÍTULO 5:

UM GUERREIRO CONTRA JERUSALÉM

CAPÍTULO 6:

CONSOLAÇÃO PARA AS TRIBULAÇÕES DE ISRAEL

CAPÍTULO 7:

A CAÇA AOS SEGREDOS DOS MAÇONS

CAPÍTULO 8:

LÊNIN TRABALHOU AQUI

CAPÍTULO 9:

A BIBLIOTECA PERDIDA

CAPÍTULO 10:

FRAGMENTOS DE UM POVO

CAPÍTULO 11:

A VALA COMUM É UMA FÁBRICA DE PAPEL

CAPÍTULO 12:

A UNIDADE TALMUDE

CAPÍTULO 13:

“ESTUDOS JUDAICOS SEM JUDEUS”

CAPÍTULO 14:

UM VAGÃO DE SAPATOS

CAPÍTULO 15:

UM LIVRO ENCONTRA O CAMINHO DE CASA

AGRADECIMENTOS

ÍNDICE ONOMÁSTICO E REMISSIVO



Introdução

Na primavera passada, me vi sentado em um avião de Berlim para Birmingham com um pequeno livro verde-oliva na mochila. De tempos em tempos eu abria a mochila e o envelope marrom revestido que protegia o livro, só para ter certeza de que ele continuava ali. Depois de mais de setenta anos ele seria devolvido à sua família, a uma neta de seu antigo dono. Um homem que cuidadosamente colou seu ex-líbris na folha de rosto e escreveu seu nome na página de título: Richard Kobrak. No fim de 1944 ele foi deportado com a esposa para as câmaras de gás, em um dos últimos trens para Auschwitz. O pequeno livro na minha mochila não é especialmente valioso; num sebo de Berlim provavelmente custaria alguns euros.

No entanto, nos poucos dias em que fiquei como seu guardião, fui atormentado por algo semelhante a um pânico só de pensar que ele podia, de repente, desaparecer. Sofri com delírios em que esquecia a mochila num táxi, ou em que ela era roubada. O valor do livro não é monetário, é sentimental, e ele é insubstituível para aqueles que cresceram sem o avô. O pequeno livro verde-oliva tem enorme valor por ter sido o único pertence que sobrou de Richard Kobrak. Um livro da biblioteca de um homem. Tragicamente, esse é apenas um dentre milhões que ainda esperam ser encontrados. Milhões de livros esquecidos de

milhões de vidas perdidas. Por mais de meio século eles foram ignorados e reduzidos ao silêncio. Aqueles que sabiam de sua origem muitas vezes tentaram apagar a memória de seus donos, rasgando qualquer página que contivesse um carimbo, riscando dedicatórias e falsificando catálogos de bibliotecas, em que “presentes” da Gestapo ou do Partido Nazista eram substituídos por menções a doadores anônimos.

Porém, muitos sobreviveram, talvez porque o saque tenha sido grande demais e não houve desejo bastante de rastrear a história desses remanescentes.

A história de como os nazistas roubaram obras de arte recebeu muita atenção nas últimas décadas. Em 2009 eu mesmo comecei a escrever sobre isso, com base em minhas pesquisas sobre uma tela no Moderna Museet em Estocolmo que se sabia ter desaparecido durante a Segunda Guerra Mundial – o *Blumengarten (Utenwarf)*, de Emil Nolde. Assim como o livro verde-oliva, a tela pertencia a uma família judia da Alemanha e se perdeu no fim dos anos 1930. Meu tema inicial acabou se transformando no saque em grande escala de obras de arte pelos nazistas e na longa batalha de setenta anos para recuperar essas obras, contados em um livro, publicado em 2013: *The Plunderers – How the Nazis Stole Europe’s Art Treasures* [Os saqueadores – Como os nazistas roubaram os tesouros da arte europeia].

À medida que mergulhei nos detalhes desse furto motivado tanto por ideologia quanto por ganância, fiquei sabendo que, além de objetos de arte e antiguidades, também foram roubados livros. Isso em si não chegava a ser curioso – as organizações de pilhagem dos nazistas puseram as mãos em tudo que foi

possível.

A primeira coisa que me deixou espantado foi a escala em que isso aconteceu, o fato de que dezenas de milhões de livros desapareceram em uma operação de saque que foi da costa do Atlântico ao mar Negro. Mas algo mais chamou a minha atenção: notar que os livros pareciam muito mais importantes sob o ponto de vista ideológico. Os objetos de arte eram distribuídos principalmente entre os líderes nazistas, incluindo Adolf Hitler e Hermann Göring. Essas obras tinham o propósito de exibir, legitimar e glorificar o novo mundo que os nazistas pretendiam construir sobre as ruínas da Europa. Um mundo mais belo e limpo, de acordo com o ponto de vista deles.

Os livros, porém, serviam a outro propósito. Eles não eram roubados para glorificar algo, nem somente por ganância – os motivos eram mais perturbadores. Bibliotecas e arquivos de toda a Europa foram saqueados pelos mais importantes ideólogos do Terceiro Reich, por organizações lideradas pelo chefe da ss, Heinrich Himmler, ou pelo principal ideólogo do partido, Alfred Rosenberg. O maior roubo de livros da história foi orquestrado e posto em prática durante a guerra. Os alvos desse saque foram os inimigos ideológicos do movimento – judeus, comunistas, maçons, católicos, críticos do regime, eslavos e assim por diante. Essa história não é muito conhecida hoje, e em grande medida esses crimes seguem sem ser elucidados. Decidi seguir o rastro dos saqueadores, em uma jornada de milhares de quilômetros ao longo da Europa. Fiz isso, em parte, para tentar compreender os fatos, mas também para tentar descobrir o que ainda existe – e o que se perdeu. Fui das dispersas bibliotecas de exilados em Paris

à antiga biblioteca judaica perdida, em Roma, cujas origens remontam ao início de nossos tempos. E depois fui da caça aos segredos dos maçons em Haia à busca por fragmentos de uma civilização extinta em Tessalônica. Ou das livrarias sefarditas de Amsterdã às bibliotecas iídiches de Vilna. Havia rastros em toda parte, embora muitas vezes fossem poucos: lugares em que as pessoas e seus livros foram separados e em muitos casos destruídos.

Em grande parte esta é uma história de separação – sobre os milhares de bibliotecas dispersas para sempre durante a Segunda Guerra Mundial. Milhões de livros individuais, que integravam coleções, ainda estão em prateleiras europeias. Mas perderam seu contexto. Fragmentos de bibliotecas fantásticas construídas por gerações e que formavam o coração cultural, linguístico e que definiam a identidade de comunidades, famílias e indivíduos. Bibliotecas insubstituíveis – reflexo dos povos e das sociedades que as criaram e alimentaram.

Mas este é também um livro sobre aqueles que declararam guerra em defesa de sua herança literária, colocando em risco suas próprias vidas, por vezes chegando a perdê-las. Essas pessoas sabiam muito bem que o roubo de sua cultura literária era uma maneira de roubar sua história, sua humanidade e, em última análise, qualquer possibilidade de memória. Foram pessoas que tentaram desesperadamente esconder seus manuscritos, enterraram seus diários e se agarraram ao seu livro mais amado na última viagem que fizeram, para Auschwitz. Devemos gratidão a essas pessoas por sua capacidade de relembrar as coisas horríveis que ocorreram – tanto aos que

perderam suas vidas quanto aos sobreviventes, que, então, descreveram suas experiências para que o mundo pudesse conhecê-las. Eles acrescentaram palavras ao que se pretendia silenciar. Vivemos numa época em que os últimos sobreviventes do Holocausto em breve terão desaparecido. Só podemos ter esperanças de que o que eles nos deram tenha sido suficiente para continuarmos a lembrar. Ao escrever este livro percebi que essas memórias são centrais, que foram a própria razão para a pilhagem de livros. Roubar as palavras e as narrativas de um povo é um modo de mantê-lo prisioneiro.

Livros quase nunca são singulares como o são obras de arte, mas têm um valor que muito mais gente é capaz de compreender. Em nossa época, o livro manteve um valor simbólico que é quase espiritual. Jogar livros fora continua sendo considerado um sacrilégio. Queimá-los é uma das ações simbólicas mais fortes que há, correlacionada a destruição cultural. Embora seja associada principalmente às fogueiras de livros dos nazistas em 1933, a destruição simbólica da literatura é tão antiga quanto os próprios livros.

A forte relação entre os humanos e os livros está ligada ao papel que a palavra escrita tem na disseminação do conhecimento, do sentimento e da experiência ao longo de milhares de anos. Gradualmente a palavra escrita substituiu a tradição oral. Podíamos preservar mais e olhar para tempos mais remotos. Podíamos saciar nossa fome quase insaciável por mais. A capacidade de ler e escrever, que até pouco era privilégio de poucos, era associada a habilidades mágicas. Quem detivesse o domínio desse conhecimento era capaz de se comunicar com

nossos ancestrais – e possuía conhecimento, autoridade e poder. Nossa relação simultaneamente emocional e espiritual com o livro tem a ver com o modo como ele “fala conosco”. Ele é um meio de nos conectar a outras pessoas, tanto vivas quanto mortas.

Escravos americanos, por muito tempo impedidos de aprender a ler, se referiam à Bíblia – usada por seus donos brancos como um meio de justificar seu cativeiro – como “O livro que fala”. Uma parte importante de sua libertação ocorreu quando eles se apropriaram da Bíblia e a utilizaram contra seus opressores. O livro era um instrumento tanto de repressão quanto de libertação. Mesmo hoje, a interpretação dos textos sagrados está no cerne de conflitos globais. O livro não apenas transfere conhecimento e emoções – ele é uma fonte de poder.

Esse é um fato que foi muitas vezes obscurecido pela fumaça das infames queimas de livros na Alemanha em 1933 – quando obras de autores detestados pelo regime foram atiradas às chamas. A imagem dos nazistas como vândalos culturais anti-intelectuais ainda persiste, em certa medida por ser de fácil compreensão, e possivelmente porque gostaríamos de ver a literatura e a palavra escrita como coisas fundamentalmente boas.

Mas até mesmo os nazistas perceberam que, se havia algo que dava mais poder do que meramente destruir a palavra, era possuí-la e controlá-la. Os livros tinham poder. As palavras podiam ser usadas como armas, que ressoariam muito depois de o ruído da artilharia ter parado. São armas não só de propaganda, mas também na forma de memórias. Quem possui

a palavra tem o poder não apenas de interpretar a história, mas também de escrevê-la.

CAPÍTULO 1

Um fogo que consome o mundo

Berlim

*Onde livros são queimados, no fim, as pessoas também serão
queimadas.*

Heinrich Heine, 1820

Essas palavras estão gravadas em uma placa de metal vermelha enferrujada em meio às pedras portuguesas da Bebelplatz, em Berlim. Os turistas que vão a Berlim no verão passeiam pela praça localizada entre o Portão de Brandemburgo e a Ilha dos Museus, a caminho de um dos lugares mais grandiosos da cidade. O local ainda carrega uma tensão simbólica. Na esquina da praça há uma senhora idosa de cabelos brancos despenteados. Ela está envolta em uma grande bandeira israelense – a estrela de Davi em suas costas. Outra guerra começou em Gaza. Cerca de trinta pessoas se reuniram para uma manifestação contra o sentimento antissemita que, setenta anos depois da Segunda

Guerra Mundial, desperta novamente na Europa.

Do outro lado da larga e elegante avenida Unter den Linden, mesinhas foram colocadas diante dos portões da Universidade Humboldt. Por poucos euros é possível comprar exemplares gastos de livros de Thomas Mann, Kurt Tucholsky e Stefan Zweig – todos autores cujas obras foram atiradas ao fogo aqui neste mesmo lugar em maio de 1933. Em frente às mesas fica uma fileira de placas de metal do mesmo tamanho das pedras portuguesas. Cada placa traz um nome: Max Bayer, Marion Beutler, Alice Victoria Berta, todos ex-alunos da universidade. Depois de cada nome há uma data, com nomes de lugares que dispensam maiores explicações: “Mauthausen 1941”, “Auschwitz 1942”, “Theresienstadt 1945”.

As palavras de Heinrich Heine, na verdade um trecho de um diálogo da peça *Almansor*, têm sido vistas desde a Segunda Guerra Mundial como uma profecia do que se passou aqui, e da catástrofe que se seguiria. Em 10 de maio de 1933, na Bebelplatz, na época conhecida como Opernplatz, aconteceu a mais famosa cerimônia de queima de livros da história – um evento que permaneceu como um poderoso símbolo da opressão totalitária, da barbárie cultural e da impiedosa guerra ideológica levada a cabo pelos nazistas. As chamas da fogueira onde os livros queimaram passaram a simbolizar a íntima ligação entre destruição cultural e Holocausto.

Antes, naquela mesma primavera, os nazistas haviam conquistado o poder na Alemanha usando outro incêndio – o incêndio do Reichstag, em fevereiro de 1933 – como pretexto. Os nazistas alegavam que se tratava de trabalho de comunistas, que

a Alemanha estava ameaçada por uma “trama bolchevique”, e puseram em ação a primeira grande onda de terror, prendendo comunistas, sociais-democratas, judeus e outros integrantes da oposição política. Essas acusações eram alimentadas pelo jornal do Partido Nazista, o *Völkischer Beobachter*, que vinha causando agitação e tumulto havia alguns anos contra judeus, bolcheviques, pacifistas e contra a literatura cosmopolita, preparando o cenário para a ascensão nazista.

Os nazistas vinham sabotando eventos culturais antes mesmo de 1933. Tudo – de exposições de filmes “desagradáveis” a exposições da chamada “arte degenerada” – passou a estar sob ataque. Em 30 de outubro de 1930, Thomas Mann, que havia recebido o Prêmio Nobel no ano anterior, atacou o clima dominante em uma leitura aberta no Beethoven Concert Hall, em Berlim.^[1] Joseph Goebbels, que tinha recebido uma dica do que iria acontecer, mandou vinte camisas-marrons das Tropas de Assalto da SA à leitura, todos de smoking para que se misturassem à plateia, um grupo que incluía alguns intelectuais de direita. O discurso de Mann recebia aplausos de partes da audiência, e era interrompido o tempo todo pelos sabotadores. A atmosfera ficou tão tensa que Mann foi obrigado a deixar o auditório pela porta dos fundos.

Ameaças eram ainda mais comuns. A família Mann e autores como Arnold Zweig e Theodor Plievier vinham recebendo uma sequência sem fim de telefonemas e cartas em tom ameaçador. Casas de escritores eram vandalizadas com pichações. E alguns deles eram submetidos a monitoramento individual por patrulhas da SA, que esperavam do lado de fora de suas casas e

os seguiam aonde quer que fossem.

Foram produzidas listas de literatura condenável. Em agosto de 1932, o *Völkischer Beobachter* publicou uma lista negra de autores que deviam ser banidos quando o partido assumisse o poder.^[2] Mais cedo naquele mesmo ano, uma declaração publicada no mesmo jornal, apoiada com assinaturas de quarenta e dois professores alemães, exigia que a literatura alemã fosse protegida contra o “bolchevismo cultural”. No inverno de 1933, quando os nazistas chegaram ao poder, o ataque contra a literatura condenável deixou de ser feito a partir das ruas e passou a ser comandado pela máquina estatal. Em fevereiro de 1933, o presidente Paul von Hindenburg assinou uma lei “para a proteção do povo e do estado”, que impunha restrições a publicações impressas – novas emendas incluídas na primavera do mesmo ano impuseram mais controles à liberdade de expressão. As primeiras baixas foram jornais e editores comunistas e social-democratas. Hermann Göring ficou encarregado de liderar a batalha contra a chamada literatura suja: livros marxistas, judeus e pornográficos.

Foi esse ataque à literatura que levou à queima de livros em maio – mas na verdade a iniciativa não partiu do Partido Nazista, e sim da Deutsche Studentenschaft, uma organização que reunia federações de estudantes alemães. Várias dessas federações vinham apoiando mais ou menos abertamente os nazistas desde a década de 1920. Não foi a primeira vez no período entre as duas grandes guerras que estudantes conservadores de direita alemães fizeram fogueiras de livros. Em 1922 centenas de estudantes se reuniram na base aérea de

Tempelhof, em Berlim, para queimar “literatura suja” e, em 1920, estudantes em Hamburgo queimaram uma cópia do Tratado de Versalhes, o termo de rendição que a Alemanha foi obrigada a assinar depois da Primeira Guerra Mundial.

O ataque do Partido Nazista à literatura alimentou investidas que já vinham sendo realizadas por grupos de estudantes conservadores de direita. Para esses grupos estudantis, a queima de livros era uma tradição alemã de desafio e resistência que remontava aos dias de Martinho Lutero e à Reforma Protestante. Em abril de 1933, a Deutsche Studentenschaft anunciou uma ação contra a “literatura antialemã”, colocando Adolf Hitler no papel de um novo Martinho Lutero. Para evocar as noventa e cinco teses com as quais Lutero deu início à Reforma, a federação de estudantes publicou suas próprias “teses” no *Völkischer Beobachter* – doze teses “*Wider den undeutschen Geist!*” [Contra o espírito antialemão].

Os estudantes afirmavam que o idioma carregava a verdadeira alma de um povo e que por isso a literatura alemã devia ser “purificada” e libertada da influência estrangeira. Eles diziam que o judeu era o pior inimigo da língua alemã: “Um judeu só pode pensar à maneira de judeu. Se escreve em alemão está mentindo. O alemão que escreve em alemão mas pensa de modo antialemão é um traidor”^[3]. Os estudantes exigiam que toda “literatura judaica” fosse publicada em hebraico e que “o espírito antialemão fosse erradicado das bibliotecas públicas”. As universidades alemãs, de acordo com os estudantes, deviam ser “bastiões das tradições do povo alemão”.

Essa proclamação foi o início de uma ação nacional para

eliminar a literatura “antialemã”. Associações de estudantes se subordinaram à Deutsche Studentenschaft nas universidades alemãs e formaram “comitês de guerra” para organizar queimas de livros coordenadas em toda a Alemanha. As queimas deviam ter caráter celebratório, e os comitês eram exortados a promover esses eventos, convidar oradores, encontrar lenha para as fogueiras e buscar apoio de outras federações estudantis e das lideranças nazistas locais. Os que se opunham a isso, especialmente professores, eram ameaçados. Os comitês de guerra também colavam pôsteres com *slogans* como “Hoje os escritores, amanhã os professores”.^[4]

Mas a principal tarefa dos comitês de guerra era arrecadar literatura “suja” para queimar nas fogueiras. Os estudantes tinham ordens de começar a limpeza por suas próprias bibliotecas pessoais, mais tarde passando para bibliotecas públicas e livrarias locais, muitas das quais cooperaram de boa vontade. Na primavera de 1933, uma lista negra mais ampla de livros e autores também começou a ser compilada. Wolfgang Herrmann, um bibliotecário que se envolveu com grupos estudantis de extrema direita já nos anos 1920, vinha trabalhando há muitos anos em uma lista de literatura “digna de ser queimada”. Esse primeiro esboço relacionava apenas 12 nomes, mas logo a lista se expandiu para 131 escritores, subdivididos em várias categorias. Entre elas havia os comunistas, que iam de Trótski e Lênin a Bertolt Brecht; pacifistas como Erich Maria Remarque; intelectuais judeus como Walter Benjamin; e muitas outras figuras literárias e intelectuais que ganharam destaque durante a República de Weimar.

Mesmo longe de serem críticos do nacionalismo, historiadores também entravam para a lista negra caso sua visão da história não coincidissem com a dos nazistas, particularmente quando se tratava de livros que falavam de temas como a Primeira Guerra Mundial, a União Soviética e a República de Weimar. Também havia alguns pensadores cuja visão de mundo era profundamente rejeitada pelos nazistas, como Sigmund Freud e Albert Einstein. Os dois foram atacados como sendo as bases para avanço da “ciência judaica”.

Além de “limpar” suas próprias bibliotecas, os estudantes pediam às bibliotecas públicas e às livrarias locais que fizessem uma contribuição abrindo mão de seus estoques de “literatura suja”. Em muitos casos, bibliotecários de universidades e professores colaboraram com os estudantes na limpeza de bibliotecas escolares.

Mas os comitês de guerra também aplicaram métodos mais violentos, usando o auxílio da polícia local e de Tropas de Assalto da SA para pôr as mãos nos livros. Poucos dias antes das queimas, no início de maio, os estudantes atacaram locadoras de livros e livrarias comunistas. As primeiras eram especialmente odiadas pelas forças conservadoras e foram descritas por Wolfgang Herrmann como “bordéis literários” que espalhavam literatura suja, judia e decadente em meio a pessoas decentes, comuns. As locadoras se tornaram extremamente populares depois da Primeira Guerra Mundial. Em função da depressão econômica e da inflação na Alemanha no período entre as guerras, um número cada vez menor de alemães conseguia comprar livros. As bibliotecas tradicionais não davam conta da

grande demanda por livros, o que levou à criação de mais de quinze mil locadoras. Essas locadoras ofereciam um aluguel de livros a baixo custo e compravam em grande escala best-sellers da época, como os livros de Thomas Mann. Essas “bibliotecas populares” eram alvos fáceis para os estudantes; enquanto isso, as tropas da SA invadiam também bibliotecas privadas. Um ataque muito divulgado foi realizado contra um prédio em Berlim de propriedade da Schutzverband deutscher Schriftsteller, uma organização que trabalhava para proteger autores alemães que se opunham ativamente à censura e a outras formas de intervenção estatal na literatura. Cerca de quinhentos membros da associação que moravam no edifício passaram por buscas em seus apartamentos, que também foram vandalizados. Livros suspeitos eram confiscados ou destruídos ali mesmo, e os autores pegos com literatura “socialista” eram detidos.

O ataque mais famoso foi realizado poucos dias antes das queimas de livros, quando aproximadamente cem estudantes atacaram o Institut für Sexualwissenschaft [Instituto de Estudos Sexuais], localizado na Tiergarten, em Berlim. O instituto, fundado pelos médicos Magnus Hirschfeld e Arthur Kronfeld, realizava pesquisas inovadoras na área da sexualidade e também trabalhava na promoção dos direitos das mulheres, dos homossexuais e dos transexuais. Por três horas os estudantes vandalizaram o prédio, jogando tinta nos tapetes, quebrando janelas, pichando as paredes e destruindo pinturas, porcelanas e outros artigos domésticos. Eles levaram livros, o arquivo do instituto e uma grande coleção de fotos, além de um busto do

fundador, Magnus Hirschfeld.^[5]

Em 1932, muitos judeus e comunistas que viram para onde sopravam os ventos da política já tinham começado a eliminar parte de suas bibliotecas pessoais e a destruir fotos, agendas, cartas e diários. Os comunistas haviam enviado avisos entre si alertando que, caso estivessem de posse de documentos “perigosos”, deveriam se preparar para engoli-los. Desse modo, também houve milhares de pequenas queimas de livros em fogões, lareiras e jardins. Logo eles descobririam que aquilo não era tão fácil quanto podia parecer: queimar livros é uma atividade lenta. Em vez de optar por esse método, muita gente preferiu jogar seus exemplares em florestas, rios ou ruas vazias – outros os remeteram para endereços não existentes.^[6]

Após 1933, um grande número de autores alemães foi para o exílio, por escolha própria ou sob coação. Além de Thomas Mann, a lista incluía seu irmão Heinrich Mann, Bertolt Brecht, Alfred Döblin, Anna Seghers, Erich Maria Remarque e centenas de outros. Em 1939, cerca de dois mil escritores e poetas haviam se sentido compelidos a abandonar a Alemanha e a Áustria. Muitos jamais voltariam. Mas uma grande quantidade também preferiu ficar. Alguns escritores que não eram expressamente políticos partiram para o que mais tarde foi chamado de “exílio interior”. Eles permaneceram na esfera alemã, ou “Heimat”, mas decidiram não publicar. Como alternativa, lançavam livros que eram aceitos pelos censores: livros infantis, poesia e romances históricos. Outros foram impedidos de publicar seus livros, já que para poder publicar era pré-requisito ser filiado à Câmara Nacional de Literatura, uma divisão do Ministério da

Educação Pública e da Propaganda, de Joseph Goebbels.

Mas também houve um grupo de autores que se aliou ao regime. Em outubro de 1933, vários jornais alemães publicaram uma proclamação assinada por oitenta e oito escritores e poetas sob o título *Gelöbnis treuester Gefolgschaft*, uma espécie de juramento de fidelidade. A proclamação era um apoio direto à recente decisão da Alemanha de abandonar a Liga das Nações. Entre os signatários estavam autores como Walter Bloem, Hanns Johst e Agnes Miegel, hoje praticamente esquecidos, já que a sua ascensão e a sua queda ficaram intimamente associadas ao regime ao qual juraram lealdade.

Na época, havia grandes recompensas para autores que abraçassem o nacional-socialismo. Cargos antes inacessíveis nas mais respeitadas academias literárias, fundações e associações da Alemanha começaram a ficar vagos. Eles também podiam tentar conquistar novos grupos de leitores, agora que o regime tinha assumido o controle dos principais clubes de livros do país. Em 1933, o Büchergilde Gutenberg, administrado pelos nazistas, tinha 25 mil membros, mas poucos anos depois já chegava a 330 mil. Contando com clubes de livros como esse, o regime podia distribuir qualquer coisa de modo eficiente para milhões de leitores, de Goethe e Schiller até escritores nacionalistas, conservadores e nazistas.

O Ministério da Propaganda estimulou uma atividade literária e política que jamais teve equivalência na história da Alemanha – e provavelmente nem na história moderna como um todo. O ministério dava mais de cinquenta prêmios literários anualmente.

Ao longo da década de 1930, o Ministério da Propaganda de Goebbels assumiu controle total da indústria alemã de livros, incluindo aproximadamente 2,5 mil editoras e 16 mil livrarias e sebos.^[7] Uma das primeiras medidas foi eliminar a “influência judaica” no mundo dos livros por meio da exclusão gradual dos judeus das academias, associações literárias, organizações de escritores profissionais, editoras, livrarias e gráficas. Editoras, gráficas e livrarias judaicas foram “arianizadas” – transferidas a proprietários arianos. Algumas dessas estavam entre as maiores do mercado. Por exemplo, a Julius Springer era a maior editora no ramo de publicações científicas mundial. Foi um processo gradual ao longo da década de 1930. Inicialmente a transferência de controle das empresas judias e a exclusão dos judeus foram feitas com cuidado, para evitar que as empresas perdessem valor e também que houvesse problemas nas relações internacionais. Os proprietários judeus eram simplesmente persuadidos a vender, e, caso recusassem, o regime recorria a diferentes graus de coerção, assédio e ameaças. A arianização das editoras arrecadou enormes somas de dinheiro para o partido, o Estado e para empresários individuais; e depois de 1936, a prática foi formalizada legalmente pelas Leis de Nuremberg.

Embora o Partido Nazista tenha forçado muitos dos escritores mais premiados do país a partir para o exílio já em 1933, seria necessário um tempo consideravelmente maior para se livrar de seus livros. O processo foi paulatino – por exemplo, novas edições das obras de Thomas Mann continuaram sendo impressas até que a cidadania dele acabou revogada em 1936. Conseguir que as editoras alemãs expulsassem seus autores e

impedir a reimpressão era uma coisa, mas controlar o mercado de livros usados era algo bem diferente – sem falar do que já estava nas prateleiras das casas alemãs. Na prática, era uma tarefa impossível se livrar totalmente desses livros, e a maior parte dos autores da lista negra continuava disponível durante a guerra – ainda que vendida às escondidas. A ferramenta mais eficiente disponível era a autocensura, o que significava as pessoas se livrarem de parte de seus próprios livros.

Outro método foi oferecer uma nova literatura ao povo alemão. Durante os anos 1930, cerca de vinte mil novos títulos foram publicados a cada ano. Os livros vistos pelo Ministério da Propaganda como “benéficos para a educação do povo” eram impulsionados por grandes edições patrocinadas. Livros que só tinham número limitado de leitores até ali repentinamente ganharam circulação em massa. Só em 1933, *Mein Kampf* [Minha luta], de Adolf Hitler, teve 850 mil cópias impressas.^[8] Quando foi publicado pela primeira vez em 1925, o livro vendeu apenas 9 mil cópias. O maior cliente de Hitler era o Estado alemão, que comprou mais de seis milhões de exemplares. A editora do Partido Nazista, a Franz Eher Verlag, que além de *Mein Kampf* também produziu o *Der Mythos des 20 Jahrhunderts* [O mito do século xx], acabaria se transformando em uma das empresas de maior sucesso do partido.

A literatura clássica alemã teve papel de destaque no Terceiro Reich, com autores como Rainer Maria Rilke e Johann Wolfgang von Goethe. Gêneros muito mais próximos da ideologia nazista eram a prosa e a poesia que enfatizavam e louvavam a raça ariana. Isso ocasionalmente se apresentava de maneira discreta,

mas, frequentemente, por meio de caricaturas vis de judeus, eslavos, ciganos, negros e asiáticos. Essas histórias geralmente acentuavam as ligações diretas entre raça e traços pessoais, ou seja, os judeus eram “traíçoeiros”, “gananciosos” e “desleais” por natureza. O maior sucesso foi *Volk ohne Raum* [Pessoas sem quartos]. Nesse romance, Hans Grimm afirmava que os alemães perderam a Primeira Guerra Mundial porque viviam “em espaços muito pequenos”. A Alemanha jamais poderia atingir seu pleno potencial sem ter mais terra na Europa e nas colônias. O livro vendeu quase meio milhão de cópias na Alemanha nazista, e o título foi usado pelo regime como um *slogan*.

Às 23h de 10 de maio de 1933, estudantes berlinenses marcharam para a Opernplatz numa procissão iluminada por tochas, carregando um busto do fundador do Instituto para Estudos Sexuais, Magnus Hirschfeld, como se fosse a cabeça decepada de um rei deposto. Mais tarde o busto foi atirado ao fogo junto com os livros do instituto. Na mesma noite, fogueiras de livros foram acesas em noventa lugares diferentes da Alemanha. A Deutsche Studentenschaft tinha feito planos detalhados sobre como as queimas deveriam ser organizadas e coordenadas. Elas foram feitas em lugares centrais e públicos, e em muitas cidades foram colocados holofotes poderosos para amplificar o efeito. As piras tinham sido construídas com dias de antecedência e decoradas com fotos de Lênin e bandeiras da República de Weimar.

Em alguns lugares, livros da lista negra foram levados às praças em carros de boi – como se estivessem a caminho da

execução. Em outros, os livros eram pregados em pelourinhos. Os estudantes usavam uniformes cerimoniais, e emblemas de suas federações regionais marcharam lado a lado com as vanguardas uniformizadas da Hitlerjugend [Juventude Hitlerista], da SA, da SS e da Stahlheim, este último um grupo paramilitar independente. Tocava-se música militar e cantavam-se canções, como a música de batalha dos nazistas, a “Kampflied der Nationalsozialisten”. Enquanto os livros eram lançados ritualmente às fogueiras, nove “juramentos de fogo” preparados com antecedência eram recitados, em que se especificavam os nomes de alguns dos autores condenados e as acusações que pesavam contra eles.

Estudantes, professores, diretores e líderes nazistas locais discursaram para as assembleias, e isso atraiu grandes multidões. Em Berlim, acredita-se que mais ou menos quarenta mil pessoas se reuniram na Opernplatz, e em outras cidades houve relatos de multidões de até quinze mil pessoas.^[9] Plateias ainda maiores foram atingidas via rádio, que transmitiram ao vivo os eventos de Berlim – onde Joseph Goebbels falou para a multidão. Uma equipe de cinegrafistas capturou tudo, e o filme foi mais tarde exibido em cinemas por toda a Alemanha.

Goebbels, que acabava de criar seu Ministério da Propaganda, em segredo havia incentivado a iniciativa dos estudantes, embora ainda fosse demorar um tempo até que a lista negra de Wolfgang Herrmann se tornasse parte da política cultural oficial. Também havia diferentes ideias dentro do movimento nazista sobre o tipo de política literária a ser adotada. Certas alas do partido se preocupavam com a possibilidade de que as queimas

de livros sofressem uma forte censura de outros países. Também havia um medo justificado por parte do novo regime de que o governo perdesse o controle sobre o ardor revolucionário da direita que varreu a Alemanha na primavera de 1933. O próprio Goebbels esperou até o último momento antes de dar seu apoio público aos preparativos.

As queimas de livros foram, sobretudo, rituais dramáticos, e não uma tentativa realista de “limpeza” completa das bibliotecas e livrarias da Alemanha. Goebbels entendia muito bem a importância simbólica das piras de livros, tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista político, como se fossem cerimônias febris de batismo de uma Alemanha renascida. A purificação pelo fogo era um ritual antigo que tinha apelo para o novo regime. Goebbels enfatizou isso em seu discurso para as multidões em Berlim, proclamando que “aqui, as fundações intelectuais da República de Novembro vão por terra, mas de seus entulhos nascerá um novo espírito triunfante como a Fênix”.^[10]

Livros continuariam sendo queimados em toda a Alemanha por um bom tempo depois do início do verão. Em certas cidades, como Hamburgo e Heidelberg, houve muitas outras ocorrências. A opinião dos contemporâneos sobre a importância das queimas de livros divergiu. Muitos intelectuais alemães, como Heinrich Böll e Hans Mayer, relativizaram a importância dos eventos – que viam como nada mais do que excentricidades estudantis, ainda que bastante desagradáveis. Eles acreditavam que as queimas de livros eram expressões da febre revolucionária da primavera, e que no devido tempo o novo regime iria “superar”

esse tipo de coisa.

O lacônico comentário de Sigmund Freud sobre as queimas de livros foi “Só os nossos livros? Antigamente teriam queimado a gente junto”. Outros ficaram muito mais chocados com a velocidade brutal das mudanças na política. O escritor Stefan Zweig mais tarde descreveria em suas memórias como aquilo “pareceu muito além dos limites do que era concebível, mesmo para pessoas de visão”.[11]

Mesmo internacionalmente houve opiniões diferentes sobre a importância das queimas de livros. Alguns consideraram aquilo “ridículo”, “sem sentido” e “infantil”. Outros, incluindo Helen Keller, a *Newsweek* e o escritor Ludwig Lewisohn, viram aquilo como um ataque bárbaro às ideias em si.[12],[13] A reação mais enfática de todas veio do Congresso Judaico Americano, com sede em Nova York, que viu as queimas de livros como uma expressão do antissemitismo e da perseguição aos judeus alemães. Manifestações foram realizadas em várias cidades dos Estados Unidos, e em Nova York cerca de 100 mil pessoas marcharam em 10 de maio de 1933 – uma das maiores manifestações registradas até então, na cidade.

A força visual da queima de livros e sua grande repercussão na mídia ficaram evidentes já na época, mas, em razão da conexão simbólica com o Holocausto, os fatos se tornariam ainda mais fortes no período pós-guerra. Embora não tenha sido a primeira nem a última vez na história que livros foram queimados, as fogueiras na Alemanha acabaram se transformando na metáfora mais devastadora de todo tipo de censura e opressão – e em um perpétuo alerta moral sempre que

livros são queimados. Nos Estados Unidos, traçou-se um paralelo mais tarde nos anos 1950, como protesto contra a cruzada anticomunista do senador Joseph McCarthy, quando livros “subversivos” foram retirados de muitas bibliotecas americanas.

As queimas de livros deram ao regime nazista a reputação de “barbárie cultural”. As fogueiras se tornaram uma imagem da destruição cultural que se seguiria nas décadas de 1930 e 1940, quando o nazismo passou a controlar a totalidade do idioma, da cultura e dos meios de expressão culturais de um povo. Mas elas também foram um indício de que os genocídios praticados pelos nazistas contra seus inimigos não eram apenas físicos, também tinham um aspecto cultural.

No entanto, ao mesmo tempo a fumaça das piras de livros e sua repercussão cultural esconderam outra coisa. O modo como a posteridade interpretou a queima de livros não difere muito da maneira como os próprios nazistas viram aquilo, como rituais e espetáculos de propaganda. A imagem de livros queimando era tentadora demais, eficiente demais e simbólica demais para não ser usada e aplicada na construção da história. Mas a queima de livros se tornou uma metáfora tão poderosa para a aniquilação cultural que isso obscureceu outra narrativa mais desagradável: o fato de que os nazistas fizeram muito mais do que destruir livros – eles também foram movidos por uma obsessão fanática por possuí-los.

Enquanto as cinzas das fogueiras resfriavam lentamente, os círculos intelectuais e ideológicos do Partido Nazista começavam a elaborar um plano. Esse plano não tinha como objetivo a

aniquilação intelectual, cultural e literária, porém tinha intenções muito mais alarmantes. No fim das contas, apenas algumas dezenas de milhares de livros foram queimadas em maio de 1933. Mas os ataques organizados pelo partido confiscaram e roubaram uma quantidade muito maior, muitas vezes de maneira sigilosa. Depois de os estudantes terem vandalizado o Institut für Sexualwissenschaft, em Berlim, a SA confiscou a maior parte da biblioteca do instituto – mais de dez mil livros. Entretanto, eles não foram levados à Opernplatz, e sim ao quartel-general da SA.

Os nazistas não iriam destruir seus inimigos erradicando a herança literária e cultural de comunistas, sociais-democratas, liberais, homossexuais, judeus, ciganos e eslavos. Os nazistas não eram exatamente os “bárbaros culturais” que se supunha, nem eram anti-intelectuais. Ao invés disso, eles pretendiam criar uma nova espécie de intelectual, que não se baseasse em valores como o liberalismo e o humanismo, mas, sim, em sua nação e sua raça.

Os nazistas não se opunham a professores, pesquisadores, escritores e bibliotecários; eles desejavam recrutá-los para formar um exército de guerreiros intelectuais e ideológicos que, com suas canetas, teses e livros, combatessem os inimigos da Alemanha e do nacional-socialismo.

Inaugurado em Munique em 1936, o Forschungsabteilung Judenfrage [Departamento de Pesquisa da Questão Judaica] era um instituto que tinha como objetivo legitimar as políticas antissemitas do regime. Era um ramo do Reichsinstitut für die Geschichte des neuen Deutschland [Instituto Nacional para a

História da Nova Alemanha] do historiador nazista Walter Frank. [14] O instituto pretendia justificar o desejo da Alemanha de afirmar seus direitos sobre o mundo, de rebaixar seus inimigos por meio da “ciência” e de criar as bases intelectuais sobre as quais o Terceiro Reich repousaria por mil anos. Assim como o Império Romano, o protótipo em que o nacional-socialismo se baseava, não era formado apenas por exércitos e arquitetos, mas também por historiadores e poetas, o Reich de Mil Anos não seria construído apenas com pedras, mas também com palavras.

Nessa guerra, os livros teriam menos o papel de vítimas, e mais o de armas. Os nazistas queriam derrotar seus inimigos não apenas no campo de batalha, mas também no campo das ideias. Essa vitória perduraria muito depois da morte, depois dos genocídios e do Holocausto. Não se tratava apenas de aniquilar, mas também de justificar suas ações. O que garantiria o triunfo dos nazistas não era a destruição da herança literária e cultural de seus inimigos – era seu sequestro, sua posse e sua distorção, que possibilitariam fazer com que as bibliotecas e arquivos, a história, a herança e a memória desses grupos se voltassem contra eles mesmos. Era se apropriar do direito de escrever a história desses grupos. Foi um conceito que deu início ao maior roubo de livros da história do mundo.

CAPÍTULO 2

Fantasmas na Berliner Stadtbibliothek

Berlim

Sou guiado por um longo corredor deserto, cujas paredes estão pintadas em um tom de amarelo-mostarda desbotado pelo sol. Aqui e ali há quadros em molduras finas, reproduções sem alma que normalmente são vistas em hospitais ou repartições de baixo escalão. O corredor leva a uma sala que parece não ter nenhum tipo de propósito, a não ser servir de ligação com mais corredores amarelos-mostarda que levam a várias direções. O prédio tem algo de labirinto, parece não ter sido planejado, como o centro de uma cidade medieval. Isso pode ser explicado. A biblioteca central de Berlim, a Zentral- und Landesbibliothek, nas proximidades da Bebelplatz, foi construída sobre as ruínas da Berliner Stadtbibliothek, sua antecessora. O prédio imponente, na ilha em meio ao rio Spree, foi atingido por bombas durante a guerra e acabou praticamente destruído.

Depois da guerra, a biblioteca, que ficava na zona soviética, foi reconstruída a partir das ruínas. Hoje o prédio é um tanto esquizofrênico, com sua grandiosa fachada neoclássica e interiores apertados à maneira da Alemanha Oriental, contrastando com outras áreas que foram modernizadas.

Sebastian Finsterwalder para perto de uma das portas pintadas de cinza pelas quais passamos e pega uma chave. Sebastian, pesquisador na biblioteca, está na casa dos trinta anos, com cabelos despenteados na altura dos ombros, um cinto ornamentado, tênis com solas amarelo-neon e luvas de couro com as pontas dos dedos cortadas. Ele parece alguém que acaba de sair de uma das boates de Kreuzberg. Sebastian sorri para mim enquanto abre a porta e inala de modo teatral o cheiro de uma biblioteca abandonada: ar empoeirado, couro seco e papel amarelo desbotado. A sala inteira está lotada de livros, com filas de estantes abarrotadas de lombadas gastas. Enquanto andamos por um dos corredores, preciso virar de lado para conseguir passar entre os livros, que roçam na minha barriga.

“Agora na verdade está organizado. Quando a gente chegou tinha livro empilhado em todo canto. Espalhados pelo chão, de qualquer jeito. Por décadas, as pessoas simplesmente jogaram os livros nesta sala. Tinha quarenta mil livros aqui. Levou meses para ver tudo”, ele me diz, mostrando uma prateleira em que cada livro está marcado com um papelzinho e um número.

“Estes são alguns dos livros que a gente acha que foram roubados”, diz Sebastian, estendendo o braço para a prateleira, que tem uns vinte metros de comprimento, indo de um extremo da sala até o outro.

Hoje ninguém sabe exatamente quantos livros saqueados há na Zentral- und Landesbibliothek em Berlim. Sebastian Finsterwalder me mostra uma sala depois da outra, todas tão apinhadas de livros quanto a primeira. Há livros roubados em cada canto do enorme prédio – a maior biblioteca pública da Alemanha. A maior parte ainda não foi separada do acervo geral, que tem mais de três milhões de volumes. E dezenas de milhares ainda não foram encontradas.

Nada na superfície diferencia esses livros dos demais. Entre eles há contos de fadas; romances; poesia; livros sobre fungos, aviões e engenharia; livros de partituras; dicionários; e textos religiosos. Para entender que há algo diferente é preciso abri-los e olhar lá dentro. É comum que as primeiras páginas sejam reveladoras.

É possível encontrar um carimbo com tinta vermelha ou preta. Ou um ex-líbris ricamente ilustrado, uma folha de papel personalizada colada pelo dono em algum ponto do livro. Normalmente isso é um indício de que o volume faz parte de um acervo maior. Às vezes também se encontra uma dedicatória, uma assinatura, ou um desejo de boa sorte – como em uma edição alemã de *No coração da África*, sobre a saga do explorador britânico Henry M. Stanley, no qual essa dedicatória foi escrita com uma bela caligrafia:

Para meu amado Rudi, no seu aniversário de treze anos,

Da Mamãe

25.10.1930.

Segundo Sebastian, o livro provavelmente pertencia a Rudi Joelsohn, nascido em Berlim em 1917. Em 15 de agosto de 1942, ele foi deportado para Riga, onde foi assassinado três dias depois.^[1]

Olhando com cuidado a folha de rosto, também é possível ver uma letra críptica, mas reveladora, escrita a lápis: J. Uma abreviação que denuncia o que se passou e revela o destino do proprietário: *Judenbücher* [livros de judeus].

Sebastian me leva até sua sala, onde encontramos um sujeito mais velho com aparência de integrante de alguma banda punk alemã antiga. Ele desafia o calor abafado de julho com uma camisa de flanela grossa e um gorro tricotado. Seu nome é Detlef Bockenamm, um bibliotecário especializado no acervo de história da instituição. Ele também foi a primeira pessoa a começar a escavar o desagradável passado da biblioteca. Hoje existe uma equipe pequena, mas dedicada, de pesquisadores que tentam deixar as coisas mais claras e decifrar certos aspectos dos complicados antecedentes da biblioteca. Juntos, eles rastrearam e examinaram manualmente dezenas de milhares de livros do acervo. Ao longo de uma das paredes da sala ficam alguns dos resultados desse trabalho. Sobre uma prateleira envernizada os livros ficam em pilhas e em cada pilha há um papel com um nome: Richard Kobrak, Arno Nadel, Ferdinand Nussbaum, Adele Reifenberg, entre muitos outros. São livros cujos donos Bockenamm e Finsterwalder conseguiram identificar.

Reconheço um dos nomes, na parte de baixo de uma pilha de cinco volumes: Annæus Schjødt era um advogado norueguês que

combateu na resistência e fugiu para a Suécia em 1942. Foi Schjødt que, depois da guerra, atuou como o principal responsável pela acusação de Vidkun Quisling e conseguiu sua condenação à morte. Bockenkamm e Finsterwalder ainda não encontraram qualquer documento que explique como e quando esses livros foram saqueados. Mas de modo mais ou menos rudimentar conseguiram adivinhar o que aconteceu. Os exemplares devem ter sido roubados da casa de Schjødt depois de sua fuga, ou pela Gestapo ou por alguma outra organização nazista, e depois enviados para a Alemanha. Quase certamente faziam parte de um acervo maior encontrado na casa de Schjødt. Em Berlim, a coleção se dispersou, e alguns livros foram doados ou vendidos para a Berliner Stadtbibliothek. O roubo dos livros de Schjødt não foi nem um pouco incomum. Sobre essas prateleiras há livros de todas as partes da Europa – onde quer que os nazistas tenham estado ativos e ocupados com seus saques.

Se compararmos com a pilhagem de obras de arte, esses livros roubados atraíram muito menos atenção. Apenas nos últimos anos a questão passou a causar algum interesse público na Alemanha. A Zentral- und Landesbibliothek Berlin, graças a Detlef Bockenkamm, foi uma das primeiras bibliotecas a investigar o problema. No início dos anos 2000 ele estava trabalhando em uma tese sobre a grande coleção de ex-líbris encontrados na biblioteca. Os ex-líbris tinham sido recortados dos livros da biblioteca, muitas vezes no momento em que deixavam de fazer parte do acervo. Bockenkamm encontrou centenas de ex-líbris com nomes e símbolos judaicos, o que o

levou a pensar como esses livros tinham chegado à biblioteca. Ele também começou a encontrar alguns exemplares cuja origem, para dizer o mínimo, era excepcional.

Em 2002 ele recuperou cerca de setenta e cinco livros que traziam um carimbo com a inscrição “Karl-Marx-Haus Trier”, um museu fundado pelo Partido Social-Democrata Alemão, que já havia sido banido em 1933, e cujos membros foram presos, assassinados ou forçados a partir para o exílio. Bockenkamm percebeu que esses livros provavelmente haviam sido roubados do partido. Ele começou a procurar por mais exemplares com origem suspeita. Eles estavam em todas as partes do acervo. De início, Bockenkamm fez uma estimativa de que poderia haver 100 mil livros roubados na biblioteca, um número que parecia espantoso, mas que acabou se revelando bastante modesto.



Nas prateleiras da Zentral- und Landesbibliothek, em Berlim, os livros roubados esperam para ser identificados. Encontrar os descendentes de seus proprietários hoje é normalmente um processo lento e complicado.

Bockenkamm também fez a descoberta desagradável de que seus antecessores não ignoravam a origem dos livros. Pelo contrário: na verdade eles tinham tentado esconder e apagar essa história. Em muitos volumes as páginas iniciais haviam sido arrancadas. Outros traziam marcas de carimbos dos proprietários que haviam sido rasgados ou apagados por bibliotecários. Os livros também foram catalogados com origens forjadas – ou como volumes “sem dono”.

“Tentei falar sobre isso com um antigo bibliotecário que ainda estava bem de saúde e que topou falar. Ele admitiu algumas coisas, mas não tudo. Levou a maior parte dos segredos para o túmulo”, diz Bockenkamm. Ele coloca sobre a mesa um grande livro de registro com capa de papel cinza estriado. Na capa há uma pequena etiqueta branca com a inscrição “1944-1945 Jagor”.

O livro, que Detlef Bockenkamm encontrou em 2005, era o indício mais importante e mais revelador, até então, dos esforços feitos pela biblioteca para encobrir a história. Trazia os títulos de aproximadamente dois mil livros, catalogados no acervo nos dois anos finais da guerra. O nome Jagor era uma referência a Fedor Jagor, o etnologista e explorador alemão que viveu na segunda metade do século XIX. Os livros, portanto,

tinham sido marcados com um J. Mas isso era incorreto, já que esses exemplares jamais haviam pertencido a Fedor Jagor. A letra J não significava Jagor, mas, sim, *Judenbücher*. Registrada com o número 899 no livro está a cópia de Rudi Joelsohn de *No coração da África*.

Os dois mil livros acabaram se revelando parte de um acervo muito maior de volumes roubados obtidos pela biblioteca durante a guerra. Apesar de a documentação detalhada sobre a administração da biblioteca durante a guerra ter se perdido, parte da correspondência relativa ao acervo sobreviveu. Em 1943, a biblioteca comprou cerca de quarenta mil livros da Städtische Pfandleihanstalt, uma casa de penhores de Berlim, para a qual enormes quantidades de obras haviam sido levadas depois de serem confiscadas de casas pertencentes a judeus deportados. Os exemplares mais valiosos foram reivindicados pela Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR), pela SS e por outras organizações nazistas. O que restou foi levado à casa de penhores para ser vendido. A biblioteca, que entrou em contato com o escritório municipal de Berlim, de início solicitou acervos de livros de “judeus realocados” sem custo. Isso foi negado, já que os volumes pertenciam ao Terceiro Reich e o dinheiro obtido com a venda seria usado para “resolver a ‘questão judaica’”, uma frase que em 1943 só podia ter um significado. Propriedades confiscadas de judeus, numa espécie de projeto autofinanciado, eram usadas para pagar as deportações, os campos de concentração e o assassinato em massa. A biblioteca acabou tendo de pagar 45 mil marcos pelos livros.

O último livro que constava do registro foi catalogado em 20

de abril de 1945. No mesmo dia a artilharia do Exército Vermelho iniciou um terrível bombardeio contra o centro de Berlim, no mesmo momento em que vários outros exércitos começavam a forçar sua entrada na cidade. Era o início do ataque final a Berlim e também uma mensagem para Adolf Hitler, que celebrava seu aniversário de 56 anos na Chancelaria naquele dia.

Berlim estava em ruínas, em outras palavras, assim como a Berliner Stadtbibliothek.

“É extraordinário pensar que havia um bibliotecário sentado aqui no subsolo, catalogando livros roubados”, diz Sebastian Finsterwalder.

Mas na verdade o processo não terminou depois do Dia do Armistício. O registro de livros comprados em 1943, que sobreviveram ao bombardeio, continua nos anos do pós-guerra como se nada tivesse acontecido. A única diferença é que agora os exemplares não eram mais marcados como *Judenbücher*, e sim com um G, de *Geschenk* [presentes].

Bockenkamm descobriu que a catalogação dos volumes comprados da casa de penhores em 1943 continuou até a década de 1990. E quando Bockenkamm e Finsterwalder começaram, poucos anos atrás, a percorrer as salas de depósito da biblioteca, encontraram milhares de livros desse acervo que não haviam sido catalogados. Mas esses não eram os únicos exemplares roubados a ocupar discretamente as prateleiras da biblioteca.

A biblioteca tinha perdido enormes quantidades de livros durante a guerra, alguns deles destruídos nos bombardeios. Grande parte do acervo tinha sido evacuada para a Polônia e para a Tchecoslováquia perto do fim da guerra, onde muitos livros

permaneceram e alguns foram roubados pelo Exército Vermelho. O acervo precisou ser reconstruído e certamente houve muitos volumes abandonados numa Berlim que havia sido reduzida a destroços. Depois da guerra, as bibliotecas tiveram confiscados os livros que houvessem pertencido a membros do partido, autoridades públicas, institutos de pesquisa e a outras organizações do Terceiro Reich.

Mesmo livros vistos como “sem dono”, por exemplo, quando encontrados em prédios que haviam sido bombardeados, eram confiscados. Os exemplares supostamente eram recolhidos e separados pela *Bergungsstelle für wissenschaftliche Bibliotheken* [Organização de Resgate para Bibliotecas Científicas], que tinha sede em um edifício do outro lado da rua em relação à *Berliner Stadtbibliothek*. A organização etiquetava os livros com um número, dependendo do lugar em que haviam sido recolhidos, antes de redistribuí-los entre várias bibliotecas da cidade.

Na lista da *Bergungsstelle* havia 209 pontos de recolhimento, mas Finsterwalder, junto com o pesquisador Peter Pröller, um *expert* na área, conseguiu estabelecer que os livros, na verdade, só eram recolhidos em aproximadamente 130 locais.

“Em certos distritos não havia restado nenhum livro; eles tinham sido arruinados, evacuados ou saqueados”, diz Finsterwalder.

Em uma das paredes de sua sala fica um velho mapa de Berlim, de 1937. Finsterwalder marcou os vários pontos de coleta usando bandeiras de várias cores: verde para os lugares onde os livros eram recolhidos, vermelho para os lugares onde nenhum

foi recolhido e azul para os lugares onde ele ainda não sabe o que aconteceu. Finsterwalder está trabalhando com Pröller em um estudo sobre a Bergungsstelle, uma organização cuja função continua, em grande medida, desconhecida. Por meio de um trabalho de detetives da história, eles tentam descobrir como os livros saqueados foram distribuídos. A Berliner Stadtbibliothek acabou se transformando no mais importante destino desses volumes “resgatados”.

“Um dos motivos para termos comprado tantos desses livros foi o fato de o diretor da Bergungsstelle e o chefe da biblioteca serem bons amigos. Os dois eram comunistas e tinham sido presos durante a guerra, por isso havia uma espécie de camaradagem entre eles.”

Parece que na época a origem dos livros era uma questão irrelevante, apesar de muitos terem sido confiscados de algumas das mais criminosas organizações do Terceiro Reich. Livros com a etiqueta “13” vinham do Ministério da Propaganda de Joseph Goebbels, enquanto os etiquetados com um “7” vinham do Ministério da Aeronáutica de Hermann Göring.^[2] Exemplares marcados com um “4” vinham da biblioteca pessoal do arquiteto e ministro de Armamentos, Albert Speer, e os com um “5” vinham da casa do escritor alemão Walter Bloem. Bloem, um dos mais populares escritores alemães no início do século xx, tinha apoiado Adolf Hitler com entusiasmo e chegou a publicar uma eulogia ao Führer.

Na lista da Bergungsstelle também estavam algumas das organizações que se envolveram no saque de livros na Europa ocupada. Exemplares com uma etiqueta escrita “25” eram do

gigantesco Reichsministerium für die besetzten Ostgebiete [Ministério Nacional para os Territórios Ocupados no Oriente] de Alfred Rosenberg, que era o ministério responsável por governar os países do Báltico e da União Soviética.

Alfred Rosenberg também usou o ministério para aumentar a influência de sua organização, a ERR, que enviou funcionários para o leste para saquear bibliotecas e arquivos. A organização tinha vários depósitos em Berlim, mas apenas uma fração dos milhões de livros que ela roubou ainda permanecia em Berlim ao final da guerra, já que a maior parte foi evacuada para a atual Polônia.

Muitos dos pontos de coleta listados pela Bergungsstelle como possíveis depósitos de livros já tinham sido saqueados, em muitos casos pelas brigadas do Exército Vermelho, que confiscaram livros por toda a Alemanha.

Depois da guerra, o diretor da Bergungsstelle, Günther Elsner, fez uma visita à abandonada Chancelaria para os Territórios Ocupados do Oriente, onde encontrou no subsolo duzentas grandes caixas de madeira com livros. Quando os funcionários voltaram mais ou menos uma semana depois para pegar os exemplares, as caixas tinham sido abertas à força e a maior parte do conteúdo fora levada.

Um dos maiores depósitos de livros saqueados que acabaram na Bergungsstelle era marcado com o número 15, o que significava que os exemplares vinham do principal concorrente de Rosenberg na caça às bibliotecas europeias. Ou, para ser mais preciso, a enorme biblioteca de livros roubados construída na RSHA, SS-Reichssicherheitshauptamt, em Berlim. Trata-se do

Gabinete Central de Segurança do Reich, que coordenava os serviços de política e de inteligência do Terceiro Reich, tanto do Estado quanto do Partido Nazista. A RSHA, controlada por Heinrich Himmler, era a célebre organização terrorista da Alemanha nazista. No seu auge, a organização contava com sessenta mil funcionários, que vigiavam e monitoravam os inimigos do país por meio de vários departamentos, como a Gestapo e a SD (Serviço de Segurança).

Um deles era a Seção VII, o Departamento de Pesquisa e Avaliação Ideológica, que fazia um mapeamento detalhado da atividade dos inimigos do Estado. A Seção VII montou uma biblioteca em um edifício confiscado de uma das maiores lojas maçônicas de Berlim, na Eisenacher Straße, e a alimentou com livros roubados em todas as partes da Europa. O projeto se tornou tão ambicioso que acabou sendo necessário adquirir outros prédios. Estima-se que até três milhões de livros tenham sido enviados a Berlim.^[3] Depois da guerra, cerca de quinhentos mil deles foram encontrados na Eisenacher Straße. A maior parte da biblioteca tinha sido evacuada nos anos finais da guerra, e outra parte foi destruída pelos bombardeios aéreos. Parte do que foi encontrado foi devolvida aos países de onde os livros haviam sido retirados, mas um número incerto de volumes também foi distribuído entre as bibliotecas de Berlim.

Sebastian Finsterwalder segura um desses, mostrando para mim a folha de rosto com o número 15 escrito a lápis. É uma biografia de capa azul-claro, em mau estado, do filósofo holandês Baruch Spinoza, de 1790. O ex-líbris do dono também

pode ser visto dentro do volume, com uma imagem de um pequeno duende sentado sobre um livro. Ele pertenceu ao autor e jornalista judeu alemão Ernst Feder, ativo nos círculos intelectuais da República de Weimar. Depois que os nazistas chegaram ao poder, Feder fugiu primeiro para Paris e depois, após o início da guerra, para o Brasil, onde acabou fazendo parte do círculo de Stefan Zweig, no Rio de Janeiro. O motivo para que esse livro em particular tenha acabado na biblioteca da RSHA provavelmente tem mais a ver com o tema do que com o dono: Spinoza era um filósofo judeu. O objetivo da biblioteca da RSHA era coletar livros, publicações e arquivos que pudessem auxiliar a SS e a SD a estudar, em profundidade, os inimigos do país: judeus, bolcheviques, maçons, católicos, poloneses, homossexuais, ciganos, testemunhas de Jeová e outros grupos minoritários.

Como a Bergungsstelle etiquetava os livros com números, dependendo do lugar de origem, Detlef Bockenkamm e Sebastian Finsterwalder conseguiram rastrear milhares deles. Mas a biblioteca também havia adquirido dezenas de milhares de livros de outras fontes após a guerra, e nesses casos não foi possível encontrar suas origens. Até 2002, quando Bockenkamm notou pela primeira vez a presença dos livros saqueados, as bibliotecas compravam acervos sem investigar sua origem.

O esforço de Bockenkamm e de Finsterwalder para localizar os livros saqueados no acervo da Zentral- und Landesbibliothek Berlin foi um trabalho de Sísifo, tanto em um sentido administrativo quanto em termos da quantidade de pesquisa que

isso demandou, já que um único livro podia exigir semanas de trabalho de investigação. A biblioteca adquiriu acervos de diferentes fontes antes, durante e depois da guerra – e em todos esses acervos podia haver livros roubados.

Era raro que a Berliner Stadtbibliothek adquirisse acervos completos; em geral, ficava com resquícios de diversos acervos. Por isso, os bibliotecários precisavam rastrear diligentemente as origens dos exemplares vindos de milhares de vítimas individuais. Mesmo quando conseguiam estabelecer que um livro tinha sido roubado, nem sempre era possível afirmar como ele havia chegado à biblioteca, quem o roubara e quem era seu dono. Até aqui, eles encontraram 203 livros da biblioteca da RSHA, mas somente 127 têm algum tipo de marca que permite a identificação dos donos anteriores.

Além disso, eles travam um combate retroativo contra seus antigos colegas, que por décadas apagaram, rasgaram ou falsificaram a origem desses livros – tudo para que eles se misturassem ao restante do acervo. No entanto, nem Finsterwalder nem Bockenamm vão desistir fácil, e eles conseguiram identificar antigos proprietários estudando fragmentos de etiquetas arrancadas dos exemplares e comparando sua cor e tamanho com etiquetas intactas encontradas em outros livros.

Em 2010, a Zentral- und Landesbibliothek deu início a uma investigação sistemática de seu acervo. Junto com seus colegas, Bockenamm e Finsterwalder examinaram manualmente cerca de 100 mil volumes. De acordo com a estimativa atual de Bockenamm, pode haver na biblioteca mais de 250 mil livros

saqueados.

A parte mais difícil do trabalho não é encontrar os exemplares roubados, é encontrar os seus donos ou seus descendentes. Apenas cerca de um terço dos livros encontrados por Bockenamm e Finsterwalder tem algum tipo de ex-líbris, assinatura ou carimbo que torne possível estabelecer quem foi seu dono. Mais difícil ainda é encontrar sobreviventes ou seus descendentes para tentar devolver os livros.

De início, eles tentaram encontrar os donos de volume por volume. E, embora em certos casos tenham conseguido, no fim das contas o trabalho acabou se revelando demorado demais. Em 2012, eles começaram a trabalhar com um banco de dados com informações e imagens do livro roubado, e no qual é possível fazer buscas.

“Estamos tentando fazer com que os descendentes nos procurem, ao invés de irmos até eles. O banco de dados permite buscas pelo Google, assim, muita gente que faz pesquisa genealógica acaba nos encontrando. Está funcionando; devolvemos livros todos os meses”, diz Finsterwalder.

O banco de dados atualmente contém 15 mil livros, e novos títulos são acrescentados o tempo todo. Levará anos para que todos os livros estejam registrados.

No entanto, os recursos são escassos. O projeto é apoiado pela Prefeitura de Berlim e pelo Arbeitsstelle für Provenienzforschung, uma organização federal que financia pesquisas genealógicas. Porém, a alocação de dinheiro para o projeto precisa ser renovada periodicamente.

“Um período de dois anos é suficiente apenas para começar a

entender como devemos fazer o trabalho. Precisamos partir do zero, porque ninguém sabe como fazer isso. Bibliotecas raramente tiveram interesse em rastrear a origem de seus livros, normalmente se interessam apenas por seu conteúdo, e etiquetas e assinaturas não são registradas”, diz Finsterwalder.

Ele diz que o nível de interesse no trabalho com os livros saqueados, tanto da parte das autoridades locais quanto por parte das bibliotecas, continua insignificante, e que a maior parte das bibliotecas e das instituições da Alemanha tende a ignorar o tema.

“Não há nem vontade política nem recursos para realmente fazer algo em relação a isso. De milhares de bibliotecas alemãs, apenas cerca de vinte investigaram ativamente seu acervo. Não há colaboração, cada biblioteca faz sua própria pesquisa. As pessoas estão mais interessadas em obras de arte, por serem tão valiosas”, diz Finsterwalder, melancólico.

“Realmente queremos devolver esses livros. Mas tem pouca gente trabalhando nisso. Do jeito como as coisas são hoje, encontramos quinze mil livros com origem ‘suspeita’ e três mil que definitivamente foram roubados. Levaríamos décadas para encontrar cada descendente, isso quando existe algum descendente”, diz Bockenkamm, enquanto coloca alguns ex-líbris excepcionalmente bonitos em sua mesa. É perceptível que ele tem uma ligação profunda com esses objetos. Conhece cada um deles. Foi por meio dessas imagens que começou a revelar o passado da biblioteca. Ele me mostra um ex-líbris que retrata um anjo lutando contra duas cobras usando um par de lanças. Outro retrata um leão andando ereto, com a língua de fora, e um terceiro traz uma mulher armada com uma pena de ganso, montada num cavalo alado. A maior parte deles também tem a estrela de davi e nomes judeus, como Hirsch, Bachenheimer e Meyer. São obras de arte altamente pessoais, muitas ilustrando eventos das vidas de seus proprietários, e frequentemente também a sua relação com a leitura, a cultura e a literatura. Mas eles também são plenos de simbolismo de um mundo que se perdeu, e de vidas perdidas – ninguém mais é capaz de interpretar seu significado. É um mundo de livros e de leitores que foi aniquilado e se dispersou.

“Pior ainda, é impossível terminar esse trabalho. É impossível! Mas a gente tem que fazer o que é possível”, ele diz.

Muitos dos livros roubados não trazem marcas que possibilitam a identificação de seus donos. Bockenkamm e Finsterwalder não sabem o que irá acontecer nesses casos. Talvez um dia seja possível identificar todos eles, mas isso

parece improvável.

“Esses livros são como fantasmas na biblioteca. Sabemos que foram roubados, mas de quem?”, diz Finsterwalder, encolhendo resignadamente os ombros.

Embora só tenha sido possível devolver uma pequena parte do total, Bockenamm acredita que cada livro devolvido é um ato significativo. Em alguns casos, eles conseguiram devolver exemplares para os próprios sobreviventes do Holocausto. Um deles foi Walter Lachman, um judeu alemão berlinense que era um mero adolescente quando foi deportado com a mãe em 1942 para um campo de concentração na Letônia. A avó foi assassinada, e Lachman foi transferido para o campo de concentração de Bergen-Belsen, onde no mesmo período também estava Anne Frank. Frank morreu, provavelmente de tifoide, apenas um mês antes de o campo ser liberado por forças britânicas, em abril de 1945. Lachman conseguiu sobreviver apesar de ter ficado muito doente de febre tifoide. Depois da guerra ele emigrou para os Estados Unidos.^[4] Sessenta e sete anos mais tarde ele recebeu uma ligação de um amigo que tinha lido uma reportagem na revista alemã *Der Spiegel* sobre os livros saqueados na Zentral- und Landesbibliothek. Um dos livros que a revista escolheu para mencionar pertencia à infância de Lachman – um exemplar de contos de fadas para crianças judias, que ele ganhara de presente da professora.^[5]

“Ele não tinha como vir. Mas a filha veio da Califórnia para pegar o livro. Ele não tinha nada da infância, exceto umas poucas fotos e um boné que usava no campo de concentração. A filha disse que ele nunca falava do passado, mas que isso mudou

quando recebeu o livro de volta. Aquilo o fez romper uma barreira e começar a contar a própria história. Agora ele faz palestras em escolas, para crianças”, diz Sebastian Finsterwalder, que acha que esse é apenas um exemplo de por que esse trabalho é tão importante.

“Esse livros são guardiães de memórias. Não têm muito valor financeiro, mas podem ter valor inestimável para as pessoas e para as famílias que eram suas donas antes de se perderem. Em alguns casos, a entrega dos livros foi a primeira vez em que os filhos e netos se depararam com a história de seus pais ou avós. É um processo muito emocionante”, Finsterwalder continua.

“Quando comecei a investigar a história desses livros e procurei na internet os nomes que encontrei neles, os resultados das pesquisas frequentemente indicavam Auschwitz. Toda vez as pistas levavam a Auschwitz. A gente não tem como devolver a vida a alguém, mas talvez seja possível devolver algo. Um livro, e quem sabe uma memória”, diz Detlef Bockenkamm olhando para os ex-líbris espalhados sobre sua mesa.

Olho para o azul intenso do Portal de Ishtar, da Babilônia, que chega até o teto. Mas não tenho tempo para admirar os bois dourados, porque a mulher idosa de cabelos castanhos que me guia passa rápido por eles. Ela já os viu muitas vezes. A poucos metros da Zentral- und Landesbibliothek fica o escritório da Arbeitsstelle für Provenienzforschung, em uma das alas do Museu Pergamon– uma organização federal encarregada de auxiliar e financiar museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições que investigam questões relativas a origens ligadas

à era nazista.

Sou levado até Uwe Hartmann, um historiador da arte que é chefe do escritório. Hartmann é um sujeito alto, de meia-idade, com um rosto anguloso, cabelos grisalhos bem curtos e óculos com armação só na parte superior das lentes. Ele começou a trabalhar com procedência relacionada a roubo de objetos de arte nos anos 1990, e chefiava a organização desde que ela foi criada, em 2008. Em 2013, ele também foi colocado na chefia de uma equipe cuja tarefa era identificar obras saqueadas na célebre coleção – com aproximadamente mil e quatrocentos itens – recentemente encontrada em Munique com Cornelius Gurlitt, filho de um comerciante de arte que trabalhou para os nazistas.

Hartmann arregança as mangas. O escritório é abafado, apesar das várias janelas escancaradas. A Arbeitsstelle für Provenienzforschung ajudou a financiar o trabalho em andamento na Zentral- und Landesbibliothek.

“Sabíamos há algum tempo que tínhamos esses livros nos nossos acervos. Percebemos quando pudemos ver com nossos próprios olhos as etiquetas, as assinaturas e os ex-líbris. Falava-se aqui e ali sobre ‘crime no subsolo’. Mas ninguém tinha feito nada quanto a isso”, diz Herrmann.

A Zentral- und Landesbibliothek está longe de ser um caso isolado; ela nem foi uma das bibliotecas que teve papel ativo no saque que ocorreu na Alemanha. A biblioteca não recebeu nem a maior parte dos livros nem os exemplares mais valiosos durante o Terceiro Reich. Algumas outras bibliotecas, especialmente aquelas com perfil mais acadêmico, foram amplamente priorizadas pelos nazistas. Ao contrário do que acontecia com

bibliotecas públicas como a Berliner Stadtbibliothek, bibliotecas universitárias e de centros de pesquisa fechadas ao público, em geral, também podiam receber livros “proibidos” que haviam sido pilhados.

Uma biblioteca desse tipo que teve um papel muito ativo no saque foi a prestigiada Preussische Staatsbibliothek, hoje conhecida como Staatsbibliothek zu Berlin – a maior biblioteca da Alemanha, cujas origens remontam ao século XVII. Seu acervo inclui o manuscrito original da 9ª Sinfonia de Beethoven, a maior parte das partituras de Johann Sebastian Bach e o texto bíblico com iluminuras mais antigo do mundo, datado de 400. Durante os anos da guerra, a Preussische Staatsbibliothek conseguiu pôr as mãos em livros consideravelmente mais valiosos do que os que foram para a Berliner Stadtbibliothek. A história da biblioteca veio à tona quando um estudante, Karsten Sydow, revelou em sua dissertação de mestrado, de 2006, que poderia haver cerca de 20 mil livros roubados no acervo histórico.^[6] Depois de fazer sua própria pesquisa, a biblioteca conseguiu afirmar que aproximadamente 5,5 mil livros foram, sem sombra de dúvida, roubados.^[7] Certamente seriam encontrados mais exemplares não fosse pelo fato de que o Exército Vermelho, por sua vez, também saqueou a biblioteca. Estima-se que dois milhões de livros do acervo da biblioteca tinham sido levados para a União Soviética, incluindo a maior parte dos livros e manuscritos judeus e em hebraico.^[8]

A Preussische Staatsbibliothek também teve papel importante como canal de distribuição para livros roubados no Terceiro Reich. Havia uma óbvia política de distribuição para milhares de

bibliotecas e arquivos que eram roubados na Alemanha e nos territórios ocupados. Os acervos mais importantes, considerados relevantes para o trabalho ideológico, eram divididos entre a RSHA de Heinrich Himmler e a ERR de Alfred Roosenberg. As duas organizações muitas vezes acabaram disputando entre si para ficar com os acervos mais importantes.

Além dessas, havia uma série de outras organizações nazistas, institutos e departamentos do governo que competiam para pôr as mãos nos volumes saqueados e montar suas próprias bibliotecas. Depois vinham bibliotecas, universidades e outras instituições nacionais.

Depois de os nazistas terem chegado ao poder, a Preussische Staatsbibliothek recebeu a atribuição de distribuir livros roubados de judeus, socialistas, comunistas e maçons na Alemanha. Numa fase posterior à guerra, a biblioteca continuou fazendo o mesmo com livros pilhados na França, Polônia, União Soviética e outras áreas ocupadas.

A Preussische Staatsbibliothek distribuía livros para mais de trinta bibliotecas universitárias alemãs.^[9] Mas as bibliotecas também conseguiam livros de outros modos. Muitas vezes, as bibliotecas regionais recebiam uma fatia do bolo quando a Gestapo e outras seções do partido atacavam organizações proibidas. Os livros eram doados a bibliotecas municipais como “presentes do partido”. Não era raro que os bibliotecários locais soubessem muito bem quais eram os melhores acervos da região, os que valiam a pena obter. No entanto, também havia compras de livros, como no caso da Berliner Stadtbibliothek, que adquiria volumes da casa de penhores municipal ou em “leilões

judaicos”, nos quais judeus que estavam fugindo tinham como única opção vender seus pertences por uma fração de seu valor real.

“É difícil estimar até que ponto os livros circularam desse modo, porque se dispersaram e foram reagrupados a partir de um número enorme de acervos alemães. Por exemplo, nos anos 1960, a Alemanha Oriental vendeu muitos livros para a Alemanha Ocidental, por razões econômicas, para conseguir moeda ocidental. Esses exemplares foram entregues a universidades recém-criadas no Ocidente. Hoje é possível encontrar nesses acervos muitos livros que foram roubados de judeus, comunistas e maçons”, explica Uwe Hartmann.

“Várias das maiores bibliotecas da Alemanha começaram a examinar seus acervos até certo ponto. Mas temos oito mil bibliotecas menores e só uma delas se inscreveu para receber recursos para examinar sua coleção. Há uma quantidade de trabalho enorme pela frente.”

A maior parte das bibliotecas alemãs ainda não mostrou interesse ou disposição para começar a procurar livros roubados em seus acervos. Quando um *expert* em propriedades roubadas enviou formulários para seiscentas bibliotecas, apenas 10% decidiram responder.^[10] Além de uma relutância geral para enfrentar o problema, também há a questão dos recursos limitados, que tende a impedir que as coisas avancem. Também não existe na Alemanha nenhuma lei que obrigue as instituições a investigar seus acervos, embora já se tenha proposto algo do gênero. O trabalho é voluntário.

De início, a instituição de Hartmann tinha um orçamento de

um milhão de euros para distribuir, que foi ampliado para dois milhões de euros em 2012. Esse dinheiro, no entanto, precisa ser compartilhado entre todas as instituições culturais, e a maior parte da verba vai para museus. Até 2013, a instituição financiou 129 projetos, dos quais 90 eram museus e somente 26 eram bibliotecas. A instituição também exige que o financiamento tenha uma contrapartida, o que leva muitas bibliotecas menores a dizer que não têm como participar.

“Infelizmente, o interesse da imprensa pelas obras de artes é muito maior do que pelo caso dos livros. Uma obra-prima recuperada, que pode valer milhões, rende manchetes, enquanto um único livro jamais vai ter essa repercussão, mesmo em casos altamente emocionais.”

Uwe Hartmann fala de outro problema com livros.

“Objetos de arte normalmente têm uma origem. Obras antigas podem ser encontradas em catálogos de exposições, registros de leilões, e são citadas por críticos de arte. É possível rastreá-las. Dificilmente isso acontece no caso dos livros. Se não houver etiquetas neles, é difícil saber de onde vieram. Livros raramente são únicos. O trabalho exigido é imenso.”

Ninguém tem como estimar o número de livros roubados escondidos nas bibliotecas da Alemanha hoje.

“Essa é uma pergunta muito difícil de responder. Milhares de bibliotecas alemãs nem avaliaram seus acervos ainda. São milhões de livros que precisam ser checados manualmente.”

Não é fácil determinar quantas bibliotecas foram saqueadas. Milhares das que foram roubadas jamais foram restabelecidas e seus livros nunca foram devolvidos. Também não há registros e

catálogos que possam nos dizer o tamanho de suas coleções, ou o que havia nelas. Por exemplo, antes de os nazistas chegarem ao poder na Alemanha havia no país milhares de “bibliotecas do povo”, criadas por sindicatos, organizações socialistas e pelos sociais-democratas. No total, havia mais de um milhão de livros nessas bibliotecas. A maior parte jamais foi devolvida.

Milhões de livros foram roubados de lojas maçônicas, obrigadas a se dissolver depois de os nazistas chegarem ao poder. Em 1936, um acervo montado pela SS apenas com obras de lojas maçônicas alemãs tinha de 500 mil a 600 mil volumes. [11] Esses livros estavam fadados a acabar na biblioteca do Conselho de Segurança Nacional, numa época em que vários órgãos de segurança do país estavam reunidos sob o controle executivo da RSHA, no fim dos anos 1930.

No entanto, mesmo esse roubo foi modesto quando comparado aos saques realizados pelos nazistas em toda a Europa. Somente na França, a ERR confiscou os acervos de 723 bibliotecas, contendo mais de 1,7 milhão de livros, dezenas de milhares de manuscritos antigos e medievais, incunábulo e outros volumes e escritos valiosos. [12]

Na Polônia, provavelmente o país mais atingido, estima-se que 90% dos acervos de escolas e bibliotecas públicas tenham se perdido. Além disso, 80% dos acervos privados e das bibliotecas particulares desapareceram. Segundo uma estimativa, 15 milhões dos 22,5 milhões de livros poloneses sumiram, mas não fica claro quantos desses foram roubados, perdidos ou destruídos durante a guerra.

É mais difícil estimar o tamanho do saque na União Soviética. De acordo com a maioria dos cálculos disponíveis, as perdas são quase astronômicas. Segundo uma sugestão da Unesco, até 100 milhões de livros foram destruídos ou pilhados na antiga União Soviética.^[13]

Nem todos os livros roubados acabaram em acervos nazistas depois da guerra. A maior parte dos enormes acervos que os nazistas obtiveram por meio de saques acabou sendo roubada novamente, se espalhou para outros lugares e desapareceu. Acima de tudo, as potências que venceram a guerra se serviram à vontade. A Biblioteca do Congresso em Washington enviou uma delegação especial à Alemanha que remeteu para os eua mais de um milhão de livros.^[14]

O Exército Vermelho acabou confiscando mais de dez milhões de livros. Ninguém sabe quantos livros foram destruídos pelos ataques aéreos. As bibliotecas localizadas nos centros das cidades eram vítimas facilmente inflamáveis dos bombardeios incendiários dos Aliados. No total, acredita-se que algo entre um terço e metade dos acervos alemães se perdeu em consequência dos incêndios, bombardeios e saques.

Entretanto, apesar de todas essas perdas, quantidades enormes de livros saqueados permaneceram nas bibliotecas alemãs. Muitas, como no caso da Zentral- und Landesbibliothek, preencheram as lacunas em suas coleções com livros de diversas organizações nazistas. O historiador alemão Götz Aly estimou, em 2008, que havia pelo menos um milhão de livros roubados nas bibliotecas alemãs.^[15] Era uma estimativa conservadora, e provavelmente o número real seja muito mais alto. Assim como

no caso da Zentral-und Landesbibliothek, os números tendem a crescer quando a biblioteca começa a investigar seu próprio acervo. Quando pergunto a Uwe Hartmann quanto tempo levaria para analisar todos os acervos de livros da Alemanha, ele responde com um sorriso.

“Quando dou aula, normalmente falo para meus alunos que isso é algo que vai levar a vida toda deles. Vai levar muitas, muitas décadas ainda. A próxima geração que assumir as bibliotecas e museus também será obrigada a lidar com isso. Esses objetos carregam uma história que não podemos ignorar.”

CAPÍTULO 3

O carvalho de Goethe

Weimar

O monstro foi obrigado a se joelhar agonizando. Morra, fera, símbolo do Reich alemão. E Goethe? Para nós, Goethe não existe mais, Himmler o aniquilou.

Diário do Prisioneiro 4935

Uma névoa densa envolve o bosque exuberante como uma membrana opaca. É difícil enxergar além de dez metros adiante. Sigo o asfalto rachado. Nos limites borrados da neblina vejo outras pessoas, andando com cuidado. Suas vozes sussurram. Chego aos portões do campo, com suas torres de madeira marrom, que lembram uma Igreja de um antigo vilarejo. Os portões de ferro trazem a inscrição *Jedem das Seine*, uma versão alemã para o lema latino *Suum cuique*, que, em tradução livre, significa algo como “a cada um, aquilo que lhe cabe”. É uma expressão idiomática que tem raízes profundas na cultura

alemã, aparecendo nos textos de Martinho Lutero e de outros pensadores da Reforma. Também é o título de uma cantata de Johann Sebastian Bach, executada pela primeira vez em 1715, a apenas seis quilômetros de distância do local onde estou agora, na cidade alemã de Weimar, um centro importante da cultura alemã. A expressão pode ser interpretada de vários modos, mas nos portões do campo de concentração Buchenwald não pode haver dúvidas sobre a mensagem transmitida: todo mundo deve receber o que merece. Viajei algumas horas partindo de Berlim para o sul, chegando ao coração da Turíngia. Pouco depois do portão fica o crematório, um edifício de concreto dominado por uma rústica chaminé de tijolos. Aqui dezenas de milhares de mortos foram incineradas.

Buchenwald, um dos maiores campos de concentração alemães, fica na colina de Ettersberg, em meio à bela floresta caducifólia conhecida por suas faias e pelos antigos carvalhos. Elie Wiesel, escritor e ganhador do Prêmio Nobel, deportado para cá aos 16 anos, disse sobre o lugar, ao visitá-lo mais tarde: “Se estas árvores pudessem falar”.^[1] Segundo Wiesel, havia uma ironia especial no contraste entre os encantadores bosques de Ettersberg e os pesadelos que ocorreram ali entre 1937 e 1945. Wiesel não foi o único futuro vencedor do Prêmio Nobel a ser encarcerado ali. Outro prisioneiro foi o escritor húngaro Imre Kertész, que descreveu esse período em *Sem destino*. Muitos outros escritores, poetas, artistas, músicos, arquitetos, acadêmicos e intelectuais estavam ali. Mais de 230 mil prisioneiros de toda a Europa ocupada foram enviados a Buchenwald: os inimigos políticos e intelectuais do regime

nazista, judeus, homossexuais, poloneses, ciganos e prisioneiros de guerra. Sessenta e cinco mil foram assassinados. Métodos especialmente cruéis de tortura e execução foram usados pelos guardas do campo e pelo ss-Hauptscharführer, Martin Sommer. Ele hoje é conhecido pela alcunha de “o carrasco de Buchenwald”, porque, nos bosques ao norte dos alojamentos, costumava pendurar os prisioneiros em árvores pelas mãos, atadas atrás das costas. Esse método de tortura, conhecido como estrapada, também foi usado na Inquisição.

O peso do corpo frequentemente arranca os braços dos ombros. Ao mesmo tempo, dizem, Sommer e seus guardas andavam em meio às árvores, batendo com bastões de madeira nos rostos, nas pernas e nos genitais dos prisioneiros indefesos. “A tortura levou alguns presos à beira da loucura. Muitos pediam aos homens da ss que atirassem neles para que sua agonia acabasse”, disse o sobrevivente Willy Apel.^[2] Os gritos de dor e os gemidos que se ouviam fizeram com que o lugar ganhasse o nome de “A floresta cantora”.

Uma das árvores de Ettersberg teria significado especial. Saio andando do lugar onde fica o crematório e sigo fileiras falhas de fundações de concreto – resquícios dos alojamentos dos prisioneiros. À esquerda fica a área do campo que abrigava prisioneiros de guerra tomados dos Aliados, homossexuais, testemunhas de Jeová e desertores. Perto do grande edifício de tijolos, que também abrigava a unidade de desinfecção, vejo entre dois alojamentos: um largo toco verde-acinzentado, com raízes ainda presas com firmeza ao solo. A inscrição numa placa de pedra esculpida rusticamente diz “*Goethe-Eiche*” [o carvalho

de Goethe].

Quando a floresta de Ettersberg foi derrubada em 1937 para dar lugar ao campo de concentração, os guardas da ss deixaram um carvalho de pé. Havia boatos de que Goethe costumava se sentar debaixo da grossa e imponente árvore. Não era o único carvalho na Turíngia associado ao poeta nacional, mas esse, em específico, estava fadado a se tornar um símbolo especial do campo, dos guardas e dos prisioneiros. Goethe, que passou a maior parte da vida em Weimar, fazia excursões a cavalo até Ettersberg, um lugar popular para passeios românticos no século XVIII. Ele disse a seu amigo e biógrafo Johann Peter Eckermann que nessa floresta ele se sentia “generoso e livre”.

Quando Buchenwald foi construído, a ss inicialmente tinha a intenção de denominar o campo de “K.L. Ettersberg”. A ideia, porém, irritou profundamente a burguesia de Weimar, porque Ettersberg tinha ligações bem estabelecidas com Goethe e com o classicismo de Weimar. Não era considerado apropriado batizar um campo de concentração assim. Por isso, Heinrich Himmler decidiu dar ao campo um nome inventado: Buchenwald [a floresta de faias].^[3]

Segundo uma tradição local, foi nessa exata árvore que Goethe escreveu a passagem da Noite de Santa Valburga, do *Fausto*, quando Mefistófeles leva Fausto a uma montanha em Brocken para o sabá noturno das bruxas. Além disso, segundo os rumores, ele havia se sentado debaixo dessa árvore enquanto escrevia “A canção noturna do andarilho”, que enviou em uma carta, em 1776, à amiga e amante Charlotte von Stein, com uma

dedicatória “das colinas de Ettersberg”:

No alto das colinas
há paz;
não se ouve, ali nas
frondes, mais
que um sopro manso.
Nem há no bosque um trino. Aguarda:
tampouco tarda
o teu descanso.
(Tradução Nelson Ascher)

Será que os dois amantes chegaram a se sentar juntos algum dia debaixo do carvalho? Mas havia ainda outro mito intrincado à árvore: a história de que ela, de algum modo místico, estava atrelada ao destino da Alemanha. Enquanto a árvore vivesse, a Alemanha existiria. Mas quando ela caísse, a nação alemã se extinguiria.

Na verdade, o carvalho carregava duas realidades simbólicas totalmente diferentes, uma para os guardas da ss que decidiram que o carvalho devia ser preservado e outra para os prisioneiros do campo. Para a ss, o carvalho era um elo com uma grande tradição cultural alemã, da qual eles se sentiam verdadeiros herdeiros. Os integrantes da ss que faziam a guarda do campo participavam ativamente da vida cultural de Weimar. No Teatro Nacional, do qual Goethe foi diretor, alguns dos melhores assentos eram reservados para o Regimento da ss conhecido como Esquadrão da Morte. Os artistas também faziam visitas a

Buchenwald, onde se apresentavam para os guardas. Em uma ocasião foi montada a opereta romântica *O país dos sorrisos* – ironicamente o libreto havia sido escrito por um dos prisioneiros do campo, o austríaco Fritz Löhner-Beda. Posteriormente ele foi mandado para Auschwitz, onde foi espancado até a morte por um guarda.

Para muitos prisioneiros do campo, o carvalho, em meio a esse mundo infernal, era uma representação dos sonhos, das fantasias e das esperanças que ainda os mantinham vivos. Para os prisioneiros que tinham raízes na cultura alemã, a árvore simbolizava um país diferente, melhor e mais iluminado do que aquele em que eles estavam encarcerados. O escritor e poeta Ernst Wiechert descreveu em seu retrato da vida no campo, *Der Totenwald* [A floresta da morte], como a árvore servia de consolo para seu *alter ego*, Johannes:

O crepúsculo já caía quando Johannes saiu mais uma vez do espaço entre os alojamentos onde eles passavam a hora de descanso a que tinham direito no fim da tarde. Ele só precisou de um minuto andando e estava de frente ao carvalho, cuja sombra, segundo se dizia, caíra um dia sobre Goethe e Charlotte von Stein. Ele ficava em uma das alamedas do campo e este era o único lugar de onde se tinha uma visão desimpedida do campo lá embaixo. A lua ultrapassara as colinas cobertas por árvores e os últimos sons do campo iam se reduzindo rumo ao silêncio.

Durante um tempo ele olhou para o céu que escurecia, tão só, como se ele fosse o último ser humano sobre a terra, e tentou se lembrar de todos os versos que conhecia daquele que talvez tivesse estado ali cento e cinquenta anos antes. Nada de sua grandeza havia se perdido, e mesmo que ele fosse confinado às

galés aos cinquenta anos nada se perderia. “Nobre, útil e bom...” Não, nem mesmo isso tinha se perdido, desde que continuasse repetindo isso para si, e que tentasse preservar isso até a chegada da hora final.^[4]

Para Wiechert, Goethe personificava a verdadeira tradição cultural alemã, como um caminho belamente iluminado, embora o povo tivesse se desviado do caminho e estivesse percorrendo trechos mais sombrios da floresta. Muitos sobreviventes do campo descreveram o carvalho. O artista francês e combatente da resistência Léon Delarbre muitas vezes se sentou sob o carvalho, desenhando sua rede de galhos.

Nem todos compartilhavam do ponto de vista de Wiechert. Pelo contrário, havia quem visse no carvalho o símbolo do mal inerente à cultura alemã, de opressão e crueldade. Esses prisioneiros mantiveram vivo o mito de que o carvalho estava ligado ao destino da Alemanha. E isso lhes dava esperança. O carvalho do campo começou lentamente a murchar e a morrer. As folhas não se renovaram depois de um inverno e a casca foi caindo até o tronco ficar branco, seco e nu. Mas a árvore permanecia de pé, até um dia de agosto de 1944, quando bombardeiros Aliados atacaram as fábricas ao lado do campo de concentração. Uma das bombas atingiu a lavanderia, que se incendiou. Em pouco tempo as chamas se espalharam para o vulnerável carvalho. Um prisioneiro polonês que conhecemos apenas por seu número de identificação no campo, 4935, descreveu os fatos assim:

Eu ouvia o fogo crepitando e as fagulhas voando: os galhos do carvalho que

queimavam caíam e rolavam pelos telhados cobertos por piche. Eu sentia o cheiro da fumaça. Os prisioneiros formaram uma longa fila e passavam baldes de água tirada do poço para combater o incêndio. Eles salvaram a lavanderia, mas não o carvalho. Era possível ver em seus rostos uma alegria secreta surgindo, uma vitória silenciosa: agora sabíamos que a profecia iria se realizar. Diante de nossos olhos, com a fumaça se misturando à fantasia, aquilo não era uma árvore e sim um monstro cheio de braços, murchando em meio às chamas. Víamos seus braços despencarem e o tronco diminuir de tamanho enquanto ele ruía. O monstro foi obrigado a se joelhar agonizando. Morra, fera, símbolo do Reich alemão. E Goethe? Para nós, Goethe não existe mais, Himmler o aniquilou.

[5]

Em frente ao Teatro Nacional em Weimar estão Goethe e Schiller, olhos fixos na eternidade. A mão de Goethe descansa sobre os ombros do amigo, enquanto Schiller estende a mão para aceitar a coroa de louros que Goethe lhe entrega. A estátua de Ernst Rietschel, de 1857, é típica da época, e serviria, em meados do século XIX, de modelo para diversas outras estátuas dos dois gênios em todo o país. Estátuas de Goethe e Schiller eram uma expressão direta dos fortes sentimentos nacionalistas que agitavam a Alemanha inteira, numa época em que Weimar se tornou um culto.

Nos limites da cidade fica o Park an der Ilm, um parque com pequenas trilhas em meio a áreas arborizadas tão densas que chegam a transformar os caminhos em túneis verdes. Uma das trilhas leva a uma campina aberta, outra, a uma construção extravagante; uma leva a uma fonte que jorra das pedras, outra, a uma gruta ou a uma ruína pitoresca. O parque é uma fantasia

romântica. Pouco mudou desde o final do século XVIII, quando foi criado, inspirado nos jardins ingleses. Sobre os campos fica a casa de campo branca do poeta, onde ele morou durante seus primeiros anos em Weimar. Nessa época, Goethe já tinha conquistado a fama em toda a Europa com seu romance de estreia, *Os sofrimentos do jovem Werther* – cuja prosa passional, tremendamente emocional, fez surgir uma enorme ansiedade em um século ocupado com a razão, a racionalidade e o pensamento iluminista. Essa ideia romântica de devoção à beleza, de adoração da natureza e de poesia se tornou um aspecto importante da autopercepção alemã. No entanto, ao mesmo tempo parecia haver uma nódoa negra nessa ideia. Como era possível que dentro de poucas gerações os herdeiros dessa ideia estivessem enforcando, torturando e assassinando pessoas exatamente nas mesmas florestas em que Goethe sentava para escrever poemas? Essa imagem, por um lado radiante e por outro cheia de trevas, já foi chamada de “dicotomia Weimar-Buchenwald”. Esses dois aspectos formam um microcosmo do dilema alemão, a face de Jano da Alemanha. O paradoxo é muito bem ilustrado pelos pontos de vista diferentes em relação ao carvalho de Goethe em Buchenwald.

Houve quem desejasse ver esses dois lados da cultura alemã como totalmente separados, para não macular o brilho da era clássica. Essa foi a abordagem predominante em Weimar durante a maior parte do pós-guerra. Outros afirmam que isso é uma simplificação histórica, até mesmo uma falsificação, simplesmente porque esses dois lados estão interligados por raízes culturais, filosóficas e literárias. Talvez eles não estejam

diretamente relacionados, mas o nacional-socialismo ampliou e explorou de maneira implacável algumas dessas ideias, que se desenvolveram da mesma raiz: o nacionalismo alemão e a rejeição dos ideais do Iluminismo.

O alto Romantismo alemão resistia fortemente à escassez de emoções do período iluminista. Especialmente importantes eram as ideias que se formaram na Universidade de Jena, cerca de vinte quilômetros a leste de Weimar, durante a primeira metade do século XIX, quando pensadores como Friedrich Hegel, Johann Gottlieb Fichte e Friedrich von Schelling, numa reação ao Iluminismo, começaram a formular o pensamento hoje conhecido como idealismo alemão. Eles deixaram como legado uma grande herança de ideias que foram facilmente exploradas pelos nacional-socialistas do século XX em busca de inspiração – a mais influente delas a ideia da singularidade alemã, na forma de sua elevação espiritual. Ainda mais influente foi o filósofo e historiador Johann Gottfried von Herder, um dos grandes pensadores que Goethe levou para Weimar, e alguns sugerem que pode até mesmo ter sido o protótipo usado pelo poeta para seu Fausto. A ideia de Herder da singularidade da alma de um povo e sua forte ênfase sobre o patriotismo seriam de importância decisiva para o surgimento do nacionalismo alemão. O objetivo de Herder era acima de tudo distanciar a cultura alemã da forte influência francesa da época – a cultura europeia do século XVIII foi dominada pela França. Johann Gottlieb Fichte, outro filósofo muitas vezes chamado de pai do nacionalismo, achava que o povo alemão tinha características

únicas e que por isso os alemães deveriam “criar e liderar uma nova era na história humana”.^[6] Já em Fichte havia um antissemitismo plenamente articulado: ele afirmava que haveria danos para a Alemanha caso os judeus tivessem plenos direitos como cidadãos – como havia ocorrido em toda a Europa, em um processo de desenvolvimento político que havia se espalhado desde a Revolução Francesa. Na França, os judeus haviam conquistado direito de cidadania, o que deu início à emancipação em que os judeus da Europa cada vez mais decidiam sair de seu isolamento em guetos e se mesclar linguisticamente e culturalmente à sociedade europeia.

O principal objetivo do emergente nacionalismo alemão na primeira metade do século XIX era a criação de uma Alemanha linguisticamente e culturalmente homogênea. Os sentimentos nacionalistas culminaram em 1848, quando uma onda de ardor revolucionário varreu a Europa. Na Alemanha houve um levante de liberais, intelectuais, estudantes e trabalhadores contra as velhas, autocráticas e repressoras elites nos miniestados alemães, que, porém, acabou sufocado pelos principados conservadores.

A estátua de Goethe e Schiller esculpida por Ernst Rietschel foi erigida diante do Teatro Nacional em Weimar logo depois dessa revolução e da melancolia política que se seguiu.

“Quando as guerras de libertação em territórios alemães não trouxeram nem liberdade política nem unidade nacional, os cidadãos começaram a buscar na cultura um substituto para o que lhes faltava. Por exemplo, ergueram monumentos a gigantes intelectuais, normalmente nos pontos centrais da cidade, uma

honra até então reservada a príncipes e militares”, escreve o historiador da arte alemão Paul Zanker.^[7]

Até meados do século XIX era incomum erigir monumentos caros em homenagem a artistas, mas depois da revolução estátuas de Goethe e Schiller adornariam muitas cidades, como expressão de um movimento literário e nacionalista. De acordo com Zanker, essas estátuas de escritores e poetas eram vistas como representativas dos ideais alemães, modelos morais retratados em figurino contemporâneo – nada de divindades gregas nuas e intocáveis e, sim, cidadãos. Criou-se em torno desses monumentos um culto que inspirou a publicação de jornais, livros ilustrados e volumes luxuosos com coletâneas das obras dos autores. Foi nesse período, escreve Zanker, que os alemães começaram a se ver como “um povo de poetas e pensadores”. No entanto, prossegue o historiador, esses monumentos não tinham a intenção de atrair as pessoas para novas revoluções e protestos – pelo contrário. A burguesia erigiu essas estátuas para promover virtudes cidadãos: ordem, obediência e lealdade aos superiores. O fato de os grandes escritores nativos terem servido à corte de Weimar era considerado um ideal digno de ser seguido.

Goethe, o poeta nacional, que passou a personificar esses ideais, estava fadado a se transformar, no fim do século XIX, no modelo moral da nação alemã. Tudo que não se encaixasse na imagem de Goethe era colocado no fundo dos arquivos ou mesmo destruído. Cartas de admiração mandadas por Goethe a Napoleão foram queimadas. Goethe tinha se pronunciado abertamente a favor do cosmopolitismo e do internacionalismo,

mas suas ideias foram reinterpretadas após a sua morte como sendo estritamente nacionalistas – principalmente depois da formação do império alemão em 1871. As mesmas distorções também afetaram filósofos como Hegel, Fichte e Herder, cujas ideias foram usadas de modo equivocado, receberam ênfase excessiva ou até mesmo foram falsificadas para dar legitimidade ao nacionalismo.

A crítica de Goethe à esfera política foi usada mais tarde por nacionalistas de direita como arma contra a formação de partidos políticos e contra a democracia.^[8] Enquanto isso, a esquerda via Goethe como um defensor do liberalismo e do parlamentarismo. A batalha pela alma de Goethe prosseguiu no século seguinte. As fortes tensões internas entre a luz e as trevas de Weimar logo aumentariam violentamente, e o palco para essa conflagração foi simbólico: o Teatro Nacional atrás da estátua de Rietschel retratando Goethe e Schiller.

Em 6 de fevereiro de 1919, teve início um congresso no Teatro Nacional de Weimar. Mais de quatrocentos delegados de cerca de dez partidos políticos tomaram assento diante do palco que pertenceu a Goethe e Schiller. Eles se uniram para salvar a Alemanha. O império, que mal chegava a cinquenta anos, e que bem pouco tempo atrás parecia forte e mesmo invencível, estava se dissolvendo. A nação alemã, forjada por Bismarck a “sangue e ferro”, ruía como um castelo de cartas. Para salvar a Alemanha, eles voltaram às raízes se reunindo em Weimar.

Quase um ano antes, em 21 de março, o Exército alemão tinha iniciado a *Kaiserschlacht* [Batalha do Kaiser, mais conhecida em

português como Ofensiva da Primavera], um amplo ataque ao longo de trechos extensos do front ocidental, em uma tentativa de romper o impasse da guerra. Na verdade, a demonstração de força era um último recurso desesperado para vencer o confronto. Quando os Aliados contra-atacaram no verão, as linhas alemãs ficaram à beira do colapso total. No final de outubro de 1918, forças da Marinha em Kiel se rebelaram e em questão de dias a Revolução de Novembro havia se espalhado pela Alemanha inteira. A guerra tinha acabado. Mas o levante continuou, com um terrível caos político enquanto grupos rivais se confrontavam e milhões de soldados alemães desiludidos voltavam do front. Comunistas alemães formaram sovietes, com base no precedente russo, e chegaram a tomar o poder na Baviera na primavera de 1919. Mas os sociais-democratas alemães resistiram, assim como os *Freikorps* [exércitos livres], grupos paramilitares formados por soldados e oficiais que haviam dado baixa, e que trouxeram da guerra uma cultura brutal e desumana de violência alimentada nas trincheiras.

A sombra desses eventos recaía sobre os delegados quando eles se reuniram em fevereiro de 1919, em Weimar, por iniciativa dos sociais-democratas alemães, cuja ambição era formar uma democracia parlamentar. Depois da abdicação do Kaiser, o partido liderado por Friedrich Ebert formou um governo provisório. Ebert, um político moderado e pragmático, foi forçado a formar uma aliança com os nacionalistas e com grupos reacionários de *Freikorps* para isolar a esquerda radical. Foi ideia de Ebert levar os constituintes para Weimar, onde uma nova Constituição seria escrita para estabelecer o que viria a ser

chamado de República de Weimar.

A escolha de Weimar foi ao mesmo tempo um ato de simbolismo e de *realpolitik*. Um golpe contra o governo de Ebert era altamente provável em Berlim, onde o chamado Levante de Janeiro havia eclodido. Os *Freikorps* acabaram com a resistência remanescente com uma brutalidade assustadora, tanto em Berlim quanto em Munique: centenas de pessoas foram assassinadas em execuções sumárias, já que os comunistas eram incapazes de resistir aos soldados embrutecidos pelas batalhas no front. E assim, apesar de a nascente democracia alemã estar banhada em sangue, Friedrich Ebert pretendia limpá-la com a ajuda de Goethe. O fato de Ebert ter escolhido Weimar como berço da democracia alemã era uma tentativa de dar legitimidade ao novo regime, associando-o aos elevados ideais do classicismo local.

Mas a escolha de Weimar como capital não era apenas nostalgia do período clássico, era também a marca de um novo tipo de cultura, que acabaria definindo a nova república. O movimento modernista, retratado de maneira mais articulada no expressionismo alemão, permearia e revitalizaria a literatura, as artes, a música, o teatro, a arquitetura na República de Weimar. Em todas as áreas, uma nova geração rompeu com as rígidas convenções do passado. No entanto, a cultura de Weimar se tornou foco de uma incandescente luta entre dois aspectos irreconciliáveis da Alemanha – o modernismo, o cosmopolitismo e a democracia de um lado e o culto à beleza, a violência e o fascismo de outro. Na literatura, um novo tipo de prosa experimental surgiu, na qual ideais burgueses vazios,

estruturas de família patriarcais e sentimentos reprimidos passaram a ser os temas centrais. O novo movimento era capaz de liberar sua energia reprimida sem qualquer restrição, encontrando o oxigênio essencial para seu crescimento no vácuo existencial deixado pela guerra. “Não foi apenas uma guerra que perdemos. Um mundo acabou. Precisamos encontrar uma solução radical para nossos problemas”, escreveu o arquiteto alemão Walter Gropius, fundador da escola Bauhaus.^{[9],[10]}

Porém, embora parecesse nocauteado, o antigo mundo jamais foi derrotado. O movimento modernista imediatamente dividiu Weimar e a Alemanha em duas entidades. O Modernismo foi recebido com hostilidade pela velha elite guilhermina: a aristocracia, a burguesia reacionária e as universidades, que se viam como guardiãs da tradição. O novo movimento era visto como depravado e imoral – e havia quem se sentisse nauseado com o que via, ouvia e lia.

A reação começou a se mobilizar. A resistência à República de Weimar, aos seus ideais democráticos, à sua cultura e ao modernismo estava fadada a ter uma natureza violenta, reunindo conservadores, nacionalistas e extremistas de direita.

Ao contrário dos comunistas e dos democratas, a direita alemã esperava uma verdadeira revolução conservadora. Era uma reação ao modernismo, que, a seus olhos, estava entrando de maneira desordenada na arena da vida, criando no processo uma sociedade de massas sem alma, da qual todo encanto era roubado.^[11] A reação rejeitava o materialismo, o racionalismo e o capitalismo da época – que esvaziavam as relações humanas e o idealismo. O novo mundo erodia os valores aristocráticos e

românticos considerados mais elevados do que quaisquer outros: honra, beleza e cultura. Como movimento, a reação já havia começado a crescer antes da guerra. Muitos punham fé em um renascimento conservador como consequência da Grande Guerra. Apenas a guerra poderia alterar o curso da ruína que estava em andamento, submetendo a nação a um necessário rito de purificação e forçando as pessoas a se elevarem acima do materialismo rumo a um novo nível espiritual. Para esses revolucionários conservadores a Primeira Guerra Mundial não tinha a ver com território, recursos naturais ou hegemonia comercial; era, na verdade, uma guerra espiritual em que a civilização francesa se opunha à cultura alemã. Em outras palavras, uma guerra entre o Iluminismo francês e o Romantismo alemão.

Um dos que aderiram a esse ponto de vista, e que falou em defesa de uma revolução conservadora, foi Thomas Mann, que por muito tempo foi cético e mesmo hostil em relação aos avanços democráticos que, ele achava, eram estranhos ao povo alemão. Mann romantizava a guerra e achava que a vida violenta das trincheiras fazia surgir o melhor dos seres humanos. Segundo Mann, a guerra acabaria induzindo “as massas” a se sacrificarem em nome de um propósito mais elevado e, ao fazer isso, a se transformarem em um “povo”: “A guerra é a cura efetiva para a destruição racionalista de nossa cultura nacional”, continuou Mann, que sonhava com um estado nacionalista autoritário em que poder e cultura seriam integrados – um “Terceiro Reich”, como ele profeticamente decidiu chamá-lo. Essas ideias não desaparecem com a guerra ou seus horrores e

as perdas inimagináveis sofridas pela Alemanha – longe disso, a resistência dependia de ideais como esses para mobilizar sua rejeição, e durante a “decadência” democrática da República de Weimar esses foram os conceitos que formaram a imagem de mundo da extrema direita. Intelectuais conservadores como Thomas Mann tinham um ponto de partida ligeiramente diferente, mas seu nacionalismo feroz, seu interesse pelas ideias feudais e pelo romantismo da guerra como uma luta espiritual mais elevada contribuíram para legitimar o nacional-socialismo e sua visão ainda mais radical da realidade.

A resistência literária ao modernismo ganhou forma em um gênero próprio, conhecido como literatura *freikorps*. Grupos *Freikorps*, que vinham sendo formados por soldados que voltavam da guerra, atuavam durante toda a década de 1920 e preencheriam o vácuo espiritual criado pela limitação de tamanho do Exército alemão, que de acordo com o Tratado de Versalhes não poderia ter mais de 100 mil homens. Os *Freikorps* não estavam em sintonia com a nova ordem da República de Weimar, em que as velhas virtudes militares de honra, obediência e camaradagem eram ridicularizadas. Seus sacrifícios no front agora pareciam, em grande medida, sem sentido. Foi nos grupos de *Freikorps* que a chamada “Lenda da punhalada pelas costas” [*Dolchstoßlegende*] foi cultivada, uma visão segundo a qual a Alemanha não foi derrotada no front ocidental e sim no front doméstico – onde os sociais-democratas, os socialistas e os judeus apunhalaram a nação pelas costas. Muito difundida na sociedade alemã, a teoria acabaria se tornando a principal questão política formulada pelo recém-formado

Partido Nazista.

A literatura *freikorps*, que surgiu nos anos 1920, era um gênero de livros muitas vezes vendidos em quiosques ou em outros pontos de venda populares, em que a guerra, a violência e a masculinidade eram idealizadas. O gênero obteve grande sucesso no entreguerras, e certos livros chegaram mesmo a uma repercussão maior, às massas. Os livros davam vazão aos sentimentos de amargura, nojo e ódio experimentados por muitos alemães após a guerra, mas também a um desejo por algo mais profundo – um mundo que havia sido perdido.

A ação arquetípica dessas histórias tem como centro um jovem de origem burguesa e sua jornada de autodesenvolvimento. Aturdido com o vazio do materialismo e com a pobreza espiritual da vida contemporânea nas cidades no “front doméstico”, o rapaz busca um sentido mais profundo. É na presença da morte, no front, que ele “desperta” e tem uma revelação do que deve ser o verdadeiro sentido da vida, de que ele deve aceitar seu destino e se sacrificar por sua pátria, por seus amigos e por seu sangue. As lições aprendidas no front criam uma experiência existencial, quase religiosa. Essa também é a fonte da “Punhalada pelas costas”: as massas desinformadas na cidade enfiam o punhal nas costas dos soldados honrados, cujo retorno do front se torna uma experiência cheia de humilhação e desgosto. Ali, os veteranos encontram todos os aspectos revoltantes da modernização: a democratização, o avanço dos trabalhadores, a cultura experimental e a emancipação das mulheres. O imaginário de combate da literatura *freikorps* – a sexualidade reprimida, a romantização de

atos violentos e os sentimentos de repulsa em relação ao mundo moderno – em muitos casos estava intimamente aliado à ideologia de violência dos nazistas, e foi por ela incorporado.

Mas havia os que apresentavam outra perspectiva. Em *Nada de novo no front*, Erich Maria Remarque examinava o imaginário do combate no front e desnudava o vazio e a desonestidade dos sacrifícios “honrados”. Ele também retratava as amizades íntimas que se criavam com a proximidade constante da morte, mas não havia heroísmo, e os amigos eram vistos encontrando um destino coincidente e sem sentido. Remarque, que também era um veterano, deu um golpe no coração do romantismo inspirado na guerra. Por isso, quando foi publicado em 1928, o livro deu origem a uma resposta veemente dos reacionários e da extrema direita – e, portanto, foi uma das primeiras vítimas da queima de livros de 1933.

No entreguerras, houve também um gênero emergente de racismo mais explícito, com romances antissemitas, alguns atingindo grande repercussão. A literatura se tornou um meio de comunicação de massas para divulgar e estabelecer o conceito fascista do mundo. Os alemães eram um povo que lia livros, e não tinham apenas *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann, na mesinha de cabeceira, tinham também romances hoje não muito conhecidos, como *Um povo sem espaço*, de Hans Grimm, e *Der Hitlerjunge Quex* [O jovem hitlerista Quex], de Karl Aloys Schenzinger.

Até a ascensão dos nazistas ao poder, as ideias modernistas e expressionistas da época coexistiram com os textos *freikorps* que glamorizavam a violência, e também com romances

antisemitas e racistas. A tensão entre violência e ideias progressistas estava presente constantemente na literatura e na vida cultural da República de Weimar. Por um lado havia escritores e poetas liberais e de esquerda como Heinrich Mann, Kurt Tucholsky e Bertolt Brecht, e por outro lado, extremistas de direita e escritores nacionalistas como Emil Strauss, Hans Carossa e Hanns Johst.^[12] Mas também havia escritores que se posicionaram em um ponto intermediário.

A posição mais difícil era a ocupada por intelectuais burgueses e conservadores como Thomas Mann, que se preocupavam com o avanço democrático, mas ao mesmo tempo se revoltavam contra as vulgaridades dos nazistas. Em 1922, depois do brutal assassinato do ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Walter Rathenau, Mann achou que a única opção era mudar seu ponto de vista, o que ele fez em um discurso muito divulgado em Berlim: *Von deutscher Republik* [A República Alemã]. Na palestra ele rejeitou publicamente as ambições imperiais da Alemanha guilhermina e falou a favor da República de Weimar. Mann afirmou ver agora que a democracia era, na verdade, mais “alemã” do que ele imaginava. Era uma conversão motivada por seu sentimento de culpa por ter de alguma forma desempenhado um papel na promoção da violência política.^[13] Mas provavelmente também havia certo medo do “demônio”, que a violência, a guerra e a derrota militar haviam invocado, e que agora dava seus primeiros passos cambaleantes na forma de um partido radical fascista em Munique.

A velha Alemanha hierárquica com seus ideais militaristas, imperiais e nacionalistas havia reencarnado como um novo

movimento político radicalizado pela guerra e alimentado pela “Lenda da punhalada pelas costas”. Por sua vez, os *Freikorps* haviam encontrado um novo canal para demonstrações de violência em nome do Partido Nacional Socialista, que estava em crescimento.

O movimento teria suas primeiras conquistas exatamente no período do nascimento da República de Weimar. O Partido Nazista foi refundado em 1925, depois de ter sido colocado na ilegalidade após o fracassado Putsch da Cervejaria, poucos anos antes. Apenas quatro anos depois o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* [Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou NSDAP] teve sua primeira grande vitória eleitoral na Alemanha, quando o partido foi incluído na coalizão que assumiu a Turíngia. Os nazistas, liderados pelo ministro do Interior e da Educação, Wilhelm Frick, deram início a um feroz ataque à vida cultural de Weimar por meio da adoção de um programa cultural extremista, institucionalmente racista, desenvolvido por Alfred Rosenberg e seu círculo. Sua organização, a *Kampfbund für Deutsche Kultur* [Liga Militante pela Cultura Alemã], foi criada em 1928 e buscava amalgamar as abundantes organizações culturais de extrema direita do país para eliminar da cultura alemã as influências judaicas e de outros “forasteiros”. Em poucos anos, Weimar passou de zona livre para a experimentação modernista a local de culto ao nazismo. A Turíngia se tornou o lugar de testes e o estado modelo para a política racial radical que logo seria implantada em toda a Alemanha.^[14]

A versão cinematográfica de *Nada de novo no front* foi proibida

no estado, e o Museu do Castelo, em Weimar, parou de expor obras de Wassily Kandinsky, Franz Marc e Paul Klee. Compositores como Stravinsky entraram para a lista negra, assim como a música “negra”, o que incluía o jazz.

Assim como anteriormente o estado havia atraído artistas progressistas, agora a Turíngia se tornava um ímã para intelectuais mais sombrios. Wilhelm Frick promoveu o eugenista Hans F. K. Günther a professor de biologia racial na Universidade de Jena. Günther, que atendia pelo apelido de Günther-Racial ou Papa da Raça, era visto na época como a mais destacada autoridade mundial em pesquisas sobre raça. As teorias de Günther em grande medida formariam a base da política racial nazista. Outro teórico racial, o arquiteto e crítico cultural Paul Schultze-Naumburg, foi indicado para chefiar a Faculdade de Artes de Weimar, que substituiu a escola Bauhaus de Gropius. Schultze-Naumburg, que entre outras obras havia escrito o livro *Kunst und Rasse* [Arte e raça], acreditava que a arte verdadeira só podia ser criada por artistas racialmente puros. O braço direito de Frick, o radical nazista e literato Hans Severus Ziegler, foi levado ao estado para exercer o papel de *expert* em cultura, artes e teatro. Poucos anos depois ele se tornou presidente da Associação Schiller e diretor criativo do Teatro Nacional, em Weimar.

Um vasto programa também foi colocado em prática para “nazificar” Johann Wolfgang von Goethe, o que exigiu muita habilidade e trabalho. Embora os nacionalistas já tivessem dado início no século XIX a uma distorção da imagem de Goethe, ele ainda era conhecido como um humanista e um internacionalista

– valores aos quais os fundadores da República de Weimar eram leais. Goethe também esteve envolvido numa série de ligações “incômodas”, inclusive com insinuações de que tinha sido “amigo dos judeus”, e até mesmo certos boatos de que o próprio Goethe tinha sangue judeu. Além disso, a Associação Goethe e várias instituições em Weimar ligadas ao poeta nacional estavam “infiltradas” por judeus. Por exemplo, o professor Julius Wahle, que havia dirigido o Arquivo Goethe e Schiller, era judeu.

Por sorte, o chefe do arquivo à época, Hans Wahl, estava disposto a assumir a tarefa de “limpar” Goethe e de preparar um lugar de honra para ele no panteão Nacional Socialista. Poucos anos antes, Wahl tinha participado da criação da seção de Weimar da Liga Militante para a Cultura Alemã.

Wahl estava disposto a fazer o que fosse necessário para salvar a honra do grande filho de Weimar. Como vice-presidente da Associação Goethe, ele se certificou de que não arianos fossem proibidos de se afiliar, e afirmou que a instituição era agora “a mais antijudaica de todas as associações literárias da Alemanha”.^[15] Na verdade a associação literária só expulsou os membros judeus no fim da década de 1930. A associação tentou, usando sua revista, acabar com a “aura” humanista de Goethe publicando textos que falavam como o poeta havia previsto o surgimento do Terceiro Reich. Hans Wahl sugeriu que Goethe era antissemita e se opunha à maçonaria, o que evidentemente era mentira – o poeta foi, ele próprio, maçom. Wahl ameaçou silenciar qualquer pesquisador que sugerisse que Goethe fora “amigo dos judeus”. O presidente da associação, Julius Petersen, levou o processo um passo adiante ao ligar Goethe a Hitler – os

dois eram “grandes” estadistas e artistas. Quando Thomas Mann chegou à cidade em 1932 para participar do centenário da morte do poeta, ele observou enojado: “Weimar é o centro do hitlerismo”.[16]

O ápice do ato de mutilação de Wahl foi o novo Museu Goethe, cujo financiamento foi pessoalmente garantido por Adolf Hitler. O museu abriu em 1935, em um edifício ao lado da casa de Goethe. Na entrada, Wahl colocou um busto de Adolf Hitler, com uma placa cheia de exagerados agradecimentos ao patrono. Na parede, foi colocada uma “árvore genealógica” de Goethe, para deixar clara a linhagem puramente ariana do poeta.

Hoje, todos os traços do patrono do museu foram eliminados. O busto foi removido, assim como a árvore genealógica. Mas ainda há um medalhão de Adolf Hitler na argamassa de um dos pilares.

“Tudo começou com o incêndio”, diz Michael Knoche olhando pela janela. A sala no alto da casa, conhecida como Castelo Verde, tem uma bela vista do Park an der Ilm. A exuberante vegetação de julho quase força sua entrada pela janela, que está escancarada. Knoche, um sujeito de aparência modesta, vestindo um paletó xadrez cinza, é o diretor de uma das bibliotecas mais famosas da Alemanha: a Biblioteca Duquesa Anna Amalia. Em 1761, a duquesa Anna Amalia von Braunschweig-Wolfenbüttel transformou seu castelo do século XVI em uma biblioteca para os livros da corte. A biblioteca, mobiliada em estilo rococó, é considerada Patrimônio Mundial pela Unesco. Hoje é parte da Klassik Stiftung Weimar, uma fundação que supervisiona a

administração das instituições culturais de Weimar.

“Quando cheguei a Weimar no começo da década de 1990, não acreditei que havia um problema aqui com objetos saqueados. Tive alguns contatos com organizações judaicas ligadas a esse tema, mas disse a eles: ‘Aqui não temos esse tipo de problema’. Era uma espécie de consenso. Mas o incêndio mudou isso”, diz Knoche.

Uma noite em setembro de 2004 uma fagulha saiu de um cabo elétrico com defeito e caiu nas vigas secas do telhado. O andar superior da renomada biblioteca em estilo rococó, com dezenas de milhares de exemplares de papel, pegou fogo. O mesmo aconteceu com as pinturas a óleo, retratos de cinco séculos da realeza do Império alemão. Cinquenta mil volumes se perderam nas chamas, muitos deles primeiras edições insubstituíveis do século XVI. A Biblioteca Anna Amalia, onde Goethe trabalhou, abrigava o maior acervo na Alemanha das edições de Shakespeare e do *Fausto*. Milhares de livros também foram danificados pela fumaça, pelo calor e pela água.

“Parte do que se perdeu é insubstituível; outras perdas levarão décadas para serem substituídas”, diz Knoche, que mesmo assim está aliviado por ter conseguido salvar a Bíblia de Gutenberg das chamas.

A biblioteca foi reconstruída, mas dezenas de milhares de livros continuam na geladeira esperando um trabalho de restauração extremamente demorado. O incêndio não apenas dizimou parte da herança cultural da biblioteca – na verdade, as chamas também expuseram uma parte muito menos edificante do passado da biblioteca.

“Depois do incêndio começamos a verificar cada livro da biblioteca. Precisávamos ter uma ideia geral do que havia sido perdido. Examinamos os velhos diários para ver quando e como os exemplares tinham sido adquiridos. Os diários não sugeriam expressamente nada ‘ilegal’, mas havia indícios que nos fizeram ficar desconfiados de que os livros não tinham entrado para o acervo de maneira adequada, se é que se pode dizer assim... Havia carimbos, correspondências e outras coisas que indicavam algo do gênero.”

A investigação mostrou que mais de 35 mil livros que foram acrescentados ao acervo entre 1933 e 1945 tinham procedência “duvidosa”. Essa informação forçou a Biblioteca Anna Amalia e a Klassik Stiftung Weimar a reavaliarem totalmente a história e o papel da biblioteca durante a guerra. Hans Wahl há muito tempo é visto como o salvador de Weimar e continua sendo uma figura controversa na história da cidade – tão controversa que recentemente foi organizada uma conferência de pesquisadores para investigar sua história.

Depois da guerra, Hans Wahl conseguiu convencer as autoridades soviéticas de que era inocente, apesar de ter sido membro do Partido Nazista e de ter feito repetidas afirmações agressivas contra os judeus. Wahl não só conseguiu manter o emprego no novo regime como, em 1945, foi promovido a vice-presidente de um novo organismo cultural criado para a reconstrução democrática da Alemanha, cuja primeira tarefa foi livrar o país da influência fascista.^[17] Em 1946 ele também foi colocado à frente do Arquivo Nietzsche, em Weimar.

Os defensores de Wahl sugeriram que ele fez jogo duplo

durante a era nazista para salvar a herança cultural de Weimar. No fundo da alma, diz essa versão, ele era um democrata que guiou a cidade em seu período mais difícil, fazendo os acordos políticos que acreditava serem necessários. Depois da guerra, Wahl afirmou que seu propósito o tempo todo tinha sido “proteger a imagem de Goethe durante esse período”.[18] Por outro lado, a imagem de Wahl como um “nazista involuntário” se tornou cada vez mais difícil de defender. Cinco anos antes de os nazistas chegarem ao poder na Alemanha ele já tinha se envolvido na formação da seção de Weimar da Liga Militante para a Cultura Alemã, de Alfred Roosenberg.

Novas informações sobre o acervo da Anna Amalia que vieram à tona recentemente tornaram ainda mais fraca a defesa de Wahl. A capacidade dele de se safar com tanta tranquilidade, para não dizer completamente imaculado, depois da guerra explica-se, em parte, pelo interesse do novo regime em ganhar legitimidade, bem como nos casos da República de Weimar e do Terceiro Reich, fazendo uso de Goethe. Mais uma vez a essência de Goethe seria moldada em uma nova forma. Wahl, que uma década antes tinha transformado Goethe em antissemita, agora transformaria o poeta em um herói socialista.

Hans Wahl morreu de infarto no ano do bicentenário de Goethe, em 1949. Como reconhecimento aos seus cuidados com o legado espiritual do poeta, teve direito a um funeral com honras de Estado e foi enterrado ao lado de Schiller e de Goethe no Historische Friedhof, em Weimar. A rua que leva ao Arquivo Goethe e Schiller no outro lado do Park an der Ilm foi batizada em sua homenagem, e até hoje leva seu nome.

“Ainda se fala muito dele em Weimar. Para alguns ele é um herói, e para outros... Bom, ele não é alguém que deva ser visto dessa forma. A verdade é que os comunistas precisavam de gente como Wahl. Eles precisavam de Weimar. As brigadas de caça a troféus do Exército Vermelho roubaram obras de arte e objetos ligados à cultura em toda a Alemanha, mas deixaram a cidade intacta. Como se Weimar fosse um lugar sagrado”, Knoche me conta.

Hoje, três *experts* em origens de acervo investigam todos os milhões de livros, documentos, cartas, obras de arte e outros objetos que estão sob a guarda da Klassik Stiftung Weimar. Pego o elevador no andar superior onde fica a sala de Knoche. Ele desce, passando pelo saguão de entrada, pelo subsolo, e desce ainda mais. Debaixo do castelo, os institutos, a biblioteca, os salões onde se serve cerveja e as alamedas inclinadas de pedras, como longas e estreitas catacumbas, se estendem em uma rede subterrânea. É um lugar bonito, com as lâmpadas refletindo no chão reluzente. A maior parte do acervo, hoje em dia, fica nesse complexo subterrâneo – onde a luz, o ar e a temperatura são controlados.

Dois dos pesquisadores da fundação encarregados de investigar a origem do acervo, Rüdiger Haufe e Heike Krokowski, me mostram uma prateleira ao longo da parede de um corredor bastante comprido. Ali eles mantêm seus “achados”.

Assim como os bibliotecários da Stadtbibliothek de Berlim, Hans Wahl aceitou a oportunidade única que se apresentou para expandir o acervo. Haufe e Krokowski pegam alguns livros da

prateleira e me mostram os belos ex-líbris de famílias judias que moravam em Weimar. Alguns dos livros foram “presentes” da Gestapo ou do partido. Outros vieram da estação central de triagem da Preussische Staatsbibliothek, em Berlim. Quantidades maiores foram compradas de livreiros inescrupulosos que tinham feito bons negócios com judeus em fuga, de Viena e outros lugares.

Mas Hans Wahl também ficou de olho em coleções particulares – mais especificamente, o acervo do comerciante judeu Arthur Goldschmidt, que fez fortuna produzindo ração animal. A verdadeira paixão de Goldschmidt eram os livros. Na época em que os nazistas chegaram ao poder, ele tinha uma biblioteca de mais ou menos quarenta mil volumes. A joia dessa biblioteca era uma coleção única, e bem conhecida, de mais ou menos dois mil almanaques antigos dos séculos XVII a XIX. Goldschmidt era fascinado pela proliferação, nessa época, de almanaques ilustrados sobre vários temas, de balé e carnavais até insetos e agricultura.^[19] Muitas vezes os almanaques eram destinados a certos grupos e serviam como referência para saber as datas de festivais importantes e da floração de certas plantas. Também se publicavam almanaques literários, em que havia textos de poetas e escritores. Como era de esperar, Goethe, que se interessou pelo formato, publicou alguns almanaques, cujas primeiras edições Goldschmidt tinha conseguido obter. Em 1932, Goldschmidt publicou uma bibliografia sobre o tema, com o título *Goethe im Almanach*, uma publicação que não passou despercebida a Wahl. Por acaso faltavam ao acervo do Arquivo Goethe e Schiller exatamente esses almanaques. Poucos anos

depois, Wahl teve sua chance quando a empresa de Arthur Goldschmidt foi confiscada pelo Estado. Em nome de sua própria sobrevivência, Goldschmidt foi forçado a vender sua coleção para o Arquivo Goethe e Schiller. O próprio Goldschmidt estimava que o valor da coleção fosse de pelo menos 50 mil marcos. Wahl informou que o arquivo não tinha como pagar mais do que 1 marco por almanaque. Goldschmidt devia estar disposto a “fazer um sacrifício” para ver seu acervo levado ao renomado arquivo, Wahl argumentou.^[20] Como tantos outros judeus na Alemanha dos anos 1930, Goldschmidt não estava em uma posição decente para barganhar. Era impossível tirar uma coleção tão conhecida do país, e a família estava começando a ficar sem recursos. A única opção era aceitar a oferta de Wahl. Wahl, em um relatório interno, pôde confirmar com satisfação que o negócio “tinha sido excepcionalmente vantajoso, resultando em um acréscimo muito desejável à fraca coleção de almanaques do arquivo”. Ele também mencionou como o arquivo havia conseguido comprar a coleção por um preço tão modesto: “pela óbvia razão de que *Herr Goldschmidt* era judeu”.^[21] Perto do fim da década de 1930, a família conseguiu abandonar a Alemanha nazista e fugir para a América do Sul, onde Goldschmidt morreu, empobrecido, na Bolívia.

Depois da guerra, os almanaques foram transferidos do Arquivo Goethe e Schiller para a Biblioteca Anna Amalia.^[22] A origem desses valiosos almanaques era indicada por um críptico A, que simbolizava o primeiro nome do proprietário. Apenas em 2006, quando a biblioteca começou sua investigação, surgiram suspeitas de que algo estava errado.

“Com a ajuda do escritório de Londres da Comissão para Arte Saqueada na Europa, conseguimos encontrar os descendentes, que vieram ver a coleção”, diz Rüdiger Haufe.

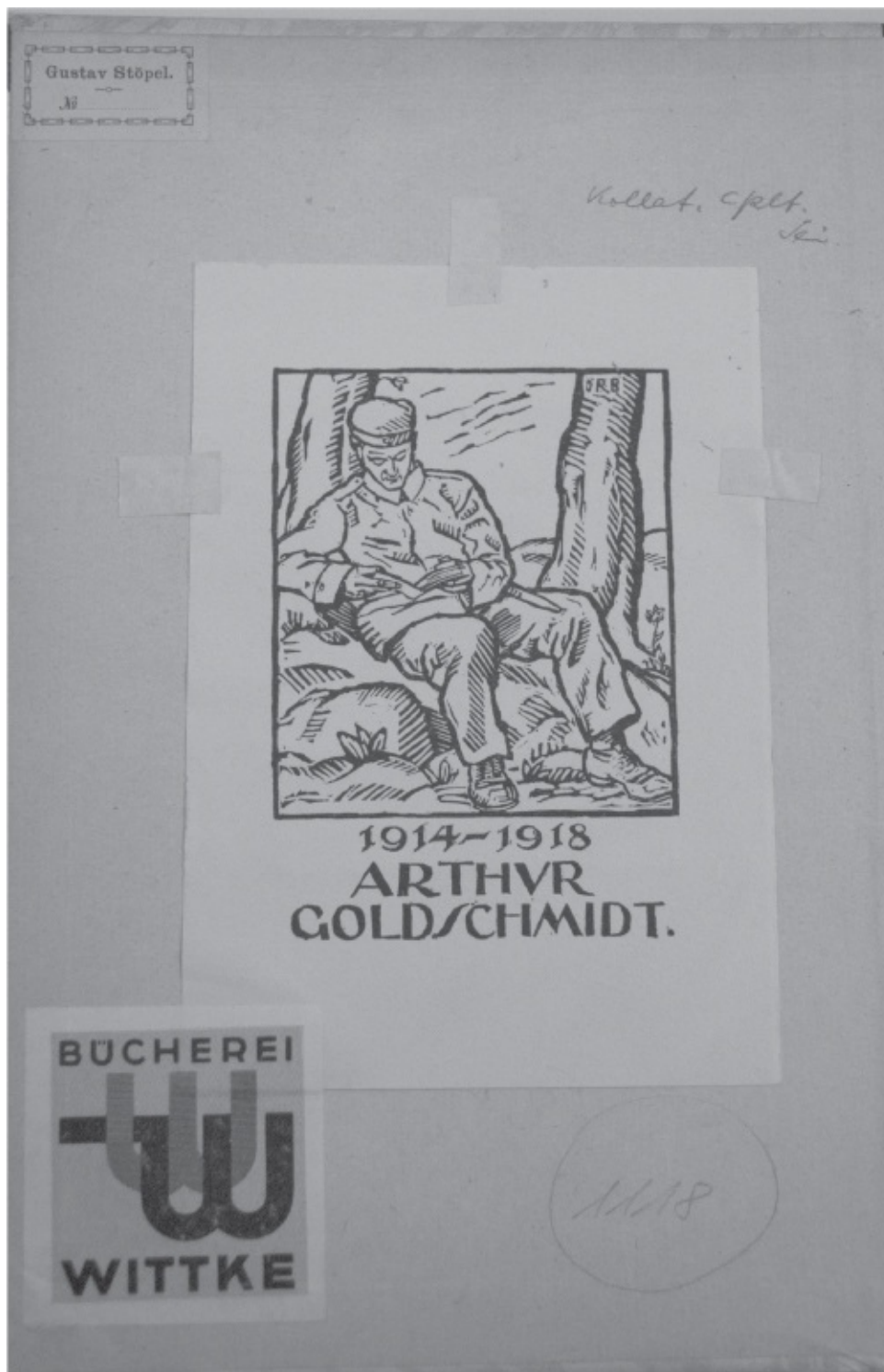
Depois de negociações, as duas partes concordaram que a coleção deveria permanecer em Weimar, mas que a fundação iria compensar a família com base no valor real – o que acabou levando a biblioteca a pagar 100 mil euros pela coleção.

O caso de Goldschmidt é a restituição mais valiosa já feita até hoje por uma biblioteca alemã. Mas, apesar dos quase dez anos de investigações na Biblioteca Anna Amalia, ainda há muito trabalho a ser feito. A biblioteca conseguiu devolver uma pequena quantidade de livros roubados, mas ainda há muitos outros escondidos nas catacumbas sob Weimar. “Planejamos terminar em 2018 a vistoria dos acréscimos feitos entre 1933 e 1945. Mas ainda vamos precisar investigar todos os livros que chegaram ao acervo depois da guerra, até chegar aos nossos dias. Falando francamente, não sei quanto tempo isso vai levar, mas é evidente que vamos precisar pelo menos de mais uma década. Às vezes as pessoas falam disso como sendo um processo que vai durar uma geração inteira”, Michael Knoche me diz antes de eu sair de sua sala.

No subsolo, Rüdiger Haufe e Heike Krokowski continuam tirando livros de uma prateleira e colocando-os sobre uma mesa à minha frente. Como em tantas outras bibliotecas alemãs que estou prestes a visitar, eles querem separar esses exemplares dos demais, também em um sentido físico, como se eles estivessem contaminados. Extraí-los do corpo principal da biblioteca e mantê-los isolados em uma prateleira, a uma

distância segura do restante do acervo, evitando o risco de contágio. Centenas de livros de centenas de acervos.

Haufe me mostra um volume que eles encontraram recentemente, do acervo de Arthur Goldschmidt. Dentro, seu ex-líbris retrata um soldado sentado debaixo de uma árvore, lendo. O marcador de livros está datado 1914-1918. A ilustração é do próprio Goldschmidt, que combateu pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Talvez seja uma memória do consolo que os livros lhe ofereciam nas trincheiras da guerra, uma possibilidade de escapar por um momento para um mundo de sonhos. Todos os livros têm uma história de roubo, chantagem e um destino trágico. Na melhor das hipóteses, pode ser a história de uma fuga, de alguém que pagou pela própria vida – mas, no pior caso, pode ser uma história de pessoas que não deixaram qualquer rastro além desses livros. Pergunto a esses dois homens o que eles vão fazer com os livros que ficaram para trás, sem possibilidade de encontrar uma casa para onde voltar. Haufe e Krokowski se entreolham; parece que esse pensamento nunca lhes ocorreu. Eles encolhem os ombros, como se dissessem: “Não sei”. Talvez eles acabem simplesmente ficando onde estão.



Ex-líbris do colecionador Arthur Goldschmidt, uma ilustração de sua própria experiência como soldado alemão no front da Primeira Guerra Mundial. Entre outros itens, a Biblioteca Duquesa Anna

Amalia, em Weimar, adquiriu a valiosa coleção de almanaques literários dele.

CAPÍTULO 4

A biblioteca de Himmler

Munique

À primeira vista, o colosso amarelo na Ludwigstraße, em Munique, parece uma fortaleza ameaçadora, com fachadas sem ornamentos e janelas pequenas, em fendas. O edifício grande e maciço, que abriga a Bayerische Staatsbibliothek, ocupa um quarteirão inteiro. O historiador Stephan Kellner, um sujeito com cabelos negros eriçados e um brinco em uma das orelhas, me encontra na entrada.

“Esse é o caminho mais fácil”, ele diz, me guiando pela fortaleza. Contornamos o prédio, cruzamos o parque malcuidado que fica atrás da biblioteca. Na extremidade há uma casa pequena, revestida até certa altura com heras. Do outro lado, vê-se o Jardim Inglês, onde em 1937, Adolf Hitler inaugurou seu museu, o Haus der Deutschen Kunst. Nos últimos dez anos, nessa pequena casa atrás da Bayerische Staatsbibliothek, Kellner e seus colegas examinam o enorme acervo da biblioteca, com foco nos roubos ocorridos no período do Terceiro Reich. O

acervo, de cerca de dez milhões de volumes, foi construído com base na Biblioteca Estadual da Baviera e, já no século XVI, era considerada a melhor biblioteca ao norte dos Alpes. Seu acervo histórico é um dos mais renomados do mundo, com uma das maiores coleções de livros impressos antes de 1500, os chamados incunábulos. Mas como tantas outras bibliotecas alemãs, a Bayerische Staatsbibliothek também carrega um fardo pesado de objetos roubados.

“Isso não é um *hobby* para mim, é uma espécie de obrigação. Tem a ver com a história da minha família; meu avô era judeu. Ele viveu aqui, mas foi forçado a emigrar para a Colômbia. É por isso que vejo como um dever pessoal trabalhar nisso”, Kellner diz, me levando a uma sala onde livros foram colocados de modo muito organizado sobre uma grande mesa.

Antes da visita, mandei a Kellner uma lista de desejos, porque, na verdade, a Bayerische Staatsbibliothek é dona de uma coleção singular – alguns dos primeiros livros roubados pelos nazistas. Como a biblioteca ficava exatamente na cidade em que o nacional-socialismo nasceu, uma cidade que desde 1936 foi governada por Rudolf Buttmann, o nazista que tinha a carteira número quatro de integrante do partido, a Bayerische Staatsbibliothek teve oportunidades particularmente boas para participar da pilhagem. Algumas das primeiras coleções que chegaram aqui nos anos 1930 pertenciam às mais destacadas famílias judias em Munique. Também vieram livros de grupos religiosos, lojas maçônicas e outros grupos atacados pelos nazistas.

“Foram poucas as bibliotecas completas que acabaram aqui.

Os bibliotecários basicamente escolhiam os livros mais raros, as primeiras edições do século XVIII ou cópias de obras que a biblioteca não tinha”, Kellner me diz.

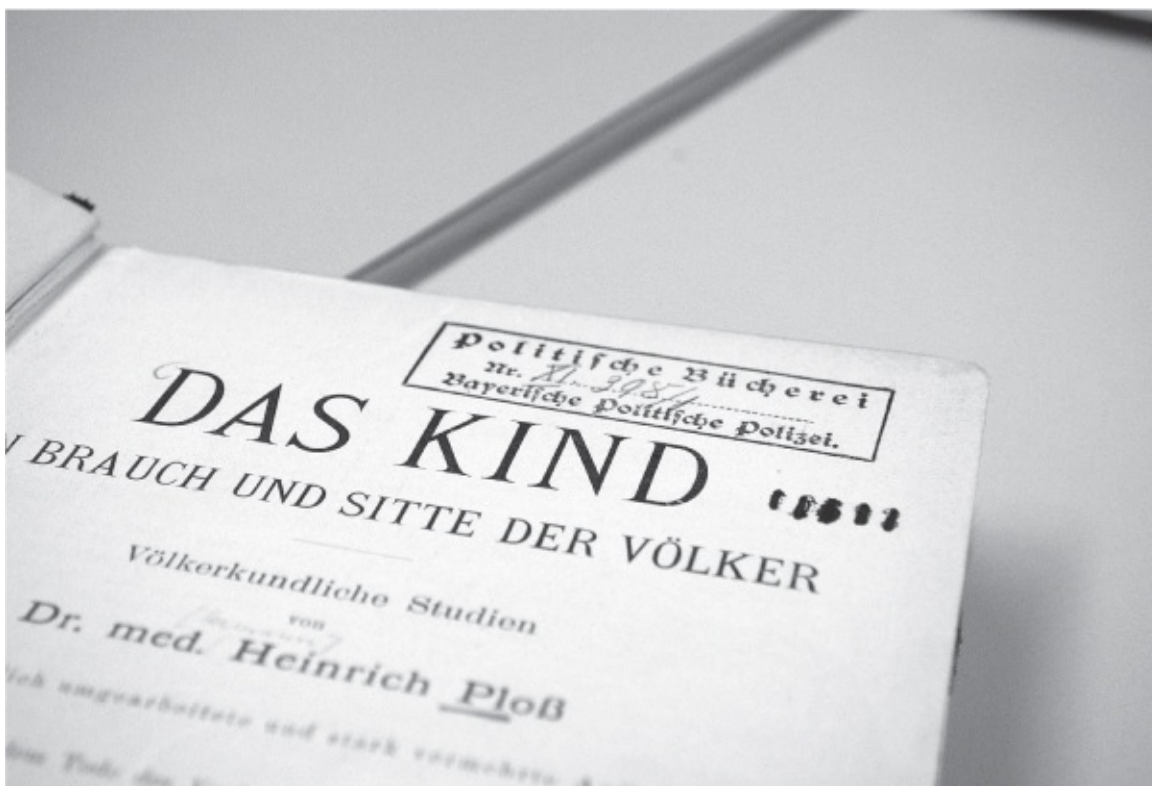
Livros do acervo particular de Thomas Mann, entre outros, acabaram na Bayerische Staatsbibliothek. Esses foram roubados da casa do escritor, que fica bem perto da biblioteca, às margens do rio Isar, do outro lado do Jardim Inglês. Enquanto estava fora do país dando uma palestra na primavera de 1933, Thomas Mann soube de uma onda de prisões de intelectuais na Alemanha. Sua família aconselhou-o a não voltar, e Mann se estabeleceu temporariamente na Riviera Francesa. Seis meses depois, a casa de Mann na Poschingerstraße foi confiscada.^[1]

Depois do fim da guerra, o Exército americano entregou um acervo que era uma verdadeira colcha de retalhos com cerca de trinta mil volumes à Bayerische Staatsbibliothek. Alguns deles estavam dispostos à minha frente, abertos nas primeiras páginas, e essa foi a primeira vez que vi certos carimbos que não deixam muita dúvida ou espaço para interpretação. Na folha de rosto de um livro intitulado *Polnische Juden* [Judeus poloneses] vi um texto em tinta de carimbo preta: “Reichinstitut für die Geschichte des neuen Deutschland” [Instituto Nacional para a História da Nova Alemanha, chefiado pelo historiador Walter Frank]. Esse texto circunda o brasão do estado nazista, uma águia de asas abertas segurando nas garras uma grinalda decorada com suásticas. No livro *Das Deutsche Volksgesicht* [O rosto do povo alemão] há outro carimbo da águia alemã, dessa vez maior, oval e circundada pelas palavras “Ordensburg Sonthofen Bibliothek”, uma das escolas de elite do Partido

Nazista. É um livro de fotografias, com muitas imagens em preto e branco mostrando rostos de alemães enrugados, com expressões sérias, muitos deles de perfil com o nariz delineado claramente. O último carimbo que vejo nos livros em exposição é bem mais simples – um retângulo azul com o texto “Politische Bücherei. Bayerische Politische Polizei” [Biblioteca Política. Polícia Política da Baviera].

Os livros sobre a mesa são fragmentos, cacos do início de uma história que mostra a ambição que acabaria levando ao maior roubo de livros do mundo. Talvez seja possível ver nesses livros resquícios arqueológicos desse plano, que partiu de institutos de pesquisa e de escolas de elite e se tornou uma guerra ideológica conduzida por órgãos policiais. É possível descrevê-los como “cacos iniciais” porque esses carimbos representam as primeiras tentativas do regime de estabelecer um programa ideológico de aquisição de conhecimento, que se propunha não só a estudar seus inimigos, mas também a construir uma nova cultura de base ideológica de pesquisa e educação no Terceiro Reich.

À medida que o tempo passava, esses esforços fragmentários se ampliavam e eram substituídos por projetos cada vez maiores e mais ambiciosos, acompanhando o rápido êxito do Terceiro Reich.



Livro com carimbo da Bayerische Politische Polizei, chefiada por Heinrich Himmler a partir de 1933. A polícia secreta bávara foi usada como modelo para a máquina de terror que Himmler construiu nos anos 1930.

A característica comum desse modo de ver as coisas era uma obsessão frenética pela aquisição e pela posse do conhecimento. Os livros sobre a mesa são sobras, componentes de uma série de novas bibliotecas que o regime nazista tinha começado a construir no início da década de 1930.

Como esse acervo de livros de organizações completamente distintas foi reunido e acabou na Bayerische Staatsbibliothek continua sendo um mistério até hoje, de acordo com Stephan Kellner. O mais provável é que os livros tenham sido confiscados

pelos Aliados ocidentais de várias instituições, autoridades e organizações do Terceiro Reich. Muitos dos livros foram levados para os Estados Unidos, enquanto outros foram entregues a bibliotecas alemãs para reconstruir o que havia sido destruído durante a guerra.

“Vemos muitos carimbos nessa coleção, de diversas organizações do Terceiro Reich. Havia conflitos constantes e rivalidades por causa desses livros. Construir uma biblioteca própria virou uma espécie de indicador de *status* no movimento nazista. Colecionar livros era uma mania. O fundamento disso está na ideia da ideologia totalitária, no desejo de controlar todos os aspectos das vidas dos cidadãos. O mesmo pensamento totalitário se aplicava às ciências, em que houve uma tentativa de redefinir todas as áreas. Tudo tinha de ser nacional-socialista. Tudo, em todo lugar. Eles não só se esforçavam para substituir estruturas e sistemas antigos como também queriam criar modelos totalmente novos. Não bastava ‘nazificar’ uma universidade tradicional. Eles tinham que fundar uma nova escola, em um novo prédio, com um nome novo e ensinar uma nova ideologia”, Stephan Kellner me diz, antes de passar ao significado de *Mein Kampf* na sociedade alemã. “Essa necessidade de substituir tudo, de fazer tudo do zero, tinha aspectos quase religiosos. Antes os casais recebiam uma Bíblia de presente no casamento, mas agora se dava um exemplar de *Mein Kampf*. Esse é um exemplo de até que ponto eles estavam dispostos a ir.”

Os livros carimbados são uma clara expressão dessa necessidade totalitária. O carimbo da Bayerische Politische

Polizei (BPP) em um estudo antropológico sobre cuidados na infância indígena chamou a minha atenção, por sugerir que as forças de segurança tinham ambições maiores do que simplesmente estudar comunistas e grupos politicamente subversivos. Na verdade, essa organização de polícia política seria um dos primeiros elementos na construção do órgão que levaria essa filosofia mais longe no Terceiro Reich: a Schutzstaffel, abreviada como ss.

A Bayerische Politische Polizei originalmente fazia parte do sistema policial descentralizado da República de Weimar, no qual os estados tinham seus próprios departamentos de polícia secreta independentes. Esse sistema policial mudaria radicalmente no Terceiro Reich. Quando os nazistas chegaram ao poder em 1933, a BPP em Munique se viu com um novo chefe: um agrônomo de 33 anos chamado Heinrich Himmler.

Himmler cresceu em uma família conservadora católica em Munique. Ele era visto pelos amigos na escola como uma pessoa introspectiva, que não se sentia confortável em sociedade e que não gozava de boa saúde, tendo problemas estomacais que o incomodariam pelo resto da vida. Apesar disso, ele tentou seguir a carreira militar. Para sua grande decepção, jamais teve tempo de ir para o front antes do Armistício, e acabou optando por cursar Agronomia na Universidade Técnica de Munique.

Himmler admirava os *Freikorps*, que esmagaram os comunistas em Munique. Ele começou a se interessar pelos pontos de vista da extrema direita, definidos pelo antissemitismo, militarismo e nacionalismo, ao mesmo tempo

que desenvolvia profundo interesse por religião, ocultismo e mitologia alemã. Ele entrou para o NSDAP em 1923, recomendado por Ernst Röhm, a quem conhecia dos círculos da extrema direita da cidade. Röhm era um herói de guerra condecorado e cofundador e líder do braço paramilitar do partido, conhecido como SA.

Himmler foi lançado diretamente na agitação que se seguiu ao fracassado Putsch da Cervejaria. Ele conseguiu evitar a prisão e ascendeu rapidamente no vácuo criado enquanto o partido era posto na ilegalidade e seus líderes fugiam ou eram presos. Quando o NSDAP foi refundado em 1925, Himmler se tornou membro da SS, um pequeno corpo de guarda-costas de elite dentro da SA cujo principal objetivo era proteger Adolf Hitler de ameaças – incluindo as que vinham de dentro do movimento. De início, essa pequena organização era composta apenas por uma dúzia de homens, mais ou menos. Himmler não era soldado, mas demonstrou talento notável para burocracia, organização e planejamento. Ele também parecia ter uma visão clara sobre o que deveria ser a SS. Em 1927, ele contou a Hitler sobre seus planos de transformar a SS em uma força de elite racialmente pura, um grupo leal militarmente, e em uma ponta de lança ideológica que responderia diretamente ao Führer.^[2] Hitler viu nos planos de Himmler uma forma de criar um contraponto à força da SA, que tinha crescido de modo quase incontrolável durante a República de Weimar.

Com apoio de Hitler, Himmler ascendeu rapidamente dentro da SS, e em 1929 foi nomeado Reichsführer-SS, o chefe da

organização. A essa altura a ss mal tinha 300 membros. No fim de 1933, teria mais de 200 mil membros.^[3]

Diferentemente da SA, que recrutava seus membros principalmente na classe trabalhadora, Himmler preferiu homens bem-educados da classe média. Ele via a ss como uma elite racial e intelectual. Para ser aceito como membro, era preciso conseguir comprovar uma árvore genealógica inquestionavelmente ariana que remontasse a 1750. Normalmente dava-se preferência a pessoas com conhecimento legal, por exemplo. Também era importante ser implacável, fanático, leal e brutal.

A ss foi permeada pelo interesse pessoal que Himmler tinha em história, mitologia e dogma racial. A formação da ss foi inspirada por grupos de elite históricos como os samurais, a Ordem Teutônica e os jesuítas. A ss seria uma classe guerreira ariana cujos integrantes personificariam um novo ser humano, um “super-homem”. Em 1931, Himmler começou a construir o braço de inteligência dentro da ss: a Sicherheitsdienst des Reichsführers-ss – normalmente abreviada como SD.

Depois da transferência de poder em 1933, teve início o processo de fusão da antiga máquina de inteligência da República de Weimar com a rede de inteligência do próprio partido. Na época, a ss recebeu poder virtualmente ilimitado para se expandir e se infiltrar na sociedade alemã. Himmler em breve controlaria todas as forças policiais da Alemanha.^[4]

A considerável expansão da ss nos primeiros anos da década de 1930 inevitavelmente colocou-a em rota de colisão com a

organização da qual ela tinha se originado, a SA, que em 1933 tinha se transformado na maior força militar da Alemanha, com mais de 3 milhões de membros. Adolf Hitler, suspeitando que Ernst Röhm planejava um golpe para depô-lo, secretamente deu a Himmler a missão de fazer um ataque preventivo à SA. Nos últimos dias de junho de 1934, a SS atacou a liderança da SA, mostrando a eficiência e a brutalidade que se tornariam marcas registradas da organização. Cerca de duzentas pessoas dos altos escalões da liderança da SA foram presas ou assassinadas naquilo que ficou conhecido como a Noite das Facas Longas.

A polícia secreta estadual mudou seu nome para Gestapo, que também era o nome do departamento de polícia secreta de Berlim, criado por Hermann Göring. A essa altura, a SD já tinha transferido seu quartel-general de Munique para a capital. Associada a esse movimento estava a confecção de um inventário de livros confiscados, que indicava que o acervo já passava de 200 mil livros.^[5]

Em 1936 uma nova espécie de biblioteca começou a se formar no novo quartel-general da SD em Berlim. Desde que os nazistas chegaram ao poder, a polícia secreta estadual e a SD vinham observando vários setores do mercado livreiro. Absolutamente tudo, de crítica literária, bibliotecas, edição de livros e importação de livros, até a prisão e o assédio de escritores, livreiros, editores e donos de editoras estavam sob escrutínio. Centenas de milhares de livros tinham sido roubadas dos inimigos do regime. Por outro lado, não havia um plano coerente

sobre o que fazer com toda essa literatura. Parte dos livros foi doada para bibliotecas, outra parte era capturada por diversas organizações de maneira mais ou menos estruturada. Não obstante, em 1936, a SD oficialmente criou uma biblioteca de pesquisa para literatura politicamente indesejável em Berlim, e bibliotecários foram contratados para começar a catalogar o acervo.^[6] Ao mesmo tempo, Himmler emitiu uma ordem para todos os departamentos de polícia secreta da Alemanha. Eles deviam vistoriar seus acervos de livros confiscados e imediatamente enviar esse material para a Zentralbibliothek für das gesamte politisch unerwünschte Schrifttum, uma biblioteca de literatura sobre “políticos indesejáveis”. O conteúdo da biblioteca logo se expandiu, passando a incluir todo tipo de literatura que tivesse algum tipo de ligação com os “inimigos do Reich” – por exemplo, escritores que de um ou outro modo tinham se oposto à ideologia nazista. De acordo com uma testemunha, em maio de 1936 a biblioteca já tinha entre 500 mil e 600 mil volumes.^[7]

Depois de 1936, a chegada de novos livros aumentou enormemente como consequência da intensificação geral da perseguição aos “inimigos internos” do Reich. Em meados de 1937, a SD passou a atacar também igrejas e congregações. O regime atacou aquilo que via como “atividade política” dentro da Igreja. Alguns achavam que a Igreja trabalhava contra a ideologia nazista e que portanto deveria ser banida, mas Adolf Hitler não estava disposto a ir tão longe. A perseguição foi mais dura contra católicos, grupos evangélicos e sacerdotes que se opunham ao regime. E depois da anexação da Áustria em março

de 1938, a ss comandou uma varredura em todo o país contra inimigos políticos e ideológicos. O Einsatzkommando Österreich, um grupo de comando especial da SD, confiscou bibliotecas e arquivos de organizações, departamentos de governo, partidos, instituições e indivíduos. Em maio a organização enviou um trem para Berlim com cerca de 130 toneladas de livros e documentos confiscados.

No fim de 1938, houve uma onda de novos acréscimos ao acervo, em função de outro evento dramático – a Noite dos Cristais [Kristallnacht]. Em um *pogrom* que ocorreu em todo o país em novembro de 1938, mais de mil sinagogas foram incendiadas, e mais de vinte mil judeus foram presos e enviados para campos de concentração.^[8] Isso também fez surgir uma nova onda de fogueira de livros na Alemanha nazista, dessa vez destinada a queimar literatura religiosa judaica. Em centenas de cidades, bibliotecas de sinagogas foram saqueadas por nazistas e moradores locais, que levaram rolos da Torá, Talmudes e livros de oração para as ruas, rasgaram-nos, pisaram neles e os incendiaram. Assim como em 1933, a destruição da literatura teve um ritual, uma atmosfera festiva que em muitos casos atraiu milhares de espectadores e participantes. Na pequena cidade de Baden, nazistas marcharam pelas ruas com rolos de Torá antes de jogá-los no fogo. Em Viena, bairro judeu, os textos e os artefatos religiosos de várias sinagogas foram empilhados e queimados. Em Hesse, rolos da Torá foram abertos nas ruas, enquanto crianças da Juventude Hitlerista passavam de bicicleta sobre os textos sagrados. E na pequena cidade de Herford, no oeste da Alemanha, crianças usaram os textos para produzir

confetes para uma festa popular. Em outros lugares, os textos judaicos supostamente foram usados como papel higiênico, ou como bola para jogos de futebol. Em Frankfurt, judeus foram forçados a rasgar e queimar rolos da Torá e outros escritos religiosos.^[9]

Mas apesar da gigantesca destruição, muitos acervos foram salvos por uma mão inusitada. Assim como em 1933, quando as partes mais importantes da biblioteca e do arquivo do Institut für Sexualwissenschaft foram salvas das chamas pela SA, algumas das coleções judaicas mais importantes escaparam da pilhagem generalizada da Noite dos Cristais. Por uma ordem secreta, vários arquivos e bibliotecas especialmente valiosos foram removidos.^[10] Mais de 300 mil livros de setenta diferentes congregações judaicas, incluindo a Israelitische Kultusgemeinde, no bairro Viena, e o Seminário Teológico Judaico de Breslau, foram confiscados e levados para Berlim.

Em 1939, houve uma ampla reorganização do crescente aparato de segurança do regime, o que levou à criação do Escritório Central de Segurança do Reich: Reichssicherheitshauptamt (RSHA), uma superorganização em que instituições policiais e de inteligência como a Gestapo, a SD e a Kriminalpolizei eram reunidas para combater os inimigos do Estado. A biblioteca que a SD havia começado a construir em Berlim acabou no novo departamento Amt II (segundo escritório) da RSHA, encarregado da investigação de inimigos políticos. Franz Six, um SS-Brigadeführer, foi escolhido para chefiar a seção. Como chefe do Amt II, Six descreveu da seguinte maneira

o propósito da biblioteca: “Para compreender as armas espirituais de nossos inimigos ideológicos, é necessário mergulhar a fundo nos escritos por eles produzidos”.^[11] No entanto, essa biblioteca de pesquisa em breve passaria para uma seção completamente diferente da RSHA, da qual Franz Six ficou encarregado. O escritório sete, Seção VII, era uma divisão de pesquisa mais especificamente dedicada à “pesquisa e avaliação ideológica”.^[12]

Somente com o início de guerra a RSHA tem sua grande oportunidade de saquear livros. No fim de 1939 chegaram os primeiros despojos, seis vagões cheios de literatura judaica vinda da Polônia. Esses livros tinham sido retirados de apenas uma biblioteca pertencente à Grande Sinagoga de Varsóvia. Milhares de bibliotecas acabariam sendo saqueadas somente na Polônia.^[13] A atividade da Seção VII acabou se tornando ampla a ponto de precisar ser transferida para duas lojas maçônicas confiscadas na Eisenacher Straße e na Emser Straße, em Berlim. A biblioteca da Seção VII acabou sendo formada por uma série de departamentos que se concentravam em vários inimigos. O maior de todos era o departamento de literatura judaica. Também havia o departamento de literatura sindical, anarquista, comunista e bolchevique, assim como um departamento de literatura pacifista e cristã, entre outros dedicados também a seitas e minorias.

Em geral, a biblioteca da Seção VII reflete os temas pelos quais o próprio Himmler se interessava, não se restringindo meramente aos “inimigos do Estado” – era um reflexo da visão

de mundo de Himmler e da ss. As inclusões mais curiosas da biblioteca da RSHA eram as seções dedicadas ao ocultismo. A relação da ss com o ocultismo em geral tem sido explorada pela cultura popular, em documentários e livros que muitas vezes tendem para o sensacionalismo. No entanto, a inclusão de livros sobre ocultismo na biblioteca da RSHA é uma prova da seriedade com que o tema era encarado na ss. Uma “biblioteca ocultista” já vinha sendo organizada na SD antes da criação da RSHA. Isso serviu como base para uma biblioteca dedicada ao assunto: a Zentralbibliothek der okkulten Weltliteratur.^[14] Ela incluía, entre outras coisas, uma seção chamada Sonderauftrag H, com foco nas artes mágicas e encantamentos. Havia um acervo de livros sobre ciências ocultas, *Geheimwissenschaftlichen*, e outras obras sobre teosofia, seitas e astrologia. Grande parte dessa literatura remonta à pilhagem das lojas maçônicas. Outra seção, a Sonderauftrag C, tratava de assuntos pseudorreligiosos e também contava com um grande acervo pornográfico e de literatura sobre sexologia. No entanto a ss não se limitava a roubar livros para a Seção VII – paradoxalmente, ela também roubava seres humanos. Vários estudiosos e intelectuais foram raptados e levados aos depósitos de livros da RSHA em Berlim, onde eram forçados a trabalhar em bibliotecas, às vezes elucidando para a ss textos escritos em hebraico e iídiche.

A biblioteca ou, melhor dizendo, as bibliotecas da Seção VII da RSHA eram manifestações bastante tangíveis das ambições amplamente totalitárias da ss e de Himmler. A pesquisa em andamento na RSHA não cuidava apenas de melhorar a

compreensão que os nazistas tinham sobre seus inimigos para poder superá-los de maneira mais eficiente – a intenção também era injetar conhecimento no desenvolvimento ideológico e intelectual da ss. A ss estava em guerra contra aquilo que via como o intelectualismo judeu, o modernismo, o humanismo, a democracia, o Iluminismo, os valores cristãos e o cosmopolitismo. Mas essa batalha não era travada apenas por meio de prisões, execuções e campos de concentração. Certamente não é coincidência o fato de Heinrich Himmler ver sua organização como um equivalente nacional-socialista da ordem jesuíta, que, depois da propagação do protestantismo no século XVI, foi uma espécie de ponta de lança da Contrarreforma católica. De acordo com a visão de mundo de Himmler, a ss teria o mesmo papel de funcionar como um bastião contra os inimigos da ideologia nazista. O risco de ver a relação entre nazismo e conhecimento por um único ponto de vista é que isso pode ocultar algo ainda mais perigoso: o desejo da ideologia totalitária de governar não apenas as pessoas, mas também seus pensamentos. Há uma tendência em ver os nazistas como destruidores desvairados de conhecimento. Também é verdade que muitas bibliotecas e arquivos se perderam ainda sob o controle do regime, ou por destruição sistemática ou indiretamente em consequência da guerra. Apesar disso, a pergunta que devemos fazer é a seguinte: o que é mais assustador, a destruição do conhecimento por um regime totalitário ou seu desejo de possuí-lo?

CAPÍTULO 5

Um guerreiro contra Jerusalém

Chiemsee

A hora sagrada para os alemães chegará quando o símbolo de seu novo despertar – a bandeira com a suástica – tiver se transformado na única verdadeira profissão de fé do Reich.

Alfred Roosenberg

Com o suave tremor de um balanço a balsa deixa o cais do porto sob a vila de Prien. Peguei um lugar bem na popa, a céu aberto, para ter uma boa vista. O deque logo se encheu de aposentados com roupas de cores neon e de adolescentes em idade escolar sentados uns sobre os outros, competindo por um lugar ao sol. Centenas de barquinhos brancos no lago fazem o melhor que podem para aproveitar a leve brisa. Viajei rumo ao sudeste por uma hora em um trem que partiu de Munique, chegando ao ponto em que a paisagem agrícola começa a ser substituída por colinas suaves e depois gradualmente por vales e montanhas – o

coração da Baviera, com suas casas em estilo enxaimel, colinas verdes e os Alpes cobertos por neve. No meio do caminho entre Munique e Berchtesgaden, onde ficava Berghof, o retiro de Adolf Hitler nas montanhas, fica o lago Chiemsee. Um grande e límpido lago azul alimentado pelas neves derretidas dos Alpes, o Chiemsee também é chamado de mar Bávaro. Stephan Kellner, da Bayerische Staatsbibliothek, mostrou-me no mapa o lugar que vim visitar, um lugar que fica do outro lado do Chiemsee.

Ainda não saímos da baía que banha Prien, mas o cenário já impressiona. No extremo sul do lago fica o trecho dos Alpes conhecido como Chiemgauer Alpen, cujos picos avançam mais de um quilômetro e meio rumo ao céu. Além deles fica a Áustria. Depois de uma breve travessia a balsa atraca em Herreninsel, a maior ilha do Chiemsee. Os aposentados e os estudantes desembarcam e andam por um trapiche longo e esquelético até chegar, já em terra firme, ao local da ilha que chama a atenção, o Palácio de Herrenchiemsee.

O palácio foi construído no final do século XIX pelo psicologicamente instável rei Ludovico II da Baviera para ser uma cópia mais ou menos idêntica do Palácio de Versalhes de Luís XIV, apesar das dimensões reduzidas. Ludovico II morreu antes de o palácio ficar pronto, e o trabalho foi imediatamente abandonado em função da absurda quantidade de dinheiro que o rei já havia investido ali. De minha parte, estou aqui para ver o projeto de outro lunático à beira do Chiemsee, que também nunca chegou a ser aproveitado – um edifício do qual nenhum tijolo jamais chegou a ser assentado. Esse provavelmente é o

motivo para que eu tenha ficado na balsa sozinho enquanto as senhorinhas desembarcavam lentas, mas cheias de ansiedade para ver Herrenchiemsee, mergulhadas nas descrições de seus guias turísticos sobre a Sala dos Espelhos e o maior candelabro do mundo feito de porcelana de Meissen.

Depois de a balsa contornar Herreninsel, a vista se amplia, e já enxergo a terra firme do outro lado do lago. Ao mesmo tempo, também consigo ver o local desse monumento invisível, entre a vila de Chieming no sul e Seebruck, na margem norte do lago, num ponto de onde sai um promontório. O local escolhido para o projeto da universidade de Alfred Roosenberg, a Hohe Schule der NSDAP, foi escolhido com cuidado. A autoestrada ondula ao longo da margem do Chiemsee e do sopé das colinas de Chiemgau, uma ligação entre as regiões leste e oeste no sul da Alemanha. A construção da estrada começou em 1934 como parte de um vasto sistema de autoestradas, o Reichsautobahn, que ligaria toda a Alemanha por vias de asfalto.

Depois da anexação da Áustria em 1938, a autoestrada começou a ser estendida até Viena, como modo de unir o reino-irmão à Alemanha. Para quem viajasse indo para o sul por essa estrada, só seria possível ver o prédio quando se avistasse o lago. Apesar de a universidade jamais ter sido construída, ainda é possível imaginar como ela impactaria os olhos de um contemporâneo. Os desenhos do arquiteto e as fotografias da maquete foram preservados na Biblioteca do Congresso, em Washington.^[1] Roosenberg encarregou Hermann Giesler – ao lado de Albert Speer, o mais renomado arquiteto da Alemanha nazista – do projeto do edifício. As plantas e as maquetes

indicam que seria um complexo monumental, com vários edifícios interconectados. O que imediatamente salta à vista é o edifício principal, onde uma torre semelhante a um arranha-céu se eleva quatro vezes mais em relação ao entorno. A parte superior da torre tem o formato de um templo clássico. É um exemplo do estilo arquitetônico dominante do Terceiro Reich, um neoclassicismo de proporções monumentais, quase brutais. Os edifícios deveriam impressionar e intimidar o observador, levando-o à submissão.

“A Hohe Schule um dia será um centro para pesquisas e reflexão sobre o nacional-socialismo e sobre ideologia afirmou Adolf Hitler.^[2]

Embora o edifício jamais tenha sido construído, outro aspecto do projeto da Hohe Schule certamente foi implantado. Afinal, a escola na margem leste do Chiemsee era uma mera manifestação arquitetônica, a estrutura física para um projeto de pesquisa que já estava em andamento havia muito tempo.

Alfred Roosenberg se tornaria o grande concorrente de Himmler em termos de produção ideológica, pesquisa e educação. Os dois se digladiariam em uma intensa batalha pelas bibliotecas e arquivos da Europa. Suas respectivas organizações fizeram vastas operações de pilhagem durante a guerra, usando unidades de assalto especiais e escritórios locais que iam da costa no Atlântico no oeste até Volgogrado no leste, de Spitsbergen no norte até a Grécia e a Itália no sul. Assim como as atividades da Seção VII da RSHA eram influenciadas pelas inclinações de seu chefe e por sua visão de mundo, os diversos projetos de pesquisa e de bibliotecas que couberam à

organização de Roosenberg, a Amt Roosenberg, também seriam um reflexo de seu chefe. Himmler e Roosenberg disputariam o posto de principal fonte ideológica do movimento, mas até certo ponto suas ideias e perfis eram diferentes. Enquanto Himmler tinha uma atração por ideias mitológicas e, até mesmo, inspiradas pelo ocultismo, Roosenberg tinha uma obsessão fanática pelo que entendia ser uma conspiração judaica global. Em relação à produção ideológica, as ambições de Roosenberg eram comparativamente maiores e mais sérias.

A Hohe Schule era uma tentativa grandiosa de estabelecer as fundações para um tipo totalmente novo de ciência e para uma nova espécie de cientista. A visão nacional-socialista da ciência abrangeria e permearia todas as disciplinas – e seria construída com base na compreensão de que havia uma “ciência alemã” singular, definida racialmente.

Mas talvez o projeto mais importante de Alfred Roosenberg tenha sido fornecer à ideologia nacional-socialista uma base filosófica que poderia trazer certo reconhecimento para o movimento, tanto na Alemanha quanto no exterior.^[3] Quando os nazistas assumiram o poder em 1933, o movimento não tinha uma abordagem ideológica completamente desenvolvida; o movimento nacional-socialista continha uma coleção variada de opiniões e grupos que muitas vezes eram contraditórios entre si, indo de nacionalistas conservadores a fanáticos ideólogos raciais. Havia tintas socialistas e tendências sindicalistas. Entre os líderes do partido havia tanto nostálgicos reacionários quanto outros com um perfil comparativamente mais moderno e que, até certo ponto, incluía uma aceitação do modernismo artístico.

Em seu caminho até o poder, o Partido Nazista absorveu uma série de outros movimentos e organizações de extrema direita. Grande parte de seus membros havia antes integrado outros partidos radicais de extrema direita, que abandonaram quando o NSDAP se tornou a força dominante. Forças e grupos diferentes dentro do movimento tentavam levar o tempo todo o partido em diferentes direções políticas. Além de alguns poucos pontos em que tinha posicionamento firme, o nacional-socialismo era subdesenvolvido e, por isso, maleável. Ao longo do período do Terceiro Reich houve diferenças políticas dentro do partido, mas elas se tornaram menos significativas com a passagem do tempo, e a tolerância com a diversidade foi diminuindo. O cerne imutável que mantinha unido esse desordenado movimento político eram basicamente o próprio Adolf Hitler e o princípio de liderança que havia sido moldado com o Führer. Era o chamado Princípio do Führer – obediência cega e absoluta ao líder – o mais importante pilar da ideologia.

Esse princípio se baseava em uma concepção de que os alemães, sem um líder carismático, eram apenas uma massa ingovernável e amorfa; somente depois de estarem totalmente subordinados ao Führer eles se transformariam em um povo unificado com um objetivo e alguém para levá-los até essa meta. De acordo com essa ideia, o líder obtinha legitimidade como sendo a personificação da vontade interior do povo, seu espírito e sua alma. A democracia, por outro lado, era orientada pela vontade popular e não passava de um governo corrompido exercido pela turba, algo como um rebanho de ovelhas sem um pastor.

Sem o princípio da liderança o movimento teria se fragmentado pelos rachas internos e provavelmente jamais teria nem mesmo conseguido se unir. As facções, organizações e líderes dentro do partido estavam em luta permanente, com conflitos que iam de questões sobre como se deveria definir um judeu até discussões sobre o expressionismo alemão. Em última instância, normalmente era Adolf Hitler, e não uma ideologia bem estabelecida, que resolvia as disputas.

Como figura central do culto à liderança, Hitler se transformou em um profeta ideológico, porém sem ser sempre claro em sua visão. Era comum que preferisse se manter afastado de batalhas ideológicas e até mesmo que incentivasse algum grau controlável de rivalidade dentro do movimento como forma de jogar as facções umas contra as outras.

Depois de chegar ao poder em 1933, o partido precisou converter suas visões políticas em práticas políticas. Outro desafio era a quantidade enorme de pessoas entrando para o partido, o que gerava temores de que a máquina política acabasse inundada por oportunistas e infiltrados. Havia uma concepção quase paranoica de que essas pessoas iriam diluir “a verdadeira visão”. A falta de coesão ideológica era, portanto, vista no início dos anos 1930 como um problema cada vez maior. Robert Ley, o Reichsorganisationsleiter – chefe da organização nacional do Partido Nazista – já tinha procurado Alfred Roosenberg, reclamando de uma “séria fragmentação do movimento relativa a como se devia ver o mundo”.^[4] Adolf Hitler também reconhecia o problema da “fragmentação” ideológica. Como seria possível para o partido firmar sua posição

no poder e lidar com a filiação de centenas de milhares de pessoas sem perder sua alma ideológica? Por isso, em 1934 ele encarregou Alfred Roosenberg como responsável pela educação e pelo desenvolvimento espiritual e ideológico do partido. O título oficial de Roosenberg era Beauftragter des Führer für die gesamte geistige und weltanschauliche Erziehung der NSDAP, ou Representante do Führer para toda Pesquisa Espiritual e Ideológica no NSDAP. No mesmo ano foi criada uma organização em Berlim, com o nome de Dienststelle Roosenberg [Seção Roosenberg]; no entanto, a Amt Roosenberg mais tarde seria um nome guarda-chuva para vários projetos, títulos e organizações liderados por Alfred Roosenberg dentro do partido.

O fator que mais consolidou a posição de Roosenberg como principal ideólogo foi sua obra filosófica *O mito do século XX*, publicada em 1930. Ele também reuniu em torno de si uma rede de pesquisadores, ideólogos, *experts* em questão racial e filósofos que muitas vezes eram mais talentosos do que ele próprio – com o objetivo de ajudar a construir, estabelecer e salvaguardar o legado ideológico do nacional-socialismo.

A posição de Roosenberg como ideólogo se baseava em seu *status* como um dos “velhos cavalos de guerra” do movimento que havia sobrevivido, tanto no sentido literal quanto no político. A sobrevivência de Roosenberg se devia em parte à sua lealdade a Hitler, mas também ao fato de que ele jamais chegou a ameaçar a posição de Hitler no partido. Roosenberg não se envolvia em *realpolitik*, era na verdade mais um idealista fanático: “A tragédia de Roosenberg foi crer no nacional-

socialismo”, escreveu o historiador alemão Joachim Fest.^[5]

Em fevereiro de 1917, Alfred Roosenberg, na época com 24 anos, morava em um prédio de apartamentos a uma hora de Moscou. Poucos anos antes ele tinha começado a estudar arquitetura na Universidade Tecnológica de Reval, hoje conhecida como Tallinn. Quando em 1915 o front russo começou a ameaçar a Estônia, a universidade – com seus estudantes e professores – foi rapidamente evacuada para o interior da Rússia imperial. Em 1917, Alfred Roosenberg estava perto de se formar e passava os dias lendo Goethe, Dostoiévski, Balzac e filosofia indiana. O aluno sério e introspectivo parecia estar completamente alienado em relação às tensões sociais da Rússia imperial e à violenta onda revolucionária que estava prestes a varrer o país. “No fim de fevereiro chegaram notícias sobre as greves e os motins do pão, e então um dia aconteceu – a revolução.”^[6]

De início, Roosenberg ficou entusiasmado com a atmosfera; ele chegou a ir a Moscou e se uniu às centenas de milhares de pessoas que se aglomeravam nas ruas em um estado generalizado de “alegria histórica”. Ele descreve em suas memórias a sensação de alívio que teve ao ver o “corrupto” regime czarista finalmente cair. Mas depois que as alegres comemorações foram substituídas por anarquia, desintegração e bolcheviques, a sensação que Roosenberg tivera foi substituída por outra coisa.^[7] Num dia do verão de 1917, o ano da revolução, enquanto ele estava sentado em seu quarto estudando, um sujeito que ele não conhecia entrou e colocou um livro sobre a mesa. Escrito em russo, que Roosenberg falava fluentemente, o

livro continha as atas de uma conferência judaica supostamente realizada em 1897: *Os protocolos dos Sábios de Sião*. Para Roosenberg, esse documento teria importância decisiva. Do ponto de vista dele, o livro retratava o verdadeiro pano de fundo por trás da queda do tzar. A revolução não havia sido instigada por operários alemães e por camponeses que se revoltaram contra o tzar opressor, mas, sim, era parte de uma conspiração planejada pelos judeus.

No século XIX houve ondas de *pogroms* dirigidas contra a população judia da Rússia imperial. O regime tzarista condenou em público os ataques contra os judeus, mas ao mesmo tempo apoiava e incentivava os *pogroms*, numa medida política desesperada de usar o antissemitismo para unir um império multicultural e etnicamente diversificado à beira da implosão. Ao dirigir o ódio aos judeus, havia esperança de que os verdadeiros problemas pudessem ser ocultados. Os instigadores dos *pogroms* tendiam a ser grupos antissemitas e nacionalistas que viam os judeus como elementos “revolucionários”.

A extrema direita russa começou, em um primeiro momento, a explorar os “judeus revolucionários” em sua propaganda, e isso gerou um legado muito influente para o nacional-socialismo. Na virada do século, o célebre serviço secreto tzarista, a Okhrana, produziu um documento que foi amplamente distribuído na Alemanha no entreguerras, exatamente o mesmo documento que acabou nas mãos do jovem Roosenberg em 1917. *Os protocolos dos Sábios de Sião* supostamente traziam as atas de uma conferência secreta realizada no final do século XIX, em que um grupo de judeus

influentes, conhecidos como Sábios de Sião, jurava que iria dominar o mundo. Por meio de infiltração e corrupção, os judeus cooptariam a ajuda de outras pessoas, entre elas capitalistas, liberais, maçons e comunistas, para controlar o mundo, mas ao mesmo tempo se mantendo invisíveis.

Ler o documento foi um momento decisivo da vida de Roosenberg. Ele próprio era parte da minoria dominante que se via ameaçada pela revolução. Ele tinha crescido em Reval e era um germano-báltico, a minoria alemã que havia dominado aquela região desde a Idade Média por meio da Ordem Teutônica e da Liga Hanseática. As cidades eram controladas pela burguesia alemã, e a área rural era dominada pela pequena nobreza alemã, que por muitos anos controlou uma classe basicamente feudal de camponeses bálticos e eslavos. Os germano-bálticos se viam como guardiões de uma cultura mais elevada do que a de seus vizinhos. Como acontece com tanta frequência em comunidades de migrantes, a imagem da terra natal era ao mesmo tempo cultivada e romantizada, um conceito conhecido como *Heimat*. Para Alfred Roosenberg, a Alemanha era um sonho, uma fantasia, uma sociedade de pessoas idealizadas impregnadas do espírito de Schiller e Goethe. O classicismo de Weimar estava no próprio cerne da identidade dos germano-bálticos.

O fato de Roosenberg ter crescido na Rússia czarista multiétnica teria papel decisivo no seu pensamento posterior. O conceito da superioridade dos arianos, da conspiração judaico-bolchevique, e o direito dos alemães de se expandir para leste foram todos produtos desse passado. Mais tarde, em *O mito do*

século xx, ele diria que a Rússia devia ser grata a seus invasores arianos: os vikings, a Liga Hanseática e os germano-bálticos. Sem a presença deles em sua história, a Rússia teria se fragmentado no caos e na anarquia exatamente como aconteceu após a revolução de 1917.^[8]

Os protocolos dos Sábios de Sião confirmariam as ideias e os equívocos desse jovem germano-báltico. Como devotado adepto da alta cultura alemã, ele já tinha lido uma das obras mais influentes da época – que mais tarde tentaria transcrever em versão nacional-socialista – *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* [Os fundamentos do século xix], de Houston Stewart Chamberlain.

Chamberlain, um filósofo cultural britânico, tinha sido seduzido pela cultura alemã na juventude ao estudar em Genebra. Ele se estabeleceu em Bayreuth e casou com Eva von Bülow, enteada de Wagner. Em sua principal obra, com cerca de mil e quatrocentas páginas e publicada em dois volumes perto da virada do século xix, Chamberlain tentava construir um raciocínio ligando o idealismo cultural alemão ao mito racial ariano. Como referência, ele usou o mais importante ideólogo racial do século xix, o conde e diplomata francês Arthur de Gobineau, e sua obra histórico-filosófica *Essai sur l'inégalité des races humaines* [Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas]. Gobineau tentou, de maneira semelhante ao que Carl von Linné fez no reino botânico, dividir a humanidade em raças. Ele acreditava que não era a economia o principal motor da história – era a luta racial.^[9]

Segundo Gobineau, as diferentes raças eram irreconciliáveis, e a maior ameaça para a sociedade ocidental era o cruzamento inter-racial – o sangue nobre dos arianos sendo diluído no sangue de pessoas de extração inferior. Do ponto de vista dele, os pedidos por reformas sociais, democracia e igualdade do século XIX eram sinais de que essa queda era iminente. A humanidade, como consequência, seria lançada em um estado de maior bestialidade, tornando-se incapaz de produzir cultura refinada. A visão apocalíptica de Gobineau de que a queda da humanidade era iminente causou profunda impressão em Chamberlain. Em seu próprio livro, meio século mais tarde, ele se concentraria nos judeus como causa dessa desintegração, uma visão já proposta por seu sogro no panfleto *O judaísmo na música*, em que Wagner sugeria que os judeus, ao se infiltrarem na cultura ocidental, começaram a avariar a verdadeira cultura que tinha raízes em um povo.^[10] Em *Fundamentos do século XIX*, Houston Stewart Chamberlain tentou uma fusão da teoria racial de Gobineau com o antissemitismo de Wagner, ao mesmo tempo que levava essas ideias um passo adiante. No universo de Chamberlain, alemães e judeus eram polos opostos, lutando em uma batalha histórica entre bem e mal. Os alemães altos, louros e de olhos azuis eram naturalmente impregnados de ideais como dever, liberdade e lealdade. Os judeus representavam o oposto, especialmente em seu impulso de destruição do que era puro e belo.

Alfred Rosenberg se via como herdeiro das ideias de Chamberlain. Ele também ofereceu soluções mais tangíveis para a “questão judaica”. Rosenberg diz que começou a trabalhar em

sua obra *O mito do século xx* já no verão de 1916, quando alugou uma casa com sua jovem esposa, Hilda, em Skhodnya, perto de Moscou.^[11]

Como muitos outros germano-bálticos, Roosenberg tinha esperanças de que o exército alemão libertasse a Estônia dos bolcheviques, um desejo que acabou se realizando em fevereiro de 1918. No entanto, a esperança de que os germano-bálticos se unissem à sua *Heimat* foi por água abaixo logo depois de surgir, quando o Império alemão implodiu em novembro de 1918. No mesmo mês Alfred Roosenberg tomou a decisão de abandonar sua terra natal e voltar ao que via como pátria espiritual.^[12] Antes de partir no final de novembro, ele fez seu primeiro discurso público na prefeitura de Reval sobre o tema que o definiria como político: a “questão judaica” e a conexão entre os judeus e o marxismo.

Como muitos outros que emigraram do Báltico, Roosenberg se estabeleceu em Munique, onde vários de seus amigos moravam. Os círculos da extrema direita de Munique acabaram se revelando solo fértil para sua teoria da conspiração judaico-bolchevique. Roosenberg, que queria escrever sobre suas experiências russas, logo entrou em contato com Dietrich Eckart, dramaturgo, jornalista e espécie de figura central na extrema direita de Munique. De acordo com Roosenberg, as primeiras palavras que ele disse para Eckart foram “Você precisa de um guerreiro contra Jerusalém?”^[13]

Em pouco tempo Roosenberg estava filiado ao obscuro partido político de Eckart, o NSDAP – ele foi um dos primeiros membros. Foi também na casa de Eckart que ele encontrou pela

primeira vez um cabo reformado de 30 anos chamado Adolf Hitler. Segundo Roosenberg, eles falaram sobre como o bolchevismo tinha o mesmo efeito degenerativo sobre a nação que o cristianismo tivera sobre o Império Romano. Nenhum deles jamais admitiu abertamente ser influenciado pelo outro, e durante todo o período de amizade os dois ideólogos achavam difícil expressar para o outro qualquer espécie de reconhecimento.

Muito mais tarde, Hitler comentou que Roosenberg era um germano-báltico com um modo de pensar “horrivelmente sofisticado”, enquanto por sua vez Roosenberg jamais conseguiu fazer elogios a *Mein Kampf*.^[14] No entanto, Hitler acabou admitindo indiretamente o papel de Roosenberg como um dos principais arquitetos da ideologia nazista ao fazer dele em 1937 o vencedor do recém-estabelecido Deutscher Nationalpreis für Kunst und Wissenschaft [Prêmio Nacional Alemão para Arte e Ciência]. Essa foi uma tentativa da Alemanha nazista de substituir o Prêmio Nobel. Hitler havia decretado que os alemães não podiam aceitar receber o Nobel depois que o prêmio da Paz de 1935 foi concedido a Carl von Ossietzky, que estava em um campo de concentração alemão. Roosenberg recebeu o novo prêmio “por ter ajudado a estabelecer e a consolidar a perspectiva global do nacional-socialismo por meio tanto da ciência quanto da intuição”.^[15]

A real influência de Roosenberg sobre o desenvolvimento ideológico tem sido tema de debate entre historiadores desde a Segunda Guerra Mundial. Sua importância como uma figura no regime foi percebida de diferentes maneiras, dependendo das

tendências da pesquisa historiográfica. Depois da guerra ele foi visto como o cérebro demoníaco por trás de toda a ideologia. Mais tarde, nos anos 1960, seu papel foi reduzido quando a perspectiva histórica se afastou das descrições personalistas em busca de mecanismos estruturais e sociais. Nos anos 2000, Roosenberg voltou aos holofotes, em boa parte devido ao trabalho do historiador alemão Ernst Piper, autor da extensa tese biográfica *Alfred Roosenberg: Hitler's Chief Ideologue* [Alfred Roosenberg: O principal ideólogo de Hitler], que sugere que Roosenberg teve importância decisiva na disseminação da propaganda antissemita, na transformação de teorias conspiratórias em “verdades” e no estabelecimento de ideias relativas à conspiração judaico-bolchevique na Alemanha. Por essas razões, Piper acredita que há bons motivos para dizer que ele foi o mais importante ideólogo do movimento, o que vem sendo frequentemente questionado por outros historiadores.

Os historiadores há muito tempo afirmam que Hitler já era um antissemita e antimarxista convicto quando foi a Munique – algo que parece estar pronto para ser reavaliado pela pesquisa contemporânea. Desde os anos 1990, cada vez mais historiadores têm ressaltado o clima espiritual e revolucionário de Munique; e dito que isso teve um efeito transformador sobre o Führer, transformando-o em um antissemita fanático. Essa, por exemplo, é a afirmação feita pelo historiador Volker Ullrich em sua importante obra de 2013, *Adolf Hitler: Die Jahre des Aufstiegs* [Adolf Hitler: Os anos de ascensão]. Com base nessa perspectiva, o experiente Roosenberg deve ter sido uma grande influência.^[16]

É muito provável que Hitler tenha recebido *Os protocolos dos Sábios de Sião* ou de Roosenberg ou de Eckart. O documento foi tão decisivo para ele como, poucos anos antes, havia sido para Roosenberg. Pouco depois, Hitler fez seu primeiro discurso mencionando a conspiração judaico-bolchevique em uma das cervejarias da cidade.

A ideia de uma conspiração tinha força explosiva na época. A revolução na Rússia e o movimento revolucionário internacional de trabalhadores eram vistos como uma ameaça não apenas pela extrema direita; na verdade, a revolução fez tremer o solo sob os pés da burguesia. Ao dizer que o movimento revolucionário era uma conspiração judia, e não uma expressão das demandas sociais das classes trabalhadoras e das mudanças sociais, os nazistas obtiveram uma legitimidade que ultrapassou em muito seus estreitos círculos.

Adolf Hitler acabou fazendo de Roosenberg o editor do jornal do partido, o *Völkischer Beobachter*, cargo que ele manteria até 1937.

Roosenberg, que havia encontrado a missão de sua vida, lançou-se nos círculos de extrema direita de Munique com uma produtividade fanática. Durante a década de 1920 houve uma verdadeira torrente de ensaios, antologias e livros de autoria de Roosenberg, dos quais a maior parte era variação sobre um mesmo tema: os judeus. Dentre esses estavam *Die Protokolle der Weisen von Zion und die jüdische Weltpolitik*, uma edição de *Os protocolos dos Sábios de Sião* comentada por ele. Não era a primeira edição em alemão, mas o livro de Roosenberg vendeu bem e foi reimpresso três vezes em um ano. Dois anos mais

tarde, Adolf Hitler usou o texto como fundamento para seus ataques antissemitas em *Mein Kampf*. O documento original já havia sido denunciado como uma fraude, mas Hitler dizia que isso era propaganda judaica: “É absolutamente irrelevante saber dos lábios de quais judeus isso vem; o mais importante é que isso revela, com uma apavorante certeza, a natureza essencial do povo judeu”.[17] Joseph Goebbels, que de sua parte estava convencido de que os *Protocolos* eram uma fraude, expressou em seu diário uma abordagem mais pragmática, que se tornaria lugar-comum no movimento, de que ele cria “na verdade inata mas não factual dos *Protocolos*”.[18]

Em 1930 foi publicado o livro que, mais do que qualquer outro, consolidaria a posição de Alfred Rosenberg como principal ideólogo do nazismo: *O mito do século xx*. Rosenberg, assim como Houston Stewart Chamberlain havia tentado fazer algumas décadas antes, quis criar uma filosofia para seu tempo. Mas ele estava tentando resolver um problema.

O nacional-socialismo não tinha verdadeiras bases filosóficas. Os nazistas não tinham um Karl Marx ou um “texto sagrado” em que se basear. Sabe-se que *Mein Kampf* ganhou *status* quase bíblico na Alemanha nazista, mas, ao contrário de Marx e Engels, Hitler não havia criado um sistema filosófico fundamental ou atemporal que pudesse ser aplicado cinquenta ou cem anos depois de sua morte. Hitler gostava de falar do Reich de Mil Anos, mas em *Mein Kampf* ele se ocupou principalmente de assuntos cotidianos: a República de Weimar, os judeus, o Tratado de Versalhes, os bolcheviques e a expansão para o leste. Esses eram desafios políticos que poderiam ser

resolvidos durante a vida dele. Mas o que aconteceria depois disso? Roosenberg queria preencher esse vácuo.

O mito do século xx não teve o mesmo impacto político que *Mein Kampf*; o livro era sofisticado, empolado e em vários sentidos, na descrição de Hitler, era tão “horrivelmente sofisticado” quanto seu autor. Sua pedra fundamental era quase banal em sua simplicidade: a eterna batalha entre o bem (os arianos) e o mal (os judeus). Essa batalha era como uma linha divisória que percorria a história ocidental. Quanto a isso Roosenberg não estava muito distante de Chamberlain, a única diferença prática é que Roosenberg tornaria esse mito racial politicamente útil.

Não era exatamente uma nova filosofia que Roosenberg estava interessado em fundamentar, era quase uma nova religião. A linguagem solene do livro, semelhante à de algo retirado do Velho Testamento, era um instrumento proposital. Roosenberg queria evocar uma profecia, uma teoria racial baseada em um modelo místico, escrevendo: “Hoje uma nova religião se agita e desperta – o mito do sangue; a crença na defesa do sangue equivale à defesa da natureza divina do homem”. Segundo Roosenberg, o “sangue nórdico” enfim começava a ser vitorioso, e substituiria “os antigos sacramentos”.[19]

Assim como Chamberlain, Roosenberg achava que as raças haviam herdado atributos, e que o amor pela liberdade, a honra, a criatividade e um verdadeiro sentido de consciência só podiam existir nas “raças nórdicas”. O principal desses atributos era “a vontade heroica”. Era recorrendo a essa ideia que surgiria o novo

alemão, um homem heroico ligado à sua terra pelo sangue – pronto a se sacrificar em uma morte heroica. Entre os dois extremos raciais, os arianos e os judeus, Roosenberg criou subdivisões de outros povos como árabes, chineses, mongóis, negros e indianos, examinando em cada caso as características morais e as realizações artísticas. Era preciso reconhecer que os árabes haviam criado os adoráveis arabescos, mas “isso não é verdadeira arquitetura, e sim mero artesanato”.^[20] Em casos em que “atributos nórdicos” apareciam em outras raças, era em função ou da imitação ou do cruzamento com o sangue nórdico. Judeus, por outro lado, não tinham qualquer capacidade de formar uma cultura mais elevada “porque o judaísmo, como um todo, não tem uma alma de onde possam brotar virtudes mais elevadas”.^[21]

O mito do sangue não era uma crença individualista, pois o sangue ariano estava ligado a uma “alma racial” coletiva, mais elevada. Essa era a alma que unia todos os arianos: “A alma racialmente interconectada é a medida de todas as nossas ideias, de nossa vontade e de nossas ações”. Para Roosenberg, o individualismo era tão danoso quanto o universalismo. “Um ser humano por si só não é nada; ele só adquire personalidade ao se integrar sensorialmente e com sua alma a milhares de outros de sua raça”. Roosenberg também afirmava que a história da filosofia omitia qualquer consideração a esse mito sanguíneo porque não era possível expressá-lo dentro de um sistema racional. Não era possível compreender a “alma racial” em termos racionais, lógicos, porque “a raça é intangível – é uma voz interior, uma sensação, uma vontade. Os alemães precisam

despertar e ouvir a voz de seu sangue”. Roosenberg terminou esse livro com uma profecia sobre quando isso iria ocorrer: “A hora sagrada para os alemães chegará quando o símbolo de seu novo despertar – a bandeira com a suástica – tiver se transformado na única verdadeira profissão de fé do Reich”.[22]

Cerca de um mês após Roosenberg ter sido nomeado para chefiar “a educação e o desenvolvimento espiritual e ideológico” do partido, em 1934, ele fez um discurso no teatro Kroll, em Berlim, para onde o parlamento alemão havia se transferido depois do incêndio no Reichstag. Os *gauleiters* do país, líderes locais do Partido Nazista espalhados por toda a Alemanha, haviam se encontrado para ouvi-lo. Do pódio, Roosenberg disse: “Se nos satisfizéssemos somente por ter poder sobre o Estado, o movimento nacional-socialista não teria atingido seu objetivo. A revolução política no Estado está completa, mas a tarefa de forjar a consciência do ser humano intelectual e espiritual está apenas no começo”.[23] Foi esse o objetivo que ele formulou em *O mito do século xx*, e que agora seria colocado em prática: “Essa é a grande tarefa do século: com base neste novo mito da vida criar um novo ser humano”.[24]

A principal ferramenta para essa transformação seria o sistema educacional do Terceiro Reich. A propaganda podia ter efeito sobre as pessoas, mas a educação era capaz de mudá-las em sua própria essência. A nazificação do sistema escolar tradicional em todos os níveis, do jardim de infância à universidade, foi implantada gradualmente depois de 1933. Os nazistas passariam a ver o sistema educacional como parte

significativa do rearmamento ideológico do Terceiro Reich, mas essa era uma meta de longo prazo – uma transformação que moldaria as futuras gerações.

Algumas das primeiras medidas foram bem previsíveis. Uma foi a “limpeza” promovida nas escolas para eliminar a “influência judaica”, tendo como alvos tanto professores quanto alunos. Já em 25 de abril de 1933, aprovou-se uma lei para limitar o número de alunos judeus nas escolas públicas. Grande parte dessa limpeza ocorreu organicamente pela rejeição de matrículas de alunos judeus e pela demissão de professores judeus sem qualquer explicação. Nas universidades, professores judeus eram atacados por agremiações estudantis pró-nazistas, que exigiam suas demissões. Aqueles que se agarravam a seus empregos enfrentavam discriminação e humilhação. Entre outras coisas, a associação de alunos de Berlim exigiu que toda pesquisa “judaica” deveria ser publicada apenas em hebraico, o que era um modo de ao mesmo tempo banir os judeus da língua alemã e de expor a sua suposta infiltração.^[25] Mesmo professores de inclinações liberais se tornaram alvos desse *pogrom* intelectual. Não só os judeus e os livre-pensadores foram excluídos do sistema educacional como os nazistas também se opuseram a que as mulheres tivessem acesso ao ensino superior, que, segundo se acreditava, podia levar a pedidos de igualdade. Na visão de mundo nazista, o papel das mulheres era principalmente produzir filhos para a nova “raça superior”.

Em 1936, professores judeus foram proibidos por lei de dar aulas em escolas públicas, e em 1938 todos os judeus foram banidos das universidades – tanto professores quanto alunos. Os

nazistas e os ideólogos pró-nazistas receberam cargos de destaque nas mais importantes universidades. Muitos deles faziam parte do círculo de Alfred Roosenberg, incluindo Ernst Krieck e Alfred Baeumler, dois dos mais importantes pedagogos nazistas no Terceiro Reich, que também ficaram encarregados de estabelecer as bases do novo sistema educacional alemão. O regime obteve uma legitimação especial do famoso filósofo Martin Heidegger, que se filiou ao NSDAP e foi nomeado reitor da Universidade de Friburgo.

Uma das primeiras grandes reformas foi a centralização do sistema escolar, que, como a maior parte das coisas na Alemanha, antes era bastante descentralizado. Essa era uma medida necessária para fazer com que o sistema educacional servisse ao dogma nazista. A Alemanha jamais foi tão unificada quanto no Terceiro Reich e jamais voltaria a sê-lo – um resultado dos esforços do regime totalitário para criar “um povo”.

Quando os nazistas assumiram o poder, o sistema escolar e universitário alemão era considerado um dos melhores do mundo. Nenhum outro sistema escolar tinha produzido tantos vencedores do Prêmio Nobel. Em 1933 a Alemanha havia recebido trinta e três prêmios Nobel, enquanto os Estados Unidos haviam obtido apenas oito. A Universidade de Gotinga, administrada por Niels Bohr, era vista como o mais avançado centro de física teórica no mundo. O problema para os nazistas, porém, era que um número desproporcionalmente grande de prêmios Nobel havia sido concedido a judeus alemães, como Albert Einstein, Gustav Hertz e Paul Heyse.

Assim como Chamberlain e Roosenberg classificaram os povos segundo suas habilidades herdadas ou raciais para a arte, a arquitetura, e até segundo suas personalidades, cada raça também tinha sua “física” e sua “ciência” singulares. O médico alemão e nazista Philipp Lenard, que recebeu o Nobel em 1905, desenvolveu essas teorias em uma obra em quatro volumes ao longo da década de 1930. Lenard propôs a existência de algo que descreveu como “física japonesa”, “física árabe”, “física negra”, “física inglesa” e “física ariana” – sendo a última a única verdadeira. A mais danosa de todas era a “física judaica”: “O judeu quer criar contradição em toda parte e dissolver as relações existentes de modo tão absoluto que o pobre alemão ingênuo não consiga mais ver sentido algum nela”.[26] De modo semelhante ao que ocorria na esfera cultural, havia um conceito de que a ciência tinha caído em desgraça e criado uma “realidade fragmentada”, como disse o ministro da Educação, Bernhard Rust, e isso era obra dos corrosivos judeus.[27] Em outras palavras, a teoria da relatividade era confusa demais para se encaixar na visão de mundo totalitária dos nazistas, determinados a transformar o mundo fragmentário novamente em algo uno. Como era de esperar, Roosenberg era admirador e protetor de Lenard. Um resultado positivo dessas ideias distorcidas foi desacelerar a pesquisa atômica nazista. Ironicamente, a pesquisa que em grande medida era realizada em universidades alemãs por cientistas judeus como Albert Einstein, Niels Bohr e Robert Oppenheimer acabou dando aos Estados Unidos a primeira bomba atômica.

Apesar da excelência do sistema escolar alemão reconhecida

internacionalmente, a nazificação encontrou pouca resistência interna. Um dos motivos para isso era o forte apoio ao nazismo nas associações de professores e estudantes. Acredita-se que até um terço dos professores tenha apoiado os nazistas em sua ascensão ao poder, o que é muito mais do que em outras profissões. Os professores eram, haviam muito, vistos pelos nazistas como um grupo-chave na sociedade, e já em 1929 eles haviam formado uma associação alternativa: a *Nationalsozialistische Lehrerbund* [Liga dos Professores Nacional-Socialistas, NSLB], com o propósito de fazer com que o professorado se virasse para a direção ideológica adequada. Depois de 1933, a NSLB se tornou a única associação de professores no Terceiro Reich.

A NSLB se tornou uma ferramenta importante no processo que se seguiria, vindo de cima para baixo, de transformação dos fundamentos filosóficos e pedagógicos do sistema educacional, assim como de seus valores. Livros didáticos foram reescritos, professores foram substituídos, e, acima de tudo, cérebros foram doutrinados.

Assim como ocorria no Exército, os professores eram forçados a jurar lealdade ao Führer. A NSLB, que muito oportunamente era dirigida por um soldado que havia participado dos *Freikorps*, Hans Schemm, criou os *Schulungslager*, campos de doutrinação para os quais os professores eram enviados para “retreinamento”. Em 1937 havia mais de quarenta campos desse tipo. De acordo com um observador britânico, as mais importantes fontes de materiais

ideológicos usadas eram o *Mein Kampf* e os escritos de Alfred Rosenberg. Novos temas foram incluídos no currículo escolar, como “higiene racial”. A meta, nas palavras de Rosenberg, era que a ideologia nazista permeasse todos os aspectos do currículo, da história à matemática.

Os professores de fato se tornaram “Führers” em suas salas de aula, e muitos decidiram ir à escola com o uniforme do partido. Sob os nazistas, a sala de aula se tornou um microcosmo do Estado totalitário. Sempre havia um retrato de Adolf Hitler, e o dia na escola começava e terminava com a saudação a Hitler – em certos casos isso era repetido no começo de cada aula. No sistema educacional do Terceiro Reich não somente os professores mantinham os alunos sob vigilância como eles próprios também eram vigiados por seus estudantes. Professores que expressavam opiniões “não germânicas” podiam ser delatados por seus alunos para a Juventude Hitlerista ou para a Gestapo.

Ao longo da década de 1930, embora não liderasse pessoalmente a reforma das instituições de ensino e pesquisa, certamente Alfred Rosenberg pairava sobre o processo na forma de um espírito ideológico. Rosenberg tinha um manual intitulado *Teses ideológicas*, que descrevia brevemente os principais fundamentos da visão nacional-socialista do mundo. O livro pretendia ser um guia básico para todo o sistema educacional alemão. O ministro da Educação, Bernhard Rust, se certificou de que as bibliotecas de todas as escolas do país tivessem um exemplar de *O mito do século XX*.^[28] A nazificação do sistema educacional nunca foi completada no período do

Terceiro Reich, mas é possível ver as reformas como um embrião da utopia totalitária vislumbrada por nazistas como Roosenberg. O novo ser humano só podia surgir dentre aqueles que estivessem livres das máculas que causaram a degeneração no passado: em outras palavras, dentre as crianças.

Para formar a geração que dirigiria o Terceiro Reich rumo ao futuro, o sistema educacional tradicional não bastava. Para criar um ser humano fundamentalmente novo, era necessário um novo modelo de escola. Por isso, na década de 1930 foram estabelecidas as bases para algumas escolas de elite: a NS-Ordensburg e as escolas Adolf Hitler. A primeira escola Adolf Hitler foi inaugurada em 20 de abril de 1937, no aniversário do Führer. Para serem aceitos na escola os alunos precisavam demonstrar atributos de liderança e se submeter a rigorosos exames raciais e médicos. Os professores das doze escolas Adolf Hitler em geral saíam da SS, da SA, da Gestapo e de outras áreas da máquina de terror nazista.

Os jovens que passavam por essa educação mais tarde eram preparados para entrar em uma das quatro escolas Ordensburg, que recebiam acólitos do partido entre 25 e 30 anos; os alunos selecionados eram submetidos a rígido treinamento ideológico e militar. O treinamento incluía testes regulares da coragem dos alunos, com atividades como salto de paraquedas, mas também havia imersões na máquina do partido. Assim como na SS, um misto de crueldade e inteligência era incentivado. “Para nós, a batalha de Leuthen é um teste de caráter tanto quanto o *Fausto* ou a “Eroica”, de Beethoven”, afirmou Alfred Roosenberg.^[29]

O terceiro e último estágio depois da escola Adolf Hitler e da Ordensburg seria a Hohe Schule der NSDAP, de Alfred Roosenberg.^[30] A ideia era que esses jovens graduados formassem a liderança do Terceiro Reich no futuro. Sua educação iria colocá-los em uma “fraternidade” ideológica – a ordem dos cavaleiros nazistas, por assim dizer. Era considerado necessário criar uma “classe dominante”, e era assim que a ideologia seria preservada e protegida para o Reich de Mil Anos. Ao mesmo tempo, essas escolas eram uma maneira de controlar o legado dos líderes da época.

Como ressaltaram alguns nazistas, havia um problema evidente sempre que alguém tentava fundir habilidades físicas e intelectuais – afinal, era muito comum que essas últimas acabassem levando vantagem. Poucos integrantes da classe dominante da época eram grandes espécimes do ponto de vista físico – dificilmente se poderia comparar o queixo de Himmler ao dos integrantes da ss. A pureza racial dos líderes era altamente duvidosa, e muitas vezes um segredo bem guardado. Falando francamente, a elite nazista era um grupo de gente pouco saudável. Göring era corpulento e usava morfina. Goebbels tinha pé torto, e Hitler tinha dores estomacais crônicas e provavelmente, perto do fim da vida, sofria de Parkinson. Os líderes nazistas eram menos “uma fraternidade ligada por juramentos” do que um bando de lobos prontos a atacar uns aos outros quando tivessem a chance. Adolf Hitler havia criado uma cultura darwinista de liderança que na verdade funcionava surpreendentemente bem em um sistema totalitário como o Terceiro Reich, um sistema em que uma mistura de esperteza,

intrigas, terror, adulação, deslealdade, habilidades burocráticas e crueldade era o que levava alguém ao topo, em oposição à força muscular ou à pureza do sangue. Perdidos em sua utopia ariana de um novo ser humano, eles eram incapazes de ver que o caminho rumo ao poder na Alemanha nazista era tudo, menos heroico.

A hora de Roosenberg só chegou ao final da década de 1930. No começo, a Amt Roosenberg era uma organização apenas no nome, com um escritório modesto perto de Tiergarten e um pequeno número de funcionários. Mas aos poucos Roosenberg conseguiu assumir cada vez mais áreas de responsabilidade. Como chefe da ideologia, ele tinha a possibilidade de interferir em uma grande variedade de departamentos. Sempre que via atividades se desviando da disciplina ideológica, ele estava lá com seu sabujo. O fato de que ele continuava sendo o editor do *Völkischer Beobachter*, que ele estava mais do que disposto a usar em suas batalhas ideológicas, tornava difícil para os outros líderes nazistas ignorar completamente esse pretensioso germano-báltico.

A Amt Roosenberg funcionava como um *think tank* [fábrica de ideias], trabalhando com vigilância ideológica, *lobby* e pesquisa. Havia departamentos para questões eclesiásticas, artes visuais, música, educação, teatro, literatura, história antiga, judeus e maçons. Um departamento especial criado em 1934 para questões científicas era supervisionado por Alfred Baeumler, que estabeleceu as bases para uma espécie totalmente nova de cientista. “A ciência não é um produto do intelecto superficial, e

sim uma criação que surgiu das profundezas do intelecto heroico”, disse Alfred Baeumler em uma de suas palestras.^[31] De acordo com Baeumler, tanto a lógica quanto a razão já haviam desempenhado seu papel na ciência, que agora só podia ser levada adiante por esse intelecto heroico. Na verdade, era o mesmo velho “heroísmo” de Alfred Roosenberg e dos escritores *freikorps*.

A ciência heroica era política em seu cerne, o que Baeumler ilustrou comparando o novo e o velho cientistas. O tipo tradicional, a que ele se referia como “o homem teórico”, era caracterizado pela passividade, pela pura consciência e pela absoluta contemplação. O novo, o “homem político”, por outro lado, se destacava pelo dinamismo, liderança e participação. Do ponto de vista de Baeumler, o cientista não devia se limitar a um exame objetivo do mundo; devia ativamente buscar moldá-lo. O que ele estava descrevendo era um novo tipo de cientista, disposto a ser um instrumento do regime – absolutamente crucial para dar uma aura de legitimidade científica aos muitos mitos, mentiras e teorias da conspiração dos nacional-socialistas.^[32]

A escola de Roosenberg, a Hohe Schule der NSDAP, recebeu o aval de Hitler em 1937. O embrião dessa escola vinha se desenvolvendo na Amt Roosenberg havia alguns anos. Planos para uma escola secundária foram mencionados na correspondência da organização em 1935. Assim como a educação dos líderes do futuro não podia ser deixada para o sistema educacional tradicional, era preciso cuidar igualmente do futuro da ciência. O projeto de Hermann Giesler e a maquete

da nova escola foram mostrados para Adolf Hitler, que pessoalmente a examinou e aprovou. Também foi Hitler que decidiu que ela devia ser construída na margem leste do Chiemsee. A Hohe Schule der NSDAP, como todas as demais escolas de elite nazistas, devia estar sob administração direta do partido.

Vista de uma perspectiva mais ampla, a Hohe Schule serviria acima de tudo para o propósito que era o centro da obra de Alfred Rosenberg: a criação de pilares filosóficos e científicos para o nacional-socialismo. Rosenberg achava que havia identificado o ponto fraco do movimento. Mesmo se o Partido Nazista se dedicasse a criar uma nova classe dirigente que mais tarde assumisse o poder, isso nem de longe garantiria o futuro do movimento. Rosenberg tinha uma dolorosa consciência de que, em última instância, era o Princípio do Führer, não o nacional-socialismo em si, que mantinha o Terceiro Reich unido. Adolf Hitler não poderia liderar o movimento para sempre, como Rosenberg ressaltou em um discurso já em 1934. Portanto, disse ele, era “nosso desejo que o movimento nacional-socialista estabelecesse as bases que irão preservar esse Estado por centenas de anos no futuro”.^[33]

As pessoas evoluem, mudam e morrem, mas ideias são imortais. No fim, apenas uma sólida base ideológica poderia garantir a continuidade do Reich de Mil Anos. Os nazistas tinham de criar estruturas que tivessem força ideológica suficiente para sobreviver à passagem do tempo – e acima de tudo à morte do Führer. A visão de Alfred Rosenberg era de que a Hohe Schule der NSDAP, descrita como “o principal centro de

pesquisas, educação e ensino do nacional-socialismo”, seria um pilar dessa catedral ideológica.

CAPÍTULO 6

Consolação para as tribulações de Israel

Amsterdã

Wout Visser cuidadosamente coloca sobre a mesa uma pequena caixa marrom e abre a tampa. Então tira de lá um livro encadernado em couro marrom claro com as bordas gastas.

A capa, decorada com um padrão de folhagem impresso dentro de um formato retangular, revela pouco sobre o conteúdo. Parece um livro pequeno e não particularmente raro da virada do século passado, algo que poderia ser encontrado com facilidade em um sebo – exceto pela característica peculiar de um buraco de mais ou menos um centímetro perto do canto superior esquerdo. Há uma cavidade do diâmetro de um dedo onde o couro cedeu. Abro cuidadosamente o livro; percebo que o buraco continua na folha de rosto, onde danificou o nome do autor, o escritor judeu português Samuel Usque. Segurando o livro contra a luz que passa pelas janelas altas, vejo que o buraco

chega até a última página do livro, e que a pressão deixou o papel do entorno amassado e danificado. A bala retorcida deixou uma mancha cor de cobre; alojado na transversal, o projétil permanece nesta exata posição há setenta anos.

“Este livro foi roubado junto com o resto da biblioteca e levado para a Alemanha pelos nazistas. Na verdade acreditamos que o tiro foi disparado na Alemanha”, diz Wout Visser, um homem de uns 40 anos, com suspensórios e a vaga sombra de um cavanhaque. Ele é bibliotecário e pesquisador da seção de acervos especiais da Biblioteca da Universidade de Amsterdã, que fica em um prédio de tijolos de três andares ao lado do belo canal Singel. Estamos sentados na sala de leitura de um dos acervos mais conhecidos da universidade, a Bibliotheca Rosenthaliana, à qual pertence “o livro com a bala”, como Visser o descreve.

O livro ganhou *status* quase místico no acervo da Rosenthaliana, dando origem a várias teorias quanto a quem realmente atirou nele. Um exame forense do projétil só aumentou o mistério, já que mostrou que o disparo não partiu de um rifle alemão, e sim de uma submetralhadora fabricada pelos britânicos. Foi possível inclusive rastrear onde possivelmente isso aconteceu, a aproximadamente vinte quilômetros ao norte de Frankfurt, na pequena cidade de Hungen.

Poucas horas antes de minha visita à Rosenthaliana cheguei à Estação Central de Amsterdã, depois de uma viagem de trem de sete horas partindo de Munique via Frankfurt e Colônia. O que me impressionou no caminho até aqui foi a facilidade para atravessar a fronteira entre Alemanha e Holanda. Não há limites

naturais aqui, como as montanhosas Ardenas e os Alpes ao sul. Em comparação, as terras baixas flamengas são planas como uma autoestrada, um fato de que Hitler e seus generais estavam bem conscientes. A Holanda se declarou neutra quando a guerra começou em 1939. O país conseguiu se manter de fora da Primeira Guerra Mundial, quando o exército alemão decidiu abrir passagem pela Bélgica. Do ponto de vista dos alemães, em retrospecto, esse tinha sido um grave erro de estratégia militar, porque o exército alemão foi contido por mais tempo do que se esperava por uma feroz defesa belga. Hitler não pretendia repetir o erro. A Holanda ficava no caminho da Wehrmacht para Paris, e foi isso que selou o destino do país em maio de 1940, assim como o destino da Rosenthaliana e de muitas outras renomadas bibliotecas de Amsterdã.

As bibliotecas da cidade contêm uma cultura única, formada pela liberdade religiosa, intelectual e econômica que se tornou a marca registrada dessa cidade de comerciantes marítimos desde a Idade Média. Calvinistas, batistas, quacres, huguenotes, assim como intelectuais e livre-pensadores, foram à cidade pelo rio Amstel. Dois grupos de refugiados em especial colocaram sua marca na cidade e em suas bibliotecas: os judeus asquenazes que fugiram dos *pogroms* no leste e os judeus sefarditas expulsos da Península Ibérica. No século XVI, Amsterdã era um dos poucos lugares da Europa Ocidental em que os judeus podiam viver em relativa liberdade, o que levou a cidade a ser chamada de Jeruzalem van het Westen [Jerusalém do Ocidente].

Os imigrantes teriam um papel importante na ascensão da Holanda como uma potência internacional ao longo do século

xvii. A vida comercial da cidade era especialmente importante, e era a base de seu poder. Amsterdã se tornou o berço de uma revolução econômica. A primeira empresa multinacional do mundo, a Companhia das Índias Orientais, nasceu aqui, assim como os princípios da primeira bolsa de valores moderna e um dos primeiros bancos nacionais do mundo.

Graças a essas novas instituições, a Holanda no século xvii era uma força dominante no comércio mundial e especialmente no comércio de especiarias com a Ásia. A rápida ascensão dos judeus sefarditas no comércio internacional foi facilitada pelo fato de eles já terem uma rede comercial estabelecida com as Américas de língua espanhola e por terem criado também uma rede com a Ásia. Mas isso também era consequência de um sistema de guildas que barrava a entrada de recém-chegados. Isso levou muitos sefarditas a se dedicarem à nova economia, que em pouco tempo mostrou ser consideravelmente mais lucrativa.^[1] Algumas das maiores fortunas da cidade foram construídas por esses imigrantes, e, como consequência direta disso, também algumas das suas mais importantes bibliotecas.

A liberdade de Amsterdã servia não apenas às minorias, também ajudava os impressores. A liberdade e o comércio transformaram a Holanda no centro intelectual da Europa no século xvii, um ponto de disseminação de ideias novas, empolgantes e perigosas que se tornou possível com a imprensa. Livre-pensadores, escritores, filósofos e minorias religiosas foram para a cidade, onde podiam publicar o que em outros lugares da Europa levaria à excomunhão e à perseguição. Em

Amsterdã, suas obras podiam ser impressas e depois enviadas para todo o continente com a ajuda da maior frota mercante do mundo.



Consolação às Tribulações de Israel, de Samuel Usque, o misterioso livro perfurado por uma bala na Bibliotheca Rosenthaliana, em Amsterdã. Acredita-se que a bala foi disparada na Alemanha, para onde o livro roubado foi levado.

A tolerância do governo holandês tinha menos a ver com idealismo do que com pura economia. Poucos estavam preocupados com o que estava sendo impresso, desde que alguém estivesse disposto a pagar, e a venda de ideias era um negócio excelente para o império comercial. E além dos livre-

pensadores, os impressores de Amsterdã também serviam a governantes totalitários e fanáticos religiosos. Pedro, o Grande, da Rússia, concedeu a um impressor de Amsterdã um monopólio de quinze anos sobre a impressão de toda a literatura russa. Como muitos outros monarcas europeus, ele temia os perigosos impressores, e queria mantê-los a uma distância segura da Rússia. No século XVII, Amsterdã ficou conhecida como “a editora da Europa”.^[2]

Amsterdã também se tornou um centro para a literatura judaica durante o século XVII, quando Menasseh ben Israel se tornou o primeiro judeu a colocar em funcionamento uma impressora em hebraico na Holanda, depois de seus pais fugirem da Inquisição em Portugal. Menasseh era muito mais do que um impressor; era um escritor, rabino e diplomata com uma rede internacional de contatos. Foi Menasseh quem pessoalmente convenceu Oliver Cromwell a permitir que os judeus voltassem para a Inglaterra na década de 1650 – de onde eles haviam sido expulsos no final do século XIX. Ele também foi professor do filósofo Baruch Spinoza e amigo de Rembrandt van Rijn. A impressora de Menasseh ben Israel e outras do mesmo gênero forneciam livros baratos a judeus de toda a Europa.^[3]

“Temos uma coleção mais ou menos completa dos livros impressos por Menasseh ben Israel no século XVII. Acho que só falta um punhado deles. Mas também temos livros de vários outros impressores judeus de Amsterdã. Nenhuma outra biblioteca do mundo possui um acervo como esse”, diz Visser, apontando para as estantes à nossa volta na sala de leitura da

Rosenthaliana. Nas prateleiras está uma seleção representativa do acervo com foco em história, religião e filosofia. Mas o que se vê aqui é apenas uma fração da biblioteca, que tem mais ou menos 100 mil livros, além de milhares de diários, panfletos, manuscritos e material de arquivo judaicos. Os mais antigos são manuscritos sobre festivais, eventos religiosos e lendas dos judeus datados do século XIII. Dentre as raridades está o primeiro livro impresso em Istambul, um incunábulo de 1493: *Arba'ah Turim*, do rabino Yaakov ben Asher, um livro sobre a lei judaica do século XIV impresso por judeus sefarditas expulsos em 1492 e que se estabeleceram no Império Otomano. Impressões até 1500 são consideradas incunábulos, porque depois dessa época as impressões eram feitas com tipos móveis. Era comum que muitos desses livros tivessem apenas um exemplar ou, no máximo, uma tiragem pequena. Acredita-se que mais ou menos 150 edições de livros em hebraico tenham sido impressas antes de 1500, das quais 34 podem ser encontradas na Rosenthaliana. O acervo também inclui cópias manuscritas do século XV dos comentários do filósofo árabe Averróis sobre os escritos científicos de Aristóteles.^[4]

Apesar de o acervo hoje ser em grande medida dedicado à história dos judeus na Holanda, originalmente a biblioteca vem da Alemanha.

“As origens da biblioteca estão ligadas a Leiser Rosenthal em meados do século XIX. Ele era um rabino nascido na Polônia que trabalhava em Hannover para as famílias ricas da cidade, o que lhe deu a oportunidade de montar o acervo na época. Ele

coleccionava livros sobre a história dos judeus alemães, escritos religiosos e sobre o Iluminismo Judaico”, Visser me diz.

O Iluminismo Judaico, ou Haskalá, foi um movimento intelectual de judeus inspirado pelo Iluminismo francês. O fundador do movimento foi o judeu alemão Moses Mendelssohn, que tentou uma síntese da religiosidade judaica com o racionalismo filosófico da época. O movimento incentivou os judeus a romper seu isolamento cultural e a serem assimilados pelas sociedades da Europa, aprendendo novos idiomas e adotando novas profissões ligadas às ciências e às artes.

O acervo de Rosenthal acabou indo para a Holanda após sua morte em 1868, porque seu filho se mudou para Amsterdã.

“Quando Rosenthal morreu, a família tentou vender o acervo, mas ninguém queria comprar. Ele foi oferecido ao chanceler alemão Otto von Bismarck, para ficar na Kaiserliche und Königliche Bibliothek, em Berlim. Mas ele rejeitou”, diz Visser.

O acervo de Rosenthal era visto na época como uma das melhores coleções privadas judaicas da Alemanha. A biblioteca era composta de seis mil volumes e uma coleção de manuscritos. Em 1880, a família decidiu que iria doar o acervo para a Universidade de Amsterdã. A família também se ofereceu para pagar um bibliotecário, o que continuou a fazer até o começo da Primeira Guerra Mundial, quando caiu na ruína financeira depois de fazer investimentos na rede de ferrovias húngara.

O acervo cresceu rapidamente depois de ir para Amsterdã, onde foi complementado com literatura sobre os judeus da Holanda. Na época da Segunda Guerra Mundial a biblioteca havia multiplicado várias vezes de tamanho. “Alguns dos

coleccionadores judeus de Amsterdã esconderam seus livros na Rosenthaliana na esperança de que ficassem a salvo lá. Achamos que alguns desses livros ainda estão aqui, mas não sabemos como encontrá-los”, diz Visser, que poucos anos antes recebeu a missão de rastrear as coleções que ninguém sabia onde estavam.

O bibliotecário-chefe da Rosenthaliana, Herman de la Fontaine Verwey, que tinha bons contatos com colecionadores de Amsterdã, foi responsável pelo armazenamento clandestino de livros.

“Fontaine Verwey escreveu sobre um caso em que um colecionador ‘doou’ sua biblioteca. Se voltasse, ele receberia os livros de volta, do contrário eles ficariam para a biblioteca. Esse foi só um caso. Mas nunca conseguimos encontrar esses contratos, acho que eles foram destruídos depois da guerra, quando se presumiu que os donos jamais voltariam.”

Da população judia de Amsterdã, aproximadamente oitenta mil pessoas, apenas cerca de um quinto sobreviveu ao Holocausto.

“Depois da guerra, Fontaine Verwey não falava jamais desse assunto; nunca ficou claro quantos livros foram deixados no acervo. Tenho que admitir que fracassei nas minhas investigações. Ele levou o segredo para o túmulo, e agora isso é parte da história obscura desta biblioteca”, diz Visser.

Visser abre o livro de registros da Rosenthaliana de 1940. Depois de os nazistas invadirem a Holanda em maio, novos livros continuaram a ser catalogados por mais seis meses. Em 18 de novembro de 1940, alguém catalogou *Educação hebraica na Palestina*, de Eliezer Rieger, um dos fundadores da Universidade

Hebraica em Jerusalém. O livro foi comprado por 2,65 florins. É o último registro, e depois dele só há linhas em branco. Nenhum novo livro foi catalogado nos seis anos seguintes. Naquele dia, a sala de leitura da Bibliotheca Rosenthaliana foi fechada pela SD. Os judeus que trabalhavam na biblioteca, e que constituíam a maior parte dos funcionários, foram imediatamente demitidos sem aviso prévio. Um deles foi o curador da biblioteca, Louis Hirschel, que escreveu abatido para um amigo: “Isso significou um fim temporário para a extraordinária história da Rosenthaliana”.^[5]

A algumas centenas de metros da Bibliotheca Rosenthaliana, perto do canal Keizersgracht, fica uma casa branca de pedras de três andares. A julgar pelas fotografias em preto e branco que encontrei dos anos 1930, a casa não mudou em nenhum aspecto importante. Hoje ela é sede de um instituto para meios de comunicação e artes. O número 264 da Keizersgracht não é nem a mais antiga nem a mais bela casa da região do canal, mas tem uma história impressionante.

Na década de 1930, essa casa foi o epicentro de uma das mais importantes operações de resgate de arquivos e de pesquisa historiográfica. Paradoxalmente, poucos anos depois a mesma casa estava sendo usada como centro de uma das maiores operações de roubo de materiais de arquivo e de livros.

Em junho de 1940, poucas semanas depois da rendição da Holanda, membros da SD foram ao Keizersgracht para isolar a casa branca. A decisão não foi uma coincidência. Ela abrigava o Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG) – o

Instituto Internacional de História Social. A organização havia sido fundada em 1935 por Nicolaas Wilhelmus Posthumus, primeiro professor de história econômica do país na Nederlandsche Handelshogeschool. O objetivo do instituto era reunir, ou, mais precisamente, salvar, materiais de arquivo de movimentos de esquerda, como sindicatos e partidos socialistas, mas também coleções particulares importantes.

Hoje, o IISG fica no cais leste de Amsterdã, em um escritório moderno que, a distância, parece feito de papelão reciclado. Na entrada encontro Huub Sanders, pesquisador do instituto. Ele explica que foi seu envolvimento no estudo de movimentos de esquerda da década de 1970 que o levou ao instituto. “Fiquei interessado em saber por que o Arquivo Karl Marx estava em Amsterdã”, diz Sanders com um sorriso. É uma pergunta que leva à formação do instituto nos anos 1930 e a seu apaixonado fundador, Nicolaas Wilhelmus Posthumus. “Posthumus era um sujeito que sempre ia em busca de fontes primárias em economia e história social. Ele começou a colecionar materiais relativos à economia antes mesmo da Primeira Guerra Mundial.”

Era de esperar que o instituto fosse a primeira vítima das operações de saque dos nazistas na Holanda. Posthumus havia fundado o instituto como uma resposta direta ao avanço do fascismo na Europa. Uma torrente de refugiados da União Soviética, da Alemanha e da Itália tinha ido para a Europa Ocidental ao longo da década de 1930. Com eles, seguiam documentos valiosos, arquivos e livros. A ideia de Posthumus era, por meio da fundação do instituto, criar um porto seguro para arquivos pertencentes a socialistas, sindicatos e

movimentos de trabalhadores que estavam sendo implacavelmente perseguidos por fascistas e bolcheviques.

“Posthumus era a pessoa certa para fazer isso. Ele próprio era um socialista. E tinha uma rede internacional de contatos na política e na academia. A motivação dele era salvar a herança histórica do movimento dos trabalhadores”, diz Sanders, enquanto entramos no elevador industrial que desce até as entranhas do IISG. Aqui, em centenas de metros de prateleiras cinza escuro, fica o maior arquivo do mundo de história social: ao todo, ele contém quatro mil arquivos separados, que vão da Anistia Internacional ao Greenpeace, passando pela Confederação Europeia de Sindicatos, entre outros. Também há milhões de revistas e periódicos. Em uma prateleira, envoltas em papel pardo, ficam as pilhas da revista acadêmica sueca *Arbetaren* [O trabalhador] de 1932.

Uma parte singular e valiosa do grande arquivo é o que Posthumus, com um pequeno grupo de colegas, conseguiu adquirir em poucos anos no fim da década de 1930. Sanders me leva até uma prateleira protegida por um biombo que não deixa passar luz, que ele desliza para o lado num gesto dramático. Os documentos estão dispostos na prateleira atrás de um vidro.

“Este é o manuscrito do *Manifesto Comunista*”, diz Sanders, apontando para papéis embranquecidos com linhas escritas numa caligrafia apertada levemente inclinada para a frente. Pego de surpresa, pergunto se esse é realmente “o único”.

“Imagino que só possa existir um”, diz Sanders, rindo.

Os papéis, cobertos de emendas e acréscimos, são quase ilegíveis. Mas consigo ver a assinatura de Karl Marx. Também

em evidência estão algumas páginas manuscritas de *Das Kapital*, uma ata da Primeira Internacional de 1864, e documentos de Leon Trótski.

O Arquivo Karl Marx e Friedrich Engels é composto de mais de cinco prateleiras contendo materiais, anotações, manuscritos e uma longa correspondência entre os dois homens. O acervo foi reunido pelo Partido Social-Democrata alemão e contrabandeado para fora da Alemanha nazista junto com os arquivos do partido em 1933. Os social-democratas alemães, cujo patrimônio havia sido confiscado na Alemanha, passavam por necessidades financeiras, e sua única opção foi vender o arquivo. O mais impaciente candidato a comprador era o Instituto Marx-Engels-Lênin, em Moscou, em outras palavras, Josef Stálin. Arquivos que podiam remontar ao fundador da ideologia eram colecionados freneticamente por lá.

“Eles estavam dispostos a pagar mais. Mas ainda bem que o partido percebeu que seria vergonhoso vender os arquivos para Stálin. Em vez disso, Posthumus conseguiu comprá-los”, diz Sanders.

Documentos da Primeira Internacional foram comprados do partido, junto com o arquivo dos próprios social-democratas. O trabalho de Posthumus para salvar o legado histórico dos socialistas na Europa foi um sucesso fenomenal. O arquivo do movimento anarcossindicalista havia sido retirado da Espanha antes de a Catalunha cair diante das tropas de Franco. Vários arquivos socialistas também foram salvos dos nazistas depois da anexação da Áustria. As coleções particulares eram igualmente impressionantes – o instituto havia conseguido os arquivos dos

anarquistas Mikhail Bakunin e Max Nettlau. Além disso, arquivos importantes da Revolução Russa foram comprados, antes pertencentes ao Partido Socialista Revolucionário e aos mencheviques.

Posthumus também abriu filiais do instituto em Paris e em Oxford. A sede parisiense recebeu uma coleção importante de documentos de Leon Trótski, doada por seu filho Lev Sedov. Em 1936 ficou evidente que a ameaça partia não só da direita, quando agentes do temido serviço de segurança de Stálin, o GRU, entraram na filial de Paris na *rue Michelet* e roubaram os mais importantes documentos de Trótski. Mas esse roubo foi razoavelmente pequeno comparado com o que havia sido salvo. O regime sabia que o instituto havia surrubiado arquivos valiosos bem debaixo do nariz do governo nazista. “Em relatórios alemães, o instituto é descrito como ‘um centro intelectual da luta marxista contra o fascismo’. É por isso que eles achavam tão importante pôr as mãos no acervo do instituto”, diz Sanders.

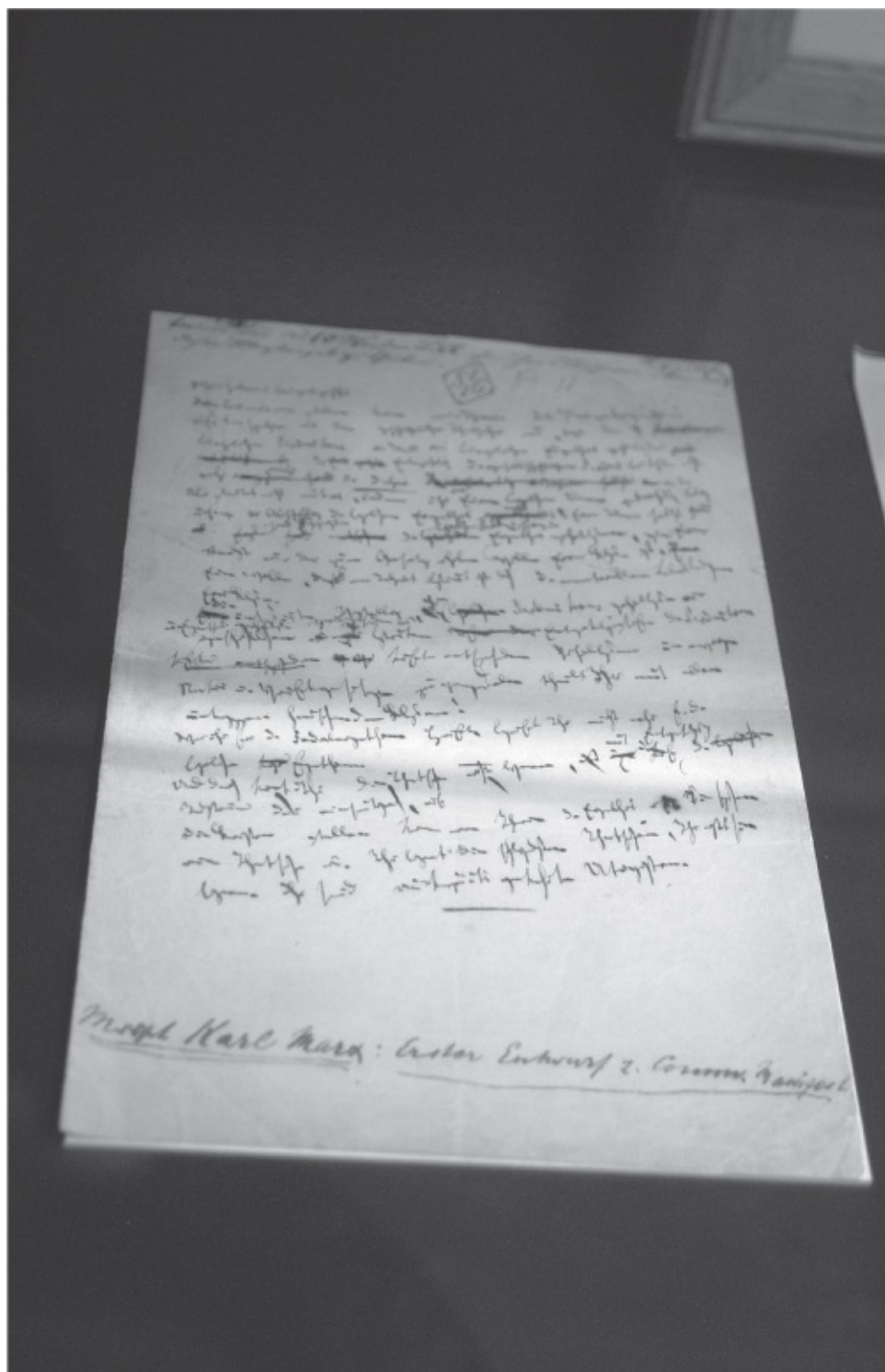
Para os nazistas, o Arquivo Marx e Engels era o Santo Graal. Sendo ao mesmo tempo judeu e pai do comunismo, Marx era considerado um dos cérebros por trás da conspiração mundial sionista. O instituto de Posthumus também foi incluído na conspiração, e depois de seu fechamento um relatório afirmava que a invasão da Holanda havia impedido o surgimento de “uma poderosa organização global”.^[6]

A missão de Nicolaas Wilhelmus Posthumus de salvar os registros históricos do movimento de trabalhadores da Europa chegou a um fim trágico e abrupto no verão de 1940, quando a

casa branca no número 264 da Keizersgracht foi lacrada. Posthumus não só viu seu arquivo ser roubado como também perdeu seu cargo de professor. Quem se mudou para a casa foi a recém-criada organização de Alfred Roosenberg, a Einsatzstab Reichsleiter Roosenberg (ERR), que a transformou em um quartel-general das operações de saque de Roosenberg na Holanda. Reichsleiter [líder nacional] era uma referência à patente de Roosenberg no Partido Nazista, o segundo maior na hierarquia do NSDAP. Os líderes nacionais formavam o primeiro escalão do partido e só respondiam ao próprio Adolf Hitler.

A ERR foi criada em junho de 1940, como consequência direta da bem-sucedida guerra no front ocidental. O início da guerra havia suspenso temporariamente os planos de construção da Hohe Schule der NSDAP perto de Chiemsee. Mas os preparativos para a criação da escola continuavam, e iam se intensificar à medida que as hostilidades aumentassem.

As atividades ideológicas da Amt Roosenberg, que antes haviam se concentrado principalmente em assuntos domésticos, agora se ampliavam para uma operação internacional. Até 1939 os nazistas haviam se dedicado a combater inimigos internos, como judeus alemães, socialistas, comunistas, liberais, maçons e católicos. Essa guerra ideológica agora iria se espalhar pela Europa no rastro das vitórias da Wehrmacht.



Primeiro esboço do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels. O Arquivo Marx e Engels em Amsterdã foi caçado pelos nazistas, mas houve tempo para colocá-lo em segurança na

Inglaterra.

Os nazistas combatiam em duas frentes: primeiro, por meios convencionais, com seus exércitos enfrentando outros em conflitos armados, e, segundo, com uma guerra contra a oposição ideológica. Essa segunda parte não era um conflito que ocorria em campo de batalha, era uma guerra silenciosa de desaparecimentos, terror, tortura, assassinato e deportações, que tinha como soldados do front a Gestapo, a SD e outras partes da máquina de terror do regime. Era uma guerra em que a intenção não era vencer e, sim, liquidar. No front oriental, inicialmente na Polônia, mas mais tarde também na União Soviética, as guerras convencional e ideológica se fundiram integralmente pela primeira vez, com consequências terríveis.

A guerra ideológica não se combatia apenas pelo uso do terror, pois também se tratava de um combate entre pensamentos, memórias e ideias, uma batalha para defender e legitimar a visão nacional-socialista do mundo. Nessa guerra, por assim dizer, a ERR mobilizava a infantaria acadêmica. A organização jamais se envolveria em atos sanguinários e brutais, que ficavam nas mãos da SS. A ERR só era acionada depois de essa parte estar concluída. Quando a organização foi formada no verão de 1940, Alfred Rosenberg já havia selecionado mais ou menos uma dúzia de áreas de interesse para a Hohe Schule. Para ele, o complexo da Hohe Schule perto de Chiemsee era uma mera manifestação arquitetônica de um projeto com ambições bem mais grandiosas. A Hohe Schule estendia seus tentáculos como

um polvo por todo o Terceiro Reich, por meio de uma série de institutos de pesquisa localizados em cidades de todo o país, que agiam como entidades independentes sob o guarda-chuva da Hohe Schule. Pelo menos dez institutos independentes foram planejados, cada um com uma área de pesquisa específica:

Munique: Instituto de História Indo-Europeia

Stuttgart: Instituto de Biologia e Estudos Raciais

Halle: Instituto de Estudos Religiosos

Kiel: Instituto de Pesquisa Alemã

Hamburgo: Instituto de Pesquisa Colonial Ideológica

Münster e Graz: Instituto de Folclore Alemão

Praga: Instituto de Estudos Orientais

Römhild: Instituto de Estudos Celtas

Estrasburgo: Instituto para o Estudo do Germanismo e do Galicismo

Frankfurt: Instituto para Pesquisa da Questão Judaica

O Institut zur Erforschung der Judenfrage, mencionado por último, o maior de todos, foi o único a ser oficialmente inaugurado durante a guerra. Rosenberg abriu o instituto em Frankfurt em março de 1941, com uma conferência sobre a “questão judaica”. A tarefa que se punha diante da ERR era proteger arquivos e bibliotecas em territórios ocupados para que eles pudessem ser usados posteriormente pelos institutos. Mas também havia planos de criação de uma ambiciosa biblioteca na Hohe Schule: a Zentralbibliothek der Hohen Schule. Em 1939, Rosenberg havia escolhido Walter Grothe como diretor e bibliotecário-chefe, com a responsabilidade de montar o acervo.

Grothe era um filólogo que havia trabalhado anteriormente na Rothschild'sche Bibliothek, em Frankfurt, fundada pelo ramo de Frankfurt da família Rothschild no final do século XIX.

Ele havia entrado para o partido em 1931 e, entre outras coisas, trabalhou na função denominada *Parteiredner*, um orador público treinado em retórica pelo NSDAP. Em um documento de outubro de 1941, Grothe descreveu o objetivo da Zentralbibliothek der Hohen Schule: “A meta é criar a primeira grande biblioteca científica nacional-socialista, uma espécie completamente nova de biblioteca”.^[7] Em janeiro de 1940, Adolf Hitler deu instruções sobre como deveriam ocorrer os trabalhos da Hohe Schule durante a guerra:

“A construção [da Hohe Schule] irá ocorrer depois da guerra. Mas para facilitar os preparativos, determino que o líder do Reich, Alfred Rosenberg, inicie os trabalhos preparatórios – particularmente para que a pesquisa e a criação de uma biblioteca possam ir em frente. Quaisquer departamentos do Estado ou do partido que sejam afetados por isso devem dar a ele todo o apoio possível nesse empreendimento.”

Seis meses depois Rosenberg foi encarregado de executar as seguintes operações nos territórios ocupados: primeiro, confiscar artefatos de valor cultural considerados “propriedade judaica sem dono”. Segundo, fazer buscas em bibliotecas e arquivos à procura de materiais de valor para a Alemanha. E, por fim, procurar e confiscar materiais pertencentes a Igrejas e ordens maçônicas.^[8]

No verão de 1940, a ERR parisiense estabeleceu um quartel-

general para os territórios ocidentais ocupados, denominado Amt Ocidental. No mesmo ano uma rede operacional foi estabelecida na Europa Oriental com vários grupos de trabalho locais encarregados de fazer batidas, classificar e confiscar materiais – conhecida como Hauptarbeitsgruppen. Cada grupo era responsável por sua própria área geográfica: França, Bélgica e Holanda. Subordinadas a esses grupos, várias unidades especializadas se dedicavam a diferentes tipos de materiais. A Sonderstab Bildende Kunst se dedicava às artes, enquanto outros departamentos cuidavam de música, igreja, arqueologia e história antiga. A Sonderstab Musik, que saqueava instrumentos, partituras e literatura musical, roubou aproximadamente oito mil pianos somente na França.^[9] O primeiro departamento criado dentro da ERR foi a Sonderstab Bibliothek der Hohen Schule – esse grupo destinado a acervos bibliográficos era liderado por Walter Grothe, chefe da Zentralbibliothek der Hohen Schule; e Wilhelm Grau, chefe do instituto de Roosenberg em Frankfurt.^[10] A ERR seria responsável pela pilhagem de mais de mil grandes bibliotecas na Europa Ocidental.

Na Keizersgracht, em Amsterdã, a ERR estabeleceu uma operação de tamanho considerável com dezenas de funcionários – chefiados pelo rigoroso ss-Sturmbannführer Alfred Schmidt-Stähler, que orgulhosamente assinava suas iniciais em alfabeto rúnico inspirado pela ss. O fato de os membros da ss também estarem trabalhando na Amt Roosenberg é mais um detalhe complicado na estrutura de poder do Terceiro Reich. Integrantes da ss eram encontrados em todas as áreas do Estado nazista e da

máquina do partido, apesar de sua lealdade se dever principalmente a quem pagava seus salários.

Mais tarde, no outono de 1940, a ERR recebeu a responsabilidade de saquear arte na França, o que acabaria se transformando na maior operação da organização durante a guerra. No entanto, o roubo de obras de arte seria uma atividade secundária do ponto de vista de Alfred Rosenberg. A maior parte das obras de arte confiscadas pela ERR foi vendida, reservada ao Führermuseum de Adolf Hitler em Linz, ou repassada para a coleção particular de Hermann Göring em Carinhall. Hitler distribuía o lucrativo butim entre várias organizações. Um dos motivos para que essa tarefa fosse atribuída frequentemente, mas não sempre, à ERR era o fato de Rosenberg não ter nenhum plano para os objetos de arte nem qualquer interesse particular por eles.

Mas a história era completamente diferente quando se tratava de livros, arquivos e documentos, pelos quais a ERR e Rosenberg se envolviam em ferozes batalhas burocráticas com uma longa fila de concorrentes, principalmente com a SS e a Seção VII da RSHA. Era um confronto entre dois projetos concorrentes de biblioteca, em que se utilizava de quaisquer meios disponíveis para a guerra interna continuamente travada dentro do movimento: subterfúgios, mentiras, adulação, alianças e barganhas. Mas muitas vezes a competição entre organizações e líderes no Terceiro Reich era também uma questão de dinamismo – em outras palavras, tratava-se de saber quem chegava primeiro. A SS, com sua enorme força militar e

policial, tinha evidente vantagem. A organização de Roosenberg não tinha soldados próprios; no entanto, ele equilibrava isso com várias alianças estratégicas, sendo a mais importante com Hermann Göring. Certamente era uma aliança curiosa, porque Göring provavelmente era a pessoa menos ideológica no alto escalão da liderança nazista, mas isso servia a um interesse comum. Roosenberg conseguia os soldados de que precisava e o transporte da Luftwaffe, e Göring podia ficar com todos os objetos de arte que conseguisse enfiar em seu trem particular.

A enorme escala e intensidade da operação de saque nazista precisam ser compreendidas desse ponto de vista – seu vigor era alimentado pela feroz vida interna do Terceiro Reich. Mas para que essa competição não degenerasse em pura anarquia, era preciso seguir regras e regulamentos. Por isso, uma aliança pouco provável foi formada entre a SS e a Amt Roosenberg. Himmler ficaria com as bibliotecas e arquivos que fossem úteis para “objetivos de inteligência” – em outras palavras, material útil para a SD e a Gestapo em sua luta contra inimigos da nação. Roosenberg ficaria com as bibliotecas e arquivos que tivessem valor para pesquisas ideológicas. Em termos simples isso podia ser visto como uma subdivisão entre material “histórico” e “contemporâneo”. Mas na realidade as coisas nunca eram tão simples.

Uma das primeiras batalhas, uma luta cruel e prolongada, foi travada pelo valioso arquivo do IISG na Keizersgracht. Reinhard Heydrich tentou garantir que o arquivo ficasse com a RSHA, enquanto Arthur Seyss-Inquart, Reichskommissar na Holanda,

queria mantê-lo em Amsterdã. Robert Ley, líder do movimento sindical nazista, afirmava que sua organização era a destinatária apropriada para esse legado socialista.^[11] A ERR ganhou a briga e ficou com o arquivo, que realmente ficava na jurisdição da RSHA, porque Hitler acabou dando seu apoio a Roosenberg – e porque a ERR havia tomado posse fisicamente do arquivo. A ERR também foi a primeira a entrar na sede parisiense do instituto, que abrigava algumas das partes mais importantes do acervo pertencente a migrantes russos. O escritório foi invadido apenas três dias depois da queda de Paris. No entanto, apesar de ter chegado antes da concorrência, a ERR perdeu a batalha burocrática pelo controle desse arquivo, que ficou nas mãos da SS.

Depois de a ERR ter feito uma primeira avaliação do arquivo e da biblioteca do IISG, ficou confirmado que aquele foi o maior confisco realizado pela organização na Holanda. Somente na biblioteca do instituto havia mais de 100 mil livros, e o arquivo continha pelo menos 180 metros de estantes de material. A ERR levou até 1943 para embalar tudo em nove grandes caixas de madeira, enviadas para a Alemanha por trem e navios cargueiros. No entanto a ERR não encontrou uma parte essencial do arquivo: os documentos de Karl Marx e Friedrich Engels.

“Depois do Acordo de Munique de 1938 quando as potências ocidentais deram a Tchecoslováquia a Hitler, Posthumus estava convencido de que a guerra era inevitável, e por isso enviou o arquivo de Marx e Engels para a filial do instituto em Oxford. É preciso admitir que ele teve muita visão”, diz Huub Sanders,

sentado em seu gabinete.

Os funcionários do IISG também tiveram tempo para destruir os papéis mais comprometedores, como a correspondência com prisioneiros políticos da Alemanha. Posthumus foi interrogado pela ss, mas como não era politicamente ativo, e por isso visto como um acadêmico, conseguiu ser libertado. A perda do IISG não impediu que Nicolaas Wilhelmus Posthumus desse imediatamente início à montagem de outro acervo.

“É incrível que ele tenha conseguido criar um novo instituto, que passou a recolher materiais sobre a guerra enquanto ela ainda estava em curso. Era parte da natureza dele estar sempre em busca de materiais, independentemente das circunstâncias. Esse instituto foi formalmente criado três dias depois da libertação da Holanda, em maio de 1945, e hoje é conhecido como Instituut voor Oorlogs-, Holocausten Genocidestudies. No entanto, quando Posthumus voltou para a Keizersgracht depois da libertação da Holanda, não havia restado muita coisa. Tudo havia sido roubado; estava tudo vazio. Os nazistas levaram até a mobília.”

* * *

Não muito longe da Casa de Rembrandt fica a Sinagoga Portuguesa, um grande prédio de tijolos aparentes do final do século XVII. A sinagoga, descrita como uma das mais belas do mundo, é um monumento à presença dos judeus sefarditas em Amsterdã. Do lado de fora, encontro Frits J. Hoogewoud, um sujeito de uns 70 anos, que joga os braços para o ar como um

regente enquanto fala. Hoogewoud, hoje aposentado, foi bibliotecário-chefe da Bibliotheca Rosenthaliana. Ele tomou como missão de vida mapear as bibliotecas judaicas da cidade e descobrir o que havia acontecido com cada uma durante a guerra.

A sinagoga está cercada por uma construção baixa, de tijolos, que funciona quase como um muro em torno do perímetro. Sigo Hoogewoud até uma das casas do lado de fora da sinagoga onde fica a Ets Haim, a célebre biblioteca – o motivo da minha visita. A mais antiga biblioteca judaica ainda em uso, a Ets Haim é o centro cultural e intelectual da comunidade sefardita da cidade desde o século XVII.

“A biblioteca tem quase 400 anos. Começou como escola para judeus que fugiram da Espanha e de Portugal”, diz Hoogewoud. A luz é suave nas três grandes salas da biblioteca, forradas, do chão até o teto, de livros em tons marrom-dourado, vermelho-vinho e azul-cobalto. Por duas aberturas octogonais é possível vislumbrar o andar superior da biblioteca, ao qual se chega por uma bela escada em espiral de madeira.

“A biblioteca é absolutamente singular, este prédio foi erigido especificamente para ela, e foi construído para deixar que a luz natural entre. Era perigoso ter chamas na biblioteca, claro”, diz Hoogewoud, apontando para as claraboias.

O que realmente torna a Ets Haim singular é o fato de ela refletir a crise existencial enfrentada por muitos judeus sefarditas depois de chegar a Amsterdã. “Muitos judeus sefarditas haviam se convertido ao cristianismo. E de repente eles chegaram a um lugar onde podiam novamente praticar sua

religião original. Não era uma coisa fácil. Eles precisavam descobrir sua identidade, e fizeram isso lendo, escrevendo e participando de debates. Quem eles realmente eram? A fé judaica é mais verdadeira do que a cristã? Esta biblioteca é o produto dessa busca”, Hoogewoud explica enquanto nos instalamos na sala de leitura da biblioteca.

A identidade sefardita se formou durante uma das verdadeiras idades de ouro da história. Os judeus espanhóis e portugueses levaram consigo para suas novas casas uma cultura educacional sem paralelos – que, por muitos anos, foi a melhor da Europa.

A Península Ibérica, chamada Al-Andalus pelos árabes, havia sido conquistada pelos muçulmanos do Norte da África, no início do século VIII. Foi o começo de uma época de quase quinhentos anos de alta cultura islâmica, com excelência em áreas como arte, astronomia, filosofia, literatura e poesia – que devia muito a uma invenção que havia se disseminado a partir do Oriente. Os chineses haviam inventado um modo de produzir papel já na dinastia Han em 200 a.C., mas foram os muçulmanos que levaram a tecnologia para a Europa.^[12] A disseminação do papel facilitou o movimento muçulmano de tradução, em que obras da era clássica de várias disciplinas eram copiadas e traduzidas para o árabe. O califado, que financiava grande parte do trabalho, enviou eruditos para todo canto do mundo para obter manuscritos. O centro desse movimento era a Casa da Sabedoria, em Bagdá – o equivalente à biblioteca de Alexandria no mundo muçulmano – onde centenas de milhares de textos de literatura romana, grega, chinesa, persa e indiana foram traduzidas,

copiadas e comentadas. Grande parte da tradução era feita por cristãos sírios e judeus, proficientes em grego, latim e árabe.

Córdoba se tornou outro centro desse movimento. A concorrência entre a dinastia Omíada da Península Ibérica e a dinastia Abássida, que governava a partir de Bagdá, não era apenas militar, era também cultural. No século x, Córdoba tinha uma das maiores bibliotecas do mundo – acredita-se que a biblioteca omíada contivesse cerca de 400 mil volumes. Não havia nada comparável no mundo cristão e seriam necessárias centenas de anos para que o uso do papel se tornasse amplamente disseminado.

Al-Andalus também foi uma idade de ouro para a cultura judaica. Assim como em Bagdá, muitos tradutores eram estudantes e acadêmicos judeus. Subordinadas aos governantes muçulmanos, as comunidades judaicas gozavam de um alto nível de autonomia, e os intelectuais judeus se dedicavam à filosofia, à medicina, à matemática, à poesia e aos estudos religiosos. O motivo para a existência de tantos intelectuais, tradutores e eruditos judeus no mundo muçulmano era a singular cultura escolástica judaica, que, mesmo na época, já tinha mais de mil anos de idade, com base em um discurso intelectual, religioso e filosófico sobre como se devia interpretar a Torá e viver de acordo com ela.

Muitos judeus sábios de Al-Andalus tinham cargos de destaque na corte. No entanto, apesar de terem maior liberdade do que na Europa cristã, os judeus não escaparam totalmente de perseguições. Quando a estabilidade política que havia sido a marca de Al-Andalus começou a se desfazer depois do ano 1000,

a insegurança para os judeus sefarditas tornou-se cada vez maior. Um terrível despertar veio quando a população judaica de Granada foi massacrada em 1066, em um *pogrom* muçulmano. A grande catástrofe ocorreu depois de o último bastião muçulmano de Granada cair diante dos cristãos espanhóis em 1492. Os conquistadores cristãos deram três escolhas à população judia da cidade: a conversão ao catolicismo, e a consequente permissão para permanecer ali; o exílio da Espanha; e, caso não escolhessem nem se converter nem emigrar, a terceira opção era a morte. A maioria decidiu emigrar para o leste e formar novas colônias em Veneza, Belgrado e Tessalônica. Outros foram para o oeste, incluindo os judeus portugueses que mais tarde foram expulsos de Portugal.^[13]

Mas milhares de judeus sefarditas decidiram se converter para poder ficar. Apesar dessa concessão, os marranos – ou *conversos*, como eles eram comumente chamados – jamais foram aceitos. A Inquisição do século XVI perseguiu implacavelmente os marranos, milhares dos quais foram vitimados pela tortura e pela morte na fogueira. No final a maior parte dos marranos acabou forçada a migrar, encontrando no exílio mais humilhações e isolamento, já que muitas vezes eram rejeitados pelas comunidades judaicas.

Muitos membros desse povo duplamente condenado decidiram ir para a Holanda, onde foram tratados com mais compreensão do que na maior parte dos lugares. Eles são o tema do livro com o buraco de bala na Bibliotheca Rosenthaliana. Samuel Usque era um judeu marrano português, e *Consolaçam às tribulaçoens de Israel* era um livro de autoajuda religioso para

judeus convertidos, escrito em 1553. Ele conta a história das longas aflições do povo judeu, e fala sobre o consolo que pode ser encontrado no estudo da Torá e dos profetas. Usque diz que os marranos só podem ser libertados de seus tormentos voltando abertamente à fé judaica. A maior parte dos judeus que foram para Amsterdã fez exatamente isso, mas mantendo também certos aspectos de sua cultura singular.

“O que os judeus sefarditas trouxeram para cá foi a fusão cultural que havia ocorrido na Espanha entre as culturas judaica, árabe, cristã e até mesmo a cultura clássica. É possível ver as influências nas belas ilustrações dos manuscritos que temos aqui. Há padrões florais surpreendentemente abundantes, inspirados na arte muçulmana. Eles foram em grande medida formados pela cultura de onde vieram. É evidente que eles não queriam simplesmente deixar tudo para trás, que queriam também lembrar a terra perdida”, diz Heide Warncke, bibliotecária da Ets Haim, que se junta a nós na sala de leitura.

A biblioteca foi fundada em 1616 e hoje contém cerca de trinta mil livros e mais de seiscentos manuscritos, o mais velho datado de 1282. O acervo cobre um amplo espectro de temas: poesia, gramática, caligrafia, filosofia, misticismo e religião. “A biblioteca reflete o desenvolvimento da comunidade sefardita em Amsterdã por um período de quatrocentos anos. Aqui você pode mapear as mudanças espirituais, religiosas e culturais pelos quais essa sociedade passou”, Hoogewoud me diz.

Os judeus sefarditas que foram marranos formariam sua própria comunidade e sua própria identidade cultural dentro da sociedade judaica. Eles sempre foram uma minoria, mesmo

dentro da população judaica. Mas depois de vários séculos, como havia acontecido durante a expulsão da Espanha em 1492, a perseguição também chegou à “Jerusalém do Ocidente”.

“Na verdade, logo depois do começo da ocupação em 1940, as coisas não mudaram muito. A vida continuava como antes. Além disso, as atividades culturais não pararam, as pessoas escreviam livros, organizavam seminários e montavam peças. Para nós é difícil entender, agora que podemos ver tudo em retrospecto. Mas eles estavam tão acostumados à liberdade e à tolerância que não conseguiam conceber que aquilo seria tirado deles”, diz Warncke.

“Tudo aconteceu aos poucos. Passo a passo a população judia foi isolada dos outros, assim como os nazistas haviam feito na Alemanha”, Hoogewoud interrompe.

A ERR não tinha pressa para confiscar as bibliotecas judaicas. Só em agosto de 1941 teve início uma operação que se concentrou nos acervos judaicos mais importantes. No primeiro ano, a preocupação foi quase unicamente com oponentes políticos como o IISG, a Igreja e ordens maçônicas. Não foi surpresa que os acervos judeus tenham recebido os holofotes em 1941, já que esse foi o momento em que a política em relação aos judeus se tornou mais dura. Desde o começo do ano, os judeus da Holanda foram forçados a se registrar, e em fevereiro começaram a acontecer as primeiras deportações para Buchenwald. Em agosto, a SD fechou várias bibliotecas judaicas, entre elas a Ets Haim e a Rosenthaliana, cujas salas de leitura já estavam fechadas para o público em geral. A Bet Hamidrash,

uma valiosa biblioteca dos judeus asquenazes, também foi fechada. As bibliotecas não estavam disponíveis para ninguém exceto para os integrantes da SS e da ERR. O que eles não haviam percebido é que a maior parte dos livros mais valiosos já havia sido escondida.

Seis meses antes a congregação portuguesa havia escolhido suas obras de arte mais valiosas, que foram enviadas para o *bunker* do Rijksmuseum sob as dunas de areia perto do litoral. Eles também retiraram cinco caixas de livros e manuscritos da Ets Haim, incluindo oito incunábulos hebraicos, sessenta manuscritos dos séculos XVII e XVIII e mais de 150 ilustrações impressas. As caixas foram colocadas em um cofre do banco Kas-Associate on Spuistraat, em Amsterdã.^[14] O motivo dessa precaução não era o risco de saque, que na época provavelmente não era levado muito em conta, e sim o medo de que a biblioteca pudesse ser avariada ou destruída por um bombardeio aéreo.

A operação de resgate de Fontaine Verwey na Rosenthaliana teve maior consciência da precariedade da situação. O antigo curador da biblioteca, Louis Hirschel, organizou uma lista secreta dos textos mais valiosos que precisavam ser salvos. Juntos, os dois entraram no prédio lacrado e tiraram de lá, entre outras coisas, mais ou menos sessenta manuscritos, cerca de vinte incunábulos e um desenho de Spinoza do século XVII, todos escondidos no subsolo.^[15] Também esconderam o catálogo da biblioteca para a ERR não poder checar o que havia desaparecido.

A ERR estava interessadíssima em pôr as mãos na Ets Haim e na Rosenthaliana, e pode-se perceber isso em um relatório

semanal enviado pelo quartel-general da organização na Holanda, no mesmo mês em que as bibliotecas foram lacradas:

É possível que fontes anteriormente desconhecidas da era Cromwell possam ser descobertas aqui, relativas tanto à chamada Revolução Gloriosa de 1668 quanto à aliança entre Inglaterra e Holanda. Em especial, podem surgir novas conclusões sobre as relações de Cromwell com os judeus – e talvez até sobre a influência judaica na criação do serviço secreto inglês.^[16]

O relatório demonstra quanto o trabalho da ERR tinha motivações ideológicas. A principal razão para que as bibliotecas e os arquivos fossem roubados não era o fato de se tratar de “propriedade judaica” e, sim, por se acreditar que isso pudesse revelar materiais que ajudassem a dar sustentação à teoria de uma conspiração judaica mundial. Havia um histórico particularmente curioso no interesse dos nazistas pelas relações entre judeus e britânicos. Hitler e Roosenberg eram ambos admiradores do Império Britânico e achavam fascinante que uma minoria fosse capaz de governar a Índia, com uma população na casa das centenas de milhões de pessoas. Roosenberg tentou até o fim fazer com que a Alemanha nazista firmasse um pacto antibolchevique com a Grã-Bretanha. O próprio Hitler seguia a mesma linha de pensamento. A guerra com a Grã-Bretanha, e a teimosa recusa em fazer as pazes, era, em parte, culpa da “influência judaica”. O fato de Cromwell, como resultado da diplomacia de Menasseh ben Israel, ter permitido que os judeus voltassem à Inglaterra era visto como evidência dessa influência judaica.

“É uma maneira ridícula de ver as coisas. Achar que o verdadeiro inimigo era a conexão judaico-britânica. Mas é importante entender que eles realmente viam as coisas assim. Era assim que os nazistas legitimavam suas ações. Em última análise, eles queriam provar que o nazismo estava certo, que essa era a lógica do que eles estavam fazendo”, Hoogewoud explica.

Em 1942, tanto a Ets Haim quanto a Rosenthaliana foram visitadas por um certo Johannes Pohl, que Alfred Roosenberg havia nomeado no ano anterior para chefiar a seção judaica do Institut zur Erforschung der Judenfrage, em Frankfurt. Pohl tinha sido padre católico, mas se converteu ao nacional-socialismo. No fim da década de 1920, ele havia sido um promissor estudioso da Bíblia cuja tese de doutorado era sobre o profeta Ezequiel. No início dos anos 1930 ele passou vários anos em Jerusalém, estudando arqueologia bíblica.

Quando voltou à Alemanha em 1934, Pohl desistiu do sacerdócio para se casar e começou a publicar artigos em periódicos antissemitas como o *Der Stürmer*. Estranhamente, ele nunca havia expressado ideias antissemitas durante seus anos de pesquisa, o que parece sugerir ou que ele fosse um oportunista ou que havia cultivado um antissemitismo pessoal, que apenas ousou articular quando os nazistas assumiram o poder. Pohl alertou especialmente sobre os perigos do Talmude, sobre o qual também escreveu um livro antissemita.^[17]

Pohl era um defensor da *Judenforschung ohne Juden* – pesquisa sobre judeus sem judeus – o que o levou aos círculos de Roosenberg e também ao instituto em Frankfurt, onde mais

tarde ele se transformaria no maior saqueador de livros da organização.

Depois da inspeção de Pohl em 1942, ficou decidido que tanto a Ets Haim quanto a Rosenthaliana deviam ser levadas para o instituto em Frankfurt. No outono de 1941, a ERR e a RSHA também começaram a saquear coleções particulares na Holanda. Uma das mais conhecidas bibliotecas a ser roubada foi a de Isaac Leo Seeligmann, filho do historiador, bibliófilo e sionista Sigmund Seeligmann, morto em 1940. Isaac Leo Seeligmann herdara uma das melhores bibliotecas particulares judaicas na Europa. Ele próprio era um estudioso da Bíblia e professor de história judaica, e havia seguido os passos do pai ao montar um impressionante acervo por conta própria. Juntas, as duas bibliotecas continham de 20 mil a 25 mil livros.^[18] A RSHA assumiu o controle do acervo de Seeligmann, provavelmente por seu pai ter sido um conhecido sionista. Outra valiosa coleção de livros judaica confiscada pela ERR pertencia a Paul May, o banqueiro, que se suicidou junto com a esposa ingerindo cianeto no mesmo dia em que a Holanda se rendeu aos nazistas.

Em 1942, a ERR comandou a operação M-Aktion [algo como Ação Móvel], junto com a Zentralstelle für jüdische Auswanderung [Escritório Central para Migração Judaica], que cuidou da deportação dos judeus holandeses para campos de concentração. Como parte da operação, casas pertencentes a judeus deportados foram saqueadas para fornecer artigos domésticos a soldados e outros alemães que estavam se estabelecendo no leste.

Alfred Schmidt-Stähler escreve em um relatório que a organização realizou 29 mil incursões bem-sucedidas na Holanda.^[19] Na maior parte dos casos as casas já não tinham mais mobília ou artigos domésticos, que haviam sido levados em trens ou navios para a Alemanha ou para a Europa Oriental. A operação também fez uma limpeza da herança literária dos judeus holandeses, esvaziando até as menores estantes e pegando volumes esparsos de mesinhas de cabeceira. Estima-se que a ERR tenha roubado entre 700 mil e 800 mil livros. Alguns foram distribuídos para escolas na Holanda ou entregues a nazistas locais.^[20] Outros foram vendidos ou enviados para a Alemanha.

Só em meados de 1943 a ERR finalmente terminou de encaixotar a Ets Haim. Pior ainda, a organização encontrou uma lista de documentos que haviam sido levados para um cofre num banco, uma lista que os funcionários haviam se esquecido de esconder. A secretária da congregação foi levada à força até o banco, acompanhada por funcionários da ERR e da SD, onde a maior parte dos livros e manuscritos foi confiscada. Em agosto o conteúdo da biblioteca, 170 caixas, foi colocado em um trem para Frankfurt.

A Rosenthaliana só sairia de Amsterdã um ano depois, já que a biblioteca havia se tornado alvo de mais uma disputa. O acervo pertencia à Universidade de Amsterdã, e portanto era propriedade pública, não judaica. Até mesmo o prefeito pró-Alemanha de Amsterdã entrou em cena para salvar o acervo e mantê-lo na Holanda. Enquanto a guerra de palavras era

travada, Herman de la Fontaine Verwey aproveitou a oportunidade para tirar da biblioteca os documentos escondidos no subsolo. No outono de 1943 a universidade começou a evacuar outros acervos valiosos para *bunkers* sob as dunas de areia em Zandvoort, perto de Haarlem. Ao esconder os manuscritos da Rosenthaliana em meio a esses documentos Fontaine Verwey conseguiu mantê-los em segurança.^[21] Apesar dos protestos, ninguém conseguiu impedir que a ERR se apossasse da Rosenthaliana. “A lei da propriedade não significa nada quando se trata de objetos judaicos”, foi a resposta final de Alfred Roosenberg ao prefeito de Amsterdã. Em junho de 1944 a biblioteca foi embalada em 143 caixas e despachada de trem para o leste.

As deportações em massa de judeus holandeses começaram em meados de 1942. A maior parte foi enviada para o campo de passagem de Westerbork. Quase toda terça-feira até setembro de 1944, um trem de carga partia para o leste. Sessenta e oito trens, levando 54.930 pessoas, partiram para Auschwitz-Birkenau. Dezenove trens, com 34.313 pessoas, foram para Sobibór. A maior parte dos deportados foi assassinada na chegada.^[22] Outros trens, com quantidade bem menor de passageiros a bordo, foram para os campos de concentração de Bergen-Belsen e Theresienstadt. Em dois anos, três quartos da população de judeus na Holanda foram exterminados. Dos judeus sefarditas, só cerca de oitocentos sobreviveram.

O curador da Rosenthaliana, Louis Hirschel, e Isaac Leo Seeligmann estavam entre os deportados; os dois foram enviados com suas famílias para Westerbork. De acordo com um

colega que visitou Hirschel no alojamento em que ele estava confinado, ele trabalhou até o fim em uma bibliografia que seria a base para um livro sobre a história dos judeus na Holanda: “No alojamento escuro, cercado por desgraça e miséria, ele escreveu sua extensa bibliografia, sem qualquer acesso a outra literatura, em pequenas tiras de papel”.^[23] Hirschel foi deportado com a esposa e quatro filhos para a Polônia. Sua mulher morreu em Sobibór em novembro de 1943. Hirschel sobreviveu até março de 1944: provavelmente ele foi selecionado para trabalhar como escravo, o que estendeu sua vida por alguns meses.^[24] Isaac Leo Seeligman teve “sorte” – seu nome estava em uma lista de judeus “escolhidos” para serem enviados para um “campo modelo” nazista, Theresienstadt. Por uma coincidência impressionante, Seeligmann voltou a se unir com sua biblioteca antes de a guerra acabar.

CAPÍTULO 7

A caça aos segredos dos maçons

Haia

“Para compreender a alquimia, você tem que se fazer a seguinte pergunta: o que é o ouro? É o metal que você deseja ou alguma outra coisa? A alquimia tem relação com a busca por um dos grandes segredos da vida, o segredo da vida eterna.”

Jac Piepenbrock me olha vigilante, como se para ter certeza de que estou acompanhando, enquanto explica a essência fundamental da alquimia. Não tenho certeza de que entendo, mas apesar disso balanço a cabeça para dizer que estou acompanhando.

“Mas qual é realmente o sentido da vida eterna? É a vida aqui na terra, ou a ascensão da alma à luz eterna? A alquimia é a busca pelo sentido mais profundo da vida”, Piepenbrock continua. É um homem pequeno, um maçom com belos cabelos brancos e sedosos. Nos braços ele carrega um livro tão grande que são necessárias duas pessoas para virar suas páginas. Enquanto Piepenbrock abre o volume de 20 centímetros de

espessura, seu colega Theo Walter cuidadosamente vira as páginas amarelas, quase marrons. Cada página ou cada grupo de duas páginas é ilustrado com xilogravuras curiosas, assustadoras. Cobras se contorcem em torno de humanos. Um campo coberto por esqueletos cercados por revoadas de pássaros. Dragões devoram uns aos outros. Uma multidão com paus e lanças agride um homem caído. Pombas armadas com arco e flecha. Estrelas, anjos, planetas e sinais que eu jamais havia visto. O livro, *Bibliotheca chemica curiosa*, é uma antologia de 1702 sobre literatura alquímica, compilada pelo médico Jean-Jacques Manget. O livro mágico contrasta fortemente com a sala em que estamos – um pequeno buraco sem oxigênio, abarrotado e sem janelas. As carrancudas prateleiras metálicas cinzentas, que Walter e Piepenbrock empurram para um lado e para o outro, dão a impressão de que você foi parar em um arquivo onde ficam relatórios esquecidos de auditorias. Mas se você conseguir ver além desse ambiente pouco vistoso, a sala contém um dos acervos mais extraordinários da Europa sobre maçonaria, alquimia, magia, os mistérios da antiguidade, construtores de catedrais e sobre os Cavaleiros Templários.

A loja maçônica da Grootoosten der Nederlanden, cuja história remonta a 1756, tem sua sede principal atrás de uma porta verde escura pouco chamativa no centro de Haia. Há poucas décadas, como tantas lojas maçônicas europeias, o local começou a tornar mais transparentes suas atividades, antes tão sigilosas. A loja hoje abriga um centro cultural, o Cultureel Masonniek Centrum, com uma sala de leitura e um museu sobre a maçonaria. A ordem possui uma coleção de mais de 25 mil

artefatos valiosos associados à maçonaria: insígnias antigas, objetos de arte, desenhos e gravuras. Mas o acervo mais famoso da loja é a Bibliotheca Klossiana – uma das mais antigas bibliotecas maçons do mundo. O acervo tem suas origens ligadas ao médico, historiador e maçom alemão Georg Kloss, que deu início à biblioteca no início do século XIX. “Kloss era um colecionador fanático de livros e manuscritos sobre maçonaria e outros temas de interesse das lojas. Ele conseguiu montar o melhor acervo sobre o tema na Europa”, diz Piepenbrock, que é o guardião da biblioteca. Depois da morte de Kloss a biblioteca foi comprada pelo príncipe Frederico da Holanda, que doou a coleção para a ordem em que era grão-mestre. O acervo de Kloss tem sete mil livros e dois mil manuscritos.

Além dessa biblioteca havia um vasto arquivo sobre a história de 250 anos da ordem e materiais sobre aproximadamente oitenta ordens maçônicas holandesas que já não existem mais. Hoje o acervo ocupa cerca de oitenta metros de prateleiras. “Kloss colecionava livros e manuscritos para tentar encontrar as origens da maçonaria. Como os rituais foram criados, quando foram colocados no papel, como evoluíram e quais são os verdadeiros rituais da maçonaria”, diz Theo Walter, o bibliotecário da ordem.

A maçonaria foi um tema que interessou muito aos nazistas, mas, apesar disso, o ataque do Terceiro Reich à maçonaria é um capítulo pouco examinado. Depois da chegada dos nazistas ao poder, as ordens maçônicas alemãs estiveram entre as primeiras organizações atacadas, mas a perseguição de maçons, com poucas exceções, não foi nem tão sistemática nem tão brutal

quanto a que se voltou contra judeus e adversários políticos. A oposição nazista às ordens era um ataque ao espírito da maçonaria, vista como um problema ideológico e não como um problema racial, como no caso de judeus, ciganos e eslavos. Em outras palavras, os nazistas queriam se livrar do fenômeno da maçonaria, não tanto dos maçons.

Hermann Göring disse em um estágio inicial que “não há lugar na Alemanha nacional-socialista para ordens maçônicas”.

[1] De início o regime tentou de várias maneiras fazer com que as lojas se desmantelassem ou desistissem da maçonaria e passassem a se ocupar de outras coisas. Membros e ex-membros da maçonaria não podiam entrar no Partido Nazista. Maçons também estavam sujeitos a assédios e boicotes e frequentemente eram demitidos caso trabalhassem na esfera pública. No entanto, muitos conseguiram, mais tarde, retomar suas carreiras.

A atividade maçônica na Alemanha era grande, com mais de oitenta mil maçons. Muitos eram ou tinham sido pessoas de destaque na sociedade alemã. Algumas das maiores ordens tentaram já a partir de 1933 se adaptar mudando seus nomes para algo como Ordem Nacional Cristã de Frederico o Grande ou Ordem Benévola Cristã-Alemã.[2] Para seguir em funcionamento, o regime exigia que as ordens parassem de usar a palavra *maçom*, que rompessem todos os laços com outros países, excluíssem membros não arianos, abrissem suas atividades secretas e abandonassem ritos que pudessem ser associados ao Velho Testamento.

Em 1935, as ordens maçons foram completamente banidas e

rotuladas como “inimigas do Estado”. Com isso, as organizações maçônicas alemãs foram desmanteladas e suas propriedades, confiscadas. Heinrich Himmler, que estava profundamente interessado pelas ordens, se certificou de que a SD e a Gestapo saqueassem as bibliotecas e arquivos da maçonaria. Esse material foi a base de um acervo sobre ocultismo na Seção VII da RSHA.^[3]

Também na década de 1930, várias campanhas foram realizadas para denegrir a maçonaria, por meio da conversão de algumas das lojas maçônicas confiscadas em museus onde eram realizadas exposições. Um exemplo foi a célebre *Entartete Kunst*, em 1937, quando os nazistas organizaram uma exposição sobre a arte moderna “degenerada”. A “exposição vexatória” era um conceito a que os nazistas voltariam muitas vezes em sua propaganda. Além das “exposições vexatórias” sobre artes, eventos semelhantes foram organizados sobre temas como jazz e cultura judaica. A exposição *Sowjet-Paradies*, em 1942, foi particularmente popular, apresentando itens reavidos após a invasão da União Soviética. A exposição, dentro de uma tenda aos moldes de um pavilhão, cobria uma área de mais de 800 metros quadrados. O objetivo era mostrar a pobreza e a miséria na Rússia sob o regime bolchevique. Segundo alguns relatos, cerca de 1,3 milhão de alemães visitou a exposição.^[4] As “exposições vexatórias” não deviam meramente tornar seus temas objetos de escárnio e humilhação, eram também medidas preventivas. Nas exposições sobre maçonaria havia um desejo de revelar os segredos das ordens ao deixar que o povo alemão

entrasse nas salas dessas fraternidades misteriosas, mostrando como as ordens secretamente se dedicavam a rituais pervertidos, não germânicos e judaicos, que eram verdadeiras ameaças à Alemanha. Objetos rituais como crânios humanos, ossos, textos hebraicos e outros objetos “orientais” receberam ênfase especial. Havia um foco sensacionalista nos supostos rituais de sangue praticados pelos maçons. O maior desses museus, aberto em uma loja confiscada em Chemnitz, teria tido um milhão de visitantes alemães, segundo relatórios.

As ordens maçônicas, na verdade, jamais representaram qualquer ameaça política aos nacional-socialistas. A maior parte das ordens era completamente apolítica. Mas na visão de mundo apocalíptica dos nazistas, os maçons tinham um papel especial na conspiração judaica mundial. As sociedades secretas conspiravam há séculos para derrotar a Alemanha.

Quando o jornal do partido, o *Völkischer Beobachter*, noticiou em 1935 o desmantelamento das ordens, houve uma acusação espantosa: os maçons haviam começado a Primeira Guerra Mundial. Segundo o jornal, os maçons planejaram o assassinato do sucessor do trono austro-húngaro, Franz Ferdinand, em Sarajevo, em 1914.^[5] Portanto, os maçons haviam conspirado para obrigar a Alemanha a ir à guerra e haviam assegurado a derrota alemã.

Teorias conspiratórias como essa prosperaram em círculos da extrema direita alemã no entreguerras. O general alemão Erich Ludendorff, que teve papel decisivo nos últimos anos da Primeira Guerra Mundial, foi um dos mais ácidos críticos da maçonaria. No último ano da guerra, Ludendorff era o homem

mais poderoso da Alemanha, responsável tanto pelo planejamento quanto pelo comando da ofensiva alemã no front ocidental em 1918, quando o país esgotou suas últimas forças num ataque final. O fracasso da ofensiva e o contra-ataque Aliado não apenas levaram à queda das defesas alemãs como também causaram um colapso nervoso no próprio Ludendorff. Quando Ludendorff não teve sucesso em negociar uma trégua no outono de 1918, o imperador alemão tirou-o do posto.

A revolução começou na Alemanha em novembro do mesmo ano. Ludendorff fugiu para a Suécia usando um passaporte falso e esperou a revolução acabar na propriedade rural do fazendeiro e adestrador de cavalos sueco Ragnar Olson, em Hässleholm. Esgotado, amargurado, exilado e decepcionado com o humilhante Tratado de Versalhes, Ludendorff escreveu suas memórias de guerra. Publicado em 1919, o livro se tornou uma das fontes da “Lenda da punhalada pelas costas”, que teve papel tão decisivo no destino dos nacional-socialistas. Ludendorff, incapaz de assumir os próprios fracassos na guerra, dizia que foram os social-democratas, os socialistas e os maçons no front doméstico que causaram a derrota. Sem essa “punhalada” nas costas do Exército, a Alemanha teria saído vitoriosa.

A descida de Ludendorff ao mundo sombrio das teorias da conspiração não acabou com seu livro de memórias. Aos poucos ele foi atraído pelos círculos de extrema direita de Munique e pelo NSDAP. Durante o Putsch da Cervejaria, em 1923, quando os nazistas tentaram dar um golpe, Ludendorff marchou ao lado de Adolf Hitler para derrubar o governo. Ao contrário de Hitler, ele escapou de ser condenado à prisão.

Nos anos 1920, Ludendorff começou a ver os maçons como a raiz de uma conspiração global. Em 1927 ele publicou o livro *A aniquilação da francomaçonnaria através da revelação de seus segredos*, em que ele desenvolvia ainda mais as suas teorias conspiratórias. Embora Ludendorff tenha recebido crédito como único autor, o livro na verdade foi escrito em parceria com sua esposa, Mathilde. Mais tarde ela publicaria seu próprio panfleto, *A vida de Mozart e sua morte violenta*, no qual dizia que o compositor fora assassinado por seus irmãos maçônicos depois de romper o voto de silêncio. Ela também afirmava que os maçons foram responsáveis pelas mortes de Martinho Lutero e Friedrich Schiller.^[6]

Os Ludendorff estavam convencidos de que os maçons tinham poderes sobrenaturais e que, portanto, representavam uma ameaça para a Alemanha e seu povo. Eles também acreditavam ter encontrado indícios de que maçons, por meio de suas redes internacionais, teriam vazado segredos militares para os inimigos do país durante a guerra.^[7] Em suas memórias, Erich Ludendorff dizia que as ordens maçônicas eram controladas pela Grã-Bretanha.

Outra figura, não exatamente inesperada, também aparecia em *A aniquilação da francomaçonnaria através da revelação de seus segredos*: o judeu. O movimento maçom era, na verdade, criado e controlado pelos judeus. De acordo com os Ludendorff, o segredo das lojas era um modo de ocultar a influência judaica. Os Ludendorff se referiam às lojas como *künstlicher Jude*, um “judeu artificial”. Eles insinuavam que, embora os maçons oficialmente não fossem judeus, as lojas agiam como agentes dos interesses

judaicos. O casal também acreditava que os judeus haviam feito um pacto sigiloso com os jesuítas para juntos controlarem a economia mundial.^[8]

O livro não foi aclamado pela crítica como os Ludendorff esperavam. A maior parte dos jornais desprezou suas ideias como algo que beirava a excentricidade e que chegavam a ser ligeiramente dignas de pena. O *Tageblatt*, de Bremen, insinuou que o velho general estava “psicologicamente instável”.^[9]

Mas as ideias foram muito mais bem recebidas nos círculos de extrema direita, onde essa teoria da conspiração estava praticamente estabelecida. O conceito de uma conspiração judaico-maçônica era quase tão respeitável quanto as próprias lojas. Segundo o mito popular, a maçonaria fora criada por associações de homens que construíam catedrais na Idade Média. Nunca se comprovou se foi assim que surgiram as ordens maçônicas, mas era nessa mitologia que o movimento maçom se baseava. As lojas surgiram no princípio do século XVIII, quando a revolução científica e o Iluminismo levaram a um interesse renovado por questões existenciais, misticismo e espiritualidade – assim como por vários tipos de sociedade. Ainda era perigoso questionar abertamente a autoridade da Igreja. Nos séculos XVII e XVIII, portanto, surgiu uma miríade de sociedades religiosas, espirituais e filosóficas em que se podiam discutir e compartilhar essas ideias potencialmente perigosas a portas fechadas.



Maçons na Bibliotheca Klossiana em Haia me mostram um livro do célebre acervo — a obra ilustrada *Bibliotheca chemica curiosa*.

A Grande Loja da Inglaterra foi criada em 1717, e é, em geral, considerada a primeira grande loja maçônica. Da Inglaterra, a maçonaria se espalhou para a França e depois pelo continente. As ordens maçônicas buscavam transmitir conhecimento teórico e espiritual por meio de pesquisas filosóficas e religiosas. Um interesse – que voltou a crescer na época – pelo ocultismo, pela magia e pelas sessões espirituais também influenciou as várias ordens. Mas as ordens não eram meros clubes de conversação, eram em grande medida associações exclusivas para a elite social, das quais as mulheres e as pessoas de origem mais modesta não podiam participar.

O segredo, os ritos, os elementos esotéricos e a quantidade de pessoas de destaque que participavam das ordens fizeram com que desde o começo se disseminassem rumores e teorias da conspiração. A primeira condenação oficial partiu do papa Clemente XII, que no fim da década de 1730 criticou a maçonaria como sendo uma prática oposta à fé católica. De início, as críticas tinham base principalmente religiosa; no entanto, depois da Revolução Francesa surgiu uma dimensão política. Na busca generalizada por bodes expiatórios em quem colocar a culpa pela turbulência política, os maçons e os Illuminati bávaros foram falsamente incriminados como conspiradores e instigadores. À medida que o século XIX avançava também surgiu uma crítica feita pelos nacionalistas (liberais). Como muitas ordens eram partes de redes internacionais, o fenômeno era visto pelos nacionalistas como uma ameaça à coesão nacional.

A suposta ligação entre a maçonaria e os judeus era particularmente esquisita já que muitas ordens, especialmente as que tinham foco cristão, não aceitavam judeus.^[10] Nas ordens mais humanistas os judeus só foram aceitos a partir da década de 1850. Dos oitenta mil maçons que a Alemanha provavelmente tinha em 1933, estima-se que só três mil tinham origem judaica.^[11]

Nos círculos conservadores de extrema direita cultivou-se uma ideia no século XIX segundo a qual os judeus se infiltravam na maçonaria e manipulavam sua ideologia em nome de seus próprios objetivos. O fato de muitas ordens apoiarem ideias iluministas, como a igualdade e uma crença no futuro, era visto como auxílio a “interesses judaicos”, por abrir caminho para a

emancipação dos judeus. Acreditava-se que maçons e judeus conspiravam para destruir tanto a Igreja quanto a monarquia com o intuito de igualdade de direitos para os judeus.

Perto da virada do século, os maçons tiveram participação em toda conspiração digna do nome. Na França, estiveram supostamente envolvidos no caso Dreyfus, em que o oficial de artilharia francês e judeu Alfred Dreyfus foi considerado culpado por espionagem – com base em documentos falsos. Na Rússia, participaram dos *Protocolos dos Sábios de Sião* como um instrumento para que os judeus dominassem o mundo. Na Inglaterra, os maçons foram acusados de ligações com Jack, o Estripador.

Um livro escrito pelo político austríaco Friedrich Wichtl, em 1919, teve destaque especial: *Os maçons do mundo – Revolução mundial – República mundial. Uma investigação sobre as origens e o final da Primeira Guerra Mundial*.^[12] Foi Wichtl quem cunhou a expressão “judeu artificial” e mostrou indícios de que o herdeiro do trono austro-húngaro fora assassinado em 1914 por manobras de um grupo de maçons e judeus.

Os Ludendorff e Wichtl encontrariam um apoiador em Alfred Rosenberg, que também havia publicado um livro sobre o tema em 1922: *Os crimes dos maçons, judeus, jesuítas e do cristianismo alemão*. Em *O mito do século xx*, ele acusou os maçons de disseminarem “princípios tolerantes e humanos, por exemplo dizendo que judeus e turcos têm os mesmos direitos de um cristão”, o que, no universo do mito racial de Rosenberg, era uma ideia pavorosa. Foram os maçons, ele dizia, que “lideraram as revoluções democráticas do século xix”. Foi exatamente esse

humanismo, defendido pelos maçons, que causou o declínio democrático, racial e moral em que “todo judeu, negro ou mulato pode se tornar um cidadão com plenos direitos em uma nação europeia”.^[13]

Heinrich Himmler estava convencido de que as lojas usavam rituais de sangue. A prática foi descrita com mais detalhes em um relatório da polícia política bávara, a BPP: “O candidato faz um corte no polegar e derrama o sangue em um cálice. Adiciona-se vinho e em seguida sangue dos demais irmãos (de quando realizaram o ritual). O candidato bebe o líquido e absorve o sangue dos maçons, incluindo judeus. Com isso o triunfo do judeu está completo”.^[14]

Ao mesmo tempo havia na ss um curioso fascínio pela maçonaria. Himmler via as ordens não como inimigas do Estado e sim como fontes de conhecimento e inspiração. Portanto, não era segredo que grande parte da literatura confiscada das ordens maçônicas alemãs nos anos 1930 tenha ido parar na biblioteca da RSHA. Os rituais, segredos e o simbolismo dos maçons causavam grande interesse em Himmler, que desejava recriar seus próprios rituais e ordens não muito diferentes dentro da ss.

Os nazistas não foram os primeiros a banir a maçonaria no século xx. A maior parte dos regimes totalitários do entreguerras atacou os maçons. Na Itália, Mussolini acusou-os de inimigos do fascismo e os baniu, como fizeram a União Soviética e a Espanha franquista. Na Alemanha nazista, Reinhard Heydrich criou uma divisão especial na RSHA para os maçons. Um dos indivíduos recrutados para registrar maçons alemães foi Adolf Eichmann. É

difícil estimar quantos maçons alemães foram vítimas da perseguição nazista, já que muitos também foram detidos e enviados para campos de concentração em função de outras atividades políticas.

A maçonaria era componente importante da propaganda não só contra inimigos domésticos mas também contra inimigos externos. O fato de Winston Churchill e Franklin Roosevelt serem maçons era sempre mencionado na propaganda nazista. Quando o marechal de campo alemão Friedrich Paulus se rendeu em Stalingrado, contra ordens de Hitler, foi chamado pela propaganda alemã de “maçom de mais alta patente”.^[15] Mas os nazistas não mencionavam com tanta estridência que Goethe, Mozart e Frederico, o Grande eram maçons.^[16]

No verão de 1940, a ERR em Amsterdã mapeou a rede de lojas maçônicas na Holanda. Na lista completa havia trinta e uma lojas maçônicas e dez lojas que pertenciam à Ordem Maçônica Mista Internacional, ordem que aceitava mulheres. Também havia trinta e cinco sedes locais da Odd Fellows e quinze do Rotary. No início de setembro, a ERR iniciou uma série de ataques coordenados, tendo como alvo principal Grootoosten, em Haia. Além da famosa biblioteca, essa loja maçônica era uma organização que servia como guarda-chuva para uma longa lista de lojas regionais que somavam mais de quatro mil membros. “Em 4 de setembro de 1940 todos os membros foram chamados à loja e instruídos a trazer suas insígnias. Quem se recusou teve a casa revistada”, Piepenbrock diz. Os membros foram registrados e as lojas, desmanteladas. A maior parte foi solta,

mas o grão-mestre da Groottoosten, Hermannus van Tongeren, foi preso e enviado para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde morreu.

As propriedades das ordens foram confiscadas na totalidade, incluindo prédios, insígnias e bibliotecas. Como na Alemanha, as lojas maçônicas muitas vezes acabaram sendo usadas como escritórios, depósitos ou centros de coordenação para várias organizações nazistas.^[17]

Outro tema exportado da Alemanha foi o conceito de “exposição vexatória”, usado aqui como tentativa dos invasores de conquistar os cidadãos dos territórios ocupados para sua luta contra judeus, maçons e bolcheviques. Em Paris, uma exposição contra a maçonaria foi inaugurada em junho de 1940, e Bruxelas realizou uma mostra semelhante um ano depois.

Na França, a ERR começou a preparar o saque das lojas maçônicas antes mesmo do que na Holanda. Quando a operação militar ainda estava em curso, Alfred Rosenberg enviou funcionários à França para fazer reconhecimento do que poderia ser confiscado. Em 18 de junho de 1940, um dos emissários, professor George Ebert, relatou que havia ocupado a maior loja maçônica da França, o Grande Oriente da França, na *rue Cadet*, em Paris.^[18]

Na França e na Bélgica, as ordens sofreram uma pilhagem tão completa quanto na Holanda. Na Dinamarca, na Noruega, na Polônia, na Áustria, na Grécia e nos Bálcãs, as ordens também foram invadidas e roubadas.

Houve rixas violentas entre a ERR e a RSHA pelo direito de ficar

com as bibliotecas e os arquivos dos maçons. A RSHA frequentemente acabou tendo prioridade, o que forçou a ERR a entregar grande parte da literatura maçônica já confiscada. Considerava-se importante do ponto de vista da segurança poder mapear as redes internacionais de maçons por meio do acesso a seus registros de membros, correspondência e outros materiais. Mas também estava claro que a “literatura ocultista” de propriedade das ordens tinha grande interesse para a ss. A RSHA já havia construído um acervo considerável, roubado das ordens maçônicas alemãs – antes da chegada dos nazistas ao poder o país tinha o segundo maior número de filiados no mundo.^[19] O confisco de livros e de materiais de arquivo de lojas alemãs foi enorme, e a maior parte acabou indo para a biblioteca dos inimigos do Reich, na Seção VII da RSHA em Berlim.

Já nos acervos alemães a RSHA encontrou muito material que podia servir de base para fantasias conspiratórias e para o interesse da ss pelo ocultismo. Um desses arquivos era o Schwedenkiste [baú sueco] da loja maçônica Ernst zum Kompass, em Gota. Era um acervo de documentos e cartas da ordem dos Illuminati de fins do século XVII. A ordem secreta, cercada por mitos, foi fundada pelo filósofo alemão Adam Weishaupt. Seu propósito era obter um consenso sobre os valores fundamentais do Iluminismo entre intelectuais e autoridades, e desse modo incentivar reformas sociais racionais com espírito progressista. A organização de Weishaupt recrutava pessoas que concordassem com esses objetivos e se via como uma instituição voltada para o desenvolvimento de uma elite

local que coordenaria seus elevados ideais para o aperfeiçoamento da humanidade.

A ordem foi banida pela Baviera, em 1785, e vários membros foram presos. Mesmo assim, apesar da breve duração da ordem, os Illuminati logo foram cercados por diversas teorias conspiratórias, sendo popular a afirmação de que a ordem continuava atuando em sigilo.

John Robinson, professor escocês e teórico da conspiração, acusou os Illuminati em seu livro *Provas de uma conspiração* (1797) de ter infiltrado grupos maçônicos no continente e de ter começado a Revolução Francesa. Em 1780, os Illuminati tinham iniciado uma colaboração com os maçons, o que era visto como indício de que a ordem dera prosseguimento a suas atividades subversivas sob o disfarce de lojas maçônicas. O Schwedenkiste era composto de documentos que remontavam à época em que os Illuminati estavam ativos, incluindo informações que identificavam seus membros. O duque Ernst II, de Saxe-Gota-Altemburgo, membro da ordem, considerava o conteúdo sensível a ponto de o ter enviado a seus contatos na Suécia. Em Estocolmo os arquivos dos Illuminati foram protegidos contra publicação, o que foi garantido pela família real sueca. Uma das pessoas listadas como membro dos Illuminati era ninguém menos do que Johann Wolfgang von Goethe. O Schwedenkiste permaneceria na Suécia até 1883, quando o acervo foi remetido de volta para a Alemanha e acabou chegando à loja maçônica Ernst zum Kompass, onde a Gestapo o encontrou na década de 1930.

Havia poucas bibliotecas maçons no continente que podiam

rivalizar com a Bibliotheca Klossiana em termos de escopo e profundidade; era uma das mais importantes do mundo para quem quisesse investigar as origens da maçonaria. A biblioteca também continha materiais estudados pelos maçons, como livros sobre história natural, biologia, filosofia e história de várias culturas e suas origens – livros dos séculos XVII e XVIII sobre povos indígenas e seus ritos e religiões. Também havia tragédias clássicas gregas. A biblioteca era absolutamente crucial para as atividades dos maçons. Era por meio desses materiais que eles podiam obter novos conhecimentos sobre si mesmos. “Era um modo de catarse”, diz Theo Walter, o bibliotecário da Klossiana.

Além de livros sobre magia, teosofia, astrologia, alquimia, rituais, música, canções e simbolismo, a Klossiana era um dos acervos mais importantes do mundo de literatura antimaçônica. Mas o valor da biblioteca não se deve unicamente à literatura escrita, e sim também ao acervo de ilustrações, águas-fortes e desenhos que mostram como conduzir os rituais secretos.

Entre as raridades da Klossiana estão cinco dos mais antigos exemplares de *A constituição dos maçons livres*, publicado pelo escocês James Anderson em princípios do século XVIII e que deu forma ao sistema maçônico britânico. Outro documento ainda mais envolto em mitologias encontrado no acervo era a *Charter van Keulen* [Carta de Colônia], que dizem remontar a 1535. O documento, em latim, demonstra que a atividade maçônica já havia se disseminado no século XVI. De acordo com o mito, o documento foi encontrado em uma loja inativa em Amsterdã em

meados do século XVII, escondido em um baú fechado a três chaves, atrás de três selos diferentes. Ele era muito debatido nos círculos maçons do século XIX. Kloss, o primeiro a se deparar com o documento, era um dos que podia revelar que, muito provavelmente, se tratava de uma falsificação.

Também de interesse dos nazistas era o grande arquivo de materiais de ordens extintas de posse da Groottoosten der Nederlanden, muitas das quais tiveram ligações com a Companhia das Índias Orientais. No arquivo havia algo de valor ao menos comparável, um índice catalográfico de todos os membros de ordens maçônicas na Holanda desde o século XVIII.
[20]

Depois das invasões às lojas em 1940, a seção holandesa da ERR pôde informar o significativo sucesso da ação. Centenas de milhares de livros e de outros materiais foram confiscadas.^[21] Também foram apreendidos obras de arte e artefatos rituais, incluindo o martelo dourado do grão-mestre encontrado em Groottoosten. A ERR estimou o valor do martelo em 3 mil marcos.

Não havia dúvida sobre qual era considerado o troféu mais importante: “Para calcular o valor da Bibliotheca Klossiana, que contém muitas obras raras, deve-se considerar que em 1939 maçons americanos ofereceram à Groottoosten cinco milhões de dólares pela biblioteca”, a ERR escreve em um relatório.^[22] Mas não se dava ênfase apenas ao valor financeiro; na verdade, afirmava-se que os livros saqueados tinham “extraordinário valor científico”: “É possível afirmar sem hesitação que a biblioteca da Hohe Schule, sem um trabalho excessivamente grande, irá agora oferecer uma quantidade bastante

impressionante de tesouros que irá colocar a biblioteca em uma posição de destaque em questões relacionadas a judeus e maçons”.^[23] Mas a ERR não se contentou apenas com a biblioteca: “Além disso, estantes de aço suficientes para acomodar cerca de 30 mil livros foram removidas do local”.

CAPÍTULO 8

Lênin trabalhou aqui

Paris

Jean-Claude Kuperminc passa os dedos pelos títulos dos livros, lendo-os em silêncio enquanto anda lentamente por entre as prateleiras até encontrar o que procura. Ele tira da estante um volume encadernado em bege e branco. A luz do teto, com seu brilho de amarelo amanteigado, dificulta a leitura do título. Kuperminc abre o grosso blecaute da janela que dá para o pátio interno e expõe a lombada do livro à luz do sol. O título é *Welgeschichte des jüdischen Volkes* [História mundial dos povos judeus], de autoria do historiador e ativista russo-judeu Simon Dubnow, assassinado em Riga pela ss, em 1941. Na parte debaixo da lombada, uma pequena etiqueta está colada, com a inscrição “B. z. Erf. D. Jud. Frankfurt a. Main”. Em uma das folhas de rosto há um carimbo azul com o mesmo texto, só que sem as abreviações: “Bibliothek zur Erforschung der Judenfrage Frankfurt a. Main”. É a primeira vez que vejo o carimbo do instituto de Frankfurt, de Roosenberg. Até o número de catálogo

da biblioteca do instituto foi preservado: “42/1941”, em um garrancho escrito às pressas, mas totalmente legível, escrito com lápis bem apontado.

Quando Kuperminc devolve o livro ao seu lugar, vejo outras etiquetas do instituto em lombadas ao longo da estante. Alguns parecem quase novos, outros estão em diferentes estágios de desintegração. Muitos permanecem aqui, praticamente intocados, desde a Segunda Guerra Mundial.

“Temos milhares de livros com carimbos nazistas”, Kuperminc diz em seu inglês hesitante, de forte sotaque francês.

Peguei um trem de alta velocidade em Haia rumo ao sul indo para Paris. Aqui na capital da França, a ERR e a RSHA dariam início à maior operação de pilhagem na Europa Ocidental. O centro da operação de pilhagem de arte foi o museu Jeu de Paume, no centro de Paris, ocupado pelos nazistas, onde dezenas de milhares de obras foram classificadas, catalogadas e de onde foram despachadas para a Alemanha. Alguns dos mais audaciosos roubos de bibliotecas e arquivos ocorreram aqui na França. Uma das vítimas foi a Alliance Israélite Universelle, no número 45 da *rue La Bruyère*, em Paris, ao sul de Montmartre, onde encontro Jean-Claude Kuperminc, responsável pela biblioteca e pelo arquivo da organização. Baixo e de cabelos ralos, mais ou menos na casa dos 50 anos, Kuperminc passou anos pesquisando o destino da biblioteca durante a guerra.

A Alliance Israélite Universelle foi criada, em parte, como consequência do chamado Caso Damasco – um *pogrom* de 1849 que teve início com os boatos de que judeus estavam por trás do assassinato ritual de um monge em Damasco. A sinagoga da

cidade foi atacada pela turba e vários judeus foram presos e submetidos a sádica tortura, o que incluiu ter os dentes arrancados. Os fatos tiveram repercussão internacional, e uma delegação judaica foi enviada para negociar.

“Foi um evento importante, porque era a primeira vez que judeus agiam internacionalmente para ajudar outros judeus no Oriente Médio. Foi com base nessa ideia que surgiu a Alliance. O motivo de sua criação foi o desejo de proteger e fortalecer os direitos dos judeus onde quer que eles estivessem. Os fundadores eram filhos da Revolução Francesa. Pertenciam à primeira e à segunda gerações de judeus com permissão para exercer plenamente a cidadania francesa, com igualdade de direitos. A organização foi criada para propagar esses ideais”, explica Kuperminc.

A Alliance ajudava judeus a fugir de *pogroms* na Rússia czarista e a encontrar um novo lar na França e nos Estados Unidos. Mas seu trabalho mais importante foi a criação de um sistema escolar internacional para crianças judias. Na virada do século XIX a organização administrava cerca de cem escolas no Norte da África, no Oriente Médio e na Europa Oriental, com um total de 24 mil alunos. A educação era baseada, em grande medida, nos ideais iluministas dos fundadores: cultura, idioma e civilização franceses. No entanto, a Alliance muito claramente se distanciava do emergente movimento sionista, que estava em campanha pela criação de um Estado judeu na Palestina.

“A Alliance trabalhava pela integração dos judeus em seus próprios países. Na França falamos em *régénération* – a reconstrução da identidade baseada na cultura moderna

ocidental lado a lado com o conhecimento e a cultura dos judeus”, Kuperminc explica. “Eles queriam obter conhecimento sobre todas as diferentes culturas judaicas no mundo. Mas também queriam saber sobre a história dos judeus. Alguns dos manuscritos mais valiosos do acervo, do Cairo, são textos judeus do século IX. Outros remontam ao filósofo judeu Maimônides no século XII. Mas acima de tudo a biblioteca é conhecida por seu acervo de livros, periódicos, panfletos e jornais modernos. O acervo inclui uma coleção quase completa de livros e textos publicados sobre a “questão judaica” na Alemanha entre 1700 e 1900, incluindo publicações antissemitas, e a organização também reuniu escritos sobre o célebre caso Dreyfus na década de 1890.

“Na década de 1930 essa era uma das mais importantes bibliotecas judaicas da Europa, talvez a mais importante do mundo. Tudo que se publicava relacionado a temas judaicos era comprado e entrava para o acervo.”

Para abrigar a coleção cada vez maior, construiu-se uma biblioteca perto do fim da década de 1930 na *rue La Bruyère*. A biblioteca em que estamos agora é uma torre funcional de oito andares, localizada no pátio interno de um suntuoso edifício parisiense. O pé-direito baixo e as escadas estreitas, quase claus-trofóbicas, que levam de um andar para o outro, dão ao lugar a aparência de uma garagem de vários andares para livros. O prédio ficou pronto em 1937, e em pouco tempo já abrigava a biblioteca de mais ou menos cinquenta mil volumes da Alliance, um amplo arquivo e o acervo de periódicos.

Mas a nova biblioteca não permaneceria com seus

proprietários originais por muito tempo. Em breve as prateleiras estariam cheias de livros totalmente diferentes, trazidos pelas forças de ocupação alemãs.

O barão Kurt von Behr, convocado pelo escritório da Amt Ocidental para comandar as operações da ERR na Europa Ocidental, chegou a Paris com o exército alemão em junho de 1940. O escritório administrativo, de início, ficava no Hôtel Commodore, mas depois foi transferido para uma casa na *avenue d'Iéna*, confiscada dos Gunzburg, uma família de banqueiros judeus.^[1]

Von Behr, um aristocrata que aprendeu francês como prisioneiro de guerra durante a Primeira Guerra Mundial, era quase uma caricatura de um nobre russo – de acordo com testemunhas, era comum que ele vestisse espartilho, botas tão engraxadas que reluziam e um monóculo.^[2]

A Alliance Israélite Universelle já havia tomado precauções para salvar o acervo, mas, como muitas outras bibliotecas, organizações e colecionadores, avaliou mal a verdadeira ameaça. A Alliance construiu um *bunker* no subsolo para proteger dos bombardeios as partes mais valiosas do acervo. No entanto, isso não protegia o material contra saques. Como última e desesperada medida, pouco antes da queda de Paris em junho de 1940, manuscritos e materiais de arquivo foram postos em um caminhão que tentou ir a Bordeaux. O caminhão jamais chegou.

“Ninguém sabe de fato o que aconteceu com o caminhão, mas, levando em conta os detalhes que conseguimos levantar, parece que tropas alemãs confiscaram o veículo.”

Quando garantiu para si o escritório no número 45 da *rue La*

Bruyère, no verão de 1940, a ERR encontrou a parte mais importante do acervo sobre judeus na França ainda intacta nas prateleiras. Como no caso do IISG em Amsterdã, a ERR também tomou conta da sede da organização. Já em agosto de 1940, a biblioteca da *rue La Bruyère* havia sido embalada em caixas prontas para serem enviadas para a Alemanha. A maior parte da biblioteca foi despachada para o Institut zur Erforschung der Judenfrage, em Frankfurt. As prateleiras vazias da biblioteca da Alliance Israélite Universelle logo foram tomadas por outros acervos saqueados, já que a ERR começou a usar o local como depósito de livros.

Em setembro de 1940, depois de sete semanas de saques, Alfred Rosenberg pôde afirmar com certa satisfação em um relatório que um considerável butim caíra em mãos da ERR em Paris. Entre outros itens, a organização confiscou várias bibliotecas valiosas pertencentes à família Rothschild francesa. [3] Uma apreensão ainda mais valiosa foi feita no famoso banco dos Rothschild em Paris, de Rothschild Frères, que por mais de cem anos foi um dos maiores bancos do mundo. O arquivo gigantesco do banco aparentemente encheu mais de 760 caixas. Do ponto de vista dos nazistas, esse era um material inestimável para “pesquisar” as redes do mundo judeu no capitalismo. Além das bibliotecas dos Rothschild, também foram tomadas bibliotecas de intelectuais judeus de destaque como Léon Blum, Georges Mandel, Louise Weiss e Ida Rubinstein. Várias dessas coleções tinham grande valor histórico e cultural, contendo primeiras edições com dedicatórias pessoais de Marcel Proust,

Salvador Dalí, André Gide, André Malraux, Paul Valéry e Wanda Landowska.^[4]

Dez mil livros foram roubados da escola rabínica, a École Rabbinique, em Paris, incluindo uma valiosa coleção de Talmudes, e quatro mil livros foram pilhados da Fédération des Sociétés Juives. Sinagogas e livrarias judias também foram saqueadas – por exemplo, a Librairie Lipschutz teve todo o seu estoque de vinte mil livros roubado.

Apenas um punhado de acervos escapou dos saqueadores; por exemplo, a pequena iídiche Bibliothèque Medem, fundada por judeus que emigraram da Europa Oriental. A Gestapo não foi capaz de encontrar o subterrâneo em que os livros foram escondidos. Mas era um consolo pequeno, já que a biblioteca tinha apenas três mil volumes.^[5]

O saque na França foi imenso; estimativas sugerem que a ERR roubou 723 bibliotecas maiores que continham mais de 1,7 milhão de livros.^[6] Esse número aumentaria dramaticamente depois de a ERR iniciar sua M-Aktion na França e passar a saquear as casas de judeus que haviam fugido ou foram deportados. Somente em Paris, 29 mil apartamentos foram totalmente esvaziados, e tudo foi despachado em trens para o leste.^[7]

Havia algo excepcionalmente malévolos nessa expulsão e expurgo sistemáticos dos povos judeus da Europa. Todos os pertences pessoais deixados para trás – coisas como cartas, álbuns de fotos e anotações – eram confiscados, espalhados, queimados ou enviados para fábricas de papel. Depois de as casas serem esvaziadas, novos proprietários tomavam posse. Era

como se os judeus que viviam ali – suas vidas, suas memórias, seus pensamentos – jamais tivessem existido.

Não se sabe exatamente quantas bibliotecas e livros foram confiscados pela M-Aktion, mas o número deve chegar à casa dos milhões. A operação foi grande a ponto de ser preciso estabelecer três estações de processamento, operadas por trabalhadores escravos que classificavam, consertavam e carregavam propriedade confiscada. Uma delas, em um galpão do 13º *Arrondissement*, em Paris, era chamada pelos alemães de Lager Austerlitz. Já os prisioneiros preferiam chamá-la de “Galeries Austerlitz”, uma alusão irônica à luxuosa loja de departamentos Galeries Lafayette.^[8] O trabalho com as propriedades confiscadas continuou até as tropas Aliadas ocidentais estarem perto de Paris em agosto de 1944.



Livro da Biblioteca da Alliance Israélite Universelle, em Paris, com etiqueta do Instituto para Pesquisa da Questão Judaica de Alfred Rosenberg ainda na lombada. A biblioteca foi roubada durante a

guerra e levada para Frankfurt para ser incorporada ao acervo do instituto.

Uma limpeza literária bem diferente estava sendo realizada na Alsácia-Lorena, anexada pela Alemanha nazista. Ali os nazistas confiscaram toda a literatura francesa numa tentativa de “germanizar” a área e varrer da região a cultura e o idioma franceses.^[9]

Embora a ERR tenha ficado com a maior parte do que foi confiscado na França, a RSHA não ficou de mãos vazias. Muitas bibliotecas e arquivos de organizações judaicas mais ativas politicamente foram entregues mais tarde à RSHA, o que incluía certas partes do arquivo da Alliance. Quando o Instituto para Pesquisa da Questão Judaica foi formalmente aberto e se realizou uma conferência em 26 de março de 1941, muitas bibliotecas parisienses já haviam chegado a Frankfurt.

Em seu discurso inaugural, Alfred Roosenberg se gabou de que o instituto possuía a melhor biblioteca judaica do mundo: “Esta biblioteca, uma parte do Instituto para Pesquisa da Questão Judaica, que se abre hoje, já contém um grande número de documentos significativos para a história judaica e para o desenvolvimento político da Europa. Esta hoje é a maior biblioteca do mundo dedicada ao judaísmo. Nos próximos anos esse acervo vai se expandir de maneira muito considerável”.^[10]

Qualquer livro com o carimbo da Alliance Israélite Universelle pertence a uma minoria que pôde ser catalogada. A quantidade de acervos roubada era grande demais para a equipe encarregada

de lidar com eles. Em 1943, meio milhão de livros chegou a Frankfurt.^[11]

O historiador Philip Friedman afirmou que para os nazistas era importante saquear bibliotecas e instituições judaicas na área de ensino superior, pesquisa e outras atividades intelectuais. O saque teria dupla motivação, servindo tanto para privar a população judaica de sua base cultural e de aprendizagem quanto para enriquecer a pesquisa ideológica nazista. Desse ponto de vista, a Alliance Israélite Universelle era um alvo de grande valor.

O taxista para e aponta para uma rua lateral. Eu hesito. Não parece uma rua em que se possa encontrar uma biblioteca famosa. As varandas manchadas pela fumaça dos carros estão rachadas e parecem estar a ponto de cair a qualquer momento. Peguei o endereço em uma carta e agora estou do outro lado da cidade, na parte sul do Quartier Latin. As casas da rua lembram um conjunto habitacional, mas a arquitetura também tem traços arredondados e algo do Jugendstil. Mais tarde descubro que as habitações foram construídas depois da guerra para dar um teto aos parisienses que haviam perdido suas casas.

O número da casa, que anotei em um pedaço de papel, leva a um bloco de apartamentos com uma entrada comum onde alguém deixou um andador. Depois de passar alguns instantes examinando a longa lista de nomes que me deram, encontro, entre as famílias Missoux e Chauvell, uma pequena etiqueta torta com a inscrição “Bibliothèque Russe Tourgueniev”. Vi esse nome antes, nos relatórios parisienses da ERR, mas não tinha

certeza de que a biblioteca continuava a existir até que encontrei um longo ensaio sobre seu destino trágico e fascinante, escrito pela historiadora Patricia Kennedy Grimsted.

No apartamento do primeiro andar encontro Hélène Kaplan, uma senhora idosa com cabelos negros como um corvo e lábios de um vermelho brilhante, que caminha com a ajuda de uma muleta. Kaplan é a bibliotecária e presidente da associação que administra a biblioteca.

Preciso de um momento para que meus olhos se acostumem com a escuridão; somente uns poucos raios de sol esparsos penetram pelas janelas pequenas e cobertas da biblioteca. O apartamento está totalmente abarrotado de livros, do chão ao teto. Entre as estantes há bustos de um amarelo desbotado de autores russos, malas velhas, sacos de lixo e luminárias de leitura deterioradas. Em um canto há uma boneca de pano russa e uma maquete de uma Igreja ortodoxa, esculpida em madeira. Centenas de livros que não cabem nas estantes estão em pilhas no chão ou em mesas que cedem com o peso.

“Temos um andar especial, sabe, livros pesam muito”, diz Kaplan, batendo com a muleta várias vezes no tapete.

A Bibliothèque Russe Tourgueniev pertence a uma categoria especial de bibliotecas saqueadas durante a guerra: à das bibliotecas de exilados. Por centenas de anos Paris foi uma cidade que atraiu políticos e artistas em busca de refúgio: artistas plásticos, escritores e outros que chegaram à cidade em busca de um lugar onde tivessem liberdade de pensamento e de expressão. Anarquistas, comunistas, dissidentes, aristocratas apátridas, monarcas e ditadores fizeram de Paris sua casa em

diferentes momentos.

No século XIX a cidade absorveu a onda de imigrantes políticos vinda do leste. Entre os primeiros estavam os poloneses, forçados a fugir de seu país depois do levante de novembro de 1830 em Varsóvia, uma tentativa de restabelecer um estado polonês livre, que não existia desde 1795. Um dos que se estabeleceram em Paris foi o príncipe e estadista polonês Adam Czartoryski. Durante a era napoleônica ele foi ministro de Negócios Estrangeiros da Rússia Imperial, mas em 1830 ele participou da revolta e foi escolhido como primeiro presidente da Polônia. Depois que o levante foi esmagado em 1831, mais de seis mil autoridades, políticos e intelectuais fugiram ou foram obrigados a deixar a Polônia, naquela que é conhecida como a grande migração. A residência de Czartoryski, no Hôtel Lambert, perto do Sena, iria se tornar um centro para a comunidade de migrantes poloneses e para a oposição que desejava voltar a criar uma Polônia independente. Em 1838, a Bibliothèque Polonaise foi fundada e em breve se tornou o epicentro de uma pitoresca cena cultural franco-polonesa, incluindo personalidades como Frédéric Chopin, George Sand, Zygmunt Krasiński e o poeta romântico polonês Adam Mickiewicz. A biblioteca se tornou a maior instituição cultural autônoma polonesa fora da Polônia e um importante símbolo da luta pela independência polonesa.

Os poloneses não foram o único grupo de exilados que chegaram da Rússia czarista. Uma onda de refugiados políticos e intelectuais da Rússia também se estabeleceu em Paris no século XIX. Já em 1825, depois da Revolta Dezembrista, vários escritores

russos foram exilados pelo tzar. Quantidades ainda maiores migraram depois de os levantes políticos se intensificarem no fim da década. A censura rigorosa imposta pelo regime tzarista levou à criação de uma cena literária e de um ambiente editorial independentes em Paris.^[12] Em pouco tempo a Bibliothèque Russe Tourgueniev se tornou o centro dessas atividades. A biblioteca foi fundada em 1875, pelo revolucionário russo German Lopatin com a ajuda de seu compatriota, o escritor Ivan Turguêniev, que na época morava em Paris.

“German não queria meramente criar uma biblioteca, queria criar um ponto de encontro para a juventude revolucionária. Era uma biblioteca russa, mas que tinha total autonomia em relação ao Estado russo. A biblioteca manteve esse perfil até hoje”, me diz Hélène Kaplan enquanto me leva para a pequena sala de leitura. Uma das grandes paredes está totalmente nua, à exceção de um busto de Turguêniev.

Lopatin foi um dos primeiros revolucionários russos influenciados por Karl Marx e Friedrich Engels. Antes, ele tinha sido preso pelo regime tzarista e mandado para o exílio em Stavropol, na Sibéria. Ele conseguiu fugir de lá, chegar à França e se filiar à Primeira Internacional.

O acervo básico da biblioteca foi fornecido por Turguêniev, que doou alguns de seus livros; o escritor também organizou uma matinê literária em Paris para arrecadar doações de dinheiro e de livros. A biblioteca, que recebeu seu nome atual depois da morte de Turguêniev em 1883, organizava leituras, concertos, exposições e festas revolucionárias de Natal.

“Ela se tornou uma das maiores bibliotecas russas na Europa.

Havia bibliotecas russas em outras cidades, mas não sobreviveram. Esta é a maior e mais antiga biblioteca do gênero em funcionamento. É algo bastante singular, porque ela jamais recebeu qualquer apoio financeiro da Rússia e só cresceu em função do apoio de vários grupos de exilados russos – muitas vezes pessoas que doavam os próprios livros ou que trabalhavam como voluntários na biblioteca.”

A biblioteca e a esfera revolucionária a seu redor serviriam como berçário para várias gerações de revolucionários russos. Um revolucionário que trabalhou na biblioteca antes da Primeira Guerra Mundial foi um russo chamado Vladimir Ilyich Ulyanov, mais tarde conhecido como Lênin. Depois da fracassada revolução na Rússia em 1905, os bolcheviques decidiram transferir suas atividades para Paris. Lênin, que detestava a cidade e se referia a ela como “um buraco sujo”, chegou a Paris sob protestos em 1908.^[13]

A Biblioteca Turguêniev se tornou um ponto de encontro importante para os bolcheviques exilados em Paris. Tão importante, na verdade, que em 1910 o próprio Lênin se assegurou de que a biblioteca e o arquivo do Partido Social-Democrata russo fossem transferidos para lá.

“Nenhum grupo político tinha domínio na biblioteca, todo o espectro de cores estava representado: bolcheviques, mencheviques, revolucionários sociais e anarquistas. Eles eram oponentes políticos, mas na biblioteca podiam se encontrar e debater. Ela se elevava acima das diferenças ideológicas; aqui era a cultura russa que ocupava o lugar central”, Kaplan me diz.

A Revolução Russa teve um impacto negativo sobre a

Biblioteca Turguêniev, quando Paris ficou sem a presença de seus revolucionários, que foram às pressas se unir ao levante. No entanto, esses exilados russos logo foram substituídos por uma nova e consideravelmente maior comunidade de exilados russos depois da revolução, quando dezenas de milhares de russos chegaram à capital. Os mais destacados dentre esses eram os chamados imigrantes Brancos de diversas e variadas origens, incluindo aristocratas, burgueses nacionalistas, reacionários, intelectuais, militares e padres. O que os unia era a sua oposição ao comunismo. Mas também havia socialistas aqui, muitos dos quais eram os mesmos exilados russos de antes – socialistas, comunistas e social-democratas, que tinham participado da revolução, mas depois acabaram sendo forçados a se exilar quando os bolcheviques tomaram o poder.

Um deles era o pai de Hélène Kaplan, Venedikt Mjakotin. “Meu pai era um historiador russo socialista, uma das pessoas que deu início à revolução antes de os bolcheviques assumirem o controle. Ele se recusou a se unir aos bolcheviques. Mas ele teve sorte; depois da guerra civil Lênin permitiu que uma pequena caravana de intelectuais, de gente que tinha sido importante para a revolução, saísse da Rússia. Não eram mais de duzentas pessoas, e isso só aconteceu uma vez”, diz Kaplan, que nasceu em Praga, onde Mjakotin e a esposa se refugiaram. “Evidente que ele foi quase totalmente apagado da história do regime soviético.”

No entreguerras, um novo círculo de intelectuais russos exilados se unia em torno da Biblioteca Turguêniev, muitos dos quais eram escritores, jornalistas e artistas que haviam caído em

desgraça aos olhos do regime da União Soviética. Foi o auge da biblioteca – a época em que Paris se tornou a capital da comunidade de exilados russos. O círculo em torno da Biblioteca Turguêniev incluía escritores como Mikhail Osorgin, Mark Aldanov e Ivan Bunin (presidente da fundação que administrava a biblioteca), que em 1933 se tornou o primeiro autor russo a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

Com essa nova onda de imigrantes o acervo cresceu exponencialmente. Na virada do século havia mais ou menos 3,5 mil livros na biblioteca. Em 1925 ela já chegava a 50 mil livros, e dez anos depois o acervo tinha dobrado de tamanho. Em breve, a Biblioteca Turguêniev seria considerada uma das principais bibliotecas russas do mundo. À medida que o renome da biblioteca se disseminava, ela também ganhava apoios. Na década de 1930, a cidade de Paris ofereceu à biblioteca a possibilidade de deixar seu modesto endereço na *rue Val de Grâce* e ir para o suntuoso Hôtel Colbert, na *rue de la Bûcherie*.
[14]

“Aqui você achava todos os livros que tinham sido banidos na Rússia. Ela se tornou conhecida como a grande biblioteca para literatura de exilados”, Kaplan explica.

Além da literatura de exilados russos, ela tinha primeiras edições de Voltaire, François de La Rochefoucauld e do autor russo Nikolai Karamzin – e também obras de valor histórico como *Sudebnik*, o livro de leis escrito pelo czar Ivan IV, de 1550, com comentários do historiador e estadista Vasily Tatishchev. O acervo incluía arquivos pessoais e documentos pertencentes a escritores exilados russos e livros com anotações e autógrafos,

entre outros, de Bunin e Lênin. No entreguerras, outra biblioteca de imigrantes se formou em Paris: a Biblioteca Symon Petliura. Symon Petliura era um jornalista, escritor e político ucraniano que em 1917 esteve envolvido na formação da breve república popular da Ucrânia. Foi uma tentativa de libertar a Ucrânia da sombra da Rússia e da revolução. Mas a república de Petliura deixou como célebre legado a mais sangrenta perseguição aos judeus antes do Holocausto. Durante a breve existência da república popular da Ucrânia, acredita-se que dezenas de milhares de judeus tenham sido assassinados em mais de mil e trezentos *pogroms*.^[15] Quando o Exército Vermelho ocupou a Ucrânia, Petliura foi obrigado a fugir, e em 1924 se estabeleceu no Quartier Latin, em Paris, de onde presidia a República Nacional da Ucrânia no exílio. Tendo a Biblioteca Turguêniev e a Bibliothèque Polonaise como modelos do que ele queria fazer, Petliura planejou dar início a uma biblioteca pública ucraniana. No entanto, o projeto da biblioteca nem havia começado direito quando Petliura foi assassinado por outro imigrante, o poeta judeu russo Sholom Schwartzbard.^[16]

Depois do assassinato, uma biblioteca foi fundada em sua homenagem e a Bibliothèque Ukrainienne Symon Petliura foi inaugurada em 1929. A biblioteca, que ficava em um apartamento da *rue de La Tour d'Auvergne*, organizou um arquivo importante de documentos do governo ucraniano e de seu líder, assim como da biblioteca pessoal do próprio Petliura. Quando a guerra começou em 1939, o acervo tinha aproximadamente 15 mil volumes, comparados aos 100 mil volumes da Biblioteca Turguêniev e aos 136 mil volumes da

Bibliothèque Polonaise.

As bibliotecas de exilados desempenharam um papel excepcionalmente importante para essas comunidades de minorias. Elas se tornaram lares literários para pessoas que haviam perdido sua língua e sua cultura. Muito mais do que manter culturas perdidas, elas serviam de pontos de encontro em que identidades linguísticas e nacionais podiam sobreviver e continuar a evoluir. Nesse sentido, elas eram absolutamente cruciais. Ao mesmo tempo também serviam como uma espécie de movimento de resistência. Para os poloneses, a Bibliothèque Polonaise era um modo de proteger a cultura de seu país, que estava sujeita a enormes pressões que queriam germanizá-la e russificá-la – especialmente por meio de perseguição, opressão e depreciação da língua e da cultura nas áreas falantes de polonês.

Essas bibliotecas também simbolizavam uma versão alternativa da história escrita. Elas apontavam para a outra Rússia, para a outra Polônia, e preservavam as histórias que, não fosse por isso, se perderiam. Nas bibliotecas de exilados, as literaturas russa, polonesa e ucraniana podiam continuar evoluindo e ser lidas, debatidas e criticadas. Para os poetas, escritores e jornalistas que haviam perdido não só sua terra natal como também seus leitores, isso era especialmente importante. No entanto, uma catástrofe estava à espera das comunidades de imigrantes em Paris, e ela partiria de um inimigo que não pretendia meramente reprimir as culturas russa, polonesa e ucraniana: queria arrasá-las e exterminá-las.

No início de um dia de outono de 1940, a escritora russa exilada Nina Berberova foi de bicicleta da pequena casa onde morava na periferia de Paris até o centro da cidade. Ela tinha migrado em 1922 com o poeta e crítico Vladislav Chodasevitj. Em Paris, eles faziam parte de um círculo empobrecido, mas destacado, de jovens escritores no exílio, como Vladimir Nabokov e Marina Tsvetajeva. A própria Nina Berberova tinha estreado no exílio e ficaria conhecida por seus contos, que retratavam a vida de migrantes russos em Paris no entreguerras.

Ela sempre fazia esses passeios de bicicleta para comprar leite, batatas e livros. Mais ou menos um mês antes, ela tinha pego emprestado um livro do filósofo Arthur Schopenhauer, em tradução russa, na Biblioteca Turguêniev ou, como ela era chamada pelos exilados, “Turgenevka”. A ideia era devolver o livro naquele dia.

“O Hôtel Colbert fica numa pequena rua perto da Notre-Dame. O relógio não estava marcando nem dez horas quando entrei. O pátio inteiro estava cheio de caixas de madeira do tamanho de caixões – três dúzias delas de pé ou deitadas no chão. Estavam vazias. Bati na janela da zeladora, que me conhecia, e perguntei se ela podia ficar com o livro até as quatro. Ela me olhou irritada: ‘Eles estão aqui’.

“Imediatamente subi as escadas. As portas estavam escancaradas. Havia duas caixas no patamar da escada e mais duas dentro da sala. De modo rápido, eficiente, com movimentos ritmados, os livros eram encaixotados. Fiquei chocada. Mas perguntei no meu alemão ruim o que estava acontecendo, embora fosse muito claro. A resposta educada que recebi era que

os livros estavam sendo despachados. Para onde? Ninguém respondeu.”^[17]

Nina Berberova pedalou imediatamente para a casa de Vasily Maklakov, um velho político, democrata e diplomata russo. Maklakov era embaixador do país em Paris em 1917, quando os bolcheviques tomaram o poder. Ele ocupou a embaixada russa por sete anos antes de a França ser forçada a reconhecer a União Soviética e botar Maklakov porta afora da embaixada.

Reunidos com o historiador Dmitry Odinets, chefe do comitê gestor da biblioteca, eles concordaram que o único modo de salvar a biblioteca era fazer um apelo a seu segundo pior inimigo: Stálin. Odinets foi às pressas à embaixada soviética para tentar impedir que o saque continuasse. Na embaixada ele foi levado a um cômodo, depois a outro. Perguntou se podia ver o secretário, o primeiro cônsul, ou se possível o embaixador. Ele falou com uma pessoa, depois outra, depois com uma terceira – sem que qualquer um deles sequer se apresentasse. Vez após vez ele explicava o motivo de sua visita: tentar salvar a biblioteca russa.

“Ela foi fundada por Turguêniev”, ele explicava, “o autor de *Pais e filhos* e *Rudin*, na época em que morou em Paris.” Mas o rosto deles seguia impassível. Ele continuava: “Seria importante agir rápido, antes que os livros sejam levados...”. O pessoal da embaixada simplesmente deu de ombros: “Que importância isso tem para nós? Textos dramáticos de imigrantes!”.

“De repente”, Odinets me disse, “tive uma ideia. Expliquei que Lênin em certo momento trabalhou nessa biblioteca. Que havia livros com anotações dele nas margens, e outros que ele doara para a biblioteca. Até a cadeira dele estava lá!”

Nunca antes, ele admitiu, sua imaginação trabalhou tanto. “As pessoas começaram a correr à minha volta preocupadas. Eles chamavam outras pessoas. Tive que repetir o que tinha acabado de dizer sobre Lênin.” Ele resumiu a história: “Me levaram por outras portas. Eles continuavam abrindo e fechando portas. Alguém prometeu que eles iam intervir, mas não acreditei. E pensar que um telefonema podia fazer a diferença! Naquela noite fiquei outra vez com meus amigos em Boulogne. No dia seguinte, quando cheguei ao Hôtel Colbert, tudo tinha acabado. Os baús tinham sido levados, as portas estavam fechadas e lacradas. A maior biblioteca russa no exílio tinha deixado de existir”.[18]

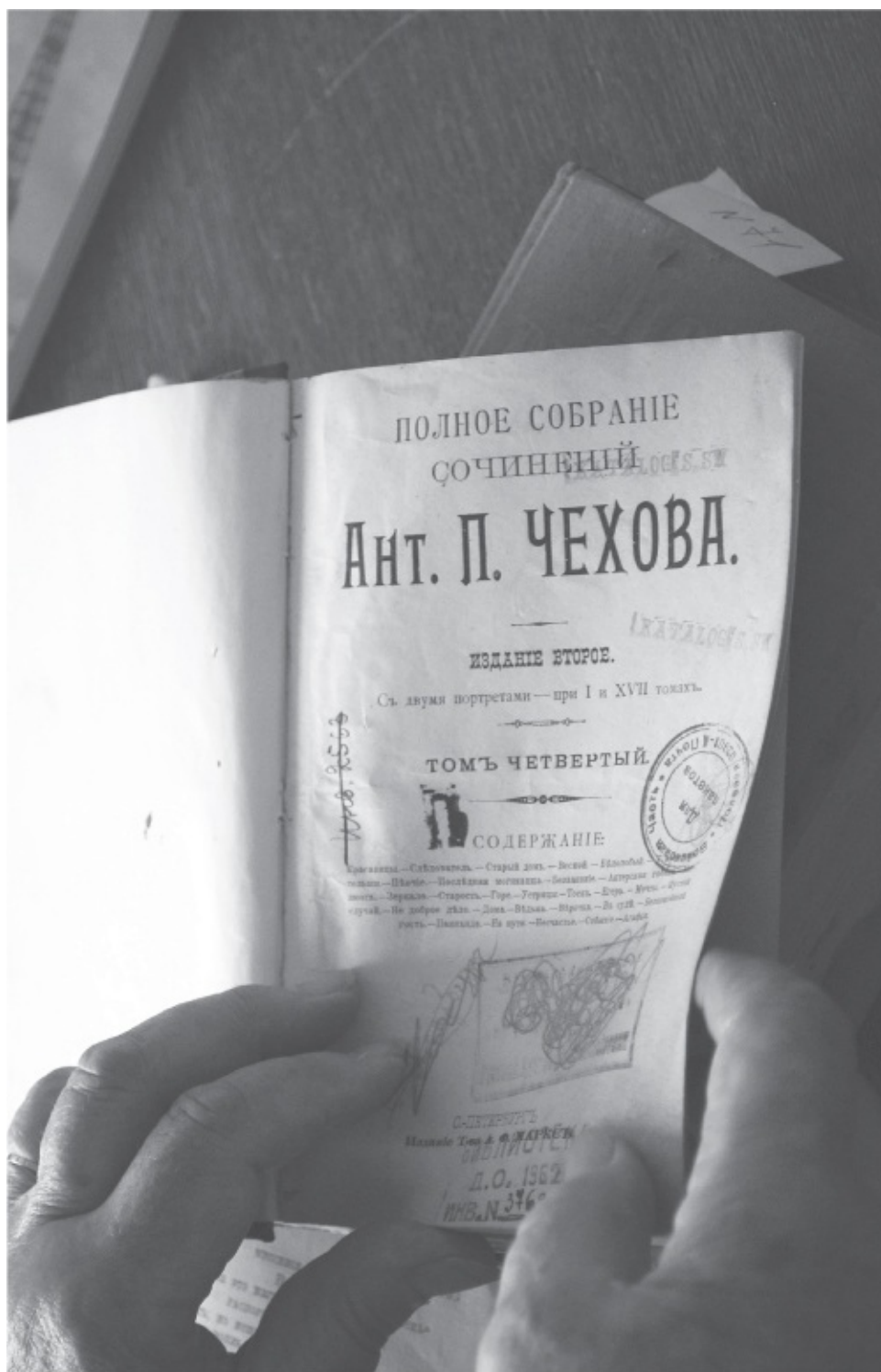
Nina Berberova ficou com seu Schopenhauer. Outro imigrante, o historiador Nikolai Knorring, também testemunhou o saque. A julgar pelos números nas caixas, ele imagina que novecentas caixas de livros e material de arquivo foram levadas. Outras fontes, porém, indicam uma quantidade menor.[19] De acordo com Knorring, a ERR também roubou pinturas, bustos e retratos. Alguns poucos itens escaparam por entre os dedos dos nazistas: entre outras coisas a bibliotecária Maria Kotljarevskaja conseguiu salvar parte da correspondência entre o anarquista Peter Kropotkin e o filósofo Pavel Bakunin.

Hélène Kaplan abre um dos catálogos da biblioteca do pré-guerra sobre a mesa. Esses registros também não foram levados pelos nazistas e na verdade foram encontrados há poucos anos em uma caixa velha de papelão no subsolo do Hôtel Colbert. Os catálogos são uma prova da vastidão do acervo antes da guerra, com uma abundância de livros não só de literatura como também de várias áreas, da geografia ao direito, passando pela economia.

Uma história semelhante à que Berberova descreve também ocorreu na Bibliothèque Polonaise, que ficava a uma pequena caminhada do Hôtel Colbert, em uma casa do século XVII na Île Saint-Louis, no meio do Sena. A biblioteca, que recentemente celebrara seu centenário, tinha 136 mil livros em seu acervo, além de 12 mil desenhos, 1 mil manuscritos, 2,8 mil mapas antigos, 1,7 mil moedas e medalhões poloneses e um rico arquivo fotográfico.^[20] Era uma coleção inestimável, que representava a cultura de uma Polônia livre, e que foi organizada com muito trabalho ao longo de todo um século de exílio.

O acervo também contava com a Bíblia Pelplin, uma Bíblia impressa por Gutenberg, salva depois do ataque à Polônia em 1939. A Bíblia de Gutenberg é o equivalente literário de uma pintura de Leonardo da Vinci. A Bíblia, encadernada em dois volumes, foi impressa por Gutenberg em meados do século XV e é considerada a primeira edição importante de livros impressos na Europa. Só há vinte exemplares completos conhecidos. Nenhuma Bíblia de Gutenberg é posta à venda desde os anos 1970, mas estima-se que o valor de mercado atual ultrapassaria 35 milhões de dólares. A chamada Bíblia Pelplin era famosa por ter uma marca única, que se acredita ter sido causada quando o impressor derrubou parte dos tipos sobre o papel. A Bíblia Pelplin era enfeitada com ouro e encadernada em pelica vermelha. Também era uma das nove Bíblias Gutenberg que ainda tinha a encadernação original do século XV.^[21] Quando a guerra começou em 1939, a Bíblia estava em uma biblioteca em Pelplin, uma pequena cidade numa área do oeste da Polônia que

seria brutalmente germanizada e integrada ao Terceiro Reich. Os nazistas viam as Bíblias Gutenberg como tesouros nacionais alemães, que necessariamente deviam retornar ao Reich. Por isso, a edição Pelplin, única Bíblia de Gutenberg na Polônia, era um troféu cobiçado. O padre Antoni Liedtke, do seminário de Pelplin, tinha dolorosa consciência disso, e encomendou ao seleiro local uma mala de couro com compartimentos secretos em que escondeu os dois volumes, que juntos pesavam quase quarenta quilos. Em outubro de 1939, enquanto a Polônia se rendia, a Bíblia estava sendo levada às escondidas em um navio cargueiro carregado de grãos, com destino à França e à Bibliothèque Polonaise. Junto também viajavam alguns livros valiosos salvos da Biblioteca Nacional, em Varsóvia.^[22]



A bibliotecária Hélène Kaplan mostra um dos poucos livros da Biblioteca Russa Turguêniev que foram devolvidos. A singular biblioteca de exilados, onde entre outras coisas Lênin trabalhou, foi

roubada e desmantelada durante a Segunda Guerra Mundial.

Depois de receber relatórios da Polônia, os funcionários da Bibliothèque Polonaise sabiam o que esperar caso o país fosse derrotado. Quando Amiens, no norte da França, foi ocupada por forças alemãs em maio de 1940, a Bíblia foi transferida novamente. No início de junho, um caminhão carregado com uma coletânea da herança literária da Polônia, incluindo a Bíblia Pelplin, viajou para o sul. Os livros partiram em um pequeno vapor polonês, que zarpou horas antes de os alemães atacarem a cidade. O barco também conseguiu atravessar o Canal da Mancha, repleto de submarinos alemães. Por fim, a Bíblia estava em mãos seguras.^[23]

No entanto, o acervo da Bibliothèque Polonaise era grande demais para ser salvo na íntegra. Os itens mais importantes foram transferidos: desenhos, mapas e manuscritos originais de Adam Mickiewicz foram escondidos em várias bibliotecas francesas. Apesar desses esforços, a maior parte da biblioteca permaneceu no prédio da Île Saint-Louis, vasculhado pela polícia alemã dois dias após a queda de Paris.^[24]

Dois meses depois, em 25 de agosto, chegavam funcionários do escritório parisiense da ERR. De acordo com o chefe da biblioteca, o historiador Franciszek Pulaski, que testemunhou os fatos, o trabalho foi supervisionado por três homens do escritório de Roosenberg e por mais ou menos quarenta franceses, que colocaram o acervo em caixotes como os que Berberova vira na Biblioteca Turguêniev. O conteúdo de cada

caixa era cuidadosamente anotado, e, no total, o material ocupou 780 caixas, das quais 766 continham livros, jornais e outros materiais impressos.^[25]

Em outubro de 1940, a biblioteca foi transportada para La Chapelle, no norte de Paris, e despachada em um trem com destino à Alemanha. Dessa vez, a ERR também teve de compartilhar o butim com outra organização, conhecida como Publikationsstelle Berlin-Dahlem, um departamento do arquivo estatal prussiano dedicado ao que ficaria conhecido como estudos orientais.^[26] O tema já existia antes de 1933; no entanto, agora seu objetivo era promover a expansão alemã para o oriente. A maior parte da Bibliothèque Polonaise foi levada para a Publikationsstelle Berlin-Dahlem.

A Bibliothèque Ukrainienne Symon Petliura também foi visitada pelos saqueadores. Em janeiro de 1941, a biblioteca da *rue de La Tour d'Auvergne* foi esvaziada em questão de dias e despachada para o centro de triagem da *rue La Bruyère* – que já havia servido de sede para a Alliance Israélite Universelle.

De início, a intenção era enviar a biblioteca Petliura para a RSHA em Berlim, mas, depois de avaliar o acervo, chegou-se à conclusão de que ele não tinha relevância para os serviços de inteligência. Os livros foram entregues para a ERR. Alfred Rosenberg encontraria um lugar para o acervo em uma nova biblioteca que estava sendo organizada em Berlim sob sua liderança – a Ostbücherei, uma biblioteca de pesquisa subordinada à Amt Rosenberg, que agregaria tudo que dissesse respeito a bolchevismo, Rússia e Europa Oriental em geral. A

Biblioteca Turguêniev acabaria integrando esse projeto. Essas bibliotecas de imigrantes do “Ocidente” seriam a base de um acervo que depois da invasão soviética cresceu exponencialmente.^[27]

A historiadora Patricia Kennedy Grimsted afirma que os ataques nazistas às bibliotecas de imigrantes em Paris eram parte dos preparativos para a invasão da União Soviética, que já estava ocorrendo de maneira muito sigilosa em 1940. As bibliotecas eram vistas como possíveis fontes de informações valiosas para a guerra iminente.^[28]

Hélène Kaplan se ergue, pega a muleta e vai até um armário de metal cinza com portas de vidro jateado, que abre. Ela põe a mão lá dentro e passa a ponta dos dedos pelas lombadas dos livros. O que imediatamente me chama a atenção é o mau estado dos exemplares. As lombadas de alguns deles racharam. A encadernação está solta e é possível ver fios da costura. Alguns estão em tal estado que parecem só não se desintegrarem por estarem entre outros volumes na prateleira. Eles não são velhos nem valiosos, mas tiveram uma vida difícil – migrantes, alguns chegaram como refugiados da Rússia antes da guerra, tendo de voltar para lá mais tarde. Mais de sessenta anos depois voltaram para casa em Paris.

Já Hélène Kaplan chegou a Paris na terceira onda de imigrantes russos, depois da Segunda Guerra Mundial, quando sua família partiu de uma Europa Oriental que estava prestes a ficar presa atrás da Cortina de Ferro. Só no fim dos anos 1980, depois da Perestroika, ela conseguiu visitar sua terra natal. A

essa altura, já estava envolvida com a Biblioteca Turguêniev; mais tarde, após sua aposentadoria, quinze anos atrás, se tornou sua protetora.

“Depois da guerra não tinha sobrado nada. Tudo foi roubado, e por isso não tivemos permissão para ficar no Hôtel Colbert. Digo, não havia livros para preservar. Mas então, lentamente, começamos a reconstruir o acervo, e no fim da década de 1950 conseguimos abrir a biblioteca neste apartamento, cedido pela prefeitura”, Kaplan me diz.

A Biblioteca Turguêniev nunca conseguiu fazer o acervo voltar a ser algo comparável ao que era antes da guerra. No entanto, assim que voltou a operar, começou a exercer seu papel na cena literária autônoma e de oposição em relação a seu país de origem. Durante a Guerra Fria, livros de autores russos que estavam na lista negra na União Soviética começaram a ser colocados novamente na biblioteca. Hoje a biblioteca não tem qualquer ligação com a Rússia e sobrevive com um pequeno valor anual doado pelo município.

“Dá para pagar o aluguel e comprar alguns livros. Mas a biblioteca nunca foi rica. As pessoas sempre trabalharam aqui sem receber por isso. É parte da cultura. Acho que vai dar para sobreviver. Já sobrevivemos a tanta coisa”, diz Kaplan em seu francês com sotaque russo, e depois sorri para mim.

Ela volta ao armário de metal cinza. Os livros gastos nas prateleiras não parecem grande coisa, mas têm um valor especial para ela. Esses poucos livros, 112 para ser preciso, são os únicos volumes da Bibliothèque Russe Tourgueniev original, que voltaram dos 100 mil desaparecidos. Ela tira da prateleira um

livro cinza claro que em algum momento foi preto e abre na folha de rosto. Não consigo ler o alfabeto russo, mas o carimbo da biblioteca está em francês, com o antigo endereço da *rue* du Val-de-Grâce.

“Havia um boato de que os alemães pegaram essa biblioteca para dar a Stálin – como mostra de amizade. Isso enquanto a Alemanha e a União Soviética eram aliadas. Mas isso nunca aconteceu. Alfred Rosenberg estava muito interessado nessa biblioteca. Afinal, ele falava russo e morou em Moscou. Então eles levaram tudo embora.”

CAPÍTULO 9

A biblioteca perdida

Roma

O ar está frio no Centro Bibliografico. Sigo a bibliotecária, Gisèle Lèvy, uma mulher alegre de cabelos cacheados, descendo as escadas e entrando numa sala com paredes de concreto pintadas de branco. Mesmo antes de entrar na sala, sinto o cheiro típico de bibliotecas antigas: couro seco, pergaminho, tinta. Nas prateleiras há volumes grossos em couro marrom escuro, que me fazem pensar em troncos retorcidos de árvores antigas. Então, em meio a eles, anéis amarelados de pergaminhos, como bétulas prateadas. Alguns dos livros parecem estar em um processo secular de desintegração – a encadernação aos poucos se soltando da lombada, fios aparecendo como ligamentos secos; o couro rachando e se dividindo em camadas. Cada livro é um registro de uma ruína singular. Volumes impressos ao mesmo tempo se separaram. Alguns estão definhando; outros envelhecem mais graciosamente.

O Centro Bibliografico fica numa casa do século XVIII na

margem ocidental do Tibre, em Roma, não muito longe da Ponte Sisto. É um centro cultural que pertence à Unione delle Comunità Ebraiche Italiane [União das Comunidades Judaicas Italianas]. Para entrar preciso passar por portas trancadas que funcionam mais ou menos como portões de segurança. Não é uma experiência nova. Toda instituição judaica que visitei nesta viagem – centros culturais, sinagogas, bibliotecas e museus – tinha sistemas de segurança semelhantes: câmeras de monitoramento, portões de comporta, olhares suspeitos e perguntas. As rotinas de segurança às vezes lembram a dos aeroportos, com detectores de metal, máquinas de raio X, checagem de malas e, às vezes, revistas. As instituições judaicas na Europa viraram fortalezas. Essa ideia dá uma noção desagradável de continuidade histórica. Do outro lado do Tibre, não muito longe daqui, fica o gueto judaico de Roma, criado no século XVI. Uma pequena área de no máximo sete acres, cercada por muros altos, dentro dos quais vivia a população judaica de Roma. Os habitantes podiam sair durante o dia, mas precisavam voltar antes do anoitecer, quando os portões do gueto eram trancados. Isso continuou acontecendo todas as noites por mais de trezentos anos, até a liberação no fim do século XIX. No subsolo do Centro Bibliografico, Gisèle Lèvy procura por um livro nas prateleiras.

“Aqui está”, ela diz.

O livro que ela pega não é um dos impressionantes volumes grossos, e sim um pequeno livro de papel-bíblia, mais ou menos do tamanho da palma da sua mão. Com cuidado ela o abre, fazendo um ligeiro ruído de ruptura. Há uma parte faltando no

miolo, como se alguém tivesse dado uma mordida no livro. “Provavelmente foi um camundongo que andou se banquetando por aqui. Camundongos sempre gostaram de livros. Aonde quer que eu vá numa biblioteca antiga é comum ver camundongos correndo. E aí eu corro também”, Lèvy diz, rindo.

“É uma Tanakh, uma Bíblia judaica, impressa em Amsterdã em 1680. Não sabemos muita coisa sobre este livro, exceto pelo fato de que ele pertenceu a uma família chamada Finzi, que morava em Florença”, diz Lèvy, me mostrando na parte interna da capa o local onde alguém escreveu “Finzi” e “Florença” a tinta.

O pequeno livro comido por camundongos é uma espécie de mistério. Ele voltou a Roma cerca de dez anos após aparecer na pequena cidade de Hungen, perto de Frankfurt. Depois da guerra, o livro acabou nas mãos do único sobrevivente judeu em Hungen, Jeremias Oppenheim. O livro foi entregue a um representante italiano em uma conferência sobre propriedade roubada em Hannover, em 2005. Não se sabe exatamente como parou nas mãos de Oppenheim.

“Dá para ver o carimbo aqui”, diz Lèvy, e me mostra um pequeno carimbo com ornamentos, desbotado e amarelo, na lombada do livro, com a inscrição em italiano “Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano”.

A congregação judaica mantém seus escritos e legado literário no Centro Bibliografico. A parte mais valiosa do acervo vem da Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano, uma biblioteca pertencente a uma escola rabínica fundada em 1829.^[1] A escola,

um dos mais antigos colégios rabínicos da Itália, ainda está ativa, embora não haja tantos alunos quanto antes.

“Dá para contar nos dedos. São alunos que frequentam escolas normais durante o dia e depois vêm para cá, ou vêm nos finais de semana.”

A biblioteca do Collegio Rabbinico é composta por um grande acervo de obras judaicas do século XVI em diante. Inclui vários livros de famosos impressores judeus italianos como Soncino, De Gara, Bragadin, Bomberg e Vendramin. Mas também há livros judeus aqui de outras impressoras de centros culturais judaicos como Amsterdã, Frankfurt, Tessalônica e Vilnius. Os rabinos do Collegio Rabbinico Italiano viajaram por toda a Europa comprando livros para a biblioteca. Lèvy me mostra uma prateleira com o Talmude em uma robusta edição em dez volumes, O tempo acrescentou uma pátina marmorizada ao couro marrom claro. “É uma edição extremamente rara da Basileia, impressa em 1580”, ela me diz.

O acervo histórico do Centro Bibliografico é composto de 8,5 mil volumes. Alguns vêm de congregações judaicas menores da Itália; são congregações que desapareceram quando a Itália foi unificada no século XIX e os judeus passaram a ter liberdade para se mudar para cidades como Veneza, Florença e Roma. Lèvy me mostra várias prateleiras de livros do gênero, de lugares como Pisa, Siena e Pitigliano, uma pequena comuna na Toscana que chegou a ser chamada de Pequena Jerusalém por conta de sua florescente comunidade judaica.



Uma pequena Tanakh, uma Bíblia judaica roída por camundongos, que voltou a Roma no início dos anos 2000. A inestimável Biblioteca della Comunità Israelitica continua desaparecida, apesar das várias

tentativas de rastrear o acervo.

O acervo do Centro Bibliografico conta a história dos judeus italianos. É uma história que não se manifesta apenas nas páginas encadernadas – também deixou traços externos.

Gisèle Lèvy pega de uma estante um grosso volume encadernado em couro e abre na folha de rosto, totalmente coberta de palavras, frases, símbolos e garranchos a tinta. Meras anotações, mas mesmo assim bonitas – camadas sobre camadas de palavras e símbolos.

“Eles não tinham muito papel antigamente, então usavam livros para fazer anotações. Alguns desses nomes são de pessoas que foram donas do livro. Mas ele também serviu como diário. Aqui diz: ‘Meu filho casou semana passada’. E aqui diz – Lèvy aponta para outro rabisco – ‘Hoje meu neto fez seu *brit milá*’.”^[2]

O livro, de 1745, traz anotações de várias gerações de uma família de judeus sefarditas de Pisa.

“O livro foi impresso em Amsterdã, era comum que os livros dos judeus sefarditas na Itália viessem de lá.”

No início do século xx, a Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano ficava no andar superior de uma grande sinagoga em Lungotevere de' Cenci, do outro lado do Tibre, um prédio que se destaca na paisagem da cidade em função da arquitetura babilônia-síria. Ele foi erigido no final do século xix em memória do gueto, como um símbolo da liberdade recém-conquistada pelos judeus romanos. Mas a sinagoga também contava com outra biblioteca, que era tanto mais velha quanto mais valiosa do

que a do Collegio Rabbinico – uma biblioteca que durante a guerra sumiu sem deixar rastros, pertencente à congregação judaica de Roma: a Biblioteca della Comunità Israelitica. O acervo continha o legado literário, religioso e cultural da mais antiga congregação judaica da Europa. Entre outras coisas, havia manuscritos sobre a vida intelectual e religiosa dos judeus na Roma medieval – além de uma grande coleção de incunábulo, que incluía obras raras trazidas por judeus sefarditas da Espanha.^[3]

Era uma biblioteca que trazia as marcas culturais dos judeus de Roma. Ao contrário da maior parte dos judeus do mundo, a comunidade judaica que vivia em Roma não tinha origem nem nos sefarditas nem nos asquenazes da Europa Central e Oriental. Acredita-se que os primeiros judeus chegaram em Roma já em 161 a.C., enviados por Judas Macabeu, o líder da Revolta Macabeia, que tentava obter apoio de Roma contra o Império Selêucida. Uma comunidade judaica com várias sinagogas se estabeleceu em Roma bem antes do nascimento de Cristo.

Mais tarde, quando as ambições imperiais de Roma chegaram ao Mediterrâneo oriental, a Judeia foi conquistada e incorporada ao Império. Nos séculos seguintes, a população judaica se rebelou em várias ocasiões – com consequências catastróficas. Roma respondeu de maneira implacável e com brutalidade patológica às rebeliões.

Dos que não foram mortos nas guerras, muitos foram escravizados. Outros preferiram abandonar a Judeia devastada pela guerra e ir para outras partes do Império, ou migrar rumo ao oriente, para a Pérsia. Em pouco tempo os judeus que

escolheram permanecer na Judeia eram uma minoria. Jerusalém, cidade proibida para todos os judeus, foi substituída pela cidade pagã romana de Élia Capitolina. Na história judaica, a expulsão dos judeus é vista como o início de dois mil anos da Diáspora judaica. No entanto, na história acadêmica a Diáspora é vista como um processo consideravelmente mais longo e mais complicado. A posição estratégica da Judeia entre Europa, Ásia e África significava que a região, por milhares de anos, foi invadida por exércitos egípcios, assírios, babilônios, persas, gregos, romanos, árabes e turcos. A migração e a dispersão dos habitantes dessa área assolada pela guerra vêm acontecendo há muito tempo.^[4]

A primeira comunidade judaica de Roma cresceu. Outras congregações apareceram em toda a Itália, muitas vezes compostas por escravos libertos. No período da Alta Idade Média os judeus italianos desenvolveram uma rica cultura literária, não apenas por meio de seus contatos com os judeus sefarditas da Espanha. As traduções de pensadores judeus árabes também tiveram grande influência na cultura cristã. Um dos mais importantes desses foi Maimônides, normalmente considerado o mais importante filósofo judeu da Idade Média. Maimônides tentou demonstrar que era possível reconciliar a filosofia de Aristóteles com a fé judaica. Isso teve grande influência sobre Tomás de Aquino, que, de maneira similar, tentou integrar o sistema filosófico de Aristóteles com a fé cristã.^[5]

Ao mesmo tempo, na Alta Idade Média, uma política cada vez mais repressiva e antissemita tomava forma na Igreja Católica. Um papel central foi desempenhado por Inocêncio III, um dos

mais poderosos e influentes papas da história, que anunciou a Quarta Cruzada e patrocinou uma implacável perseguição a “hereges” na Europa. Em 1215 ele convocou um dos mais importantes sínodos da era medieval, o Quarto Concílio de Latrão, onde foram feitos ajustes na lei canônica. Decidiu-se que os judeus não podiam ocupar cargos públicos, já que seu crime contra o Cristo os tornava inadequados para tomar decisões em nome dos cristãos. Os judeus também deveriam usar roupas que os distinguíssem claramente dos cristãos. Em um encontro posterior decidiu-se que os judeus deveriam usar um emblema no peito de meio palmo de comprimento. O decreto de Inocêncio III de 1215 foi a origem da estrela amarela que os judeus foram forçados a usar no regime nazista, setecentos anos mais tarde.^[6]

Os sucessores de Inocêncio III seguiram a mesma linha, inclusive seu primo, o papa Gregório IX, que em 1234 afirmou na doutrina *perpetua servitus iudaeorum* que os judeus deviam ser banidos da vida política e viver em escravidão política até o Juízo Final, o que em princípio retirou dos judeus qualquer oportunidade de exercer influência social até o século XIX. Gregório IX estabeleceu formalmente a Inquisição, que tinha como objetivo primeiro reprimir seitas religiosas como os cátaros – e também os judeus.^[7]

No século XVI, milhares de judeus sefarditas da Espanha e de Portugal se refugiaram na Itália e no Estado do Vaticano. De início eles foram bem-vindos, graças a papas mais tolerantes. Muitos dos que chegaram eram tradutores, poetas e professores – incluindo o historiador Samuel Usque, autor do livro avariado

pela bala em Amsterdã. O papa Leão x deu aos judeus italianos permissão para imprimir o Talmude. Mas a comunidade judaica de Roma teve pouco tempo para respirar. Em meados do século XVI, a Igreja Católica iniciava a Contrarreforma para defender a verdadeira fé contra o herético protestantismo. A defesa espiritual criou um ambiente religioso mais intolerante, que também se voltou contra o judaísmo.

O primeiro ataque se dirigiu à literatura judaica, que havia florescido na Itália em princípios do século XVI, com muitos impressores de livros judeus. No dia do ano-novo judaico, 9 de setembro de 1553, o papa determinou o confisco e a queima de todas as edições do Talmude e de textos relacionados a ele. Em uma bula papal, o Talmude foi classificado como blasfemo contra a fé cristã. No Campo de Fiori, em Roma, a Inquisição erigiu uma enorme pira de livros e textos confiscados de lares judeus da cidade. A queima de livros ocorreu em Ferrara, Florença e Veneza, todos centros de impressão judaicos. Milhares de exemplares do Talmude foram consumidos pelas chamas. Em Roma, nenhum livro era impresso em hebraico havia centenas de anos.^[8]

A literatura judaica era censurada pela Inquisição, e podem-se encontrar traços disso no subsolo do Centro Bibliografico. Gisèle Lèvy me mostra um livro em que a Inquisição eliminou partes do texto. “Se, por exemplo, o livro dizia, ‘Nosso Deus é o único Deus’, isso seria apagado. Não podia haver nada escrito que pudesse ser visto como crítica à Igreja Católica. Os avaliadores da Inquisição nem sempre eram capazes de ler em hebraico, mas faziam uso de rabinos forçados a se converter ao

catolicismo. Assim era comum que ‘judeus’ censurassem outros judeus. É uma história trágica”, Lèvy explica.

Outros livros na biblioteca também trazem sinais da perseguição. Lèvy pega um exemplar encadernado em velino. As bordas das páginas têm um leve tom avermelhado, mas o que me chama a atenção imediatamente são as duas colunas de texto escritas à mão na capa branca.

“Houve muitos *pogroms* na Itália, especialmente na Idade Média, em que sinagogas eram saqueadas e queimadas. O pergaminho era muito valioso, por isso os textos judaicos em pergaminho eram roubados e vendidos para a Igreja, que reutilizava o material para escrita ou encadernação”, Lèvy explica. A prática era particularmente degradante, já que muitas vezes eram usados rolos da Torá. “A Torá é sagrada. Nunca é jogada fora; quando está em mau estado, é respeitosamente enterrada. Por isso, sempre que os judeus foram perseguidos, salvar a Torá sempre foi importante. A importância era quase igual à de salvar vidas humanas.”

Segundo Lèvy, em bibliotecas antigas situadas ao redor de Bolonha, Parma, Ferrara e Ravenna, é possível encontrar livros encadernados em pergaminho que ainda trazem sinais evidentes de textos hebraicos. “Esses livros têm grande valor para nós, porque os pedaços reutilizados de pergaminho são fragmentos preservados de uma cultura perdida. Às vezes você encontra livros produzidos a partir do mesmo pergaminho original e pode começar a juntar partes para tentar descobrir de onde eles vieram, quem escreveu aquilo.” O texto no pergaminho à nossa frente está escrito tanto em hebraico quanto em ladino, o dialeto

espanhol-judeu falado pelos sefarditas. “É muito fácil ver que foi um judeu sefardita que escreveu isso, o texto em hebraico é muito semelhante ao arábico em estilo”, diz Lèvy, passando os dedos pelas linhas.

Mas outra catástrofe recaiu sobre os judeus de Roma apenas dois anos depois das piras de livros em 1553. O papa Paulo IV, na bula papal conhecida como *Cum nimis absurdum*, retirou os direitos da comunidade judaica. De acordo com Paulo IV, era “absurdo” deixar os judeus – que, como consequência da culpa que haviam atraído para si, estavam condenados à “escravidão perpétua” – viverem entre cristãos e terem os mesmos direitos. Era necessário fazer os judeus perceberem que eram “escravos por consequência de seus atos”.^[9]

Os judeus perderam o direito à propriedade e foram forçados a exercer trabalhos não qualificados como trapeiros, penhoristas ou vendedores de peixes. Os homens eram obrigados a usar chapéus amarelos pontiagudos e as mulheres deviam usar xales da mesma cor. Foram proibidos de comer com cristãos, participar de qualquer atividade de lazer com eles ou confraternizar com católicos. E no Sabá tinham de ir à igreja para ouvir as homilias católicas, com o objetivo de incentivar a conversão.

A *Cum nimis absurdum* estabeleceu o gueto de Roma, que ficava entre o Pórtico de Otávia e as margens do Tibre, uma área que alagava frequentemente. Com problemas sanitários e falta de espaço, as epidemias eram comuns no gueto. Quase um quarto dos habitantes morreu em um surto de praga em 1656.^[10] O gueto de Roma, fechado por fora todas as noites, era na

verdade uma grande prisão.

A libertação dos judeus italianos só começou com a chegada de Napoleão. Durante a Revolução Francesa, pela primeira vez os judeus receberam direitos plenos de cidadania. Napoleão estendeu essa “política radical” a todo o continente, extinguindo os guetos, acabando com quaisquer restrições e colocando o judaísmo em pé de igualdade com as religiões cristãs. Ele também fez com que o papa abrisse mão de todo o seu poder mundano.

Mas essas liberdades que surgiram com Napoleão acabaram quando ele se foi. Assim que foi restituído ao papado, Pio VII trancou os judeus da cidade no gueto e retomou a Inquisição. No entanto, os tempos não eram favoráveis ao Estado eclesiástico, já que movimentos liberais, sociais e democráticos tiveram avanços no século XIX. O sistema medieval de guetos, restrições e escravidão estava em dissolução em toda a Europa. Nas revoluções de 1848, muitos judeus europeus reconquistaram seus direitos. Mesmo nos estados italianos as restrições antissemitas estavam sendo eliminadas e o gueto foi extinto. O Estado eclesiástico resistiu ao progresso até seu amargo fim. A libertação ocorreu quando exércitos italianos marcharam sobre Roma e dissolveram o Estado eclesiástico. O gueto romano foi na verdade o último do gênero na Europa, antes de os nazistas retomarem o sistema de guetos e as restrições medievais contra os judeus.

No fim do século XIX os muros em torno do gueto foram demolidos junto com a área degradada do entorno. Mesmo assim

um tesouro literário foi resgatado do gueto demolido, após sobreviver aos séculos de confiscos da Inquisição e às fogueiras de livros.

Uma inestimável coleção de escritos, manuscritos e livros judaicos foi coletada em sinagogas, escolas e casas do gueto, o que serviu como base para a Biblioteca della Comunità Israelitica.^[11] Essa biblioteca singular é um registro da trágica história dos judeus em Roma. Os judeus italianos não só eram os herdeiros culturais da mais antiga comunidade judaica europeia como em seu isolamento tinham desenvolvido um dialeto próprio, que chegou perto de se tornar propriamente uma língua: o judeu-espanhol, ou ladino, com origens na era medieval.^[12]

Nunca existiu um catálogo completo da Biblioteca della Comunità Israelitica, exceto por compilações menores de seus textos mais valiosos, feitas pelo pesquisador judeu Isaiah Sonne, em 1934. Mas antes do início da Segunda Guerra Mundial, a biblioteca continha cerca de sete mil volumes, incluindo tanto manuscritos quanto livros que não podiam ser achados em nenhum outro lugar. Havia incunábulos e livros de impressores italianos do século XVI, entre eles uma edição rara do Talmude em vinte e um volumes impressos por Soncino, o impressor banido pelo papado.^[13] Havia livros de outros impressores judeus famosos como Bomberg e Bragadin, assim como manuscritos medievais do poeta, rabino e médico Moses Rieti, médico pessoal do papa Pio II no século XV. E além dos manuscritos sobre medicina e astronomia do século XIV, havia

livros trazidos pelos judeus da Espanha, incluindo um incunábulo português de 1494.

A biblioteca era o que havia restado dos dois mil anos de presença judaica em Roma, uma herança que contava não apenas a história dos judeus na cidade, mas também os princípios da cristandade. Como Robert Katz descreve em seu livro *Black Sabbath*: “Entre o material conhecido estavam exemplares únicos de livros e manuscritos que datavam de antes do nascimento de Cristo, da época dos césores, dos imperadores e dos primeiros papas. Havia gravuras medievais, livros dos primeiros impressores e papéis e documentos repassados de uma geração para outra ao longo de eras”.^[14]

Dario Tedeschi põe a mão no ouvido e me diz com os olhos que não entendeu. Tento de novo, articulando lentamente cada sílaba. Ele balança a cabeça, resignado. Tedeschi está com uma camisa branca engomada, mangas arregaçadas até o cotovelo. Pelas janelas, veem-se os prédios da Universidade de Roma. Estamos em seu gabinete – uma sala grande, iluminada e com pouca mobília. Não tenho certeza se Tedeschi, perto dos 80 anos, não ouve o que digo ou se simplesmente não entende meu inglês. Talvez um pouco de cada. No fim, ele simplesmente me passa uma caneta. Acaba sendo uma entrevista curiosa, em que escrevo as perguntas num papel que ele examina por vários minutos antes de tentar responder.

“Na Biblioteca della Comunità Israelitica havia livros incrivelmente importantes, raros. Achamos que era a mais importante biblioteca judaica na Itália, talvez até no mundo

inteiro”, diz Tedeschi, colocando sobre a mesa um livro com o título *Rapporto Sull’Attività della Commissione per il Recupero del Patrimonio Bibliografico della Comunità Ebraica di Roma*, Razziato Nelo 1943– os resultados de investigações realizadas pelo governo italiano sobre o roubo das propriedades de judeus. A Itália, como muitos outros países europeus no fim da década de 1990, criou uma comissão pública para investigar o saque de propriedades judaicas durante a Segunda Guerra Mundial. Tedeschi, membro dessa comissão, foi um dos que pediram especial atenção ao desaparecimento da Biblioteca della Comunità Israelitica. “Tenho interesse pessoal nisso; eu mesmo sou um judeu romano. Os pais do meu pai morreram no Holocausto. Mas essa biblioteca não tem interesse apenas para a congregação judaica em Roma, é importante para a Itália como um todo”, diz Tedeschi.

Até então não se sabia quase nada sobre o sumiço da biblioteca. Algumas tentativas, sempre infrutíferas, para encontrar a biblioteca foram feitas após a guerra. Em 2002, depois de pressões da congregação judaica, uma comissão especial foi organizada para encontrar a Biblioteca della Comunità Israelitica, avaliada como tendo “valor inestimável para a herança cultural da Itália como um todo”.^[15]

Dario Tedeschi, que na época presidia a Unione delle Comunità Ebraiche Italiane, foi escolhido para chefiar a investigação. Os membros da comissão, que incluía historiadores, arquivistas e funcionários públicos, conseguiram após vários anos de trabalho de detetive descobrir alguns novos detalhes do misterioso sumiço da biblioteca.

“Descobrimos documentos confirmando que a Einsatzstab Reichsleiter Roosenberg roubou a biblioteca. Mas o mistério obviamente é que eles não roubaram uma, e sim duas bibliotecas, já que junto eles levaram a Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano. Mas por que uma das bibliotecas voltou? Essa era a pergunta que nós queríamos responder”, Tedeschi me diz.

A pilhagem, e as circunstâncias que levaram a ela, é mais um capítulo trágico da longa história dos judeus romanos. Quando Mussolini e seu Partido Nacional Fascista chegaram ao poder em 1922, não havia sinais externos que indicassem que o movimento fosse antissemita. Pelo contrário, o regime teve apoio de muitos judeus italianos, e alguns dos líderes mais importantes do partido eram judeus – por exemplo, o ministro das Finanças, Guido Jung.^[16] Mas existia uma ala dentro do movimento fascista que tinha ideologia racista. Só no fim da década de 1930, quando as potências formaram o Eixo por meio da união entre Hitler e Mussolini, é que o regime começou a dar mostras abertas de antissemitismo. Em 1938 os fascistas criaram uma legislação racial inspirada nas Leis de Nuremberg, que entre outras coisas proibiam os judeus de exercer cargos públicos e de casar com “não judeus”.^[17]

Quando a Itália entrou na guerra em 1940, a perseguição aumentou. A Alemanha nazista começou a pressionar o país para resolver a “questão judaica”. Os alemães se ofereceram para fazer o papel de carrasco – os fascistas italianos só precisavam colocar os judeus do país em trens e mandá-los para o norte.

Apesar do antissemitismo disseminado, muitos grupos do público italiano em geral, do Exército e até mesmo dentro do

partido fascista demonstraram aversão às políticas raciais alemãs. Apesar da pressão feita pelos alemães, os militares italianos se recusaram a tomar parte no genocídio. Milhares de judeus entre 1941 e 1943 se refugiaram em partes da Iugoslávia, da Grécia e do sudeste da França ocupadas pela Itália, onde estavam temporariamente mais seguros do que em território alemão. O regime italiano também evacuou quatro mil judeus para o sul da Itália, onde eles permaneceram em segurança durante toda a guerra.

Foi a queda de Benito Mussolini em julho de 1943 que selou o destino dos judeus da Itália. Quando os Aliados ocidentais chegaram à Sicília no mesmo mês, a confiança dos italianos em seu líder e seu apetite para prosseguir na guerra tinham acabado. Depois de o país se render aos Aliados em setembro, a Alemanha nazista, que há muito tempo tinha dúvidas sobre a Itália, atacou imediatamente. Mussolini foi libertado e voltou ao poder, mas agora como mero fantoche das forças de ocupação. [18] A invasão mudaria dramaticamente a situação dos 43 mil judeus que acabaram sob a jurisdição dos alemães.

No fim de setembro de 1943, Herbert Kappler, recém-nomeado chefe da polícia secreta de Roma, chamou os líderes da comunidade judaica da cidade. Ele garantiu que os doze mil judeus que moravam em Roma evitariam a deportação caso conseguissem pagar um resgate de cinquenta quilos de ouro em seis horas. Milhares de pessoas correram para a sinagoga para deixar brincos, alianças de casamento, colares e outros objetos feitos com o precioso metal. O ouro exigido foi entregue no quartel-general da ss na Via Tasso antes do prazo. Mas na

verdade a extorsão era uma fraude, e a ordem de deportação já havia sido dada em segredo.^[19]

No dia seguinte ao pagamento do resgate, cerca de vinte homens da ss invadiram a sinagoga em Lungotevere de' Cenci e vistoriaram as propriedades, confiscando entre outras coisas seu arquivo, que incluía o registro dos nomes e endereços dos judeus da cidade. Poucos dias depois a sinagoga foi visitada por dois homens da ERR, que tinham vindo inspecionar a Biblioteca del Collegio Rabbinico e a Biblioteca della Comunità Israelitica.^[20] A ERR havia criado um grupo especial para sua operação na Itália, conhecido como Sonderkommando Italien. Um dos que visitaram a sinagoga foi Johannes Pohl, do Departamento Hebraico do Instituto para Pesquisa da Questão Judaica, em Frankfurt, o mesmo Pohl que, no ano anterior, avaliara as bibliotecas Ets Haim e Rosenthaliana em Amsterdã.^[21] Poucos dias depois, mais funcionários da ERR chegaram para começar a avaliar o acervo.

Uma testemunha ocular, o jornalista e crítico literário judeu Giacomo Debenedetti, descreveu mais tarde o que ocorreu naqueles dias:

Um oficial alemão examinou o acervo como se estivesse vendo um bordado fino; ele acariciava os papiros e os incunábulo, virava as páginas dos manuscritos e das edições raras. O cuidado e a atenção que ele dedicava variavam em proporção direta ao valor dos volumes. Essas obras eram em grande medida escritas em alfabetos obscuros. Mas quando ele abria as páginas, seus olhos se fixavam neles e se arregalavam e brilhavam como os de um leitor familiarizado

com um tema e que sabe como encontrar uma passagem que deseja ou algumas linhas reveladoras. Em suas mãos elegantes aqueles livros antigos falavam como se estivessem sendo submetidos a uma tortura sem derramamento de sangue.

[22]

A secretária da sinagoga, Rosina Sorani, também foi testemunha. Depois de averiguar os dois acervos, o mesmo oficial que antes havia acariciado os incunábulo disse a Sorani que as bibliotecas seriam confiscadas e levadas embora nos próximos dias. Ele também a ameaçou, como ela escreveu em seu diário, dizendo que “tudo precisava ficar exatamente como eles deixaram, e caso contrário – eu pagaria com a minha vida”.

[23]

A congregação da sinagoga, em uma tentativa desesperada de salvar a biblioteca, implorou aos fascistas italianos. Mas foi inútil. No novo regime fascista, que usava sobretudo alemão, a ala antissemita do partido tinha chegado aos postos mais importantes.

Na manhã de 13 de outubro de 1943, dois grandes vagões alemães, colocados nas linhas de bonde da cidade, foram levados à sinagoga pelo Tibre. Arriscando suas vidas, Rosina Sorani e seus colegas de trabalho rapidamente esconderam alguns dos itens mais valiosos. Artefatos religiosos de ouro e prata foram escondidos dentro de uma parede, enquanto manuscritos particularmente valiosos foram levados para a Biblioteca Vallicelliana, que ficava ali perto. No início da manhã seguinte, funcionários da ERR chegaram com um grupo de trabalhadores. Eles levaram o dia todo para encher os dois vagões de carga – que desapareceram depois disso. Poucos meses depois, em

dezembro de 1943, eles voltaram para pegar o que havia restado, especialmente a maior parte da Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano.

Por sorte, os alemães não encontraram os objetos escondidos, mas os judeus de Roma não tiveram tempo de comemorar ou de chorar a perda de sua biblioteca. Por ordens do ss-Obersturmbannführer Herbert Kappler, outros vagões já haviam chegado. Dois dias depois do primeiro carregamento de livros sair da sinagoga, no início da manhã do Sabá em 16 de outubro, os homens de Kappler invadiram centenas de casas de judeus em Roma. Mais de mil pessoas foram feitas prisioneiras, principalmente mulheres e crianças. Elas foram levadas ao Collegio Militare, a poucas quadras do Vaticano e da Basílica de São Pedro, e lá foram mantidas pelo fim de semana. Uma grávida foi forçada a dar à luz no colégio, no pátio, quando os guardas se recusaram a levá-la ao hospital. Na segunda-feira, os prisioneiros foram colocados em um trem de carga e levados para Auschwitz-Birkenau. Poucos sobreviveriam.^[24]

O papa Pio XII decidiu não intervir nem fazer qualquer protesto oficial contra a perseguição. O papel do papa na ocupação segue controverso, mas o mais provável é que ele tenha preferido não colocar em risco suas relações com as potências do Eixo, já que isso poderia prejudicar a neutralidade do Vaticano.^[25]



Livro de 1745 no Centro Bibliografico em Roma, com anotações de várias gerações de uma família de judeus sefarditas em Pisa.

No entanto, os nazistas encontraram mais resistência em outras partes da sociedade italiana. A polícia de Roma se recusou a tomar parte da busca por judeus, e muitos cidadãos romanos comuns abriram suas casas para os fugitivos. Muitos judeus também encontraram abrigo em monastérios, igrejas e outras instituições católicas, graças a contribuições individuais de padres e freiras. Apesar das recompensas oferecidas àqueles que revelassem onde os judeus estavam escondidos, as forças de Kappler só conseguiram capturar mais oitocentos judeus. Milhares conseguiram permanecer escondidos em Roma até a cidade ser libertada em junho de 1944.

Em março de 1947, a Biblioteca del Collegio Rabbinico voltou do mesmo modo como havia sido removida, num trem vindo da Alemanha. E até a volta da Bíblia judaica roída por camundongos em 2005, presumia-se que a biblioteca inteira havia voltado em 1947. Essa premissa precisou ser reavaliada por Dario Tedeschi e sua comissão. “Foi uma completa surpresa para nós”, Tedeschi me conta, “mas era uma prova de que nem tudo havia voltado depois da guerra. O que sabemos é que a Biblioteca del Collegio Rabbinico foi levada para Frankfurt, e que foi lá que a encontraram depois da guerra. Mas em algum lugar do trajeto entre Roma e a Alemanha a Biblioteca della Comunità Israelitica tomou outro caminho.”

A Biblioteca del Collegio Rabbinico foi levada ao departamento de Johannes Pohl para literatura judaica no Institut zur Erforschung der Judenfrage, em Frankfurt. A pergunta é: por que a biblioteca da congregação judaica não foi entregue no mesmo lugar? A comissão de Tedeschi passaria sete anos tentando encontrar uma resposta, e depois de longas investigações em arquivos, bibliotecas e acervos em vários continentes o destino da biblioteca permaneceu envolto em uma impenetrável neblina histórica.

No processo, partes do que havia sido perdido foram encontradas. O catálogo do acervo, de Isaiah Sonne, datado de 1934, foi encontrado na Biblioteca Nacional, em Jerusalém. “Eu estava em contato com um amigo que estava trabalhando na Biblioteca Nacional, em Jerusalém. Um dia ele me mandou uma foto de um livro que encontrou. Parecia um diário, uma conferência de livros em italiano. Reconheci a caligrafia dele. Ele

me mandou mais fotos, e foi aí que entendi que aquele era o registro dos livros”, diz Gisèle Lèvy, que participou das buscas pela biblioteca. Dois manuscritos com carimbos da biblioteca foram encontrados no Seminário Teológico Judeu, em Nova York. A escola, que havia comprado os manuscritos nos anos 1960, não sabia dizer como eles haviam sido adquiridos. Também havia boatos de que o carimbo da biblioteca fora visto em outros acervos, mas isso jamais foi confirmado.

Em 2009 a comissão apresentou seu relatório final, em que chegava à conclusão de que os livros tirados da sinagoga em outubro e dezembro de 1943 provavelmente seguiram caminhos diferentes. Enquanto o trem de dezembro chegou ao instituto de Frankfurt, o de outubro com a Biblioteca della Comunità Israelitica provavelmente seguiu até Berlim. Mas essas conclusões não passam de especulação. A correspondência relativa às operações da ERR italiana foi destruída quando Berlim foi bombardeada em novembro de 1943. No entanto, caso a comissão de Tedeschi esteja correta, isso explicaria o desaparecimento da biblioteca. Os livros enviados para Frankfurt e os enviados para Berlim tiveram dois destinos totalmente diferentes.

CAPÍTULO 10

Fragmentos de um povo

Tessalônica

Um dilúvio morno dá aos tijolos a cor de um vermelho intenso. As ruínas do palácio do imperador romano Galério ocupam todo um quarteirão da cidade portuária grega de Tessalônica. Hoje as ruínas romanas foram transformadas em um elegante museu a céu aberto. O palácio dos anos 300 fica escancarado e consigo ver os banhos do imperador e seus jardins. Na enorme sala do trono, que tem um diâmetro de trinta metros, ainda há resquícios de um belo piso de mármore. A parte mais bem conservada do complexo é uma rotunda quase totalmente intacta, uma edificação circular de tijolos que, com suas paredes de quase seis metros de espessura, suportou dois milênios de guerras, interpéries e terremotos.

Desde o início o prédio foi usado como templo pagão, mas mais tarde foi convertido por Constantino, o Grande, em uma das primeiras igrejas do mundo. Mil anos depois, os otomanos transformaram a rotunda em mesquita, e o minarete erigido no

século XVI continua em pé. A rotunda é um registro da longa história de diversidade cultural e religiosa de Tessalônica: um porto na fronteira entre Europa e Ásia, que carrega as marcas de seus vários governantes – gregos, romanos, bizantinos e turcos. Todos deixaram sinais de sua passagem na cidade, com seus monumentos e suas ruínas. Mas há uma cultura que deixou poucos traços, embora tenha dominado a cidade por quatrocentos anos a partir do século XVI.

Não é fácil encontrar os sinais dessa cultura, que foi apagada. Eles não estão marcados com placas nem são detalhados nos guias turísticos. Mas estão lá, desde que você saiba onde procurar. Bem perto das ruínas do magnífico palácio há um prédio que não chama muito a atenção. Na esquina de uma quadra há uma garagem suja para motos, com visual decadente, as paredes e o telhado cobertos por pichações. Imediatamente atrás da garagem há uma mureta de ardósia preta que chega à altura dos joelhos. Mas em um trecho, a ardósia é subitamente interrompida por um bloco de mármore em que, apesar da erosão e das manchas de poluição, é possível ver uma folhagem padronizada em relevo. Um pouco adiante há outro bloco de mármore, um pequeno pedaço que parece ter sido a parte inferior de uma coluna coríntia. Encontro um trecho mais revelador no ponto em que a mureta chega à rua – uma placa de mármore de vinte centímetros de altura. É possível discernir vagamente as letras esculpidas na superfície. Não é latim, é hebraico. A placa é um pedaço de uma lápide judaica, um fragmento de uma comunidade que até bem pouco tempo existiu aqui. Essa pedra possivelmente foi estilhaçada em um dia frio do

início de dezembro de 1942, não muito longe daqui, quando quinhentos trabalhadores gregos armados de marretas, barras de ferro e dinamite chegaram ao velho cemitério judeu, do lado de fora do muro oriental da cidade.^[1]

Acredita-se que o cemitério judeu de Tessalônica fosse o maior da Europa, cobrindo uma área de oitenta e seis acres, com quase 500 mil túmulos, dos quais o mais antigo remontava ao século xv. Os políticos da cidade grega queriam há muito tempo tirar dali o cemitério, achando que ele impedia a expansão de Tessalônica. A comunidade judaica resistiu. Quando o exército alemão ocupou a cidade, em 1941, as autoridades gregas e os nazistas agiram em conjunto. Depois de poucas semanas de destruição sistemática, a “vasta necrópole, estilhaçada em fragmentos de pedra e calça, parecia uma cidade bombardeada, ou destruída por uma erupção vulcânica”, escreveu alguém que testemunhou os fatos na época.^[2]

O cônsul americano em Istambul, Burton Berry, relatou que “o trabalho de destruição do cemitério foi feito de maneira tão apressada que pouquíssimos judeus conseguiram encontrar os restos mortais de suas famílias. Mortos recém-enterrados foram atirados aos cães”.^[3] De acordo com outra testemunha, a “visão era devastadora. Gente correndo entre os túmulos implorando aos destruidores que poupassem as sepulturas de seus parentes; com lágrimas eles recolhiam os restos mortais”.^[4]

As centenas de milhares de lápides e monumentos fúnebres quebrados foram transformadas numa espécie de pedreira, de onde por anos as pessoas retiraram mármore para construções. Os nazistas foram os primeiros a fazer uso desse mercado

mórbido. Construíram uma piscina com as lápides. Mas o mármore foi usado principalmente pelos gregos, para consertar casas, construir banheiros, fazer pisos de pátios escolares e até na construção de um iate clube no porto. A praça em frente ao teatro da cidade foi calçada com lápides judaicas. Até mesmo a Igreja Ortodoxa grega fez uso da devastação: dezessete igrejas na região de Tessalônica pediram às autoridades mármore do cemitério judeu.^[5]

Hoje, pedras quebradas do cemitério destruído são encontradas por toda a cidade. Na maior parte dos casos a ação do clima, o polimento ou a extração de pedaços apagaram sua história, mas às vezes – como no caso da mureta de ardósia – não houve qualquer esforço para eliminar sua origem. O muro de ardósia não foi erguido durante a guerra, e sim nos anos 1960, quando ainda havia um estoque de pedras do cemitério judeu.



Pedaço de lápide de cemitério judaico destruído em Tessalônica. O cemitério foi destruído durante a guerra e as pedras foram usadas como material de construção, se transformando em um dos poucos

resquícios da extinta comunidade judaica da cidade.

Esses fragmentos esparsos são o que resta da Salonica sefardita, a maior e mais rica comunidade judaica no Mediterrâneo oriental por séculos. Salonica, como a cidade foi conhecida por muito tempo, era um centro judaico de conhecimento, famosa por seus rabinos, escolas, jornais e impressores. Mas a cidade era muito mais do que isso, era, de fato, o único assentamento urbano relevante no mundo em que os judeus não eram minoria.

Pela primeira vez nessa viagem não visito uma biblioteca, porque não há biblioteca a visitar. Tessalônica é um lugar em que o saque, a destruição e o Holocausto deixaram quase nada para a posteridade. Dos cerca de cinquenta mil judeus que viviam aqui em 1942, apenas poucos milhares sobreviveriam.^[6]

Hoje, Tessalônica é uma cidade totalmente grega, mas ainda existe uma pequena congregação judaica, com raízes na Salonica sefardita. Só recentemente os judeus tentaram recuperar a história judaica, praticamente esquecida da cidade. No início dos anos 2000, o Museu Judaico foi fundado em Tessalônica em homenagem a essa cultura perdida. É um museu pequeno, localizado em uma bela casa da virada do século, numa das poucas ruas restauradas do velho distrito judeu. No primeiro andar, em uma sala cujas janelas dão para as laranjeiras da rua, fica a curadora do museu, Erika Perahia Zemour. Quando a encontro, ela está agitada. Acaba de descobrir que o monumento recém-erigido em memória do cemitério judeu traz uma inscrição imprecisa.

“Estou tão furiosa! Levamos setenta anos para colocar esse monumento em pé, para que as pessoas soubessem o que havia aqui antes. E aí o texto não está certo. É inacreditável! Na placa diz que foram os alemães que destruíram o cemitério e que usaram as pedras como material de construção. Tudo errado. Foram os gregos que destruíram o cemitério e usaram a maior parte das pedras. Isso é típico do jeito como as pessoas pensam aqui”, diz Zemour, me perfurando com o olhar e dando uma tragada em seu cigarro eletrônico, que brilha vermelho.

No museu, a intenção foi recolher parte do que foi perdido; há algumas lápides intactas, fotografias, artefatos rituais e vários livros que sobreviveram ao Holocausto. Mas não é um acervo grande. A maior parte do que foi saqueado em Salonica jamais voltou.

“Salonica era um centro de conhecimento e de disseminação no Mediterrâneo oriental. Algumas das primeiras prensas do Império Otomano foram instaladas aqui, em Salonica, por judeus sefarditas. Até mesmo o primeiro jornal impresso no Império Otomano era um jornal de Salonica”, Zemour me conta. O que diferenciava Salonica de outros grandes assentamentos judaicos era o grau singular de liberdade que os judeus tinham para cuidar de seus próprios assuntos. “Este era o único lugar na Europa em que os judeus sefarditas realmente foram bem-vindos depois de fugir da Espanha. Judeus de outras partes da Europa também vieram para cá, fugindo da perseguição. Eles eram maioria aqui e por isso podiam se sentir seguros. Não havia gueto e não havia restrições. Os judeus de Salonica podiam se dedicar a qualquer profissão que escolhessem. Isso tornava a

cidade única”, Zemour me diz.

Salonica ficou conhecida como *la madre de Israel*. A expressão foi cunhada pelo judeu marrano Samuel Usque, que no século XVI descreveu a cidade como um paraíso para os judeus, enquanto o resto da Europa era “meu inferno na terra”.^[7]

Já havia um assentamento judaico aqui na antiguidade; há até mesmo uma referência a ele na Primeira Epístola de Paulo aos Tessalonicenses, no Novo Testamento, em que Paulo tenta convencer a população judaica da cidade a se converter, levando assim a um motim.

Quando Constantinopla foi tomada pelos turcos otomanos em 1453, a população de Salonica foi significativamente reduzida, já que o sultão Maomé II forçou milhares de pessoas a migrarem para Istambul, a nova capital construída sobre as ruínas de Constantinopla. Segundo registros otomanos, em 1478, não restava um único judeu em Salonica.^[8] Mas ao serem expulsos da Espanha em 1492, os sefarditas foram bem recebidos pelo sultão, que via nesses judeus bem-educados uma ferramenta para desenvolver rapidamente o Império Otomano. Muitos tradutores, médicos e banqueiros judeus receberam ofertas de emprego na corte. Os benefícios da tolerância dos otomanos foram bastante reconhecidos na época. O geógrafo francês Nicolas de Nicolay visitou Istambul nos anos 1550 e escreveu:

Para grande dano e prejuízo da Cristandade, [os judeus] ensinaram aos turcos diversas invenções, ofícios e máquinas de guerra, como a manufatura de artilharia, arcabuzes, pólvora, projéteis e outras munições; também instalaram prensas, nunca vistas nesses países, por meio das quais dão à luz em belos tipos

muitos livros em várias línguas como grego, latim, italiano, espanhol e na língua hebraica, que para eles é natural.^[9]

Os primeiros judeus sefarditas chegaram a Salonica vindo de Maiorca em 1492. Logo vieram outros, do continente e depois também da Provença, da Itália e de Portugal. Em 1519 dezenas de milhares tinham chegado, e a população judaica já era maioria. No início do século XVI havia vinte e cinco sinagogas em Salonica.^[10] A influência sefardita era tão grande que a cidade realmente podia ser vista como uma colônia judaica espanhola no litoral da Grécia, em que tanto sua língua quanto a cultura permaneciam intactas.

Mas mesmo gozando de liberdade maior no Império Otomano do que na Europa cristã, os judeus jamais estiveram em pé de igualdade com os muçulmanos. O Estado otomano raramente se envolvia nas questões religiosas das muitas minorias do império; como outros grupos religiosos, os judeus tinham permissão para administrar seus próprios tribunais. Em Salonica, uma classe destacada e influente de rabinos administrava a sociedade civil. Os rabinos, que davam veredito sobre tudo, desde propriedade de objetos até adultério, buscavam respostas para disputas legais e morais nos complexos e vastos textos jurídicos judaicos. Bibliotecas inteiras foram importadas da Espanha, e os rabinos de Salonica reuniram textos, manuscritos e livros de centros educacionais judaicos na Europa como Amsterdã, Veneza, Cracóvia e Vilnius. A primeira prensa de Salonica, estabelecida em 1513, produziu textos em ladino e um hebraico.^[11] No início do século XVI criou-se uma

escola oficial de estudos talmúdicos, a Talmud Torah Hagadol, que logo seria bem conhecida em todo o mundo judaico. A escola cresceu rapidamente e se transformou numa enorme instituição educacional, com duzentos professores, milhares de alunos, uma vasta biblioteca e sua própria prensa.

Na estufa intelectual em que Salonica havia se transformado, havia um encontro entre a filosofia judaica, a literatura clássica, a ciência árabe e o humanismo do Renascimento italiano. O alto nível educacional fez com que os rabinos de Salonica fossem procurados por toda a Europa.

O pré-requisito para esse florescimento cultural foi a prosperidade econômica da cidade, um dos mais importantes portos do Mediterrâneo oriental. A idade de ouro da cidade ocorreu no século XVI, e então, nos séculos seguintes, passou por um declínio em consequência das novas rotas comerciais, das divisões religiosas na comunidade e da desintegração gradual do Império Otomano. Mas a cidade continuou sendo um caldeirão cultural, tendo a cultura sefardita como centro. Por vários séculos, Salonica foi a maior cidade judia do mundo. No século XVIII a cidade passou por um renascimento e esteve à frente do desenvolvimento industrial no Império Otomano. No entanto, a essa altura era a identidade política da cidade, mais do que a identidade religiosa ou cultural, que ocupava o lugar central. A forte sensação de liberdade, identidade e autogoverno que diferenciava a comunidade judaica de Salonica levou a um desenvolvimento político dinâmico na virada do século passado, com sindicatos fortes e uma proliferação de jornais diários, organizações e associações políticas. Muitos trabalhadores

judeus se envolveram nos movimentos socialista e sindical. O sionismo também ganhou adeptos em Salonica, e antes do início da Segunda Guerra Mundial havia cerca de vinte organizações sionistas na cidade.

O jovem David Ben-Gurion, que viria a ser um dos fundadores de Israel, esteve entre os muitos que foram estudar em Salonica. Sendo um judeu da Europa Oriental, Ben-Gurion ficou perplexo com o que viu na cidade: um tipo de cultura totalmente diferente daquela em que ele havia sido criado. Em Salonica os judeus não precisavam decidir entre assimilação e isolamento; tinham liberdade para fazer o que bem entendessem. Em Salonica, “os judeus podem exercer todo tipo de profissão”, ele escreveu em uma carta, e continuou, “[é] uma cidade mais judia do que qualquer outra no mundo, até mesmo do que a Terra de Israel”.^[12] Essa foi uma intuição decisiva para Ben-Gurion. Em Salonica ele viu o que um povo judeu livre era capaz de fazer. Para ele, os judeus da cidade eram a própria imagem símbolo do “novo judeu” a que o movimento sionista desejava dar forma.

Erika Perahia Zemour espalha três jornais amarelados sobre a mesa. Um é em hebraico, um em francês e o terceiro em ladino. Todos são jornais de Salonica, testemunhos da vida política fervilhante da cidade na virada do século passado. Tessalônica tinha mais jornais do que qualquer outra cidade do Império Otomano. A casa que hoje abriga o museu era a sede de um dos jornais sobre a mesa, o *L'Independent*, em língua francesa.

“Este jornal”, diz Zemour, apontando para outro exemplar sobre a mesa, “está escrito em espanhol, mas com o alfabeto

hebraico. O ladino era a língua que a maior parte dos judeus falava aqui até a Segunda Guerra Mundial.” A própria Zemour é parte da pequena minoria de cerca de duzentas pessoas com raízes sefarditas que ainda vivem em Tessalônica.

Em 1900, Salonica era um caldeirão cultural e étnico com uma população em crescimento explosivo, graças à rápida industrialização da cidade. Os oitenta mil judeus que moravam em Salonica representavam aproximadamente metade da população da cidade à época, sendo o restante composto por turcos, búlgaros, armênios e sérvios. A cidade era a área mais moderna e industrializada dos Bálcãs, mas ao mesmo tempo era parte de um Império Otomano politicamente instável. A marcha dos nazistas sobre Tessalônica em 1941 marcou o ponto mais baixo de uma longa série de catástrofes que devastaram a comunidade sefardita da cidade e, pela primeira vez em séculos, transformou-os em minoria. Os grupos de assalto de Alfred Rosenberg também descobriram que muitas das famosas bibliotecas da cidade tinham sido destruídas.

Na tarde de 18 de agosto de 1917, uma espiral de fumaça negra subiu do quarteirão turco de Salonica. O incêndio havia começado com uma fagulha de um fogão que caíra sobre um fardo de palha.^[13] Nos quarteirões densamente povoados do centro de Salonica, as chamas passaram de uma casa para outra. Um jornalista britânico, Harry Collinson Owen, descreveu como o mar foi tingido de vermelho por barris de vinho que explodiam com o calor, ao mesmo tempo que os minaretes da cidade se erguiam em meio às chamas como “agulhas brancas”. O que ele

viu foi “uma cena fantástica e lamentável, as famílias chorando, a ruína das casas se desintegrando por onde quer que as chamas passassem, sendo levadas pelo vento; e, nas alamedas estreitas, uma lenta massa de carroças e mulas levando cargas gigantescas”.^[14]

As velhas ruas apinhadas de casas perto do porto foram as mais atingidas, e nelas ficavam os jornais e as escolas judaicas, além de dezesseis sinagogas, muitas das quais remontavam ao século XVI. Cinquenta mil judeus de Salonica viram suas casas, propriedades e escritórios desaparecerem nas chamas. Até mesmo a famosa biblioteca Kadima sobre história judaica foi destruída.^[15]

As consequências políticas do incêndio foram outra catástrofe para a comunidade sefardita. Em 1913, depois das Guerras dos Bálcãs, Salonica havia sido cedida à Grécia. De acordo com o primeiro-ministro grego, Elefthérios Venizélos, o incêndio de 1917 foi “uma dádiva de intervenção divina”. Os políticos gregos aproveitaram a oportunidade para construir uma cidade grega moderna sobre as fundações do que havia sido basicamente otomano e judeu.^[16] Quarteirões de casas incendiadas foram expropriados e as famílias judias que moravam ali havia séculos foram proibidas de voltar. Dezenas de milhares de pessoas foram removidas para os subúrbios e áreas degradadas na periferia. Muitos judeus da cidade achavam que sua Tessalônica estava perdida. Entre 1912 e 1940 dezenas de milhares de judeus abandonaram a cidade e migraram para França, Estados Unidos e Palestina.^[17]

Embora grande parte da velha Salonica tivesse sido perdida,

os nazistas ficaram particularmente fascinados com essa “cidade judia”. Alfred Roosenberg ainda via Tessalônica como “um dos mais importantes centros judeus” e uma cidade de mais “caos racial, formada pelo cosmopolitismo e pelas finanças judaicas”.[18] Algo que particularmente surpreendeu os pesquisadores nazistas foi o fato de eles não conseguirem encontrar documentos sugerindo que em algum momento tenha havido um gueto judeu na cidade.

Assim que a Grécia se rendeu ao exército alemão em 1941, Roosenberg enviou um grupo da ERR para Tessalônica, liderado pelo “*expert* em judaísmo” Johannes Pohl. Em meados de junho de 1941 a organização havia estabelecido um escritório na cidade, no prédio que antes abrigava o consulado americano. Mas a operação da ERR não se restringiria apenas a Tessalônica – cobriria toda a área dos Bálcãs, uma vez que há séculos existiam assentamentos judeus menores nessa parte do Mediterrâneo.[19]

Entre maio e novembro de 1941, mais ou menos trinta acadêmicos e pesquisadores da ERR, com apoio da SD e de soldados da Wehrmacht, varreram as comunidades judaicas gregas. Ao todo, foram invadidos cerca de cinquenta sinagogas, escolas judaicas, jornais, livrarias, bancos e outras organizações em que houve confisco de materiais. A ERR também identificou cerca de sessenta “judeus destacados” cujas casas foram invadidas em busca de livros, manuscritos e material de arquivo.
[20]

O saque em Tessalônica foi mais completo para que fossem recolhidos materiais de pesquisa sobre os judeus sefarditas. Acima de tudo, havia um interesse em suas redes econômicas e

façanhas comerciais. O pesquisador Hermann Kellenbenz escreveu um estudo sobre a economia dos judeus sefarditas, encomendado pelo Instituto sobre a Questão Judaica de Walter Frank, parte de seu Instituto Nacional para a História da Nova Alemanha, e um concorrente do instituto em Frankfurt, de Roosenberg.

Desde o século XVI, ter uma biblioteca era considerado um símbolo de *status* entre as famílias judias mais destacadas. Muitas bibliotecas e acervos privados foram criados ao longo dos séculos. A primeira biblioteca confiscada pela ERR pertencia a Joseph Nehama – historiador e diretor da escola da Alliance Israélite Universelle na cidade –, dono de uma grande coleção de livros sobre história do judaísmo. Nehama era um dos líderes da congregação que havia defendido, antes da guerra, que os judeus deviam permanecer em Tessalônica. Entre as outras bibliotecas saqueadas estavam a do principal rabino, Zvi Koretz, que continha mil livros valiosos sobre filosofia árabe e judaica, e o acervo do historiador Michael Molho, que continha muitos livros judeus raros. Uma das contribuições mais importantes de Molho foi começar a documentar nos anos 1930 os epitáfios do cemitério judeu – um projeto tremendamente valioso, levando em conta a destruição posterior do cemitério. Por sorte, os frutos de seu trabalho não foram saqueados.

Duzentos e cinquenta rolos da Torá de valor inestimável foram roubados das sinagogas da cidade junto com grandes acervos de literatura religiosa, incunábulo e livros impressos em Salonica no século XVI. Alguns desses rolos da Torá eram

medievais e vieram a Salonica junto com os sefarditas que migraram da Península Ibérica. Eles eram ricamente decorados ao estilo árabe-sefardita, com coroas de prata e ouro manufaturadas por comerciantes e artistas judeus durante a Renascença. Esses foram os primeiros textos a serem salvos do incêndio em 1917. Até mesmo o tribunal judaico, o Beth Din Tzedek, teve sua biblioteca de 2,5 mil livros roubada.

O arquivo do maior banco de Tessalônica, o Union, foi um alvo particularmente importante para a ERR – ele continha documentos que os nazistas podiam usar para mapear as redes econômicas dos judeus sefarditas.

Não existe um número que indique o tamanho do saque em Tessalônica, mas, de acordo com o historiador Mark Mazower, devem ter sido roubadas dezenas de milhares de livros, manuscritos e incunábulos.^[21] Uma biblioteca importante que se perdeu pertencia ao rabino Haham Haim Habib, um acervo que vinha sendo construído por sua família há gerações. Haim Habib era um dos mais importantes rabinos ortodoxos da cidade, e se tornou conhecido por em certa ocasião ter se recusado a apertar a mão da rainha da Grécia por motivos religiosos. A biblioteca de Haim Habib continha oito mil volumes sobre religião, filosofia, história e lei dos judeus.^[22] Mas a pilhagem foi tão sistemática que nem mesmo bibliotecas pequenas escaparam. Por exemplo, uma biblioteca que pertencia a professores judeus foi levada, embora contivesse apenas seiscentos livros, principalmente sobre ensino de línguas e literatura moderna.

A maior parte do que foi roubado, embora não tudo, seguiu para a Alemanha de trem. Dos 250 rolos da Torá confiscados, 150

foram para a Alemanha. No entanto, 100 rolos, provavelmente considerados menos interessantes do ponto de vista da pesquisa, foram queimados em Tessalônica. Por motivos desconhecidos o mesmo destino aguardava a biblioteca de Haim Habib, queimada em um campo de concentração construído pelos nazistas.^[23]

As deportações para os campos de extermínio na Polônia ocupada começaram, para valer, na Europa em 1942. Mas na Grécia as deportações foram adiadas pela recusa dos italianos em cooperar. A ss estava decidida a “resolver a ‘questão judaica’” na Grécia. Heinrich Himmler em 1941 já alertara Hitler de que uma população judaica grande como a de Tessalônica era uma ameaça ao Reich. O ss-Obersturmbannführer Adolf Eichmann, encarregado da logística das deportações, perdeu a paciência e, em fevereiro de 1943, despachou Dieter Wisliceny e Alois Brunner para Tessalônica. Wisliceny e Brunner estavam entre os mais frios e brutais assassinos da ss. Brunner, que Eichmann chamava de “meu melhor homem”, já havia organizado as deportações de dezenas de milhares de judeus em Viena. Ele executou pessoalmente o conhecido banqueiro austríaco Siegmund Bosel, tirado à força de um hospital em Viena e baleado ainda com as roupas do hospital. Depois da guerra, Brunner fugiu para a Síria, onde acredita-se que tenha trabalhado como consultor do regime. De acordo com o Centro Simon Wiesenthal, Brunner provavelmente morreu lá em 2010, aos 98 anos de idade.

Em Tessalônica, Wisliceny e Brunner instalaram seu quartel-general em uma casa próxima ao centro da cidade, que eles

decoraram com uma bandeira negra da ss. Dois dias depois da chegada deles na cidade todos os judeus com mais de cinco anos de idade receberam ordens de usar uma estrela amarela.^[24] Dentro de uma semana os judeus foram proibidos de usar o telefone, viajar de bonde e tráfegar por lugares públicos. Ao mesmo tempo, Wisliceny começou a planejar algo que jamais havia existido em Tessalônica: guetos. Um gueto foi criado na parte ocidental da cidade, outro nos subúrbios da zona leste.

Simultaneamente, a ss, com ajuda de trabalho escravo judeu, começou a construir um campo de passagem perto da estação ferroviária, cercado por arame farpado. O campo de passagem foi construído de forma a cercar o já existente distrito judeu. Sua população seria a primeira a ser deportada.

Em março, quando Wisliceny e Brunner haviam colocado, à força, a maior parte dos judeus em guetos, eles foram isolados do mundo exterior. Poucos milhares dos judeus da cidade, principalmente rapazes e moças, conseguiram escapar atravessando a área ocupada pelos italianos ou fugindo para as montanhas da Macedônia e entrando para o ELAS, o movimento comunista de resistência na Grécia.

Pouco mais de um mês após a chegada de Wisliceny e Brunner, os primeiros trens começaram a partir – oitenta vagões de carga abarrotados de gente, com 2,8 mil pessoas a bordo. Antes da partida, a ss obrigou os judeus a trocarem suas dracmas por zlotys poloneses. Isso era um blefe, já que o dinheiro dado aos judeus era falso. No lugar para onde eles estavam indo não havia necessidade de dinheiro. Eles foram

informados de que seriam mandados para Cracóvia, mas o destino final era Auschwitz-Birkenau. Dois dias depois saiu o próximo trem. Gente da classe trabalhadora judaica partiu primeiro, o que fez surgir o boato entre os habitantes mais ricos do gueto de que apenas “comunistas” seriam mandados para a Polônia. Em meados de julho de 1943 só haviam restado dois mil judeus em Tessalônica. Wisliceny e Brunner haviam deixado judeus “privilegiados” por último: os rabinos, líderes locais, empresários ricos e colaboradores, como os seguranças das unidades judaicas que a ss havia organizado para ter mais mão de obra. Foi uma estratégia cínica e eficiente para dividir e assassinar um povo. Os que ficaram por último eram os líderes, gente que de vários modos mantinha a sociedade unida. Por autopreservação, ingenuidade ou incapacidade de avaliar o risco de sua situação, esses líderes convenceram os demais a aceitar exigências cada vez mais absurdas, que passo a passo deixaram a todos mais perto das câmaras de gás.

Claro, nem mesmo os que foram deixados por último escaparam. Quando os líderes já não tinham ninguém para liderar, chegou a vez deles. Muitos dos mais ricos foram torturados pela ss para dar informações sobre ouro e outros objetos valiosos que pudessem ter escondido. Depois disso, os judeus privilegiados foram despachados para Bergen-Belsen.^[25]

Quarenta e quatro mil judeus de Tessalônica foram deportados para Auschwitz-Birkenau.^[26] A maioria morreu poucas horas depois de chegar, isso para os que chegaram – muitos morreram nos vagões de carga abarrotados na longa viagem até a Polônia. A taxa excepcionalmente alta de

mortalidade entre os judeus de Tessalônica tem sido explicada pelo fato de que muitos estavam em tão más condições ao chegarem que eram enviados direto para a câmara de gás.

Em questão de poucos meses em 1943, a Tessalônica sefardita de quatrocentos anos deixou de existir. Wisliceny e Brunner puderam relatar a Eichmann, depois do verão, que Tessalônica estava *Judenrein* – livre de judeus. Isso não era totalmente verdade. Ainda havia quinze mil judeus em Tessalônica que se casaram com gregos, e que por isso tiveram permissão para ficar. Mas mesmo essas pessoas estavam em situação precária. Quando um deles perdeu a mulher no parto, foi imediatamente deportado. O recém-nascido teve permissão para ficar temporariamente.^[27]

Cerca de treze mil judeus de Tessalônica evitaram as câmaras de gás de Auschwitz-Birkenau por terem sido escolhidos para trabalhar como escravos. O destino deles não causa inveja. Muitas mulheres e crianças de Tessalônica foram submetidas a experimentos feitos, entre outros, por Josef Mengele, que havia começado a trabalhar no campo poucos meses antes. Mulheres de Tessalônica, algumas delas grávidas, tiveram câncer implantado no útero e homens tiveram seus testículos removidos. Outros foram usados em experimentos com doenças contagiosas. Trezentas mulheres jovens de Tessalônica entre os dezesseis e os vinte anos foram selecionadas para esse experimento. Todas estavam mortas em setembro de 1943. De todos os experimentos médicos realizados em Auschwitz-Birkenau, acredita-se que um quarto teve como cobaias os judeus de Tessalônica.^[28]

Muitos dos homens de Tessalônica foram escolhidos para trabalhar em unidades conhecidas como Sonderkommandos, encarregadas de tirar os mortos das câmaras de gás e queimar os corpos. Quem entrou em contato com os judeus de Tessalônica nos campos deu testemunho da impressão causada por eles, incluindo Primo Levi:

Perto de nós há um grupo de gregos, aqueles admiráveis e terríveis judeus de Salônica, tenazes, gatunos, sábios, ferozes e unidos, tão determinados a viver, adversários implacáveis na luta pela vida; aqueles gregos que haviam conquistado nas cozinhas e nos jardins e que até mesmo os alemães respeitavam e os poloneses temiam. Eles estão em seu terceiro ano de campo, e ninguém melhor do que eles entendem o significado do campo. Agora eles estão perto um do outro em um círculo, ombro contra ombro, cantando um de seus intermináveis cânticos.^[29]

Pouco menos de dois mil sobreviveram e voltaram a Tessalônica após a guerra. Não havia muito para o que voltar. A maior parte dos sobreviventes voltou sozinha, tendo perdido família e parentes nos campos. Suas casas, apartamentos e empresas em Tessalônica haviam sido tomados por gregos, que os compraram dos alemães. Qualquer tentativa de recuperar a propriedade perdida era impedida pelo novo governo de direita grego. Um sobrevivente contou sobre como, em Tessalônica, não havia sequer “um rabino que pudesse nos abençoar”.^[30]

A maioria decidiu sair de lá, por não conseguir morar em uma cidade “que teve sua alma roubada”, como diz Erika Perahia Zemour. O rico legado cultural e literário da comunidade

sefardita também não retornaria. A maior parte se dispersou e sumiu, exceto por páginas esparsas de textos judaicos e pedaços de rolos de Torá que apareceram nos mercados de Tessalônica depois da guerra. O papel era usado como enchimento de sapatos e o pergaminho, para fazer solas de calçados.^[31]

CAPÍTULO 11

A vala comum é uma fábrica de papel

Vilnius

Com um mapa impresso na mão encontro o caminho para o endereço, Vivulskio gatvé, 18, em Vilnius, na Lituânia. Não sei o que esperar. Talvez seja o que sempre atraiu gente para lugares de importância histórica. Uma campina onde certa vez se travou uma importante batalha, ou um café onde supostamente um romance relevante foi escrito. A atração desses lugares está no fato de nos oferecerem um modo de nos aproximarmos de eventos históricos e de pessoas que fizeram parte deles. Na nossa imaginação, pelo menos, parece que nos oferecem um modo de superar o espaço temporal que nos separa de tudo isso.

Na Vivulskio gatvé, 18, se ergue um bloco de apartamentos de nove andares de construção recente, moderno, com janelas de vidros negros que vão do chão ao teto. Um símbolo da nova e jovem Vilnius com seus *hipsters*, restaurantes *fusion* minimalistas e boates. Mas para quem sabe do que se trata, esse endereço está associado a algo bem diferente. Ele teve um papel

importante no mais dramático capítulo da história de Vilnius.

Na época, o nome da rua tinha uma grafia diferente – ela era conhecida como Wiwulskiego quando Vilnius fazia parte da Polônia. Esse era o endereço do Yidisher Visnshaftlekher Institut [Instituto Científico de Iídiche], abreviado como YIVO. O instituto ficava em uma casa de pedras e a primeira coisa que os visitantes encontravam no espaçoso vestíbulo era um mapa-múndi, no qual o instituto e suas filiais estavam marcados. Quando a ERR tomou a casa em 1942, ela se transformou em um alojamento para os soldados alemães. Sobre o mapa-múndi havia uma bandeira com a águia alemã e a suástica.^[1] Nas salas, a ERR encontrou livros e jornais espalhados pelo chão. Mas no subsolo estava o que os nazistas realmente queriam: dezenas de milhares de livros e periódicos que haviam sido atirados ali quando os soldados chegaram.

Jogada no subsolo estava uma das mais importantes bibliotecas judaicas da Europa Oriental, produto de um projeto ambicioso para salvar a herança literária, cultural e histórica dos judeus asquenazes. Era um projeto, ou melhor dizendo, um movimento, com origem em finais do século XIX.

Ao contrário da Europa Ocidental, onde os judeus receberam direitos de cidadania nos séculos XIX e XX, a maior parte dos judeus da Europa Oriental ainda vivia, na virada do século, em condições que não haviam mudado significativamente desde os tempos medievais. Entre as muitas restrições impostas, talvez a mais debilitante fosse a que os excluía do ensino superior. Pelo menos era o que Simon Dubnow achava.

Ele nasceu em 1860 na pequena comunidade russa de Mszislau, na zona de assentamento judeu. Como outros judeus asquenazes, sua língua materna era o iídiche, a língua germânica que começou a ser falada pelos judeus na Alemanha na Idade Média, baseada no alemão falado à época, com influências adicionais de hebraico, aramaico e línguas eslavas. Dubnow frequentou uma escola judaica estatal, onde aprendeu russo, mas sua educação foi interrompida por uma nova lei no final do século XIX que retirou dos judeus essa possibilidade. Dubnow prosseguiu estudando história e linguística por conta própria, escapou da zona de assentamento judeu e, com documentos falsificados, foi para São Petersburgo.

Pouco depois ele havia se transformado em um importante jornalista, ativista e historiador autodidata, que escrevia sobre as más condições dos judeus na Rússia. Dubnow lutou acima de tudo pelo direito a uma educação moderna para os judeus russos, o que, na opinião dele, era o único modo de conseguir que eles tivessem liberdade.

Mas ele também falava sobre a necessidade de que os judeus tivessem maior consciência sobre sua história e sua cultura. Dubnow descreveu os judeus asquenazes como “crianças imaturas” que não conheciam sua história de oitocentos anos na Europa Oriental. O que mais o preocupava era que essa história estava prestes a se perder, e que os documentos e livros judeus estavam sendo negligenciados e destruídos: “Eles estão em sótãos, em pilhas de lixo, ou em salas igualmente desagradáveis e imundas, entre vários utensílios domésticos quebrados e trapos. Esses manuscritos estão apodrecendo, sendo comidos

por camundongos e usados por servos ignorantes e por crianças que arrancam uma página depois da outra para todo tipo de uso. Em uma palavra: ano a ano eles desaparecem e se perdem para a história”, escreveu Dubnow em um panfleto em 1891. Para preservar o que estava por se perder, ele convocou uma “expedição arqueológica” para recolher, preservar e catalogar esses tesouros literários, dispersos por toda a Europa Oriental. Em seu panfleto ele falava de modo entusiasmado, exortando os judeus a participar dessa expedição épica: “Vamos trabalhar, reunir nossos papéis esparsos dos lugares onde estão exilados, organizá-los, publicá-los e fazer deles a fundação do templo de nossa história. Venha, vamos procurar e investigar”.[2]

A convocação de Dubnow não passou despercebida, embora fossem necessárias algumas décadas até que sua expedição fosse implementada em escala considerável. Outros intelectuais iídiches da Europa Oriental já haviam percebido, como Dubnow, a necessidade de salvar sua cultura.

Essa cultura não sofria apenas com a negligência, também era atacada por dois novos movimentos da época. Por um lado havia os sionistas, que buscavam criar um “novo judeu”, e por outro, havia a assimilação, que significava que um número cada vez maior de judeus preferia abandonar sua identidade judaica. O movimento que mais tarde levou à formação do Instituto YIVO tentou confrontar ambas as correntes. Havia um desejo de salvar o que parecia estar sendo ameaçado por números cada vez maiores de judeus que optavam pela assimilação, embora também se opondo à tentativa dos sionistas de substituir as línguas e dialetos judeus como o iídiche, o ladino e o dzhidi pelo

hebraico moderno – a língua falada hoje em Israel.

Uma nova geração de jovens historiadores, escritores, etnógrafos e arquivistas judeus começou a assumir a missão defendida por Dubnow. Nos anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial, o escritor e pesquisador de folclore judeu-russo Shloyme Zanol Rappoport, mais conhecido por seu pseudônimo S. Ansky, liderou uma expedição a pequenas aldeias ucranianas, onde documentou centenas de horas de canções, provérbios e histórias em iídiche. Era um retrato inestimável da época, já que muitas dessas comunidades foram aniquiladas durante *pogroms* sob o regime de Symon Petliura depois da Revolução Russa.

O YIVO começou a tomar forma depois da Primeira Guerra Mundial. Em 1924, o linguista e historiador Nokhem Shtif esboçou a ideia de um instituto de pesquisa iídiche, com departamentos concentrados em história, filologia, pedagogia e economia, além de um arquivo e uma biblioteca. A missão do instituto seria aumentar a legitimidade do iídiche como idioma, mas também modernizar a língua para garantir que ela continuasse a ser utilizada.

No ano seguinte, em 1925, o YIVO foi fundado em Berlim, onde dois outros historiadores e linguistas seriam forças motrizes: Elias Tcherikower e Max Weinreich. O quartel-general do instituto ficava em Vilnius, o centro histórico da cultura iídiche na Europa Oriental.

Antes da Segunda Guerra Mundial, a cidade ostentava 105 sinagogas e igrejas e seis jornais judeus diários. A população judaica de aproximadamente sessenta mil pessoas representava um terço do total da cidade. Por séculos, rabinos, escritores,

intelectuais e artistas judeus foram atraídos para a cidade. De acordo com a lenda, quando Napoleão parou lá a caminho de Moscou, ele chamou Vilnius de “a Jerusalém do Norte”.^[3]

Seu mais famoso cidadão no século XVIII foi o rabino Elijah ben Solomon Zalman, chamado de Vilna Gaon [Gênio de Vilnius]. Ele era visto em sua época como um dos mais importantes intérpretes da Torá e do Talmude. De igual importância era sua oposição ao hassidismo ortodoxo, que se espalhava quase como um movimento evangélico judeu no século XVIII. Ele desprezava o hassidismo dizendo que se tratava mais de uma posição emocional em relação à fé, e também seu foco nos milagres, e exortava os judeus a, ao invés disso, estudar fontes seculares e ciência.

Perto da virada do século, Vilnius tinha se transformado em um centro cultural de oposição política aos *pogroms* e às restrições que atormentavam os judeus nas zonas de assentamento. Em 1897, formou-se a União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, um partido socialista secular que trabalhava pelos direitos dos judeus. O partido, frequentemente chamado de Bund, defendia o uso do iídiche como primeira opção de língua de judeus lituanos, poloneses e russos.^[4]

Vilnius era uma cidade vibrante, com escolas, bibliotecas, teatros, editoras e jornais judaicos. O desenvolvimento foi acelerado quando, depois da guerra, a cidade foi unida à reencarnada nação polonesa. No entreguerras, Vilnius se transformou no lar de um movimento que buscava renovar o iídiche num sentido literário. O Yung Vilne [Jovem Vilnius]³ era um grupo de poetas e escritores experimentais judeus, entre os

quais Chaim Grade e Abraham Sutzkever.

A cidade era obviamente o nervo central para a missão que os pesquisadores do YIVO lançariam em meados da década de 1920. O instituto foi construído do zero. Não houve patrocínio estatal, e na fase inicial a sede ficava em um cômodo do apartamento de Max Weinreich, em Vilnius.

Mas logo o instituto recebeu apoio financeiro vindo do exterior, de doadores dos Estados Unidos, da América do Sul e da Alemanha – muitos dos quais eram imigrantes asquenazes. Graças a esse apoio foi possível, no início da década de 1930, mudar o instituto para a casa no número 18 da Vivulskio gatvé, para dar espaço ao acervo que não parava de crescer. Filiais do instituto também foram abertas em Berlim, Varsóvia e Nova York. Um pequeno exército YIVO de historiadores, etnógrafos, filólogos, *experts* literários, filósofos, escritores e outros intelectuais judeus trabalhava para salvar o negligenciado legado cultural dos judeus da Europa Oriental. Entre seus membros estava Simon Dubnow, que agora via seu sonho de três décadas virar realidade.

O instituto se tornou o templo de um culto de colecionadores, em que quantidades enormes de fontes primárias, livros, documentos, fotografias, gravações e outros itens associados à cultura iídiche foram salvas, reunidas e estudadas.

O trabalho do YIVO tinha muito em comum com o movimento que emergiu em vários países europeus quando o romantismo e um nacionalismo latente fizeram despertar um renovado interesse pelo folclore. Pioneiros como Elias Lönnrot viajaram

para a Carélia para recolher os contos de fadas que acabariam sendo incorporados ao poema épico *Kalevala*. Cem anos mais tarde os métodos eram mais científicos, embora o entusiasmo e o tom nacionalista fossem muito semelhantes. O grupo folclórico do instituto era um dos mais ativos, e já em 1929 havia recolhido mais de cinquenta mil histórias, sagas e canções em iídiche.^[5]

Mas o YIVO era mais do que uma instituição para preservação de um legado cultural; o instituto também coletava informações contemporâneas sobre a cultura iídiche, e deu início a um projeto de reforma linguística: a padronização da grafia em iídiche. Correspondentes em todos os países em que o idioma era falado foram incentivados a estudar e a documentar os costumes locais, e a depois repassar seu material para o YIVO. Segundo Cecile E. Kuznitz, a historiadora, o instituto era menos um projeto histórico do que um projeto para o futuro:

Como mais prestigiada instituição de seu movimento cultural, o YIVO foi muito além da coleta de documentos históricos e da publicação de monografias acadêmicas, e desempenhou um papel central na redefinição dos povos judeus na era moderna [...] Ao se concentrar em um futuro em que sua [...] visão sobre o conhecimento judaico se tornaria viável, os líderes do YIVO puderam olhar além da marginalização econômica e política da época e manter sua fé na visão que tinham da cultura judaica.^[6] No fim da década de 1930 o acervo tinha crescido a ponto de o instituto construir uma nova ala para acomodar seu material. Em apenas treze anos, o YIVO havia realizado milagres. Quinhentos grupos de colecionadores espalhados pelo mundo estavam associados ao instituto. Antes da guerra estimava-se que o arquivo tivesse cerca de 100 mil volumes e mais 100 mil objetos: manuscritos, fotografias, cartas, diários e

outros materiais de arquivo.^[7] O instituto também construiu um dos maiores acervos do mundo de artefatos culturais e etnográficos relativos à história dos judeus da Europa Oriental. Além disso, o instituto reuniu uma impressionante coleção de arte de mais ou menos cem obras de artistas judeus como Marc Chagall, que foi um dos mais destacados patronos e colaboradores do instituto, ao lado de figuras como Sigmund Freud e Albert Einstein.^{[8],[9]}

Em 19 de setembro de 1939, dois dias depois do ataque soviético à Polônia, o Exército Vermelho ocupou Vilnius. O destino da Polônia havia sido decidido nos últimos dias de agosto, quando a Alemanha nazista e a União Soviética assinaram o Pacto Molotov-Ribbentrop. Formalmente se tratava de um pacto de não agressão, mas em um apêndice secreto Hitler e Stálin dividiam entre si a Europa Oriental. Quando meio milhão de soldados do Exército Vermelho passou pela fronteira, o exército polonês já estava em grande medida derrotado, depois do ataque alemão ocorrido poucas semanas antes.

Depois da invasão, Vilnius foi transferida para a Lituânia, que via a cidade como sua capital histórica. Mas isso durou pouco, já que em 1940 o Exército Vermelho também atacou a Lituânia. Em uma série de incursões brutais, as autoridades soviéticas reprimiram seus inimigos, reais e imaginários. Entre 1939 e 1941, centenas de milhares de poloneses e lituanos, dos quais dezenas de milhares eram judeus, foram deportados para o leste pelos governantes soviéticos.

Os mais afetados foram os patrões e donos de fábricas judeus, que viram suas propriedades nacionalizadas e frequentemente acabaram deportados. Os judeus eram donos da maior parte das

empresas privadas e das indústrias de Vilnius. O novo regime também sufocou a livre expressão da cultura judaica na cidade. A educação em hebraico foi posta na ilegalidade, assim como instituições e organizações religiosas. Todos os jornais em iídiche foram fechados, à exceção de um, o *Vilner Emes*. O “nacionalismo” judeu, assim como outras expressões de sentimento nacional por parte de grupos minoritários, foi sistematicamente reprimido. O YIVO, que foi nacionalizado, foi rebatizado como Instituto para a Cultura Judaica e absorvido pelo sistema acadêmico soviético, formalmente pela Academia de Ciências da Lituânia, na recém-formada República Socialista Soviética da Lituânia.

Foi emitida uma ordem para que se capturasse o jornalista e pesquisador iídiche Zalmen Reyzen, que era editor do jornal do instituto, o *bleter YIVO*. Em 1941 o regime soviético fez com que ele fosse executado pelo pelotão de fuzilamento.^[10]

Max Weinreich, fundador e presidente do instituto, conseguiu escapar, já que estava a caminho de uma conferência em Copenhague quando a guerra começou em 1939. Weinreich imediatamente partiu da Europa para estabelecer a nova sede do YIVO em Nova York. Na época, era a única filial do instituto que havia restado. A sede de Berlim foi dissolvida depois que os nazistas chegaram ao poder, e em 1939 as atividades em Varsóvia também se encerraram quando a cidade foi ocupada pelos nazistas.

O YIVO em Vilnius foi nacionalizado e teve sua independência roubada durante o regime soviético, mas algo consideravelmente

pior estava por vir. Já era possível ter premonições do que poderia acontecer nas partes da Polônia que estavam sob ocupação nazista.

A pilhagem das bibliotecas e dos acervos poloneses começou semanas após a rendição do país em 1939. Mas nessa época não era a ERR a responsável pelo roubo, pois ela só seria fundada no verão de 1940.

Em vez disso, a operação foi realizada por uma unidade especial conhecida como Sonderkommando Paulsen, liderada por um oficial da ss e professor de arqueologia chamado Peter Paulsen. A tarefa de Paulsen era acima de tudo repatriar tesouros culturais “germânicos” para a terra natal – por exemplo o Veit Stoss Altar, na igreja da Virgem Maria em Cracóvia.

O grupo de assalto fez uma incursão no seminário em Pelplin para capturar a Bíblia de Gutenberg, que segundo se sabia estava lá, mas descobriu que ela já havia sido retirada do país pelo padre Antoni Liedtke. Ao perceber que a Bíblia tinha escapado por entre seus dedos, a ss se vingou queimando uma parte da biblioteca Pelplin nos fornos de uma usina de açúcar ali perto.^[11] Os livros remanescentes foram transportados para uma velha Igreja em Poznań, que se transformou em depósito de livros. A Igreja acabaria abrigando mais de um milhão de livros poloneses saqueados.

O Sonderkommando Paulsen logo voltou suas atenções para instituições, museus, bibliotecas e sinagogas judaicas e poloneses. O saque da Polônia foi totalmente diferentes do roubo

seletivo que afetou sobretudo judeus e inimigos ideológicos em territórios ocupados no oeste e no sul da Europa. Na Polônia, a operação de saque tinha como alvo toda a população. O motivo eram os tipos de guerra muito diferentes aplicados nos fronts ocidental e oriental. Dinamarqueses, noruegueses, holandeses, belgas, franceses e britânicos eram arianos e, portanto, povos fraternos naquilo que um dia seria a Europa nacional-socialista. Os nazistas se viam como libertadores que haviam resgatado essas pessoas do efeito pernicioso do judaísmo global. O regime dedicava recursos importantes a exercícios de propaganda para tentar conquistar essas “populações fraternas” do Ocidente para a retidão de seus propósitos ideológicos.

A guerra no front oriental não podia ser mais diferente. Os milhões de judeus que viviam na Europa Oriental não eram os únicos inimigos – todos os eslavos, por extensão, também eram. Era para leste que o *Lebensraum* da Alemanha se ampliaria. Portanto, no futuro da Europa não havia espaço para a Polônia nem para o povo polonês. O saque era uma consequência direta dessa linha política, e pretendia roubar dos poloneses todas as suas formas de cultura mais elevada, seu conhecimento, sua literatura e sua educação. Desse modo seu povo seria intelectualmente reduzido à sub-humanidade.

O saque estava intimamente associado à *Intelligenzaktion*. Essa era uma operação voltada à destruição da cultura e da educação polonesas por meio do extermínio daqueles que as personificavam. Em um sentido bastante literal a intenção era “cortar a cabeça” da estrutura social polonesa por meio do assassinato da elite intelectual, religiosa e política da sociedade.

A Intelligenzaktion foi posta em ação imediatamente após a invasão em 1939, e trabalhou segundo uma lista preparada previamente, a *Sonderfahndungsbuch Polen* [Livro do Ministério Público Especial para a Polônia], que trazia cerca de 61 mil nomes. A lista incluía políticos, empresários, professores, jornalistas, escritores, aristocratas, atores, juizes, padres e oficiais militares – além de vários atletas de alto desempenho que participaram da Olimpíada de Berlim em 1936.^[12]

A detenção e o assassinato de acadêmicos, professores, escritores, jornalistas e padres seguiam acompanhados pelo saque das bibliotecas, universidades, igrejas e acervos particulares. A escala da pilhagem na Polônia foi enorme, com o roubo de aproximadamente dois ou três milhões de livros. Os mais valiosos, incluindo mais de dois mil incunábulos, foram enviados para a Alemanha.^[13]

Como o objetivo de tudo isso era a subjugação intelectual, também eram roubados livros que não tinham qualquer interesse do ponto de vista da “pesquisa” nazista: livros escolares, livros infantis e obras literárias. Esses foram vítimas de uma erradicação sistemática e planejada. Portanto, a destruição de livros na Polônia ultrapassou a quantidade de exemplares saqueados. De acordo com uma estimativa, cerca de 15 milhões de livros poloneses foram destruídos nessa operação.^[14] O acervo de aproximadamente 350 bibliotecas foi enviado para fábricas de papel, onde os exemplares seriam reciclados.^[15]

A guerra na Polônia foi tão violenta e brutal que mesmo muitas coleções mais valiosas do ponto de vista histórico foram dizimadas. As melhores bibliotecas de Varsóvia foram as mais

atingidas. Durante o Levante de Varsóvia, em 1944, soldados alemães incendiaram vários acervos, incluindo a Biblioteka Załuski, erguida em 1747, a mais antiga biblioteca pública da Polônia. Do conjunto de bens, que incluía mais de 400 mil volumes, mapas e manuscritos, menos de 10% sobreviveu. Em outubro de 1944 soldados alemães atearam fogo no histórico acervo da Biblioteca Nacional. Oitenta mil livros dos séculos XVI a XVIII foram destruídos. Além disso, 100 mil desenhos e gravuras, 35 mil manuscritos, 2,5 mil incunábulos e 50 mil partituras foram consumidos pelas chamas.^[16]

Até mesmo a Biblioteca Militar em Varsóvia, com um acervo de 350 mil volumes, foi incendiada. O prédio central abrigava a Biblioteca Rapperswil, uma biblioteca de migrantes poloneses que havia sido organizada na Suíça durante o século XIX e trazida de volta para a Polônia na década de 1920.

O extermínio da herança literária polonesa foi assustadoramente eficiente. Pesquisadores estimaram que 70% de todos os livros da Polônia foram destruídos ou perdidos para a pilhagem. Mais de 90% dos acervos pertencentes a bibliotecas públicas ou escolas foram perdidos ou destruídos.^[17]

Só os judeus poloneses e sua cultura foram atingidos com violência ainda maior. De uma população de mais de 3 milhões de pessoas antes da guerra, apenas 100 mil ainda estariam vivos em 1945. De modo muito semelhante ao que aconteceu com as coleções polonesas, as bibliotecas judaicas na Polônia não foram apenas saqueadas, foram também destruídas. Uma das bibliotecas mais valiosas dentre as que foram perdidas foi a

grande Biblioteca Talmúdica do Seminário Teológico Judaico em Lublin. Um dos nazistas que participou dessa destruição deu seu testemunho sobre os eventos:

Para nós era uma questão de orgulho especial destruir a Academia Talmúdica, conhecida como a maior da Polônia [...] Jogamos para fora do prédio a grande Biblioteca Talmúdica e levamos em carrinhos de mão para o mercado. Lá queimamos os livros. A fogueira durou vinte horas. Os judeus de Lublin se reuniram em volta do fogo e choraram dolorosamente. Os gritos deles quase nos silenciaram. Então chamamos a banda marcial, e os gritos de alegria dos soldados silenciaram o som dos gritos dos judeus.^[18]

Até mesmo em bibliotecas polonesas a literatura judaica e os livros escritos por judeus foram retirados:

“A intenção principal de tornar ilegais as obras de judeus poloneses era simplesmente erradicar qualquer influência judaica que ainda existisse sobre a cultura polonesa. Os nazistas chegavam a considerar guias turísticos sobre lugares judaicos como perigosos e hostis”, escreve o historiador Marek Sroka. Sroka sugere que “o plano para eliminar a contribuição cultural e literária dos judeus na Polônia e também na civilização europeia como um todo passou a ser quase tão importante para os alemães quanto o extermínio físico do povo judeu”.^[19]

Uma explicação para que até mesmo os acervos mais importantes dos judeus e dos poloneses tenham sido destruídos é o fato de a pilhagem na Polônia ter sido menos organizada. A ERR ainda não tinha se envolvido na operação. Mas o processo também podia ser explicado pela natureza implacável da guerra

e da ocupação. Muita coisa foi destruída simplesmente pela pressa.

A escala do saque e da destruição das bibliotecas judaicas foi diretamente proporcional ao extermínio dos judeus poloneses. Não só sinagogas, escolas e organizações foram saqueadas, mas também todas as casas de judeus; tudo desde grandes bibliotecas particulares até os poucos livros das famílias mais pobres. Quando os nazistas deram início à deportação em grande escala dos judeus para os campos de extermínio em 1942, os guetos foram fechados e as bibliotecas remanescentes foram saqueadas, queimadas ou enviadas para fábricas de papel. Quando os guetos foram esvaziados, ainda foi possível encontrar acervos que os habitantes tentaram salvar por meio de medidas desesperadas. Por exemplo, 150 Torás das sinagogas de Cracóvia foram encontradas escondidas em um compartimento secreto construído especialmente para isso em um sótão em cima de uma casa funerária. A maior parte dos rolos foi queimada.^[20]

Em Varsóvia, o Sonderkommando Paulsen saqueou trinta mil livros da Grande Sinagoga, uma das maiores da Europa. A sinagoga posteriormente foi usada como depósito para muitas das mais de cinquenta bibliotecas judaicas da cidade.^[21]

Em abril de 1943, os judeus que ainda estavam no gueto de Varsóvia se rebelaram. A essa altura, haviam restado apenas cinquenta mil pessoas de uma população que um ano antes era de meio milhão de habitantes. O levante foi um gesto de desespero sem esperança de sucesso, mas por outro lado os homens e mulheres que o instigaram sabiam muito bem o que os esperava. A maior parte das pessoas deportadas do gueto já

tinha morrido.

A repressão ao levante foi um inferno, com a ss incendiando o gueto casa a casa com lança-chamas e granadas. Em 16 de maio, o dia em que o levante foi reprimido, engenheiros da ss, sob comando do ss-Gruppenführer Jürgen Stroop, puseram explosivos na Grande Sinagoga. Em uma entrevista ao jornalista polonês Kazimierz Moczarski, que dividiu uma cela com ele depois da guerra, Stroop descreveu o evento:

Que visão maravilhosa era aquela. Um momento teatral maravilhoso. Minha equipe e eu ficamos de longe. Segurei o dispositivo elétrico que detonaria todos os explosivos simultaneamente. Jesuiter pediu silêncio. Olhei meus valorosos oficiais e meus homens, cansados e sujos, sua silhueta contra o brilho dos prédios em chamas. Depois de um momento prolongado de suspense, gritei “Heil Hitler” e apertei o botão. Com o barulho ensurdecador de trovão e uma explosão de cores que parecia um arco-íris, a explosão violenta ressoou até as nuvens, uma homenagem inesquecível ao nosso triunfo sobre os judeus. O gueto de Varsóvia já não existia. A vontade de Adolf Hitler e de Heinrich Himmler havia sido feita.^[22]

Dois anos depois da invasão da Polônia, o mesmo tipo de saque e destruição implacáveis se repetiu em escala maior quando, em 22 de junho de 1941, a Alemanha nazista deu início à Operação Barbarossa, o codinome do ataque à União Soviética. A essa altura, tanto Alfred Rosenberg quanto Heinrich Himmler haviam construído organizações de pilhagem altamente funcionais, e essa “expertise” agora seria usada no front oriental. A ERR havia crescido e se transformado na mais

eficiente organização de saque no Terceiro Reich. A ERR também estava em boa situação como consequência da ascensão de Alfred Roosenberg na hierarquia de poder nazista. Adolf Hitler há muito tempo considerava o germano-báltico a maior autoridade dentro do partido em relação a questões sobre o Oriente. Agora que a invasão estava em curso, Hitler finalmente deu a Roosenberg um departamento apropriado: o Reichsministerium für die besetzten Ostgebiete [Ministério do Reich para os Territórios Orientais Ocupados]. A função do ministério era criar e implantar governos civis nas áreas ocupadas da União Soviética.

O Ministério do Reich controlaria Reichskommissariats nomeados pelo regime nos territórios orientais ocupados. Roosenberg havia sugerido que a União Soviética fosse subdividida em várias regiões menores, para tornar a imensa área mais fácil de administrar. Duas das seis regiões que os nazistas pretendiam implantar chegaram a ser estabelecidas durante a guerra. A região do Báltico, a Rússia Branca, e partes da Rússia ocidental compunham o Reichskommissariat Ostland, enquanto o Reichskommissariat Ukraine cobria partes do que hoje é a Ucrânia independente. Quatro outros comissariados estavam planejados para as regiões em torno de Moscou, o Cáucaso, a Ásia Central e a bacia do Volga.

No papel, a promoção deu a Alfred Roosenberg um poder enorme, mas na prática sua influência sempre seria limitada por Hitler. Roosenberg e o Führer logo divergiram sobre o melhor modo de lidar com os povos do leste.

Roosenberg acreditava que os eslavos eram arianos, embora de um tipo inferior. Ele estava convencido de que a Alemanha jamais conseguiria controlar o enorme território russo sem alianças estratégicas com grupos étnicos que haviam sido forçados a se sujeitar ao bolchevismo. O plano que ele apresentou a Hitler era mostrar os alemães como libertadores e depois fazer com que os fortes sentimentos anticomunistas e antirrussos se voltassem contra os governantes do Kremlin. Especialmente os ucranianos, na opinião de Roosenberg, podiam ser transformados em aliados contra o bolchevismo. Por isso, eles deviam ter certa autonomia e receber permissão para instalar um estado vassalo sob a liderança dos nazistas.

Era um plano pragmático, em que Roosenberg pelo menos uma vez pareceu ter consciência da *realpolitik*. Provavelmente seu plano se baseava em experiência prática – ele sabia muito bem como era extraordinariamente complexa a colcha de retalhos de povos e culturas dentro do Império soviético. Ao contrário de outros líderes nazistas, ele tinha visto as imensas estepes russas e ucranianas. Era um plano que, caso tivesse sido implantado, poderia ter mudado o curso da guerra.

Mas o plano jamais conquistou a liderança nazista. Do ponto de vista de Adolf Hitler e Heinrich Himmler, era inconcebível dar a escravos o direito de se autogovernar – imagine pensar que esses “sub-humanos” fossem companheiros de batalha. Em uma conversa entre os líderes, registrada por ordens de Martin Bormann, Hitler afirmou que os povos eslavos “nasceram para serem escravos”.^[23] Além de Hitler e Himmler, Hermann Göring e Martin Bormann também se opunham à política de

Roosenberg para o leste. Com uma oposição como essa, Roosenberg não tinha a menor chance.

Os líderes dos Reichskommissariats eram nomeados diretamente por Adolf Hitler e respondiam diretamente a ele, o que levou a uma diluição da autoridade de Roosenberg.

O brutal nazista Erich Koch foi escolhido para chefiar o Reichskommissariat Ukraine. “Caso eu encontre um ucraniano digno de se sentar à mesa comigo, preciso mandar matá-lo”, ele disse, resumindo sua visão sobre os novos súditos. Segundo Koch, “o mais baixo trabalhador alemão que se possa conceber é racial e biologicamente mais valioso do que a população daqui”.[24]

As políticas sumárias de Koch tiveram efeito prejudicial sobre o modo inicialmente positivo como os alemães foram vistos, como Roosenberg havia previsto. Houve feroz resistência aos invasores e às suas políticas de extermínio quando a população percebeu que os opressores bolcheviques eram, em todos os sentidos, preferíveis aos nazistas.

Outra realidade que minou o poder de Roosenberg foi o fato de ele não contar com recursos militares próprios nos dois Reichskommissariats criados. O vácuo de poder foi ocupado por Himmler e pela ss. Desde o início da guerra, a influência da ss tinha se consolidado em quase todas as partes do regime. Hitler, com certa justificação, tinha uma desconfiança quase paranoica de seus generais da Wehrmacht, e cada vez mais foi transferindo o poder para sua leal Guarda Pretoriana.

O que mais aumentou o poder de Himmler foi a ala militar de sua organização, a Waffen-ss, que cresceu continuamente desde

1939 até se transformar em um exército que, no fim da guerra, contava com quase um milhão de soldados. Na implacável guerra do front oriental, a ss assumiria muitas tarefas da Wehrmacht. Uma delas era a luta contra os “*partisans*”, uma atividade que na prática servia como modo de implantar as políticas de extermínio.

Apesar das tentativas fracassadas de Alfred Roosenberg de influenciar a política relativa ao front oriental, ele pôde se consolar com o bem-sucedido trabalho da ERR na zona soviética. Adolf Hitler havia dado à ERR a atribuição de passar um pente-fino em “bibliotecas, arquivos, lojas maçônicas e outras instituições ideológicas e culturais de todos os tipos, para identificar material útil e confiscá-lo para uso na esfera ideológica do NSDAP e em pesquisas na Hohe Schule”.

Em princípio, a ERR podia utilizar todos os meios e métodos necessários para o saque. O Führer também deu ordens à Wehrmacht para que auxiliasse a ERR em seu trabalho. O que tornava as coisas fundamentalmente diferentes do que era rotineiro no front ocidental era o fato de que a ERR agora estava *Wehrmachtsgefolge* – ou seja, acompanhada pelo exército. No front ocidental, a Wehrmacht muitas vezes manteve certo isolamento ou trabalhou ativamente contra a pilhagem, que muitos generais achavam prejudicial à reputação do exército.

Mas na União Soviética as considerações morais da Wehrmacht eram significativamente menos elevadas.

No front ocidental, a pilhagem se limitou a grupos claramente definidos: judeus, maçons e inimigos políticos – as

propriedades de franceses, holandeses e dinamarqueses “normais” foram, em grande medida, respeitadas. No front oriental, as regras do jogo eram muito diferentes. Resistindo a todo pragmatismo, Roosenberg se envolveu diretamente no saque com crueldade sistemática – o que, na raiz, estava relacionado a seu ódio pessoal ao bolchevismo, como ele afirmou nos julgamentos de Nuremberg depois da guerra: “Porque no ocidente aqueles que consideramos nossos adversários ou oponentes do ponto de vista da nossa concepção do mundo são diferentes dos nossos oponentes no Oriente. No Ocidente havia algumas organizações judaicas e lojas maçônicas, e no Oriente não havia nada além do Partido Comunista”.^[25]

Do ponto de vista de Roosenberg, aquilo que era de propriedade do Partido Comunista devia obrigatoriamente ser visto como “judeu”, porque o regime bolchevique era parte da conspiração mundial judaica.

Apesar de sua posição privilegiada, não faltavam concorrentes à ERR na União Soviética. À medida que o exército avançava, uma força-tarefa especial conhecida como Sonderkommando Künsberg, seguida de perto por três grupamentos do exército, invadiu museus, bibliotecas e arquivos, enviando o material confiscado de volta para Berlim. Formalmente, as unidades estavam sob o comando do departamento de assuntos internacionais de Joachim von Ribbentrop, mas elas eram chefiadas por um ss-Obersturmbannführer, o historiador barão Eberhard von Künsberg.

As três unidades formavam uma espécie de destacamento

avançado, com rotinas de pilhagem mais minuciosas vindo na retaguarda. O Sonderkommando Künsberg invadiu alvos importantes, e, assim como aconteceu no caso do Sonderkommando Paulsen na Polônia, artefatos vistos como “germânicos” estavam no topo da lista. Dentre esses estava a famosa Sala de Âmbar no Palácio de Catarina, perto de Leningrado. Mas dezenas de milhares de livros também foram retirados do palácio do czar e despachados para a Alemanha em caixas marcadas como “Zarenbibliothek Quatchina”. Parte do que foi roubado por Künsberg mais tarde foi entregue à ERR, incluindo livros do palácio do czar e uma grande parte da literatura judaica confiscada.^[26]

A ERR tinha uma abordagem mais acadêmica, baseada em inspeções a instituições, bibliotecas, arquivos e museus. O tipo de pilhagem realizado era metódico, minucioso e seletivo. *Experts* foram enviados à União Soviética no verão e no outono de 1941 para fazer uma inspeção inicial e compilar listas de acervos valiosos. Um desses *experts*, o arquivista germano-báltico Gottlieb Ney, passaria um ano inteiro avaliando bibliotecas nas áreas ocupadas da União Soviética. Ney, que havia trabalhado na biblioteca da Hohe Schule der NSDAP, se mudou para a Suécia depois da guerra e trabalhou como arquivista em Lund.

A ERR criou três grupos separados: Hauptarbeitsgruppe Ostland [região do Báltico], Hauptarbeitsgruppe Mitte [Rússia Branca e Rússia Ocidental] e Hauptarbeitsgruppe Ukraine. Foram estabelecidas sedes em Riga, Minsk e Kiev para administrar o trabalho de pilhagem nos territórios, o que incluía as zonas de

assentamento judeu em que a maior parte dos judeus orientais ainda morava.

Até certo ponto, Roosenberg tinha razão quando dizia que no oriente não havia “nada além” do Partido Comunista. O regime soviético realmente havia aberto o caminho para os saqueadores nazistas, uma vez que muitos acervos já haviam sido confiscados e nacionalizados, e organizações como a maçonaria haviam sido banidas. Grande parte do butim ou tinha sido vendida para o Ocidente ou foi incorporada a acervos públicos. Por isso os nazistas se concentraram na pilhagem de instituições públicas, que tinham os acervos mais relevantes.^[27]

O processo de nacionalização também havia sido iniciado na região do Báltico e na Polônia oriental durante o curto período de domínio soviético, um processo do qual o Instituto YIVO era apenas um exemplo. Mas a nacionalização se concentrou principalmente em acervos públicos, instituições e grupos religiosos – a apropriação da propriedade individual pelo Estado ainda não tinha ido tão longe.^[28]

A operação de pilhagem realizada pela ERR na União Soviética foi tão ambiciosa quanto extensa. De acordo com o relatório de uma das organizações, foram feitas buscas em 2.265 instituições. O trabalho exigiu íntima cooperação com a Wehrmacht e a SD, mas também com arquivistas, bibliotecários e *experts* de outras instituições alemãs.

Dentro do Hauptarbeitsgruppe Ukraine, por exemplo, havia 150 *experts* organizando o saque de centenas de bibliotecas, acervos públicos, universidades, igrejas, palácios e sinagogas.^[29]

Instituições religiosas na União Soviética, que já haviam sido atacadas pelos bolcheviques, sofreram um golpe particularmente duro. Milhares de sacerdotes tinham sido assassinados ou enviados para campos de trabalho forçado na Sibéria pelo regime soviético. Ao todo, estima-se que as organizações nazistas saquearam 1.670 igrejas ortodoxas russas, 532 sinagogas e 237 igrejas católicas.

Além dos acervos judaicos, receberam particular atenção os arquivos e as bibliotecas pertencentes ao Partido Comunista. A RSHA reivindicava para si qualquer coisa que tivesse relevância para o trabalho de inteligência, embora muitos outros materiais fossem para o projeto de biblioteca que Alfred Roosenberg tinha para o Oriente, a Ostbücherei, a que também foram incorporados os acervos dos exilados que viviam em Paris. Além disso, outros institutos de pesquisa alemães voltados para estudos orientais, como o Wannsee Institute e o Instituto para a Europa Oriental em Breslau, reivindicavam uma fatia do butim soviético.

Centenas de bibliotecas foram saqueadas em Minsk, sendo que só a Biblioteca Lênin encheu dezessete vagões.^[30] Em Kiev, o chamado arquivo revolucionário – um enorme acervo de documentos dos anos da Revolução Russa – foi levado. O arquivo também tinha documentos sobre a República Nacional Ucraniana, governada por Symon Petliura. A ERR também conseguiu obter a totalidade do arquivo do Partido Comunista de Oblast de Smolensk – mil e quinhentos metros de estantes no total.^[31]

Esse material foi reservado para a produção de propaganda antibolchevique, mas também foi levado porque “os alemães

precisam saber mais sobre o bolchevismo para poder combatê-lo”, como explicava um boletim da ERR. A Ostbücherei, na GertraudenStraße em Berlim, se tornaria o principal centro dessa pesquisa. Já no primeiro ano depois da invasão em 1941, a biblioteca absorveu meio milhão de livros. Duzentos mil livros foram despachados da sede da ERR em Riga, e até 300 mil foram roubados em Smolensk.^[32] A biblioteca também continha grandes quantidades de material de arquivo, fotografias, jornais, periódicos e mapas.

Assim como na Polônia, a destruição de materiais na União Soviética foi muito maior do que a pilhagem. Um pesquisador estimou que os nazistas podem ter destruído até 100 milhões de livros na guerra, sendo a maioria esmagadora na União Soviética.^[33]

A guerra entre a Alemanha nazista e a União Soviética entre 1941 e 1945 foi o conflito mais brutal da história mundial, com um custo humano na casa de 30 milhões de vidas. Foi uma guerra que causou uma devastação sem paralelos, tanto no sentido material quanto no cultural. Parte disso pode ser atribuída ao Exército Vermelho, que usou a tradicional tática russa de terras arrasadas, deixando a menor quantidade possível de objetos de valor para o inimigo. A terra arrasada seria arrasada novamente quando os alemães aplicaram a mesma tática ao bater em retirada.

Mas os nazistas declararam guerra à cultura eslava em nome de sua redução e extermínio. Dezenas de milhões de livros que não tinham relevância para a pesquisa nazista foram destruídas. Em função da própria escala do roubo, o processo de seleção

também foi muito rigoroso.

Símbolos importantes do ponto de vista cultural e histórico, como palácios reais, foram sistematicamente destruídos. O objetivo de Hitler era aniquilar totalmente as grandes cidades da União Soviética. A cidade cultural de Leningrado (São Petersburgo), vista pelos povos asiáticos como uma “porta de entrada da Europa”, seria demolida e sua população morreria de fome. A região do Báltico acabaria anexada ao Terceiro Reich. Moscou, centro do bolchevismo, seria varrida da superfície da Terra pela criação de um lago artificial no local onde a cidade ficava – os nazistas planejavam abrir as comportas do canal Volga-Don e inundar toda a área.^[34] Até mesmo Kiev seria totalmente destruída. De acordo com os planos de Hitler, a Crimeia e grandes áreas do sul da Ucrânia seriam evacuadas, criando espaço para colônias germânicas.

Até mesmo áreas como o distrito de Baku, a Galícia (Ucrânia ocidental) e a colônia do Volga, uma república soviética autônoma povoada por uma minoria germânica que se estabeleceu na Rússia no século XVIII, seriam anexadas ao Terceiro Reich. Era assim que se estenderia o *lebensraum* do povo alemão rumo ao oriente. Como ocorreu na Polônia, o plano era transformar russos, ucranianos, cossacos e outros povos em escravos sob domínio alemão. No entanto, nas áreas que os alemães pretendiam incorporar imediatamente ao Terceiro Reich, os habitantes seriam retirados ou exterminados para abrir caminho para colonos alemães. Nesses lugares, tudo que pudesse lembrar a cultura anterior tinha de ser totalmente aniquilado.

Enquanto isso, pesquisadores nazistas procuravam constantemente nessas regiões – e muitas vezes sem resultados – traços de presença histórica germânica que pudessem legitimar as anexações. Nenhuma outra área foi tão devastada pela destruição e pelo saque quanto a Ucrânia. De acordo com uma estimativa, perto de 50 milhões de livros foram destruídos lá durante a guerra.^[35]

Na parede de pedras acima de uma das janelas na rua, a cor esmaeceu à luz do sol. Abaixo, é possível distinguir umas poucas e elegantes letras hebraicas. O distrito judaico de Vilnius se oculta debaixo de uma fina camada de tinta amarela – umas poucas e pitorescas quadras de casas baixas de pedra e de tortuosas ruas medievais. Muitas casas parecem praticamente intocadas desde a guerra. Algumas parecem afundar para dentro de si mesmas, tetos se curvando para baixo, dando a impressão de estar prestes a desabar. Hoje, restaurantes vegetarianos convivem com boates de *striptease* e pequenas editoras de livros nas quadras que um dia foram o centro da Vilnius judaica.

Ando pela rua que antes se chamava Straszuna, mas que foi rebatizada como Žemaitijos gatvė depois da guerra. O nome original era uma homenagem ao rabino, pesquisador e empresário Mattiyahu Strashun, um dos mais destacados intelectuais de Vilnius no século XIX. Entre outras coisas, Strashun contribuiu para a expansão do sistema educacional judaico na cidade. Mas sua fama se devia à biblioteca fundada por ele. Strashun, que falava alemão, francês, latim e russo, colecionava de tudo, de manuscritos medievais em hebraico a

obras literárias, poesia, guias de viagem e literatura científica. Ao morrer em 1885, doou seu acervo para a congregação judaica de Vilnius, que, poucos anos depois, abriu a biblioteca ao público. Depois de receber novas doações, a biblioteca passou a ser vista como um dos mais importantes acervos judaicos na Europa Oriental. O acervo histórico atraía pesquisadores, historiadores e rabinos do mundo todo.

A biblioteca foi um fator que contribuiu significativamente para que Vilnius se firmasse como o coração da cultura iídiche, segundo o historiador Hirsz Abramowicz.^[36] Abramowicz foi várias vezes à biblioteca e passou a admirar Khaykl Lunski, o excêntrico e de certa forma lendário bibliotecário de Strashun. Lunski vivia para a biblioteca e morava em uma casa anexa à grande sinagoga no distrito judaico. Lunski tinha um registro completo do acervo em sua cabeça: “Ele conhecia cada texto religioso, cada texto secular e cada periódico”. Todo pesquisador e autor que tinha um tema em mente precisava encontrar o “inimitável” Khaykl Lunski.^[37]

De acordo com Abramowicz, Lunski sempre usava as mesmas roupas e podia passar um dia inteiro com “um pedaço de pão de centeio e uma cabeça de arenque”. Lunski estava perto dos sessenta anos e continuava trabalhando na biblioteca quando a Wehrmacht tomou Vilnius em 24 de junho de 1941. A Operação Barbarossa – o ataque da Alemanha nazista contra a União Soviética – havia começado dois dias antes. A cidade foi tomada sem batalhas significativas, já que o Exército Vermelho preferiu bater em retirada diante do avanço das forças alemãs.

Em julho de 1941 Alfred Roosenberg enviou um pesquisador

chamado Hermann Gotthardt a Vilnius. De início, Gotthardt adotou Vilnius quase como se fosse um turista ou um pesquisador com interesses culturais que estivesse visitando o local para escrever uma tese. Ele visitou os museus, as sinagogas e as bibliotecas da cidade para ter uma noção melhor sobre as congregações judaicas. Entrevistou funcionários e perguntou sobre pesquisadores judeus. No final de julho, ele tinha realizado uma avaliação completa e pediu à Gestapo que prendesse três pessoas: o linguista e jornalista Noah Prilutski, que chefiou o Instituto para Cultura Judaica (YIVO) durante o breve domínio soviético; o jornalista Elijah Jacob Goldschmidt, que escrevia em iídiche e era curador do museu etnográfico S. Ansky, em Vilnius; e o terceiro homem, Khaykl Lunski, bibliotecário da Biblioteca Strashun. Durante as semanas seguintes, os três eram retirados todos os dias de suas celas na sede da Gestapo e levados à Biblioteca Strashun, onde eram forçados a compilar listas das obras mais valiosas dos acervos locais.

Ao mesmo tempo, do lado de fora das janelas da biblioteca um massacre estava em andamento. Em julho, uma unidade de extermínio da ss, o grupo Einsatz, chegou a Vilnius e prendeu cinco mil homens judeus. Em grupos de cem eles eram levados a uma pequena cidade chamada Ponar, dez quilômetros ao sul de Vilnius. Antes da guerra, o Exército Vermelho havia cavado ao lado de uma base aérea imensos poços para estocar combustível. Os homens recebiam ordens de se despir e eram levados em grupos de dez ou vinte até a beira do poço, onde eram assassinados a tiros. Os corpos no poço eram cobertos por uma fina camada de areia antes de o próximo grupo ser obrigado a

seguir até o local para ser executado.^[38] Os nazistas também criaram unidades de extermínio compostas por voluntários lituanos, as Ypatingasis Būrys. Judeus eram presos em mobilizações súbitas, muitas vezes realizadas durante feriados judaicos. Pessoas mais velhas, doentes e outros considerados “improdutivos” eram assassinados. A maior parte das vítimas era enterrada nos poços de Ponar, onde sete mil prisioneiros de guerra soviéticos e cerca de vinte mil poloneses também foram mortos.

Não demorou para que mulheres e crianças também fossem presas e levadas aos poços de Ponar. Quando Goldschmidt, Prilutski e Lunski terminaram seu trabalho para Hermann Gotthardt em agosto, milhares de judeus de Vilnius tinham sido assassinados. Pouco depois de Gotthardt voltar para Berlim com sua lista, Noah Priluski e Elijah Jacob Goldschmidt foram assassinados pela Gestapo. Por motivos obscuros, Khaykl Lunski foi libertado.^[39]

Logo ficou claro para a equipe de Roosenberg em Paris que a pilhagem no front oriental precisava ser feita de modo muito diferente do que vinha ocorrendo no front ocidental. O número de bibliotecas, arquivos e de outros acervos era alto demais, como demonstravam as conclusões a que Gotthardt havia chegado em Vilnius. Não era nem possível nem prático confiscar uma quantidade tão grande de material em uma única incursão, como tinha sido comum em Paris ou Roma. Outro problema era a falta de pesquisadores alemães que falassem hebraico e iídiche, o que tornava difícil determinar quais livros teriam valor em futuras pesquisas. A solução para esses problemas muitas

vezes foi sádica, mas essa também era uma característica típica dos nazistas – delegar o trabalho para as próprias vítimas.

Em abril de 1942, Johannes Pohl, do Instituto para Pesquisa da Questão Judaica em Frankfurt, viajou com três outros “*experts* em judaísmo” para Vilnius.^[40] A essa altura apenas um terço dos judeus de Vilnius permanecia vivo. Quarenta mil haviam sido executados pelo grupo Einsatz no final do verão e no outono de 1941. Pouco antes da chegada de Pohl o ritmo das execuções em massa tinha começado a diminuir. A Wehrmacht e a indústria bélica alemã precisavam de mais trabalhadores escravos bem na mesma época em que a ss começou a mudar sua estratégia de assassinatos em massa, trocando pelotões de fuzilamento por campos de extermínio. Os vinte mil judeus que continuavam vivos haviam sido obrigados a ir para um gueto superlotado, que havia sido criado no distrito judaico.

O começo de 1942 foi marcado por uma traiçoeira sensação de calma no gueto, onde a vida voltou a uma espécie de normalidade, na medida do possível. Uma biblioteca chegou a ser criada no gueto, sob a orientação de um bibliotecário, Herman Kruk. A biblioteca, uma evidente manifestação da resistência espiritual dos moradores do gueto, foi criada em meio às execuções em massa. Ficava em um prédio no número 6 da Straszuna, e continua lá até hoje. A bela casa vermelha com argamassa vermelha segue sendo a construção mais imponente da rua, apesar de sua evidente deterioração.

Os moradores do gueto haviam doado seus livros, arquivos e obras de arte para a biblioteca. Mas os livros também haviam sido retirados de apartamentos abandonados cujos moradores

foram assassinados. A casa no número 6 da Straszuna era mais do que uma biblioteca, e passou a ser conhecida como O Museu de Arte e Cultura Judaicas. Além de um acervo de 45 mil volumes, o prédio contava com livraria, museu, arquivo e departamento de pesquisa. Em segredo, provas dos crimes dos nazistas eram reunidas à medida que eles aconteciam. Testemunhas oculares escreviam relatos e ordens dadas pelos alemães eram arquivadas, junto com outros documentos. Um grupo de escritores começou a trabalhar na história do gueto.

“Apesar de toda a dor, de todos os problemas, e das circunstâncias difíceis do gueto, o coração de uma cultura bate aqui”, Kruk escreveu em seu diário. Milhares de judeus do gueto iam à biblioteca para pegar livros emprestados. Ler era fonte tanto de consolo quanto de esperança para os moradores, como um garoto de quinze anos de idade, Yitzhak Rudashevski, escreveu em seu diário no mesmo dia em que a biblioteca celebrava seu empréstimo de número cem mil: “Centenas de pessoas leem no gueto. Ler se tornou o maior prazer do gueto. Os livros te dão uma sensação de liberdade; os livros te conectam com o mundo. O gueto pode se orgulhar do empréstimo de número cem mil”.[41]

Herman Kruk registrava com cuidado as atividades da biblioteca, quem emprestava livros e quais eram mais populares. Ele descobriu que alguns leitores procuravam analogias com a sua situação no gueto. A história dos judeus na Idade Média, as Cruzadas e a Inquisição estavam entre esses temas, mas o livro que mais fazia sucesso com esses leitores era *Guerra e paz*, de Tolstói. Outro grupo queria o oposto; estavam atrás de livros

“que os afastassem da realidade e os levassem a lugares distantes”. Em ambos os grupos o impulso de ler era grande: “O ser humano pode suportar a fome, a pobreza e a dor, mas não consegue suportar o isolamento. Então, mais do que nunca, a necessidade por livros e leitura está no auge”, escreveu Kruk.^[42]

Foi durante esse período de relativa calma no gueto que a ERR deu início a seu trabalho. Uma dúzia de judeus eruditos foi escolhida para trabalho escravo. Khaykl Lunski, que também havia sobrevivido à campanha de extermínio do outono, estava no grupo.

Os líderes designados eram Herman Kruk e um antigo colega dele no YIVO, o filólogo e historiador Zelig Kalmanovitj. Grandes salas de um prédio pertencente à biblioteca universitária de Vilnius fora do gueto foram usadas como estação de triagem.

O trabalho do grupo consistia em triar e encaixotar os tesouros literários para que eles fossem levados para a Alemanha. O primeiro carregamento que chegou tinha quarenta mil livros da Biblioteca Strashun. Kruk, Kalmanovitj, Lunski e os demais membros do grupo se depararam com uma escolha, na qual as duas opções eram igualmente terríveis.

Eles eram obrigados a selecionar e catalogar livros de maior “valor” do acervo, e ao fazer isso contribuíam para a pesquisa que basicamente tinha como intenção justificar o Holocausto. A alternativa não era muito melhor, porque os livros que não fossem selecionados iriam para uma fábrica de papel nas proximidades, onde seriam reciclados.

Ou eles ajudavam os nazistas e salvavam os livros mais valiosos ou se recusavam e viam esses livros se perderem.

“Kalmanovitz e eu não sabíamos se éramos salvadores ou coveiros”, Kruk escreveu em seu diário.^[43]

O que deu força ao grupo, que mais tarde ficaria conhecido no gueto como Die Papier Brigade [A Brigada do Papel], era a esperança de estar, apesar de tudo, salvando essa herança literária. Logo, começaram a chegar livros das sinagogas e também uma valiosa coleção de livros da escola de Elijah ben Solomon Zalman.

O trabalho foi tão bem-sucedido que a ERR logo expandiu suas operações. Na primavera de 1942 uma segunda estação de triagem foi estabelecida no Instituto YIVO no número 18 da Vivulskio gatvé. A Brigada do Papel cresceu até chegar a quarenta pessoas, incluindo o poeta Abraham Sutzkever, de trinta anos. Com sua fama intelectual, seus óculos tortos de armação preta e sua crença quase religiosa no poder da linguagem, ele tinha se transformado em uma figura de ponta da geração mais jovem de poetas em iídiche no grupo Yung Vilne.

A ERR também enviou às duas estações de triagem o acervo de bibliotecas judaicas em pequenas cidades e vilas próximas. O trabalho era inspecionado atentamente pela ERR. “Assim como no Holocausto, havia registros minuciosos da destruição de livros judaicos, com relatórios enviados a cada duas semanas com estatísticas de quantos livros haviam sido despachados para a Alemanha e quantos para a fábrica de papel, com os livros subdivididos por língua e ano de publicação”, escreve o historiador David E. Fishman.^[44]

A Brigada do Papel não podia salvar mais livros deixando volumes menos valiosos passarem pela seleção. A ERR impôs cotas específicas antecipadamente, segundo as quais dois terços dos livros tinham de ser destruídos. Kruk escreve em seu diário que o trabalho é “muito triste” e que os integrantes do grupo fazem seu trabalho forçado com lágrimas nos olhos: “O YIVO está morrendo; e sua vala comum é uma fábrica de papel”.[45] Sutzkever descreve o trabalho realizado no número 18 da Vivulskio como “uma Ponar para nossa cultura judaica”. Sob supervisão de guardas alemães, “estamos cavando as sepulturas de nossas almas”.[46]

Mas desde o começo os integrantes da Brigada do Papel tentaram encontrar oportunidades para resistir. Um dos meios encontrados era a passividade: assim que os alemães saíam do prédio, a brigada parava de trabalhar. Sutzkever, que trabalhou no prédio do YIVO, costumava ler poemas para os demais. Vários integrantes escreviam poemas, teses e periódicos no tempo que passaram no gueto. Era uma questão de sobrevivência. Sutzkever disse mais tarde: “Eu achava que, assim como um judeu atento acredita no Messias, enquanto eu continuasse escrevendo, enquanto eu fosse um poeta, eu tinha uma arma contra a morte”.[47]

Em pouco tempo a Brigada do Papel desenvolveu formas mais ativas de resistência, por meio do contrabando de obras de valor. Ao fim do dia de trabalho, antes de serem levados de volta ao gueto, Sutzkever e os outros escondiam manuscritos nas roupas. O risco era menor nos dias em que seus guardas eram

integrantes da polícia judaica do gueto. Foram esses guardas, conscientes do que se passava, que batizaram o grupo. A Brigada do Papel eram guerreiros do papel, que arriscavam suas vidas para contrabandear um documento por vez para o gueto. “Outros judeus nos olhavam como se fôssemos loucos. Eles contrabandeavam comida para o gueto, escondida nas roupas e botas, mas nós contrabandeávamos livros, tiras de papel, e às vezes uma Torá”, escreveu um dos integrantes do grupo.^[48]

Sutzkever, o mais ativo contrabandista do grupo, conseguiu levar para o gueto, entre outras coisas, um diário que havia pertencido ao pai do sionismo, Theodor Herzl. Também foi ele quem teve a ideia de pedir permissão aos alemães para levar “sobras de papel”. Sutzkever convenceu os alemães de que aquilo seria queimado nos fogões do gueto. Essa permissão permitiu que muito “refugo” fosse salvo, como cartas e manuscritos de Tolstói, Górkí, Elijah ben Solomon Zalman e desenhos de Chagall.

Apesar dessa ação arriscada e corajosa, ainda havia mais um dilema: a brigada estava só traficando livros e manuscritos de uma prisão para outra – para onde aquilo seria transferido depois? Herman Kruk escondeu parte do material na biblioteca do gueto, enquanto Abraham Sutzkever dividiu seu material em vários esconderijos, inclusive atrás do papel de parede de seu apartamento. O esconderijo mais engenhoso foi um *bunker* construído às escondidas por um engenheiro chamado Gerson Abramovitsj. O *bunker*, a quase vinte metros abaixo da terra, contava com eletricidade e um sistema de ventilação. Abramovitsj construiu o *bunker* para esconder dos nazistas sua

mãe deficiente. Logo ela ganhou a companhia de manuscritos, cartas, livros e obras de arte, enterrados sob o piso.^[49] A Brigada do Papel conseguiu contrabandear parte do material para fora do gueto, em parte graças aos esforços de Ona Simaite, a bibliotecária lituana que enganou os alemães e disse que estava indo ao gueto para pegar livros que alunos judeus não haviam devolvido. Ao sair ela levou livros valiosos e manuscritos. Ela também escondeu uma menina judia, mas foi descoberta em 1944. Simaite foi detida, torturada e deportada para Dachau, o campo de concentração, mas conseguiu sobreviver à guerra.^[50]

Além de livros, Abraham Sutzkever também contrabandeou armas. Ele era membro de um grupo clandestino chamado Fareynikte Partizaner Organizatsye [Organizações Partisans Unidas], um grupo de resistência militante judeu formado no gueto cujo lema era “Não vamos deixar que nos levem como ovelhas para o matadouro”. Usando contatos lituanos, enquanto trabalhava no prédio do YIVO, Sutzkever recebeu pistolas e partes de submetralhadoras, que foram contrabandeadas e montadas no gueto.

À medida que o tempo passava, os membros da Brigada do Papel ficavam mais ousados e levavam volumes cada vez maiores de material. Numa última medida desesperada, a Brigada começou a esconder livros no próprio edifício do YIVO. Entre a primavera de 1943 e setembro de 1944, a Brigada do Papel conseguiu contrabandear milhares de livros e manuscritos. Mas em última instância, o que foi salvo era uma fração das centenas de milhares de livros e manuscritos enviados para a fábrica de papel ou para a Alemanha.

No final do verão de 1943, os membros da Brigada do Papel perceberam que seu trabalho em breve estaria acabado. Não havia novos acervos sendo entregues para triagem, e a ERR começou a encerrar a operação.

Kalmanovitj escreveu uma das últimas anotações de seu diário no final de agosto: “A semana toda selecionei livros, milhares deles, e os lancei na pilha de refugos com as minhas próprias mãos. Uma pilha de livros na sala de leitura do YIVO, um túmulo de livros, uma sepultura de um irmão, livros que foram atingidos pela guerra como Gogue e Magogue, assim como seus donos [...] O que quer que nós possamos salvar irá sobreviver com a ajuda de Deus! Nós os veremos de novo quando voltarmos a este lugar como seres humanos”.[51]

Não era apenas o trabalho da ERR que estava perdendo fôlego, era toda a campanha alemã no front oriental. Depois da derrota em Stalingrado no inverno de 1943, o exército alemão estava batendo em retirada. Isso significava que a indústria bélica alemã na Europa Oriental estava sendo desmantelada e que milhares de trabalhadores escravos estavam se tornando supérfluos. Muitos foram mandados diretamente para as câmaras de gás.

O levante judeu em Varsóvia na primavera de 1943 também deixou Heinrich Himmler nervoso. Ele suspeitava, com razão, que os judeus de outros guetos tinham planos de resistência armada. Poucas semanas após a revolta, Himmler deu ordens para que o gueto de Ostlan (a região do Báltico) fosse encerrado. O gueto de Vilnius, visto pelo serviço de inteligência alemão

como um potencial ponto de resistência, precisava ser destruído o quanto antes.^[52]

As deportações dos judeus que continuavam em Vilnius começaram no início de agosto de 1943. Em dois meses o gueto foi esvaziado. Os que estavam em idade para trabalhar foram enviados para campos de trabalhos forçados, onde realizavam tarefas como cavar trincheiras. Os que eram velhos demais, jovens demais ou estavam doentes demais foram assassinados.

Mas antes do extermínio do gueto, os 180 membros das Organizações Partisans Unidas conseguiram fugir e se esconder nas florestas perto de Vilnius. Um deles era Abraham Sutzkever, que escapou em 12 de setembro com a esposa e outro poeta do grupo Yung Vilne, Shmerke Kaczerginski. Sutzkever já tinha perdido a mãe e o filho recém-nascido, envenenado pelos nazistas no hospital do gueto.^[53]

Notícias sobre a fuga de Abraham Sutzkever logo chegaram a Moscou. No início de 1944, Ilya Ehrenburg, o mais famoso escritor e jornalista da União Soviética, ajudou Sutzkever e a mulher a fugirem para Moscou. Um pequeno avião soviético conseguiu atravessar o front e pousar em um lago congelado nas florestas próximas a Vilnius. Enfrentando pesado fogo antiaéreo alemão, o avião conseguiu voltar ao lado soviético. O artigo de Ehrenburg sobre Sutzkever no *Pravda*, o jornal do Partido Comunista, foi o primeiro a mencionar o assassinato em massa de judeus na União Soviética.^[54]

No entanto, a maior parte das pessoas do gueto e a Brigada do Papel não conseguiram escapar. Em Ponar, a ss continuou com as execuções em massa. Um dos executados no fim desse

período foi Yitzhak Rudashevski, o menino de quinze anos que mantinha um diário. Ao mesmo tempo, a ss deu início a uma ampla campanha para encobrir os assassinatos em massa. No outono de 1943, prisioneiros de um campo de concentração próximo, Stutthof, foram forçados a exumar dezenas de milhares de corpos em decomposição em Ponar. Os corpos foram queimados em enormes fogueiras e as cinzas, misturadas com areia e enterradas. Foram necessários vários meses para que os trabalhadores escravos queimassem os restos mortais de 100 mil vítimas.

O pai espiritual do YIVO, Simon Dubnow, já tinha sido assassinado em 1941. Dubnow, que tinha oitenta anos quando a guerra começou, havia se estabelecido em Riga nos anos 1930 para escrever suas memórias. Amigos que viam o perigo se aproximar ajudaram Dubnow a obter um visto sueco em 1940, mas ele escolheu não fazer uso do documento. Quando os nazistas ocuparam Riga em 1941, Dubnow foi expulso de seu apartamento e viu sua grande biblioteca ser confiscada. Com o restante da população judaica da cidade, foi confinado no gueto. No início de 1941 a ss obrigou 24 mil judeus a sair do gueto e ir para a floresta de Rumbula, perto de Riga. Ali, prisioneiros de guerra soviéticos haviam cavado seis grandes fossos, onde os judeus foram executados. Simon Dubnow, doente demais para andar os vários quilômetros até lá, foi assassinado na rua por um oficial da Gestapo. De acordo com testemunhas, Dubnow exortou até o fim os habitantes do gueto: “Judeus, escrevam e façam registros”.

Não se sabe exatamente como o bibliotecário Khaykl Lunski morreu. De acordo com uma testemunha, ele foi deportado com a filha para Treblinka, enquanto outra testemunha sugere que ele foi espancado até a morte em setembro de 1943. Zelig Kalmanovitj, chefe da Brigada do Papel, foi levado para o campo de concentração de Vaivara, na Estônia, onde morreu em 1944. Herman Kruk foi deportado para um campo de trabalhos forçados em Lagedi, na Estônia. Ele continuaria a fazer anotações em seu diário até o fim. Em 17 de setembro fez uma última anotação: “Estou enterrando os manuscritos em Lagedi, no alojamento de *Herr Schulma*, em frente à casa de guarda. Seis pessoas estão presentes para o funeral”.[55] Kruk tinha noção do que esperava por ele. No dia seguinte ele e dois mil prisioneiros foram forçados a carregar toras de madeira para uma floresta nas imediações. As toras foram alinhadas em longas fileiras e os prisioneiros obrigados a se deitar sobre elas. Eles haviam construído suas próprias piras funerárias. Depois que os guardas da SS atiraram na cabeça dos prisioneiros, uma nova camada de toras e prisioneiros foi acrescentada – e depois os corpos foram queimados. Mas quando o Exército Vermelho chegou à cena poucos dias depois, ainda havia corpos não queimados nas pilhas. Uma das testemunhas do “funeral” de Kruk conseguiu fugir e voltou para exumar seus diários.

A essa altura, Vilnius tinha sido libertada pelo Exército Vermelho. Na primeira semana de julho de 1944 começou um ataque contra a cidade, e em 13 de julho os últimos nazistas bateram em retirada. Entre os libertadores da cidade estavam Abraham Sutzkever e Shmerke Kaczerginski, que combatiam

pelo grupo *partisan* judeu Nekome [os Vingadores]. Depois de encerrada a batalha, eles começaram a procurar manuscritos e livros escondidos. Com grande tristeza descobriram que o Instituto vivo, no número 18 da Vivulskio gatvé, se transformara em uma ruína carbonizada e esvaziada depois que a casa fora atingida pela artilharia. O esconderijo de Kruk na biblioteca do gueto foi descoberto e os livros foram queimados no pátio. Por outro lado, o *bunker* secreto não havia sido destruído. Sutzkever e Kaczerginski retiraram de baixo do piso manuscritos, cartas, diários e um busto de Tolstói. Eles continuaram cavando e uma mão apareceu em meio à terra. Um dos judeus que havia se escondido no *bunker* morrera ali e alguém o enterrara em meio aos livros.^[56]

CAPÍTULO 12

A Unidade Talmude

Theresienstadt

Da ponte, vejo o dorso marrom claro dos peixes contra o fundo arenoso. De tempos em tempos um deles mergulha, virando as escamas em direção ao sol e projetando um reflexo prateado. No outro lado da ponte vejo famílias com filhos, deitadas em um trecho de areia que avança ao longo do rio Ohře. É o período mais quente do verão, e o nível da água está baixo. As crianças se atiram na corrente e se deixam levar até um remanso. Mais abaixo, onde acabam as árvores que margeiam o rio, as cinzas de 22 mil prisioneiros de um campo de concentração foram lançadas na água.

Mais ou menos vinte quilômetros ao sul da cadeia de montanhas Zittau, a fronteira entre a Alemanha e a República Tcheca, ficam a antiga fortaleza dos Habsburgo e a cidade guarnição Theresienstadt, ou Terezín, como hoje é conhecida. Na área de estacionamento onde param os ônibus é possível comprar em barracas refrigerantes, chaveiros e cartões-postais

mostrando prisioneiros de campos de concentração. Mas hoje há poucos fregueses, o termômetro chega perto dos 40 °C e as ruas da cidade estão estranhamente vazias – exceto por algumas meninas de bicicleta com toalhas enroladas na garupa a caminho do rio. Hoje em dia, a população que vive dentro dos muros da fortaleza em forma de estrela é de poucos milhares, em uma cidade que não mudou significativamente desde a guerra, a não ser por alguns blocos de apartamentos que chamam a atenção por sua frieza soviética.

Dentro desses muros, durante a guerra, a ss criou aquele que pode ter sido o mais curioso dos campos de concentração. A maior parte dos campos de concentração alemães era semelhante, construídos de acordo com um modelo desenvolvido pelo ss-Oberführer Theodor Eicke, o comandante de Dachau, primeiro campo de concentração aberto pelos nazistas em 1933. Ali, Eicke refinou a estrutura e a cultura que seriam modelo para quase todos os futuros campos.

Theresienstadt era um campo de concentração e também um gueto, com várias funções diferentes. Era um campo de isolamento e de passagem. A maior parte dos prisioneiros de Theresienstadt era mandada em pouco tempo para campos de extermínio na Polônia ocupada. Mas Theresienstadt também era um campo modelo, usado na propaganda alemã.

A cidade guarnição foi construída pelo imperador austríaco José II no fim do século XVIII. Nas fortalezas menores anexas à cidade foi mantido o mais famoso prisioneiro da Primeira Guerra Mundial – Gavrilo Princip –, que em 1914 disparou contra o

herdeiro do trono austro-húngaro em Sarajevo, dando início à guerra.

Em 1942, a ss deu início ao despejo compulsório de sete mil tchecos que moravam em Theresienstadt para que a cidade fosse usada como campo de concentração. Os muros e fossos que um dia protegeram a cidade serviriam agora como limites de uma enorme prisão. No campo modelo os judeus morariam em casas normais e usariam roupas comuns de civis, o que significava que Theresienstadt era muito semelhante a um gueto. Como em outros guetos, também existia um Judenrat, conselho judeu que fazia as vezes de governo sob controle da ss.

Muitas pessoas enviadas a Theresienstadt eram “judeus selecionados” da Alemanha e do oeste e norte da Europa, incluindo alguns que tinham ocupado altos postos na administração pública ou que eram veteranos na Primeira Guerra Mundial. Mas o grupo mais visível e mais importante – do ponto de vista da propaganda – eram os muitos artistas, atores, diretores, músicos, escritores, acadêmicos e outros intelectuais. Um deles era Isaac Leo Seeligmann, o estudioso da Bíblia e bibliófilo de Amsterdã, deportado para cá com sua família.

Na propaganda alemã, Theresienstadt era apresentada como “a cidade que o Führer deu aos judeus”. Também em nome da propaganda, os nazistas abriram um banco e lojas na cidade, além de construírem parquinhos para as crianças. Havia até uma “moeda do campo” conhecida como coroa de Theresienstadt, que servia para dar uma imagem de uma economia autônoma interna.

Parte significativa da vida no campo eram as muitas atividades culturais, incentivadas pelo comandante do campo e seus funcionários. Em uma casa amarela de pedras de dois andares no endereço L304, uma biblioteca conhecida como Ghattobücherei Theresienstadt foi criada em novembro de 1942 – no piso superior ficava o Freizeitgestaltung, o departamento de lazer, que cuidava de várias atividades do campo. O Freizeitgestaltung tinha apresentações de teatro, concertos e palestras. Também não faltavam atores, músicos e escritores. Alguns dos mais extraordinários talentos da época foram deportados para o campo, como o ator austríaco Jaro Fürth, a dramaturga Elsa Bernstein e a pianista Alice Herz-Sommer. Nada menos do que cinco integrantes da Orquestra Filarmônica de Viena foram enviados para Theresienstadt, incluindo o concertista Julius Stwertka.^[1] Até mesmo uma jazz band judia, os Ghetto Swingers, foi formada no campo.

Quando foi aberta em 1942, a Ghattobücherei tinha quatro mil livros, que os nazistas haviam roubado de outros lugares, incluindo o seminário rabínico em Berlim. Theresienstadt continuou recebendo cargas de livros saqueados de sinagogas, famílias judias, igrejas e lojas maçônicas. Mas a maior parte dos livros foi levada pelos próprios prisioneiros, pois a cada vez que chegava mais gente, chegavam mais livros. Entre os poucos pertences que os judeus tinham permissão para levar quando eram deportados, muitos optavam por colocar um ou dois de seus livros favoritos. Os exemplares eram confiscados na chegada e entregues à Ghattobücherei. Em um ano, o acervo da biblioteca passava de 50 mil livros, e em 1944 tinha 120 mil

volumes.[2]

A vida cultural do campo era destacada na propaganda nazista. O ápice dessa aldeia Potemkin foi uma visita cuidadosamente planejada da Cruz Vermelha em 1944. No ano anterior, a ss já havia começado os preparativos, dando início a um “processo de embelezamento” que incluía a renovação dos alojamentos, uma nova pintura para as casas e o plantio de árvores e flores. Os prisioneiros receberam rações mais substanciais para parecerem bem alimentados. Em maio, 7.503 pessoas também foram deportadas de Theresienstadt para Auschwitz, para fazer o campo parecer menos abarrotado.

A visita da Cruz Vermelha ocorreu como resultado da pressão da Dinamarca e da Suécia, e quando os inspetores chegaram, em junho de 1944, Theresienstadt era um idílio de atividades encenadas – jogos de futebol, shows e um coro de crianças judias que cantou para os visitantes. Da praça veio o som do jazz tocado pelos Ghetto Swingers, apesar do fato de que o jazz havia sido banido do Terceiro Reich por ser visto como “música degenerada”. A transformação também foi linguística, já que o campo mudou seu nome de Ghetto Theresienstadt para Jüdisches Siedlungsgebiet [Área de Assentamento Judaico].

Associado à visita, começou a ser produzido um filme de propaganda em que o campo era descrito como um “resort para judeus”. Cinicamente, prisioneiros do campo foram recrutados para produzir o filme sob a liderança da ss. Prisioneiros judeus eram responsáveis pelo roteiro, pela direção e pela música, que foi proporcionada pelos Ghetto Swingers.[3] O filme, intitulado *Der Führer schenkt den Juden eine Stadt* [O Führer dá uma cidade

aos judeus], foi dirigido pelo ator e diretor judeu alemão Kurt Gerron, que teve seu grande momento em 1930 contracenando com Marlene Dietrich em *O Anjo Azul*.

A biblioteca aparece em um trecho do filme que sobreviveu – os bibliotecários trabalhando duro na catalogação de livros e o bibliotecário-chefe, Emil Utitz, falando. No filme a biblioteca ganhou um novo nome: em vez de Ghattobücherei Theresienstadt, usou-se o mais neutro Zentralbücherei.

No entanto, o pano de fundo teatral deixou de existir assim que os inspetores da Cruz Vermelha partiram do campo, e imediatamente as deportações foram retomadas. Por trás da imagem de gueto modelo existia um campo de concentração que não diferia muito de nenhum outro, marcado por fome, doença, trabalho escravo, tortura e superlotação. A equipe judia do filme foi deportada assim que encerrou os trabalhos em setembro. Kurt Gerron e os membros do Ghetto Swingers foram colocados no último trem que partiu de Theresienstadt para Auschwitz no final de 1944.^[4]

Dos 144 mil judeus mandados para Theresienstadt, aproximadamente 17 mil sobreviveram à guerra. Cerca de 33 mil morreram no próprio campo, enquanto perto de 90 mil foram deportados para Auschwitz. Muitos morreram na epidemia de febre tifoide que tomou conta do campo no fim da guerra. Os livros da biblioteca ajudaram no contágio, transmitindo a doença de um leitor para outro, e dezenas de milhares de exemplares infectados da Ghattobücherei acabaram sendo queimadas. A biblioteca também foi dizimada pelas frequentes deportações perto do fim: “Cada trem que parte nos tira mil livros, porque

cada pessoa leva dois ou três volumes... Não fiz nada quanto a isso”, escreveu Emil Utitz.^[5] Embora muitos soubessem ou pelo menos adivinhassem o que viria pela frente, eles queriam levar um livro para a viagem.

Mas também havia uma biblioteca secreta em Theresienstadt, que não aparece no filme de propaganda. Disponível somente para um grupo seletivo, era uma biblioteca de um tipo totalmente diferente, e também totalmente diferente em seu valor.

Com a ajuda de um mapa da época da guerra tento me orientar pelas ruas de Terezín. Ainda se veem resquícios do campo em toda parte; em algumas esquinas é possível ler os velhos “nomes de rua” pintados com tinta preta usando abreviações do campo “Block C.V/Q2-09-15”. Passo por uma das casas mais bonitas da cidade, na qual ficaram abrigados os judeus dinamarqueses do campo.

Pouco depois dos muros ao sul da cidade, perto do crematório, há uma pequena casa de pedras com argamassa faltando no frontão. No pequeno jardim protegido por uma cerca enferrujada vejo tomateiros, arbustos de groselha e parreiras que sobem pelos muros da fortaleza. Aqui trabalhou um grupo de pessoas que a ss chamava de Bücherfassungsgruppe.

Em abril de 1943 a ss deu ordens para que um grupo especial de judeus eruditos, composto de rabinos, teólogos, linguistas e historiadores, fosse reunido. Enquanto outros prisioneiros do campo trabalhavam em uma mina ali perto, quebravam carvão ou fabricavam uniformes militares, o Bücherfassungsgruppe se ocupava de catalogar livros roubados para a ss.^[6] Assim como a

ERR, a SS não tinha pesquisadores suficientes capazes de ler, interpretar e catalogar as montanhas de literatura judaica confiscada. Theresienstadt, com seus muitos acadêmicos judeus, foi um recurso que a SS se sentiu obrigada a usar. Também havia um outro motivo, que era o fato de que na primavera de 1943 a SS havia começado a evacuar seus depósitos de livros em Berlim, em função dos muitos ataques aéreos contra a capital. Theresienstadt foi um dos locais considerados mais seguros para abrigar os acervos.

O Bücherfassungsgruppe era o equivalente da SS para a Brigada do Papel da ERR em Vilnius, e, assim como em Vilnius, o grupo de trabalho, na gíria do gueto, receberia um nome bem diferente: Talmudkommando [Unidade Talmude]. Ao todo, cerca de quarenta estudiosos judeus participaram do grupo.

Alguns dos mais destacados acadêmicos hebraicos da Europa foram recrutados para o Talmudkommando. O judaísta e bibliófilo tcheco Otto Muneles foi escolhido para chefiar a Unidade. Anteriormente, ele havia trabalhado para o Museu Judaico em Praga e frequentado a mesma escola de Franz Kafka. Entre os demais membros do grupo estavam Moses Woskin-Nahartabi, professor de Línguas Semíticas na Universidade de Leipzig, e o historiador e bibliófilo de Amsterdã Isaac Leo Seeligmann. As grandes bibliotecas dele e de seu pai, Sigmund Seeligmann, confiscadas em 1941, foram incorporadas à biblioteca da RSHA em Berlim. Em 1943, a RSHA transferiu uma parte da seção sobre literatura judaica para Theresienstadt e a entregou ao Talmudkommando.^[7]

Seeligmann encontrou livros de seu próprio acervo nesse carregamento de mais ou menos sessenta mil volumes. Os membros do grupo parecem ter se deparado com os mesmos dilemas morais da Brigada do Papel em Vilnius. Eles buscavam consolo no fato de que o trabalho preservava sua herança judaica, embora fizessem isso em nome de uma organização que mais do que qualquer outra era responsável pelo extermínio do povo judeu. O trabalho era uma arte de equilíbrio entre satisfazer seus “senhores” e fazer algo que tivesse significado real. Também tinham uma dolorosa consciência de que o fim do trabalho provavelmente seria sinônimo de suas mortes. Assim, eles intencionalmente reduziram sua produtividade.

Embora o Talmudkommando gozasse de certos privilégios no campo, havia uma ameaça constante de deportação. Em geral a Unidade estava livre de deportações, mas a ss propositalmente usava as ameaças para criar um sentimento de insegurança.

Em 1944 um dos mais destacados *experts* do grupo, Moses Woskin-Nahartabi, foi deportado para Auschwitz junto com toda a sua família.

Para outros, a exceção podia ser ao mesmo tempo uma fuga e uma maldição. Otto Muneles, chefe do Talmudkommando, teve de testemunhar a deportação de toda a sua família. Assim que soube do destino deles, Muneles se voluntariou para ir junto, mas sua oferta foi rejeitada. Ele continuou colocando seu nome na lista a cada vez que se anunciava uma nova deportação, mas seu pedido foi negado todas as vezes.^[8]

O trabalho do Talmudkommando prosseguiria até os guardas da ss abandonarem o campo no início de abril de 1945, poucos

dias antes da capitulação da Alemanha nazista. A essa altura o grupo havia catalogado perto de trinta mil livros, em cujas lombadas foram cuidadosamente coladas etiquetas amarelas com números de série escritos à mão. O campo foi abandonado tão apressadamente que a ss sequer levou os livros já catalogados e colocados em mais de 250 caixas.

Perto da meia-noite de 31 de maio de 1942, a maior esquadrilha de bombardeiros hostis que a Alemanha já havia visto entrou no espaço aéreo do país. O ataque era parte de uma nova estratégia em que os bombardeios não seriam direcionados apenas à indústria bélica alemã, mas também àqueles que trabalhavam nela – em outras palavras, à mão de obra civil. A intenção era bombardear os alemães em suas próprias casas e acabar com sua vontade de continuar com a guerra. Em noventa minutos cerca de mil e quinhentas toneladas de bombas foram lançadas sobre a Colônia medieval. Dois mil e quinhentos incêndios devastaram a cidade, deixando cinquenta mil desabrigados. A operação estabeleceu um modelo para ataques que ocorreriam nos anos seguintes, com bombardeios cada vez mais devastadores a cidades alemãs. Encorajados por seu sucesso, os Aliados ocidentais começaram a concentrar sua atenção em Berlim, coração político e administrativo do Terceiro Reich.

Os milhões de livros saqueados que haviam sido recolhidos em depósitos por toda a cidade estavam fadados a se transformar em um inferno. Estima-se que a seção judaica da biblioteca da RSHA destinada a inimigos de Estado tivesse, em 1943, entre 200 mil e 300 mil volumes, incluindo livros judaicos

tirados de escolas, sinagogas e seminários de toda a Europa, assim como extraordinários acervos privados como os de Isaac Leo Seeligmann, do pianista Arthur Rubinstein e do escritor judeu francês André Maurois.^[9]

A quantidade de livros que chegavam era tão grande que a ss só tinha tempo de catalogar uma fração da literatura judaica confiscada. Não havia estantes suficientes para acomodar o acervo, que na maior parte ficava empilhado em salas da loja maçônica da Eisenacher Straße em Berlim, ocupada pelos nazistas.

Em 1943, tanto a RSHA quanto a ERR começaram a tirar seus acervos de Berlim. Além de esvaziar os depósitos e despachar seu conteúdo, todo tipo de operação de pilhagem que envolvesse triagem, catalogação e pesquisa também foi transferida. Em agosto de 1943, a Seção VII, o departamento da RSHA dedicado a pesquisa ideológica, levou a maior parte de seus livros para diversos castelos que a ss tinha à disposição, principalmente na Silésia, perto das fronteiras entre Alemanha, Polônia e Tchecoslováquia. Parte não catalogada do acervo no departamento judaico da Seção VII foi enviada a Theresienstadt, enquanto o restante foi despachado para um castelo perto de Reichenberg, na Baviera. Partes da seção da RSHA dedicada à literatura maçônica, incluindo a biblioteca sobre ocultismo da organização, foram transferidas para o castelo preferido de Heinrich Himmler, Sclawa (hoje conhecido como Sława), enquanto o material de arquivo foi levado para Wölfelsdorf (hoje conhecido como Wilkanów), onde ocupou todo o castelo e uma

cervejaria.^[10] Um dos acervos levados para a Silésia era o chamado Schwedenkiste, o arquivo dos Illuminati. O novo quartel-general foi transferido para Schloss Niemes, quinze quilômetros a leste de Česká Lípa. Ao todo, os acervos roubados foram abrigados em cerca de dez castelos e fortalezas da Europa Central.

O Talmudkommando não foi a primeira experiência da RSHA com o uso de trabalho intelectual escravo. Quando as bibliotecas começaram a ser retiradas de Berlim em 1943, já havia um grupo de judeus trabalhando na Seção VII, que passou vários anos catalogando acervos. Já em 1941 a SS havia raptado oito intelectuais judeus que foram obrigados a trabalhar no depósito da Seção VII na Eisenacher Straße, entre os quais estava Ernst Grumach, professor de filologia na universidade em Königsberg.

Na primavera de 1943 outro grupo de trabalho foi criado, composto de dezenove acadêmicos judeus. Embora estivessem na região central de Berlim, suas condições de trabalho não eram muito melhores do que as de um campo de concentração. Os trabalhadores judeus eram monitorados de perto pela SD, que os mantinha trancados em salas especiais por até dezesseis horas por dia. Proibidos de falar com outros alemães, eles tinham inclusive que usar um “banheiro de judeus”. Ameaças de morte e abusos físicos eram rotina diária, e “nenhum dos judeus que cumpriam trabalhos forçados sabia ao entrar no prédio, circundado por uma cerca alta, se sairia de lá vivo”, segundo Grumach.^[11]

De início, o grupo de Ernst Grumach se ocupava da

catalogação e triagem de livros que chegavam à Eisenacher Straße de todos os territórios europeus ocupados. Mas quando começaram as evacuações, o trabalho passou a ser encaixotar e carregar livros, preparando-os para o transporte – um trabalho pesado para o qual muitos dos estudiosos mais velhos não estavam preparados.

Em novembro de 1943, a RAF começou a fazer ataques aéreos contra Berlim. O mais devastador ocorreu na noite de 23 de novembro, quando Tiergarten, Charlottenburg, Schöneberg e Spandau foram bombardeadas. As tempestades de fogo que se seguiram deixaram 175 mil desabrigados. Naquela noite, a igreja Memorial Kaiser Guilherme, em Kurfürstendamm, foi atingida, e hoje seu campanário quebrado é um dos mais famosos monumentos em Berlim.

O depósito da RSHA na Eisenacher Straße, a pouco menos de um quilômetro dali, também foi atingido pelas bombas, e muitos livros que não haviam sido removidos pegaram fogo. Segundo Grumach, a maior parte dos acervos judaicos do prédio foi destruída, incluindo as bibliotecas das congregações judaicas de Viena e Varsóvia. O outro depósito de livros da RSHA, uma loja maçônica na Emser Straße, foi atingido por bombas.

Coube aos trabalhadores escravos judeus salvar o que havia restado. De acordo com Grumach, isso aconteceu enquanto os prédios ainda estavam pegando fogo, e os judeus foram “mandados para salas em chamas e obrigados a carregar móveis pesados por espaços onde os tetos estavam cedendo e podendo despencar a qualquer momento”.^[12]

Apesar dos incêndios, ainda havia grandes quantidades de livros em vários depósitos, *bunkers* e subsolos de Berlim. O encaixotamento e a remoção dos exemplares prosseguiriam “até os russos estarem se aproximando de Berlim”.[13] A essa altura os acervos mais importantes já tinham sido evacuados, mas ainda havia mais de meio milhão de livros nos depósitos da RSHA quando a guerra acabou, muitos dos quais foram recolhidos pela Bergungsstelle für wissenschaftliche Bibliotheken e distribuídos entre as bibliotecas berlinenses. Alguns acabaram na Zentral- und Landesbibliothek, onde setenta anos mais tarde Sebastian Finsterwalder e Detlef Bockenmann os tirariam da obscuridade.

No verão de 1943, Alfred Roosenberg também começou a esvaziar seus depósitos tanto em Berlim quanto em Frankfurt. O quartel-general da Amt Roosenberg ficava a oeste da Potsdamer Platz, em Berlim. A organização de Roosenberg havia crescido e se bifurcado como um tronco de árvore; cada galho tinha criado novas ramificações, na forma de novos projetos, operações e organizações. Em 1943, milhões de livros roubados haviam sido recolhidos para os vários projetos de biblioteca de Roosenberg, sendo os mais ambiciosos a biblioteca judaica do instituto de Frankfurt, a Zentralbibliothek der Hohen Schule e a Ostbücherei, a biblioteca especializada em questões orientais.

O instituto de Frankfurt havia criado “a melhor biblioteca judaica do continente”, segundo a historiadora Patricia Kennedy Grimsted.[14] Em 1941, primeiro ano de atividades do instituto, chegaram 2.136 caixas de livros pilhados. Como nos demais projetos de biblioteca, havia uma constante discrepância entre a

quantidade de livros que chegava e a capacidade dos funcionários de processá-los. O butim era tão grande que provavelmente os bibliotecários e arquivistas nazistas levariam décadas para catalogar tudo. Das 2.136 caixas, o instituto só teve tempo para abrir 700 e para catalogar aproximadamente 25 mil livros. Apenas cerca de um décimo do acervo chegou a ser catalogado.

Na primavera de 1943 o instituto contava com um acervo de mais de meio milhão de livros – e a participação de Johannes Pohl nisso não era desprezível.^[15] Em sua vida prévia como padre católico, Pohl havia visitado várias das mais importantes bibliotecas judaicas da Europa e garantido sua posse. Em Amsterdã, as bibliotecas judaicas Ets Haim e Rosenthaliana foram capturadas. Em Paris, ele supervisionou a tomada da biblioteca da Alliance Israélite Universelle, e em Roma a ERR confiscou a Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano. Mais de dez mil livros foram saqueados da comunidade judia de Tessalônica. Em sua visita a Tessalônica no início de 1943, Pohl voltou a Frankfurt trazendo pessoalmente parte dos arquivos da congregação.

E da União Soviética e da Europa Oriental chegavam trens e mais trens com arquivos e bibliotecas judaicos roubados, em muitos casos de comunidades que em 1943 já haviam sido extintas. Chegaram livros de Kiev, Minsk, Riga e centenas de comunidades menores pelo caminho. Sobretudo, chegaram livros de Vilnius.

Na segunda metade de 1943, teve início a evacuação de Frankfurt. Em função de sua localização mais a oeste e de suas

importantes fábricas de armamentos, a cidade era especialmente visada pelos bombardeios dos Aliados. Cerca de vinte bombardeios durante a guerra reduziram o famoso centro medieval de Frankfurt, o maior da Alemanha, a pedras e restos de madeira. Não havia grandes distâncias envolvidas; o instituto foi estabelecido em Hungen, uma cidade pouco mais de quarenta quilômetros a norte de Frankfurt, onde os acervos foram mantidos em oito depósitos diferentes. Durante os dois últimos anos de existência do instituto, os acervos cresceram ainda mais à medida que bibliotecas tanto a leste quanto a oeste foram sendo transferidas em função da retirada alemã. Em 1945, calcula-se que houvesse mais ou menos um milhão de livros em Hungen, além do grande número de materiais de arquivo e de artefatos religiosos judaicos.^[16]

As bibliotecas e os arquivos saqueados pela ERR haviam sido divididos entre o instituto em Frankfurt, que recebia muitos dos acervos judaicos mais importantes, e os vários departamentos em Berlim. A ERR havia criado um local chamado Buchleitstelle, em Berlim, uma espécie de centro de triagem que checava os inventários e decidia para onde cada acervo deveria ser despachado. Uma consequência trágica desse trabalho foi que muitas coleções acabaram se fragmentando. Do ponto de vista da ERR, não havia valor inerente em manter na íntegra em um mesmo lugar um acervo roubado. Afinal, a intenção era criar acervos totalmente novos. Os mais afetados foram os mais especializados, em que um tema “judaico” podia ser separado para o instituto de Frankfurt enquanto outra parte era

despachada para a Ostbücherei ou para a Zentralbibliothek der Hohen Schule (ZBHS).^[17] A ERR compartilhava voluntariamente ou era forçada a compartilhar com outras organizações, institutos, universidades e bibliotecas o que tinha em termos de livros e material de arquivo. No entanto, os materiais também eram divididos entre projetos diferentes dentro da Amt Roosenberg. O resultado dessa fragmentação foi que muitos acervos, por exemplo os de Vilnius e Tessalônica, acabaram em vários lugares. Essa fragmentação era por si só uma espécie de destruição, um destino que levou muitas bibliotecas a jamais voltarem a ser reagrupadas.

Depois do instituto em Frankfurt, a ZBHS era o destino mais importante dos livros. A biblioteca foi uma das primeiras coleções que Roosenberg evacuou de Berlim, já a partir de outubro de 1942. De início a biblioteca foi transferida para o Grand Hotel Annenheim, perto do lago Ossiach, no sul da Áustria; mas pouco depois houve uma segunda transferência para o grande castelo do Renascimento em Tanzenberg, perto da cidade de Sankt Veit an der Glan.

Por ser a joia da coroa dos projetos de biblioteca de Roosenberg, a ZBHS seria premiada com alguns dos melhores acervos. Mas a base da biblioteca foram alguns acervos obtidos de acadêmicos alemães, entre os quais o orientalista e racista Hugo Grothe, que no início do século xx defendeu o genocídio como modo de os alemães ganharem *lebensraum* nas colônias. Também havia uma biblioteca pertencente ao historiador da Igreja Ulrich Stutz e ao pesquisador de Napoleão Friedrich Max

Kircheisen. Alfred Roosenberg havia acrescentado sua biblioteca pessoal ao acervo. No entanto, esses acervos seriam apenas uma fração do que a ZBHS acumularia durante a guerra. Ao todo, entre 500 mil e 700 mil livros foram levados à Zentralbibliothek der Hohen Schule em Tanzenberg.^[18]

O acervo podia ser visto como um corte transversal da pilhagem da ERR durante a guerra. Havia livros de quase todos os países em que a ERR operou: França, Holanda, União Soviética, mas também Bélgica, Grécia, Itália, Polônia e Iugoslávia. Havia inclusive livros tirados das Ilhas do Canal, território britânico invadido pela Alemanha em 1940.^[19]

O instituto em Frankfurt não ficou com toda a literatura judaica; boa parte também foi para a ZBHS, incluindo vários acervos privados valiosos, como bibliotecas de membros da família Rothschild na França. A ZBHS recebeu novecentas caixas de material do IISG em Amsterdã, incluindo a maior parte do acervo de jornais e periódicos do instituto.^[20] Além disso, a biblioteca incorporou coleções e arquivos valiosos da União Soviética, por exemplo, 35 mil livros roubados de bibliotecas de palácios imperiais na região de Leningrado. Até impressões raras e muito antigas roubadas em Novgorod e Kiev foram mandadas para Tanzenberg, como livros do Kiev Pechersk Lavra, mais conhecido como Mosteiro de Kiev-Petchersk, fundado no século xi.

O maior depósito da ERR não ficaria nem na Áustria nem em Hungen. Seria na pequena cidade de Ratibor, hoje conhecida como Racibórz, no sudoeste da Polônia. Ratibor era o principal

mercado da Alta Silésia e tinha tradições que remontavam à Idade Média. Como tantos lugares dessas fronteiras, a região tinha população mista de tchecos, poloneses e alemães. Um motivo importante para a escolha parece ter sido a posição estratégica da cidade entre Berlim, Cracóvia e Viena. A possibilidade de transporte fluvial foi igualmente importante – o Oder passava pela cidade a caminho do Báltico. Funcionários da ERR chegaram a Ratibor em maio de 1943 para fazer preparativos, e poucos meses depois uma entrega inicial de dez vagões de livros e arquivos chegou de Berlim.^[21] Muitos mais chegariam por via fluvial, com mais de seis mil caixas de material transportadas por balsas pelo Oder.

O novo escritório central da organização foi estabelecido em um monastério franciscano perto do rio, enquanto a Ostbücherei foi instalada no que antes era uma casa de banhos. Um banco, a biblioteca local, uma sinagoga e vários depósitos também foram ocupados. Os departamentos da ERR destinados a imprensa, música, cultura popular e ciências também foram no mesmo caminho e se transferiram para Ratibor. A falta de espaço disponível logo obrigou a ERR a sair da cidade e a procurar novas instalações no campo; dentre outros lugares uma fábrica de cigarros foi requisitada, assim como vários castelos da região. Trens lotados de mobília roubada de apartamentos de judeus na M-Aktion abasteceram os departamentos com aquilo que eles pediam. A dispersão das atividades foi uma tentativa de manter a operação dentro do maior limite de discrição possível. Por exemplo, os donos dos castelos tiveram permissão para

permanecer como residentes para manter uma aparência de normalidade.

A operação de triagem, Buchleitstelle, também foi transferida para Ratibor, e isso parece sugerir que todos os arquivos e bibliotecas roubados foram levados a Ratibor para triagem. O desembarque dos Aliados na Normandia e os avanços do Exército Vermelho no front oriental significavam que grandes quantidades de livros chegaram nos anos finais da guerra. Vários acervos passaram pelo crivo da Buchleitstelle no verão de 1944, incluindo muitos que haviam pertencido a judeus franceses renomados, como o diretor da Biblioteca Nacional da França, Julien Cain, e o secretário-geral do PEN francês, Benjamin Crémieux – ambos deportados para Buchenwald.^[22] Além disso, os arquivos do político judeu francês Léon Blum e os do escritor André Gide acabaram em Ratibor.

Parte significativa das atividades em Ratibor tinha seu centro na Ostbücherei, que cresceu de maneira impressionante, em consequência da pilhagem na União Soviética. Os acervos da Ostbücherei eram armazenados na sinagoga e em mais meia dúzia de prédios. A grande Biblioteca Lênin, que chegou de Minsk em dezessete vagões, foi transferida para a fábrica de cigarros perto de Ratibor. Centenas de milhares de outros livros e periódicos foram armazenadas num castelo medieval, o Schloss Pless, perto de Ratibor. As bibliotecas Turguêniev e Petliura, junto com algumas outras bibliotecas de exilados saqueadas pela ERR no front ocidental, encheram várias salas da sinagoga. Os planos para uma biblioteca equivalente em terras orientais, que seria conhecida como Westbücherei, nunca

chegaram a se materializar.^[23] Livros continuaram chegando a Ratibor até os momentos finais da guerra. Nem mesmo os alemães pareciam saber quantos livros a Ostbücherei havia acumulado em Ratibor. De acordo com algumas estimativas, podem ter sido pelo menos dois milhões de volumes, e provavelmente o número foi ainda maior.

CAPÍTULO 13

“Estudos judaicos sem judeus”

Ratibor–Frankfurt

Quando o Instituto para Pesquisa da Questão Judaica abriu em Frankfurt em 1941, a sensação era de que isso ocorria não só numa cidade simbólica como também em um prédio singular. O instituto se transferiu para um dos palácios da família Rothschild, no número 68 da Bockenheimer Landstraße.^[1] O mais importante instituto antissemita da Europa abrir em Frankfurt e não em qualquer outro lugar, segundo Alfred Roosenberg, era um fim simbólico do domínio dos Rothschild sobre a cidade.^[2]

Foi em Frankfurt que Mayer Amschel Rothschild, ancestral da família, estabeleceu as fundações da dinastia de banqueiros no fim do século XVIII. Dali, ele enviou os filhos para vários lugares da Europa para estabelecer uma nova e poderosa dinastia com uma rede de laços familiares.^[3] Do ponto de vista dos nazistas, Frankfurt era o berço de um mal de proporções globais – e na opinião deles nenhuma outra família jamais havia personificado

tanto a avareza destrutiva das finanças judaicas quanto os Rothschild. Ao colocar o Instituto para Pesquisa da Questão Judaica no coração desse “mal”, havia o desejo de separar, simbólica e literalmente, a conspiração mundial judaica de suas raízes mais importantes.

O prefeito nazista da cidade, Friedrich Krebs, usou a Rothschildsche Bibliothek como isca para levar Roosenberg a Frankfurt. Em uma carta, Krebs escreveu: “O acervo foi construído numa época em que a vida política e cultural de Frankfurt estava sob influência judaica, mas hoje essa biblioteca oferece uma oportunidade única para pesquisar o judaísmo e a questão judaica”.[4] Essa foi a única biblioteca judaica que os nazistas não precisaram roubar. Em vez disso, o instituto de Frankfurt abrigou lá seu próprio acervo até o início das evacuações em 1943. De modo muito semelhante ao das ações da Seção VII da RSHA e de outros departamentos da Amt Roosenberg, o instituto de Frankfurt dedicou consideravelmente mais tempo e esforço durante a guerra ao transporte, armazenamento, triagem e catalogação dos livros do que a qualquer atividade efetiva de pesquisa. Trabalhos continuados de pesquisa eram vistos como algo que aconteceria após a guerra, quando o rico material roubado dos inimigos ideológicos do regime poderia ser estudado e avaliado de maneira adequada.[5]

Como a escola perto de Chiemsee, os vários institutos de pesquisa que estavam sendo planejados para atuar sob o guarda-chuva da Hohe Schule seriam abertos no futuro, depois de a Alemanha assegurar sua vitória. No entanto, vários desses institutos estavam em fase preparatória durante a guerra,

acumulando livros, arquivos e outros materiais saqueados, embora ainda não estivessem oficialmente abertos.

A tarefa mais importante durante a guerra era a pilhagem, que abastecia os institutos com vastos materiais para futuras pesquisas. Os materiais eram distribuídos, entre outros, para o Instituto de Biologia e Estudos Raciais em Stuttgart, o Instituto de História Intelectual Indo-europeia em Munique e o Instituto de Pesquisas Coloniais em Hamburgo. Um novo instituto estava sendo planejado em 1944 como consequência do enorme saque de livros e arquivos pertencentes ao Partido Comunista na União Soviética: o Institut zur Erforschung des Bolsjewismus [Instituto para Pesquisas sobre o Bolchevismo].^[6]

Mas, no fim, o Instituto para Pesquisa da Questão Judaica foi o único da Hohe Schule a estar totalmente pronto e em atividade durante a guerra. Pesquisas sobre povos germânicos, celtas e religião podiam esperar o fim da guerra, mas a “questão judaica” era importante demais para ser postergada. Em um sentido mais amplo não foi coincidência o instituto ter sido inaugurado na mesma época em que os planos de Hitler para o Holocausto eram colocados em ação.

Embora a coleta de materiais tenha tido prioridade, havia pesquisas em andamento. Depois da evacuação de 1943, a divisão de pesquisa do instituto se transferiu para um castelo medieval em Hungen, que parecia uma espécie de amálgama entre um chalé de caça e um castelo de conto de fadas, com seus detalhes em tijolos e suas torres sinuosas. A organização permitiu que os donos do castelo, a família Solms-Braunfel, permanecessem, para ajudar a encobrir a operação. Durante a guerra, o instituto

acompanhou de perto o desenrolar dos fatos políticos relativos aos judeus e à legislação antissemita nos territórios ocupados, e recebia regularmente relatórios sigilosos do Ministério das Relações Exteriores e dos consulados.^[7] Enquanto isso, os “*experts* em judaísmo” do instituto contribuíam com seu conhecimento sobre as várias culturas judaicas com as quais os alemães estavam entrando em contato.

Desde o começo, o instituto de Frankfurt também se ocupou da produção de estudos, artigos e livros baseados no rico material saqueado em todo o continente. Ao montar o maior acervo judaico da Europa e provavelmente do mundo, os pesquisadores do instituto tinham o poder de moldar o futuro dos estudos judaicos. A perspectiva desses estudos ficou muito clara em um artigo sobre o instituto no jornal do partido, o *Völkischer Beobachter*, em 1942: “Pela primeira vez na história: estudos judaicos sem judeus”.

O canal mais importante para publicação dessas pesquisas era o periódico do próprio instituto, *Der Weltkampf* [A batalha pelo mundo], que se descrevia como um “periódico mensal sobre política mundial, cultura popular e a ‘questão judaica’ em todos os países”. A primeira edição teve seis mil cópias. A maior parte dos assinantes era de professores e pesquisadores.^[8] O periódico também teria edições temáticas. O número 2/1943 se concentrou na “questão judaica” na França, com contribuições de correspondentes antissemitas franceses. A edição também foi publicada em francês. A edição especial foi consequência do rico butim recebido da França.

Entre outros textos, a edição trazia uma “análise” de uma

carta enviada por Heinrich Heine, o poeta judeu alemão do século XIX, para o barão James de Rothschild em Paris, pedindo dinheiro. Outro artigo analisa cartas em que Albert Einstein fazia críticas à Universidade Hebraica em Jerusalém, fundada em 1925. Einstein estava no conselho da universidade. Os dois artigos faziam menção a materiais que a ERR havia descoberto em Paris.^[9] Embora dificilmente se pudesse dizer que os documentos revelassem uma efetiva conspiração, eles foram usados de modo sugestivo para revelar as redes econômicas, políticas e sociais mantidas pelos judeus. Nunca foi apresentado qualquer indício de conspiração, nem era necessário. Tratava-se de pesquisa feita por crentes, para deleite de outros crentes. Cada pequena conexão era vista como uma peça de uma conspiração global. A pesquisa era caracterizada pelo mesmo tipo de abordagem filosófica que Goebbels deu a *Os protocolos dos Sábios de Sião* – ou seja, de que era a verdade inata, e não a factual, que contava.

Também no periódico do instituto havia artigos baseados em materiais recém-descobertos e em “visitas de estudo” que os pesquisadores haviam feito. Johannes Pohl, chefe do acervo hebraico, escreveu sobre seus achados em Vilnius em “Literatura iídiche na União Soviética”. Pohl também publicaria estudos menores sobre cultura judaica na Grécia e na Ucrânia. Outros pesquisadores do instituto se dedicaram a temas como a conspiração judaico-bolchevique ou aos rituais assassinos dos judeus.

Além do *Der Wettkampf*, o instituto editava livros, textos e antologias. Ênfase particular era dada a manuais, como no caso

do *Lexikon der Juden in der Musik*. Um *Lexikon der Juden auf dem Theater* também estava nos planos, e o autor seria a especialista em literatura Elisabeth Frenzel, que em 1943 havia publicado *Der Jude em Theater*. Frenzel era altamente influenciada pelo astro da pesquisa racial alemã, o “Papa racial” Hans F. K. Günther – o livro dela sobre teatro judaico foi descrito pelo *expert* em literatura alemã Jochen Hörisch como uma das “piores publicações antissemitas” do Terceiro Reich. O objetivo dos manuais era identificar influências “judaicas” no teatro e na música, para separar isso da cultura alemã. Os manuais se dirigiam a profissionais dessas áreas – como diretores de teatro e professores de música – para evitar que eles acidentalmente executassem uma composição ou encenassem uma peça de natureza “judaica”.

Também estavam sendo planejados trabalhos ambiciosos sobre a história dos guetos e do antissemitismo. Para o primeiro, o instituto pediu a administradores locais da Europa Oriental que contribuíssem com mapas de vários guetos. Também é provável que um ramo relativamente desconhecido do instituto de Frankfurt aberto em Lodz no fim de 1942, com o nome de Institut zur Erforschung der Ostjudenfrage, estivesse participando do projeto. Esse instituto, chefiado por um professor de teologia chamado Adolf Frank, era um departamento especial cuja função era “conduzir pesquisas” sobre o gueto de Lodz enquanto ele ainda existia. O instituto, que tinha três funcionários, também coletou materiais para exposições antissemitas. Por exemplo, colocou anúncios classificados nos jornais locais oferecendo pagamento por

“judenkündlichem Material [materiais judaicos]”.^[10]

Embora nunca tenha acontecido uma exposição em Frankfurt, em Ratibor a operação foi mais bem sucedida. Em 1943, os departamentos de pesquisa e propaganda da Amt Rosenberg em Berlim tinham sido evacuados junto com os acervos. Até mesmo as filiais da ERR na União Soviética foram forçadas a bater em retirada junto com o exército alemão. Não só livros e arquivos, como também estudiosos e especialistas foram evacuados – incluindo dez professores ucranianos que, com suas famílias, foram transferidos de Kiev para Ratibor.^[11]

A atividade de pesquisa em Ratibor se concentrava nos países a leste e tinha relação direta com as grandes quantidades de materiais recolhidas para a Ostbücherei. Foram feitos estudos sobre temas como o sistema soviético, ou havia peças polêmicas de propaganda antibolchevique com títulos como “A batalha contra o bolchevismo” e “A verdadeira face do bolchevismo”. Acima de tudo, a pesquisa pretendia demonstrar os verdadeiros propósitos do bolchevismo e provar que havia uma conspiração judaica oculta por trás dessa ideologia. Os trabalhos de pesquisa eram chefiados pelo bibliotecário e historiador Gerd Wunder, que antes tinha estado em Paris e em Riga, onde fora responsável pelo confisco de bibliotecas. O departamento de pesquisa de Wunder, conhecido como Hauptabteilung IV, se estabeleceu na Schloss Pless, perto de Ratibor, para onde a maior parte dos acervos da Ostbücherei também foi levada.^[12] Wunder também escrevia “arquivos pessoais” com base em material de arquivo confiscado que dizia respeito a judeus importantes, como membros da família Rothschild, Walter

Rathenau e Albert Einstein. A produção dele incluiu uma árvore genealógica dos Rothschild com suas “conexões”.

O projeto mais impressionante nascido da unidade de pesquisa de Wunder foi uma grande exposição secreta montada por oficiais nazistas em maio de 1944, cobrindo todo o escopo de materiais confiscados pela ERR durante a guerra. Era também uma combinação do trabalho da ERR com o do Hauptabteilung IV. A exposição tinha várias seções que exibiam materiais da França, da Holanda e da União Soviética, sendo que os soviéticos dominavam a maior parte. Também havia painéis especiais dedicados aos judeus de Tessalônica, à família Rothschild e aos maçons. Parte dos materiais da exposição, como cartazes, fotografias e ilustrações, sobreviveu. Eles representam as ideias e as concepções cultivadas na organização e foram um verdadeiro reflexo da visão de mundo de seu líder. As fotos mostram uma exposição relativamente tradicional, com cartazes e mesas trazendo materiais selecionados dos arquivos e bibliotecas.^[13]

Alguns dos itens da seção sobre maçonaria são relacionados a Franklin D. Roosevelt e a Winston Churchill – ambos maçons desde princípios do século xx. Entre os itens exibidos estavam uma versão impressa de um discurso que Roosevelt fez em uma convenção maçônica e uma carta sobre a maçonaria enviada por Churchill ao político judeu francês Léon Blum – que a essa altura estava preso em Buchenwald.

O item mais revelador da parte que sobreviveu da exposição é uma ilustração de uma teia de aranha, uma tentativa de tornar

visível a conspiração mundial, na qual a estrela de davi – o símbolo da maçonaria – e a foice e o martelo são equiparados a pessoas como Walther Rathenau, Cecil Rhodes, Kurt Eisner, Leon Trótski, Vladimir Lênin e a família Rothschild. Esses eram os demônios de Roosenberg, ligados em uma rede que englobava todo o mundo em sua conspiração maligna.^[14] Como vimos, eles eram uma representação pictórica da teoria da conspiração que Alfred Roosenberg vinha construindo havia quase trinta anos. Era uma conspiração holística; tudo estava conectado. Inimigos como socialistas, bolcheviques, maçons, católicos e capitalistas – junto com políticos britânicos, americanos e franceses – foram todos capturados por uma única e abrangente rede que havia sido tecida pelos judeus.

Para os antissemitas, a teia de aranha era uma das metáforas mais poderosas. Os judeus sempre foram comparados a uma aranha, um parasita que suga o sangue de povos, culturas e nações. A metáfora da aranha funcionava em vários níveis diferentes; era um símbolo da extorsão financeira dos judeus, da miscigenação racial e da mácula que recaía sobre o sangue ariano, e do antigo libelo de sangue – o sacrifício ritual de crianças.

Outro cartaz mapeava a genealogia da família Rothschild voltando até James Mayer de Rothschild.^[15] O “domínio econômico mundial” dos Rothschild, que remontava ao século XVIII, era o centro dessa conspiração judaica no Ocidente, permitindo que eles tivessem controle da economia global, ao passo que no Oriente era o bolchevismo que se situava no centro da trama. O Terceiro Reich, espremido entre esses dois inimigos

poderosos, lutava incansavelmente pela liberdade dos alemães e da raça germânica.

De acordo com a visão de mundo dos nacional-socialistas, não foi o regime nazista que deu início à ofensiva na guerra; o governo de Hitler simplesmente havia se defendido, por um lado, das “finanças judaicas” no Ocidente e, por outro lado, do “bolchevismo judaico” no Oriente. Antes da guerra, em janeiro de 1939, Adolf Hitler já havia dito em um discurso ao Reichstag: “O judaísmo das finanças internacionais na Europa e além deve mais uma vez ser bem-sucedido em fazer com que os povos mergulhem na guerra, e o resultado não será a bolchevização da Terra, que seria uma vitória dos judeus, mas sim a aniquilação da raça judaica na Europa”.[16]

Nessa época, quando Hitler falava em “extirpar” não se tratava do que ocorreria mais tarde em Auschwitz – essa “solução” para a “questão judaica” só surgiria mais tarde. No começo, a “questão judaica” não tinha a ver com genocídio, mas sim com a exclusão dos judeus de todas as áreas da sociedade e da cultura alemãs – e mais tarde de toda a Europa. Na década de 1930 a solução era a segregação legal, social, cultural e econômica, com o objetivo de forçar os judeus a migrarem. Foram feitos planos para transferir a população judaica europeia para uma “reserva”. A Ásia Central, a Palestina e Madagascar estiveram entre as opções pensadas. O Holocausto – assassinato em massa – foi uma solução que surgiu em meados de 1941.

A pesquisa feita sob a liderança de Alfred Rosenberg seguia estritamente esse tipo de linha – na luta contra o judaísmo os pesquisadores eram vistos como guerreiros “intelectuais”

recolhendo munição nas bibliotecas e arquivos roubados –, destruindo, desse modo, a conspiração judaica por dentro. Ao roubar e confiscar o legado histórico, literário e cultural do povo judeu em toda a Europa, Roosenberg e, em última instância, o Instituto para Pesquisa da Questão Judaica criavam as bases sobre as quais, no futuro, seria possível defender e justificar a extinção do povo judeu. Os estudos que chegaram a ser concluídos eram mera pseudociência projetada para costurar uma teia de mitos, equívocos e invenções históricas em que a ideologia nacional-socialista se apoiava para ganhar ares de respeitável disciplina científica.

Eram “pesquisas” com uma meta claramente articulada. Em seu discurso inaugural, quando o instituto foi aberto em 1941, seu diretor Wilhelm Grau descreveu sua visão de uma Europa livre de judeus.^[17] No ano seguinte foi publicada uma nova edição de uma obra de 1937 de Grau, *Die Judenfrage in der deutschen Geschichte* [A questão judaica na história alemã]. Assim como Adolf Hitler, ele culpava os judeus pela guerra. De acordo com Grau, era uma guerra que só podia acabar quando a “questão judaica” estivesse a ponto de ser solucionada.

O momento em que a justificativa “intelectual” para o Holocausto ficou mais clara foi quando o Ministério da Propaganda encomendou em 1944 ao sucessor de Grau, dr. Klaus Schikert, uma continuação de seu livro e tese de doutoramento de 1937 sobre a questão judia na Hungria, *Die Judenfrage in Ungarn. Jüdische Assimilation und antisemitische Bewegung im 19. und 20. Jahrhundert* [A questão judaica na Hungria. Assimilação judaica e movimentos antissemitas nos séculos XIX e XX].

Schikert trabalhou no segundo livro enquanto os judeus húngaros eram deportados para Auschwitz.^[18] Schikert já havia ajudado a criar um instituto antissemita em Budapeste que, depois da ocupação da Hungria pela Alemanha em março de 1944, se transformou em uma instituição estatal. Os membros do instituto ganharam cargos importantes no novo regime, com autoridade para implementar rapidamente políticas antijudaicas.

A ambição de Roosenberg era apresentar a “verdadeira história” dos judeus na Alemanha e na Europa. Mas para entender por que “o judeu” era o maior dos inimigos, é preciso levar em consideração que para os ideólogos da Alemanha nazista a história dos judeus era também a história dos alemães. “É impossível exagerar na ênfase de que a história moderna contemporânea da Alemanha e da Europa deve ser escrita levando em conta a ‘questão judaica’”, escreveu Wilhelm Grau, que dizia que o problema dos judeus remontava à Idade Média.^[19] Só era possível compreender a história alemã com base nessa batalha de dois mil anos entre judeus e alemães. Ao “estudar a luta difícil e que enfim terminará com a vitória de nossa nação alemã contra o elemento judeu racialmente estranho, podemos chegar a compreender melhor o caráter alemão. E por meio disso não apenas ampliaremos nosso conhecimento como também reforçaremos nosso compromisso com a vida nacional”, escreveu Volkmar Eichstät, bibliotecário no Instituto Nacional para a História da Nova Alemanha do historiador nazista Walter Frank.

O Ministério da Propaganda de Goebbels disse isso de modo mais claro em 1944: “A ‘questão judaica’ é a chave da história

mundial”.[20] A força motriz fundamental da história era, como afirmaram Gobineau, Chamberlain e Roosenberg, a luta entre as raças – uma espécie de equivalente ideológico à luta de classes do marxismo. No centro dessa luta estavam arianos e judeus, antagonistas supremos. No mundo nacional-socialista, os judeus eram uma encarnação histórica do mal, a raiz de toda a corrupção, do cruzamento entre as raças, da degeneração, da fragmentação e do sofrimento do povo alemão.

Para que fosse possível o surgimento de uma nova Alemanha, era preciso derrotar esse adversário milenar, não apenas em um sentido físico mas também simbolicamente. “Os nazistas perseguiram os judeus porque eles eram um elemento fundamental que vinha de dentro de sua própria civilização alemã e cristã-europeia”, escreve o historiador Alon Confino. “Os judeus davam o sentido geral da luta dos nazistas entre o bem e o mal: a luta messiânica para criar uma civilização nazista que dependia do extermínio dos judeus. Criação e extermínio estavam ligados de maneira indissociável, cada um dando sentido ao outro.”[21]

Mas não se tratava apenas de uma guerra de extermínio físico, era também uma batalha pela memória e pela história. E aqui o projeto de Alfred Roosenberg tinha um papel fundamental. O saque de bibliotecas e arquivos estava no coração dessa batalha pelo controle da memória. Era isso também que distinguia o roubo de livros de outros tipos de pilhagem, como no caso dos objetos de arte. A arte também era ideológica, mas apenas em um sentido simbólico. Obras de arte eram troféus que traziam glória para a nação e seus líderes. A

arte também refletia e legitimava os ideais nacional-socialistas e o novo ser humano. Mas a verdadeira ideologia se sustentaria em livros e arquivos. O futuro seria construído a partir do controle da memória e da história, com base na palavra escrita.

Os nazistas se esforçaram para exterminar o povo judeu, mas não sua memória. “O judeu” seria preservado como um inimigo histórico e simbólico. Alfred Roosenberg ressaltou já em seu discurso inaugural de que esse era um dos objetivos do instituto de Frankfurt.^[22] No discurso, ele previa que um dia outra geração, mesmo em um futuro nacional-socialista, julgaria a geração dele. Por isso, era preciso preservar a história dos judeus, sua importância e a de seus crimes, e era preciso poder justificar a guerra implacável que o povo alemão havia sido “forçado” a combater. Por isso, as expressões importantes da cultura judaica, as bibliotecas e os arquivos foram roubados, mas não destruídos. Eles eram necessários para que fosse possível escrever a história da batalha milenar e da vitória final. Tendo em vista que essa batalha era o que dava sentido ao próprio movimento, a memória dos judeus precisava ser mantida viva como um mal simbólico muito depois de eles terem desaparecido. Em seu livro *A world without jews*, Alon Confino escreve:

Lembrar os judeus após a guerra vitoriosa teria sido importante exatamente porque o extermínio total do judeu não poderia ter sido obtido apenas por meio da aniquilação física; era necessário também subjugar a memória e a história dos judeus. Uma vitória na guerra teria eliminado o suposto poder do judaísmo mundial sobre a Casa Branca e o Kremlin e acabado com a ameaça racial judaica

na sociedade alemã, mas a luta dos nazistas contra os judeus nunca foi eminentemente uma guerra relacionada a influência política e econômica. Tratava-se de uma guerra que tinha a ver com identidade e que os nazistas combatiam se apropriando da história, da memória e dos livros dos judeus.^[23]

Portanto, era não só significativo como também relevante que a capacidade de lembrar se tornasse em si mesma um ato de resistência. Quando Herman Kruk, bibliotecário do gueto de Vilnius, enterrou seus diários no campo de trabalho forçado na Estônia pouco antes de sua morte em 1944, em certo sentido estava tentando derrotar, por meio da preservação de sua memória, aqueles que praticavam violência contra ele. Apesar da ambivalência que marcou o trabalho feito pela Brigada do Papel em Vilnius e do Talmudkommando em Theresienstadt, os dois grupos viam uma fonte de esperança na ideia de que, em última instância, estavam salvando sua própria história.

Também havia outro aspecto intimamente relacionado nessa luta por memórias, palavras e livros. Afinal, ela estava sendo travada possivelmente entre os dois povos mais literários e intelectualizados do mundo – entre dois dos “povos do livro”. Essa semelhança foi anotada no diário de 1939 de Chaim Kaplan, um professor judeu de Varsóvia:

Estamos lidando com uma nação muito culta, com “um povo do livro”. A Alemanha se transformou num manicômio – cheia de loucos por livros. Diga o que você quiser, eu tenho medo dessa gente! Quando a pilhagem se baseia em uma ideologia, em uma visão de mundo essencialmente espiritual, é impossível igualar sua força e sua durabilidade [...] Os nazistas roubaram não apenas nosso

patrimônio material, mas também nossa reputação como “o povo do livro”. Os nazistas têm tanto o livro quanto a espada, e daí vêm a sua força e o seu poder.
[24]

Talvez seja simbólico que o diário de Chaim Kaplan, que havia sido deixado para trás, tenha se tornado um dos mais importantes registros da vida dos judeus em Varsóvia antes e depois da invasão. Em 1942, quando ele percebeu que estava prestes a ser preso, o diário foi contrabandeado para fora da cidade. Na sua última anotação, lemos: “13 mil pessoas foram capturadas e mandadas embora, dentre elas 5 mil que foram por conta própria. Elas não suportavam mais a vida no gueto, uma vida de fome e medo da morte. Elas escaparam da armadilha. Será que eu seria capaz de fazer o mesmo? Se minha vida acabar – o que será do meu diário?”[25]

Na Seção VII do Gabinete de Segurança do Reich alguns outros projetos de pesquisa continuariam até o fim da guerra. No entanto, a pesquisa feita na RSHA era diferente e, de muitas maneiras, mais fantasiosa. Assim como a versão de Alfred Rosenberg da realidade permeou suas atividades, a pesquisa da RSHA tinha aspectos que claramente eram reflexos dos interesses de Himmler por maçonaria e ocultismo.

Os acervos e os projetos de pesquisa que ficavam na RSHA foram evacuados para vários castelos na Europa Central. Em Schloss Niemes, a Seção VII havia começado a compilar um registro de ciências ocultas – *Geheimwissenschaftlichen*. O resultado foi um catálogo de mais de quatrocentas páginas, com

sete mil livros e dezoito mil periódicos sobre temas como astrologia, espiritualismo, misticismo, profecia, hipnose, alquimia, hedonismo e interpretação dos sonhos. Um dos projetos de pesquisa da RSHA mais curiosos foi batizado como Leo e era chefiado pelo ss-Obersturmbannführer Werner Göttsch, um dos homens de confiança do chefe da RSHA, Ernst Kaltenbrunner. Kaltenbrunner havia substituído Reinhard Heydrich, assassinado na Tchecoslováquia em 1942.

Göttsch havia trabalhado anteriormente no departamento estrangeiro da SD, mas sua carreira desacelerou após uma tuberculose. Ele foi designado para uma missão especial, estudando o acervo de literatura maçônica da Seção VII, com ênfase em ocultismo. Ele tinha a ajuda do ss-Sturmbannführer Hans Richter, o *expert* da RSHA em maçonaria e responsável pela compilação do acervo sobre feitiçaria e magia. Richter esboçou listas de leitura para Göttsch sobre temas como magia, telepatia e espiritualismo e até de livros do acervo pornográfico. Depois da evacuação de Berlim, várias salas do castelo seiscentista de Neufalkenburg (hoje conhecido como Nový Falkenburk) na Tchecoslováquia foram cedidas ao projeto altamente sigiloso de Göttsch, e uma pequena biblioteca sobre ocultismo foi organizada. Richter, responsável por essa parte da operação, solicitou obras importantes, que foram localizadas em outros acervos confiscados e levadas para o castelo. Até relatórios secretos da SD, que nos anos 1930 perseguiu vários grupos antroposóficos na Alemanha, faziam parte da coleção.^[26]

Paul Dittel, último chefe da Seção VII, afirmou em um

interrogatório depois da guerra que o objetivo do Leo era criar “um tipo de ordem maçônica ou seita esotérica” ligada à ss.

Dittel afirmou que Kaltenbrunner estava se esforçando para organizar uma fraternidade nazista cujos membros seriam livres para se dedicar ao que bem quisessem, desde que permanecessem leais ao regime e trabalhassem como “observadores e informantes”.^[27] De acordo com Dittel, a pesquisa de Götttsch tentava criar as bases necessárias para essa organização – provavelmente estudando como os maçons, por meio de ritos e de sigilo, organizaram fraternidades leais. Os líderes da ss deram ao projeto a mais alta prioridade, num momento em que ficava cada vez mais claro que a Alemanha estava prestes a perder a guerra. Isso parece sugerir que a “ordem” poderia ter funcionado como uma espécie de preparativo para atividades subterrâneas em uma Alemanha pós-nazista.

Um projeto consideravelmente mais antigo era o Hexenkartothek, de Heinrich Himmler, que operava desde meados dos anos 1930. A pesquisa sobre bruxaria, realizada sob o nome de Hexen-Sonderauftrag, investigava as bruxas e a caça a elas. Himmler dera ordens para que o tema fosse submetido a uma “investigação científica”. Um dos motivos do interesse do líder da ss pelo tema supostamente era o fato de uma ancestral dele, Margareth Himbler, ter sido queimada na fogueira em 1632, em Bad Mergentheim, após ser condenada por bruxaria.^[28]

Uma dúzia de pesquisadores trabalhou por quase uma década em tempo integral no Hexen-Sonderauftrag, vasculhando 260

bibliotecas e arquivos em busca de materiais sobre bruxas, atas de julgamentos, descrições de testemunhas e confissões. O material foi compilado em um índice catalográfico, o Hexenkartothek, em que cada “bruxa” tinha sua própria seção, com sua história, seus laços familiares e seu destino. O projeto assumiu a forma de documentação de vítimas, precisamente o que era.

Himmler via os julgamentos das bruxas como expressão da batalha milenar entre as culturas do norte e do sul da Europa. Essa perseguição, segundo Himmler, foi um modo de a Igreja Católica combater as crenças espirituais originais dos povos do norte – um ataque que visava à destruição dos antigos costumes germânicos. As bruxas, portanto, representavam a “cultura popular” nórdica que, de acordo com esse ponto de vista, se opunha ao cristianismo do sul, mediterrâneo, com raízes no mundo judaico.

Havia certa dose de verdade nisso – muitas dessas mulheres foram de fato queimadas por serem acusadas de praticar magia e rituais pagãos, pré-cristãos. Como era mais ou menos previsível, porém, Himmler suspeitava que a perseguição era parte de uma conspiração judaica para destruir a cultura genuinamente alemã. No universo da ss, as bruxas eram mártires arianas, amazonas nórdicas que haviam enfrentado o “sacerdócio semita”.^[29]

Até certo ponto, a pesquisa da Hexen-Sonderauftrag foi utilizada durante o Terceiro Reich. Joseph Goebbels havia reconhecido o valor da caça às bruxas como instrumento de propaganda, como justificativa para os ataques à Igreja Católica. Até em desfiles nazistas e peças teatrais as bruxas eram elevadas

a heroínas alemãs.

Um escritor chamado Friedrich Soukup foi contratado para escrever livros de ficção leves, tanto infanto juvenis quanto romances históricos adultos, sobre a caça às bruxas, com um tom condenatório contra a Igreja. Soukup supostamente planejava uma ambiciosa trilogia com base nas pesquisas, mas que nunca chegou a ser escrita. A documentação da Hexen-Sonderauftrag sobre a perseguição às bruxas foi a pesquisa mais detalhada a respeito do tema já realizada na Europa. Nos nove anos do projeto, o índice catalográfico cresceu até cobrir a vida de 3,6 mil bruxas. Além disso, um arquivo e uma biblioteca de aproximadamente 150 mil documentos e livros foram organizados. Depois da guerra, a Hexenkartothek de Himmler desapareceu e foi esquecida – até ser redescoberta na Polônia, na década de 1980, pelo historiador alemão Gerhard Schormann.

De acordo com Schormann, o projeto tinha duplo objetivo. Era uma fonte de propaganda e ao mesmo tempo uma tentativa de recuperar e preservar aspectos de crenças alemãs que haviam se perdido.^[30] Curiosamente, a pesquisa de Himmler sobre bruxaria, apesar de muitos defeitos acadêmicos, ganhou certa importância nos estudos modernos sobre a caça às bruxas, em função da imensa quantidade de fontes reunida. “Como primeiro e único governo ‘pró-bruxas’ da Europa, o regime nazista também teve influência duradoura sobre o modo como a população compreendia a bruxaria e sobre algumas formas de magia populares”, escreve o historiador americano Michael David Bailey.^[31] O próprio Gerhard Schormann usou a Hexenkartothek de Himmler como base de sua pesquisa sobre os

julgamentos de bruxas na Alemanha.

Literatura judaica também era enviada ao Schloss Niemes, mas parece que esses livros eram apenas armazenados, ao passo que a literatura sobre ocultismo tinha prioridade total. Grimsted acha que esse interesse no ocultismo numa época em que o regime estava preocupado com a ideia de “guerra total” não pode ser desprezado como “sensacionalismo insignificante” – mas, sim, que isso era visto pela elite da ss como algo altamente importante no fim da guerra. “Talvez os líderes da RSHGA, como Himmler e Kaltenbrunner, que como sabemos hoje estavam secretamente sondando a possibilidade de um armistício, não estivessem prontos para abrir mão da busca por fontes espirituais e até mesmo pagãs que permitissem a sobrevivência e a renovação de sua missão, enquanto o mundo destruía o regime nazista e sua ideologia, os quais eles estavam encarregados de assegurar.”^[32]

No fim, a guerra também atingiu os castelos da ss. Em abril de 1945, os funcionários da Seção VII foram convocados ao front para participar da batalha final pelo Terceiro Reich.

Na Amt Roosenberg não havia planos para desistir da luta contra o mundo judeu, apesar de a Alemanha bater em retirada em todos os fronts. Na verdade, o trabalho foi intensificado. Nos estágios finais da guerra, Alfred Roosenberg começou a esboçar planos para um último e grandioso projeto tão simples quanto inútil: um congresso antijudaico internacional em 1944 com o tema “O judaísmo na política global de nosso tempo”. Para dar

ares de legitimidade ao projeto, ele chegou a dar início a uma colaboração com rivais da RSHA, do Ministério da Propaganda e do Ministério do Exterior. O chefe do instituto de Frankfurt, Klaus Schickert, foi nomeado editor de uma obra intitulada *Um anuário da política mundial judaica*, que muito provavelmente seria lançada no congresso. O livro, uma antologia, mostraria como os judeus controlavam os fatos políticos e, portanto, deviam ser vistos como responsáveis pela guerra.^[33]

Os planos para o congresso foram descritos em um documento secreto datado de 15 de junho de 1944, uma semana depois de os Aliados ocidentais invadirem a Normandia.^[34] O documento foi escrito por Hans Hagemeyer, homem de confiança de Alfred Roosenberg encarregado de organizar o congresso. De acordo com o documento, Hitler aprovou pessoalmente os planos e decidiu que a conferência ocorreria em Cracóvia. A seguir, Hagemeyer descrevia o congresso em detalhes. Além de vários “*experts* em judaísmo” haveria discursos de três ministros alemães. A Filarmônica de Berlim se apresentaria sob a direção de seu principal regente, Wilhelm Furtwängler.

“Europeus renomados” seriam convidados para o congresso, assim como representantes de Estado europeus e de outros continentes. Alguns nomes eram citados, incluindo várias lideranças antissemitas, fascistas e nazistas da Europa. Da Itália viria o ministro Fernando Mezzasoma, espécie de Joseph Goebbels italiano. Da Holanda, Anton Mussert, líder e fundador do Partido Nazista no país, o Nationaal-Socialistische Beweging in Nederland. Da França viria o poeta e ministro da Educação do

regime de Vichy, Abel Bonnard. Hagemeyer também mencionava que Alfred Rosenberg foi à Noruega, “convidar pessoalmente o ministro-presidente Quisling”. O mundo árabe seria representado pelo grão-múfti de Jerusalém, Haj Amin al-Husseini, que em 1941 fugiu para a Alemanha nazista e tentou convencer Hitler a expandir o Holocausto para o Oriente Médio. Segundo Hagemeyer, Suécia, Romênia, Suíça, Espanha e Portugal se comprometiam a enviar delegados, mas nenhum nome era citado. De acordo com ele, os preparativos para o congresso corriam no mais absoluto sigilo.^[35]

Desde a inauguração, o Instituto para Pesquisa da Questão Judaica em Frankfurt trabalhava na construção de uma rede internacional de contatos, como deixa evidente a lista de convidados para a cerimônia de abertura, que incluía representantes da Dinamarca, Hungria, Romênia, Holanda, Bélgica e Noruega. O instituto criaria uma rede continental de organizações e autoridades antissemitas que ajudaria a disseminar informações antissemitas para o público em geral.^[36] A Alemanha nazista regularmente fazia uso de pessoas e organizações antissemitas e racistas locais, que muitas vezes recebiam verbas do governo alemão. Às vezes isso também acontecia por trás de uma fachada local, como no Institut d'Études des Questions Juives [Instituto para Estudos sobre a Questão Judaica] na França, que era chefiado por um francês, Paul Sézille, mas supervisionado pela ss e financiado pela embaixada alemã.^[37] O instituto, que vendia um modelo alemão de política antijudaica, organizava eventos como a exposição antissemita *Le Juif et la France* [O judeu e a França] em Paris, em

1941, que tentou mostrar como os judeus se infiltraram na sociedade e corromperam a cultura francesa, assim como os costumes e as tradições nacionais.

O Institut d'Études des Questions Juives colaborou de perto com o instituto de Frankfurt. Seu supervisor, o ss-Hauptsturmführer Theodor Dannecker, sugeriu que o órgão deveria se transformar em um ramo da Hohe Schule de Roosenberg – algo que nunca chegou a acontecer. No entanto, o instituto de Frankfurt ajudou seus colegas franceses na criação de um periódico, *La Question Juive en France et dans le Monde*, que tinha como modelo o *Der Weltkrieg*.

O documento de Hans Hagemeyer revelava que na verdade, o congresso da Cracóvia em 1944 tinha como propósito algo bem maior do que uma conferência de pesquisadores antissemitas. Hagemeyer escreveu que, embora o evento como um todo tivesse a aparência de um “congresso histórico e científico”, seu objetivo real seria “criar uma organização internacional que irá estudar o judaísmo e combatê-lo”. Em outras palavras, uma espécie de ONU antissemita.^[38] Heinrich Himmler, Joachim von Ribbentrop, Joseph Goebbels e Hans Frank seriam membros honorários dessa organização internacional, junto com vários outros participantes de destaque, como Mezzasoma, Mussert, Bonnard e o grão-múfti de Jerusalém. A organização iria neutralizar “propaganda sionista” e revelar como os Aliados na verdade combatiam em nome do “domínio judaico mundial”.^[39]

O problema era que a Europa que Roosenberg desejava unir nessa comunidade antissemita estava rapidamente se desintegrando em 1944. Antes do fim do ano, a Alemanha

nazista era o único dos participantes que havia restado. Adolf Hitler, percebendo a impossibilidade política dos planos de Roosenberg, cancelou o congresso.

No início de 1944, o Exército Vermelho libertou Leningrado depois de um cerco de 872 dias. A União Soviética foi libertada no verão, e em agosto o Exército Vermelho estava às portas de Varsóvia, onde Stálin parou a ofensiva. Por quase meio ano o front ficou imóvel, enquanto o Exército Vermelho acumulava recursos gigantescos em preparação para um último ataque. Seis milhões de soldados foram transferidos para o front, quase duas vezes a quantidade de homens que Hitler tinha à disposição quando invadiu a União Soviética em 1941.

Em Ratibor parece ter havido consciência do ataque iminente, e no fim de 1944 foram feitos novos planos para evacuar os acervos para a Baviera. No entanto, a essa altura não era realista imaginar que milhões de livros empilhados em Ratibor poderiam ser rapidamente transferidos. Depois de um ano e meio de atividade, o tempo não tinha sido suficiente para completar a evacuação dos livros em Berlim. Não se sabe até hoje quantos livros a ERR evacuou naqueles meses finais. O trabalho prosseguiu até a primeira semana de fevereiro de 1945, quando o Exército Vermelho chegou à cidade. É realmente impressionante que tanto a SS quanto a ERR tenham continuado a trabalhar nas bibliotecas num momento em que já não podia haver a menor dúvida, nem para os mais fanáticos nazistas, de que o Terceiro Reich estava perdido. A resposta provavelmente tem uma explicação ideológica e outra muito humana.

Essas organizações eram as guardiãs intelectuais do

movimento e há muito funcionavam como uma espécie de concentração de verdadeiros crentes. Construída com base no coração do nazismo, havia uma imensidão de mitos, falsificações históricas e teorias conspiratórias que esses “guardiães intelectuais” tentavam provar e estabelecer com bases sólidas por meio de “pesquisas”. Nesses círculos o fatalismo era um pecado mortal, inclusive em sentido literal. Ao mesmo tempo, eles provavelmente tinham motivos muito humanos para continuar com seu trabalho. Afinal, enquanto o trabalho pudesse ser justificado, iria mantê-los afastados do front. Ser mandado para o front oriental era visto, com muita razão, como uma sentença de morte.

Em janeiro de 1945 os acervos começaram a ser evacuados de Schloss Pless. Mas no meio do mês teve início a ofensiva soviética, e dois milhões de soldados do Exército Vermelho abriram caminho à força até a Polônia. Milhares de livros foram deixados na estação de trem em Pless, quando os funcionários da ERR foram forçados a fugir dos russos que se aproximavam.^[40] No início de fevereiro, funcionários em Ratibor também precisaram fugir quando a cidade foi submetida a fogo de artilharia. Quando o Exército Vermelho tomou Ratibor, ainda havia barcaças carregadas de livros no Oder. Havia planos de queimar certas partes dos acervos e uma grande quantidade de gasolina fora estocada com esse objetivo, mas por algum motivo tomou-se a decisão de simplesmente abandonar os livros.^[41]

As atividades de Roosenberg no outro front, em Hungen, também continuaram até o último momento e o instituto em Frankfurt continuou emprestando livros a pesquisadores,

universidades e outras instituições de pesquisa – a documentação dos empréstimos indica que essa atividade prosseguiu até fevereiro de 1945, quando o Exército Vermelho estava já chegando a Berlim e o front ocidental estava a meros 200 quilômetros de Frankfurt.^[42] O instituto continuou comprando livros por mais um mês.

No início de abril de 1945, as forças americanas da Quinta Divisão de Infantaria chegaram a Hungen e tomaram posse do castelo. Não demorou para que os imensos depósitos de livros fossem encontrados. A unidade que fez a descoberta era liderada por um advogado e tenente de 32 anos chamado Robert Schoenfeld, um judeu nascido na Polônia que fugira dos nazistas em 1939 e foi para os Estados Unidos.^[43] Foi provavelmente nesse momento que um soldado da unidade de Schoenfeld, armado com um rifle automático de fabricação britânica, abriu caminho rumo a um dos escuros depósitos de livros, disparando um tiro de advertência que acertou uma caixa e entrou em um livro da Bibliotheca Rosenthaliana: o *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel*, de Samuel Usque.

CAPÍTULO 14

Um vagão de sapatos

Praga

Em uma pequena praça central de Praga, na confluência das ruas Dušný e Vězeňská, Franz Kafka cavalga uma figura sem cabeça. A escultura negra em bronze é inspirada em um dos contos do escritor, “Descrição de uma luta”, no qual o narrador derrota um oponente aparentemente invencível ao saltar sobre seus ombros e cavalgá-lo.

A estátua virou uma atração. Um grupo de turistas russos se reveza fazendo fotos uns dos outros em frente ao emblemático escritor nacional. O lugar está carregado de simbolismo: a família Kafka morava na rua Dušný, e esse é o coração do velho distrito judaico de Praga – a apenas alguns metros da Sinagoga Espanhola. Em frente à sinagoga, construída no estilo arquitetônico do Oriente Médio, há um prédio consideravelmente mais moderno: o Museu Judaico de Praga, uma construção cinza-amarelada em estilo funcional. Em uma sala do segundo andar fica o bibliotecário e pesquisador Michal

Bušek, um sujeito na casa dos trinta anos com a cabeça raspada, barba bem aparada e bermuda xadrez cinza. Ao lado de sua mesa está um carrinho da biblioteca, completamente abarrotado de livros velhos e em mau estado. Todos têm a mesma etiqueta branquíssima, colada na parte inferior da lombada – com um “Jc” ou “Jb” escrito à mão e seguido de um número. São os livros marcados pelo Talmudkommando em Theresienstadt, sendo o J uma abreviação de “Judaica”.

“Os nazistas sabiam quanto os livros eram importantes para os judeus. Ler fazia deles seres humanos. Quando tiram isso de você, também estão roubando seus pensamentos. Eles queriam destruir os judeus tirando deles aquilo que era mais importante para eles”, diz Bušek, e olha para o carrinho. Ele está no meio de um amplo processo de checagem do enorme acervo de livros que acabou chegando ao Museu Judaico depois da guerra, incluindo alguns de Theresienstadt. “Procuro sinais do proprietário de um livro, ex-líbris, carimbos, anotações, e registro isso num banco de dados que estamos montando.”

O trabalho é muito semelhante ao que está sendo feito nas bibliotecas alemãs. Um processo horivelmente demorado, em que cada livro deve ser examinado em busca de sinais de seu proprietário anterior. Às vezes é fácil, por exemplo quando um livro tem um ex-líbris chamativo com nome e sobrenome. Às vezes há uma assinatura, uma dedicatória, ou algumas linhas escritas por alguém que leu o exemplar em algum momento. Mas essas são exceções. Muitos dos livros não têm qualquer indicação de quem tenha sido seu dono. Em alguns casos, os nomes foram riscados e carimbos foram raspados.

“O primeiro passo é registrar o nome e o número do livro. Depois, você inclui todos os detalhes do volume no banco de dados, título, ano de publicação e até fotos do exemplar. Quando terminarmos, cada livro da biblioteca vai ter uma descrição detalhada”, Bušek me diz. Ele estima que o primeiro passo vai levar mais ou menos um ano, enquanto o segundo precisará de um tempo consideravelmente maior. Um texto em hebraico também é incluído no banco de dados, o que exigiu um *software* especial, mas necessário, ele explica, já que muitos livros, inclusive os do Talmudkommando, são em hebraico. Nesse acervo há mais marcas de proprietários, já que muitos livros pertenciam a coleções importantes.

O fato de esse trabalho só estar sendo feito agora, setenta anos depois de os livros terem sido “libertados”, é extremamente revelador não só da situação da restituição dos livros como um todo mas também do destino trágico que recaiu sobre muitos acervos no fim da guerra, presos atrás das linhas soviéticas. O Museu Judaico em Praga é na verdade uma das pouquíssimas instituições a leste da antiga Cortina de Ferro que participa ativamente do projeto.

Depois da guerra, em 1945, a maior parte dos acervos de Theresienstadt foi transferida para o Museu Judaico em Praga. Fundado em 1906, o museu foi tomado em 1939 pelos nazistas, mas teve, até certo ponto, permissão para continuar com parte de suas atividades. Durante a guerra, se tornou um acervo e um centro de triagem para livros e artefatos religiosos roubados de comunidades de judeus deportados. “Caixas de objetos saqueados de sinagogas eram enviadas para cá; eles eram

catalogados e classificados por um grupo de pesquisadores judeus. Os judeus e os nazistas não tinham os mesmos interesses. Os primeiros queriam salvar esses artefatos na esperança de que a guerra acabasse logo. Os nazistas, por outro lado, queriam criar um museu judaico onde pudessem mostrar como os judeus eram esquisitos e diferentes”, diz Bušek.

Por alguns anos, o museu se tornou um centro de uma ampla operação de resgate da cultura judaica. A recompensa pelo trabalho degradante feito durante a ocupação nazista foi a salvação de milhares de livros e objetos históricos e religiosos para a posteridade. Muitos vinham de comunidades judaicas que já nem existiam mais. A população judia, estimada em mais de 300 mil pessoas antes da guerra, havia sido reduzida a apenas um sexto. A maior parte morreu no Holocausto: muitos outros jamais voltariam.^[1]

A Tchecoslováquia foi o único país atrás das linhas soviéticas que teve permissão para formar uma república independente depois da guerra, embora essa situação tenha durado pouco. Isso significava que os acervos que tinham ido parar no país estavam sujeitos à filosofia de restituição que era prática comum no Ocidente, diametralmente oposta ao que vinha sendo feito na Europa Oriental. Acabou sendo uma espécie de semirrestituição.

Em 1945 os acervos deixados em Theresienstadt foram levados para o museu em Praga, assim como um dos sobreviventes do Talmudkommando, Otto Muneles, que foi nomeado chefe do acervo do museu. Livros saqueados também chegaram de outros lugares. Nos castelos da ss do lado tcheco da fronteira, incluindo Schloss Neufalkenburg e Schloss Niemes,

centenas de milhares de livros evacuados pela RSHA foram encontrados.^[2]

Hoje, apenas uma fração dos acervos trazidos para cá depois da guerra permanece no museu. Bušek tentou desvendar o que aconteceu com os livros. “É muito difícil saber. Não sobrou muita documentação daquela época. Só temos um pequeno registro entre 1945 e 1949”, ele diz. De Theresienstadt e de outros depósitos nazistas, cerca de 190 mil livros foram para o museu. “Alguns livros foram devolvidos depois da guerra, mas não foi exatamente uma restituição, como a gente vê hoje. Ninguém tentou descobrir a quem esses livros pertenciam ou de onde eles tinham vindo. Não tinha gente aqui para fazer isso nem lugar onde deixar os livros. O museu inteiro só tinha dois ou três funcionários.”

De acordo com Bušek, os livros se dispersaram para vários lados; alguns foram distribuídos entre congregações judaicas na Tchecoslováquia e outros foram enviados para Israel. “Não há nada que indique que alguém checou os livros. A maior parte ainda estava nas caixas em que os nazistas deixaram. Acho que só pegavam uma caixa qualquer e mandavam embora sem fazer uma checagem cuidadosa do que tinha lá dentro. As pessoas vinham ao museu e perguntavam: ‘Podemos pegar cinquenta livros?’ e pegavam o que queriam.” Muitos foram levados por organizações religiosas como a Reconstrução Cultural Judaica, criada para dividir a propriedade roubada dos judeus entre comunidades judaicas. A maior parte do que sobrou da Ghettobücherei em Theresienstadt foi distribuída dessa maneira.^[3]

Um dos projetos mais importantes, que mais tarde se tornaria parte da Biblioteca Nacional de Israel, foi concebido primeiramente pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Era um “projeto de resgate” politicamente sionista que, no ânimo dominante no período logo após o Holocausto, tentava levar o que fosse possível do legado dos judeus na Europa para Israel, para onde centenas de milhares de sobreviventes migraram.^[4] No fim de 1946, o bibliotecário chefe da Universidade Hebraica, Hugo Bermann, fez uma visita a Otto Muneles no depósito da RSHA em Niemes. Eles estimaram que havia 650 mil livros no castelo.

“Alguns deles eram judaicos; outros eram livros de todo tipo. Vi livros católicos de mosteiros, livros teosofistas, livros socialistas etc.... No ático do castelo encontrei um arquivo holandês que não consegui identificar, espalhado pelo chão. Também havia jornais em iídiche, amarrados ou em caixas de papelão. Eles vinham do vivo, em Vilnius”, escreveu Bermann em seu relatório.^[5] Ele levou entre quarenta mil e setenta mil livros judaicos da Tchecoslováquia para Israel. O número não é preciso, já que muitas caixas foram contrabandeadas para fora de lá por Bermann, que havia escondido vários manuscritos valiosos lá dentro.^[6]

O fato de tantos livros terem saído da Tchecoslováquia nos primeiros anos depois da guerra pode ser atribuído ao apoio do museu e da congregação judaica. O governo tcheco, por outro lado, adotou uma abordagem muito mais restritiva quanto à ideia de devolver objetos roubados: “o governo tcheco em geral tem uma atitude negativa em relação à questão da restituição e

[tem] em certos casos classificado o desejo de pessoas ou de organizações de reaver suas propriedades como ‘fascista’, ‘burguês’, ou outro termo apropriado para aquele momento específico”, escreveu um observador americano.^[7] Os indivíduos têm dificuldade ainda maior do que as pessoas jurídicas para reaver livros. Só há um caso documentado na Tchecoslováquia do pós-guerra de livros devolvidos a uma família.^[8]



Livros no Museu Judaico em Praga que ainda traz as marcas do Talmudkommando em Theresienstadt.

Um acervo que em grande medida permaneceria em Praga eram os sessenta mil livros da coleção hebraica da Seção VII da RSHA, na qual o Talmudkommando trabalhou. Michal Bušek ainda não sabe quantos livros desse acervo continuam na biblioteca do Museu Judaico. “Pode ser que haja uns trinta mil livros, mas ninguém tem certeza. Estamos agora no processo de catalogação. Parece que Otto Muneles, depois da guerra, separou esses livros dos outros para que eles pudessem permanecer em Praga.” Mas Bušek e seus colegas também acharam exemplares que foram roubados em várias partes da Europa. “Na maioria das vezes eles vêm de congregações judaicas em Berlim, Budapeste, Varsóvia, Amsterdã e outras cidades. Encontramos mais de 3,8 mil livros que vieram de Viena, tanto de congregações quanto de indivíduos”, Bušek me diz, enquanto pega alguns livros do carrinho e me mostra o carimbo da Israelitische Kultusgemeinde, com um ex-líbris que indica que o volume foi doado por Salo Cohn, que liderou a congregação judaica de Viena até princípios do século XIX.

Bušek então me leva até a sala de leitura da biblioteca. O valioso acervo histórico é mantido em um anexo de vidro que fica trancado. Volumes grossos encadernados em couro e velino cinza são manuseados com luvas de algodão. Bušek pega um dos livros que pedi – um exemplar de Amsterdã. Ele coloca o fino volume sobre a mesa de leitura branca, com a capa tão marmorizada que me traz à mente um dos motivos expressionistas do mar de August Strindberg. O título do livro é *Der Mediciner Maimonides im Kampfe mit dem Theologen* – um

estudo do filósofo medieval Maimônides e da defesa que ele fazia das pesquisas seculares.

Na parte interna da capa há um ex-líbris. Parece que alguém colou aquilo ontem, embora ele possa estar ali há uns cem anos. O ex-líbris mostra uma ilustração contra um fundo branco, um veado e um leão erguidos sobre as patas traseiras de cada lado de uma estrela de davi. Embaixo, há um nome escrito: Sigmund Seeligmann. O símbolo muito provavelmente faz referência a um verso da Mishná, a versão escrita das tradições orais judaicas: “Seja rápido como uma gazela e forte como um leão para fazer a vontade do Deus dos Céus”.^[9]

Na lombada há uma etiqueta colada onde se lê “Jb 812”, colocada ali pelo Talmudkommando. Talvez ela tenha sido colada pelo próprio Isaac Leo Seeligmann, que estaria assim etiquetando um dos livros de seu pai. Bušek me mostra uma biografia do filósofo religioso sefardita Uriel da Costa, que fugiu das perseguições em Portugal em 1617 e se estabeleceu na Holanda. O livro tem uma dedicatória pessoal para Sigmund Seeligmann de seu autor, o historiador português Artur de Magalhães Basto. A assinatura do próprio Sigmund está em um terceiro livro, uma tradução alemã do Corão.

O acervo de Seeligmann, saqueado em Amsterdã pela ERR, foi dividido entre vários depósitos da ERR. Além dos livros em Theresienstadt, outras partes da coleção foram encontradas em vários castelos, incluindo Schloss Niemes. Hugo Bergmann levou mais ou menos dois mil livros do acervo de Seeligmann para Israel, enquanto uma parte menor continuou no Museu Judaico em Praga. Bušek conseguiu identificar cerca de sessenta livros

de Seeligmann aqui. Mas o paradeiro da maior parte do acervo, estimado entre vinte mil e 25 mil livros antes da guerra, jamais foi estabelecido. Talvez a coleção tenha se dispersado por depósitos por todo o Reich nazista alemão, ou então os livros podem ter sido descartados durante a guerra, ou destruídos nos bombardeios a Berlim.

Isaac Leo Seeligmann sobreviveu a Theresienstadt e voltou a Amsterdã em 1945. Caso ele tenha chegado a fazer uma tentativa de reaver seus livros na Tchecoslováquia, a solicitação se tornaria rapidamente impossível com a criação da Cortina de Ferro. Especialmente porque a Tchecoslováquia teria um papel central nos eventos que se seguiram.

Edvard Beneš, o presidente, tentou fazer do país uma ponte entre Oriente e Ocidente – sendo a Tchecoslováquia uma república livre. Foi um projeto político que não durou muito. A jovem república passou por agitações e instabilidade política, ativamente incentivada pelo Partido Comunista soviético. Em 1947, a Tchecoslováquia aceitou a ajuda dos Estados Unidos no Plano Marshall – apoio financeiro para reconstrução. No entanto, a pressão do Kremlin forçou o país a rever a decisão. Seis meses depois, no início de 1948, os comunistas tomaram o poder, em um golpe apoiado por Moscou. Pouco depois, o Museu Judaico e seu acervo foram nacionalizados.

“Depois disso, basicamente as restituições pararam”, explica Bušek. Os comunistas não tinham simplesmente como fechar o Museu Judaico, porque ele era muito conhecido, mas tanto a pesquisa quanto as exposições foram limitadas a um mínimo absoluto. O museu se dedicava bastante a Theresienstadt. Mas

na narrativa comunista, aquele era um campo de prisioneiros de guerra, não um campo para judeus. Os comunistas também decidiram descartar partes dos acervos judaicos, incluindo valiosos rolos da Torá que foram vendidos no Ocidente. “Esses acervos não tinham qualquer significado para eles. O governo precisava de dinheiro, de dólares, por isso decidiram vender.” A biblioteca judaica foi transformada em uma instituição totalmente isolada, cujas atividades eram monitoradas de perto pelo regime. Tanto os visitantes quanto os empréstimos eram registrados. “Pouquíssima gente vinha aqui. Os pesquisadores tinham medo de visitar a biblioteca”, explica Bušek.

Apesar das circunstâncias desanimadoras, Otto Muneles, que havia perdido toda a família no Holocausto, continuou seu trabalho como chefe da biblioteca até morrer, nos anos 1960. Ele passaria quase vinte anos tentando colocar o acervo judaico em ordem. Quem o conheceu conta quanto ele se engajou nesse trabalho, como se aqueles livros esparsos, roubados, tivessem a capacidade de consolá-lo, de algum modo: “Era como ver um fantasma vagando por estas salas cheias de livros, sem ninguém para ler ou estudar o que estava ali [...] e mesmo assim o dr. Muneles sonhava com uma biblioteca imensa que serviria como monumento aos judeus que estiveram aqui, embora agora já não estejam mais”.^[10]

Depois da guerra, quando as autoridades tchecas inspecionaram os acervos roubados nos castelos da ss no país, boa parte do material havia desaparecido, incluindo o grande arquivo roubado do serviço secreto francês, escondido pela Gestapo em Schloss

Oberliebich, perto de Česká Lípa. Na verdade, o depósito já tinha sido encontrado pelo serviço de inteligência do Exército Vermelho, o SMERSH, em maio de 1945. Lavrentiy Beria, chefe da NKVD, serviço de segurança soviético, havia enviado arquivistas de Moscou em sigilo para confiscar o arquivo, e no verão vinte e oito vagões cheios de material de arquivo foram despachados para Moscou, onde seriam a base de um arquivo novo e secreto: Tsentral'nyi Gosudarstvennyi Osobyi Arkhiv (TSGOA). Esse arquivo especial de Stálin para documentos que servissem como troféus ficou repleto com enormes quantidades de documentação confiscada de vários depósitos nazistas na Alemanha e na Europa Oriental.^[11]

Em fevereiro de 1945, quando o Exército Vermelho marchou sobre a Alemanha, Josef Stálin havia assinado uma ordem altamente sigilosa que levou à criação do Comitê Especial para Reparações de Guerra. Sabia-se que em 1943 Stálin havia assinado um acordo com os Aliados ocidentais proibindo a pilhagem de objetos culturais – o acordo, no entanto, não foi honrado.

O novo comitê, apesar da aparente inocência do nome, deu início a uma operação de pilhagem que em escopo rivalizou com a dos nazistas. O raciocínio de Stálin era de que a Alemanha deveria pagar *em espécie* pela enorme destruição da União Soviética, com uma quantidade equivalente de roubos por parte dos soviéticos. Para evitar que isso perturbasse as relações com os Aliados ocidentais, a operação foi mantida em sigilo.



Ex-líbris de um dos livros do acervo de Sigmund Seeligmann de Amsterdã. Durante a guerra, o livro foi levado para Theresienstadt e mais tarde acabou no Museu Judaico em Praga, onde está até hoje.

As unidades encarregadas do saque, conhecidas como brigadas de caça a troféus, na essência eram semelhantes às contrapartes alemãs. Eram compostas por arquivistas, bibliotecários, cientistas e outros *experts* soviéticos. Artefatos culturais, como obras de arte, arquivos e livros, foram apenas uma fração do butim. O departamento do governo dedicado a organizar a pilhagem calculou que apenas em 1945 cerca de 400 mil vagões de objetos saqueados foram remetidos à União Soviética. Parte disso eram objetos que os soviéticos diziam terem sido roubados deles. Uma lista de pertences enviados da

Alemanha para a Ucrânia em 1945 demonstra a diversidade de carga: 11 vagões de instrumentos de laboratório, 123 veículos, 2,5 toneladas de livros científicos, 75 quadros do museu de arte de Dresden, 12 toneladas de pratos do fabricante de porcelanas August Wellner & Söhne; 46 vagões com equipamentos de impressão desmontados; e 27 vagões com partes de uma fábrica de papel fotográfico.^[12]

Também havia uma pilhagem generalizada – até certo ponto permitida pelas autoridades – da parte de soldados, oficiais e generais do Exército Vermelho. Os soldados tiveram oportunidade de mandar seguidamente para casa pacotes de objetos roubados. Os que mais se dedicavam ao roubo tendiam a ser os oficiais de alta patente e os generais. O general mais alto na hierarquia de Stálin, Georgy Zhukov, encheu vários trens com seu butim de guerra. Isso tornou o herói de guerra de Stálin imensamente rico, o que mais tarde Stálin usou para se livrar dele.

Mas eram as brigadas de caça a troféus que faziam a parte mais organizada da pilhagem, e unidades desse gênero foram enviadas aos castelos da Europa Central em busca de troféus. Foram levados dos castelos a mobília, obras de arte, estátuas, pianos, porcelana e quaisquer objetos de decoração que pudessem ser transportados. Também havia os livros. Quando se tratava do confisco de livros havia unidades especiais de bibliotecários nas brigadas de caça a troféus, que visitaram centenas de bibliotecas na Alemanha e na Polônia e também levaram depósitos que a ERR e a RSHA criaram ao evacuar seus armazéns de livros para leste. A pilhagem, organizada por um

grupo de representantes de bibliotecas maiores na União Soviética, foi liderada por Margarita Rudomino, superintendente da Biblioteca de Literatura Estrangeira em Moscou.

Na primavera de 1946, Rudomino menciona em um relatório que algo entre quatro e cinco mil caixas de livros foram levadas a um depósito em Mysłowice, na Polônia. Provavelmente era o que havia sido retirado dos maiores depósitos da ERR de Ratibor, apenas 60 quilômetros a leste. Não se sabe se esses livros foram evacuados pela ERR nos momentos finais da guerra ou pelo Exército Vermelho na primavera de 1945.^[13]

Em Pless, onde os funcionários da ERR fugiram do fogo inimigo do front, uma unidade do Quarto Front Ucraniano capturou cerca de dez vagões cheios de livros, periódicos e arquivos. Carca de 150 mil livros e 100 mil documentos foram encontrados ali. A renomada biblioteca de Schloss Pless, com 100 mil volumes, também foi encaixotada e transferida.

Grande parte dos acervos da ERR encontrada pelas brigadas de caça a troféus veio de Minsk, Smolensk, Kiev e de outros lugares da União Soviética. Mas também havia acervos ocidentais, incluindo as bibliotecas de exilados em Paris incorporadas à Ostbücherei. Em julho de 1945 o Exército Vermelho já afirmava em um relatório que a Biblioteca Turguêniev de Paris havia sido encontrada em Mysłowice. Estimava-se que houvesse ali “1,2 milhão de volumes em russo e línguas estrangeiras”.^[14] A Biblioteca Turguêniev não foi considerada troféu de guerra porque era “russa” e, portanto, vista como propriedade soviética.

Parece que não havia qualquer ordem específica no depósito de Mysłowice – milhares de caixas foram armazenadas ao acaso. De acordo com um integrante das brigadas de caça a troféus, uma parte do acervo foi roubada por soldados. Às vezes “as pessoas pegavam o que queriam”, escreveu Rudomino em um relatório. Foi assim que muitos livros e manuscritos antigos e valiosos sumiram.^[15]

Em alguns lugares em que os depósitos foram abertos, os acervos foram destruídos pelos soldados antes de as brigadas de caça a troféus chegarem: “A sede tinha sido ocupada por soldados poloneses e as caixas foram abertas. Muitos livros estavam jogados no pátio, molhados pela chuva; não havia guardas; muitos livros foram arruinados, destruídos, queimados”.^[16]

Uma forma mais organizada de dispersão dos acervos ocorreria depois de eles serem despachados para o leste. No outono de 1945, quarenta e cinco vagões transportaram cerca de um milhão de livros de Mysłowice para Minsk. Além de Mysłowice, as brigadas detectaram outros lugares de armazenamento de livros na Polônia, dos quais aproximadamente três milhões de exemplares foram enviados para a União Soviética. Além disso, milhares de estantes com material de arquivo foram enviados para o arquivo de Stálin em Moscou, incluindo parte do Instituto Internacional de História Social em Amsterdã e os vários arquivos da família Rothschild.^[17]

As brigadas de caça a troféus também confiscariam muitos dos melhores acervos alemães que acabaram atrás das linhas

soviéticas, incluindo bibliotecas como a Preussische Staatsbibliothek, a Berliner Stadtbibliothek, a biblioteca da Universidade de Breslau e a biblioteca da corte do Kaiser Guilherme II. De Berlim, Dresden e Breslau mais de cem vagões de livros foram despachados. Centenas de bibliotecas alemãs foram esvaziadas.^[18]

A Biblioteca Lênin acabou sendo a instituição que mais recebeu os livros-troféus, quase dois milhões no total. Os livros mais valiosos que haviam sido confiscados na Alemanha – manuscritos medievais, incunábulos e uma Bíblia de Gutenberg – foram despachados por via aérea em várias remessas especiais para Moscou.

Depois da guerra, estima-se que as unidades de livros das brigadas de caça a troféus tenham enviado entre dez e onze milhões de livros para a União Soviética. Mas isso não inclui todos os volumes confiscados, já que o roubo de exemplares também incluiu outras unidades de caça a troféus dedicadas a capturar, por exemplo, equipamento científico – o que também incluía bibliotecas e arquivos de escolas, laboratórios, universidades, institutos e outros órgãos de pesquisa. As brigadas de caça a troféus que roubavam objetos de arte também levaram bibliotecas de museus. Além disso, muitos livros foram roubados pelos soldados do Exército Vermelho.

A historiadora Patricia Kennedy Grimsted escreve que em geral as brigadas soviéticas de caça a troféus não faziam distinção entre livros roubados de bibliotecas alemãs e livros que estavam sendo roubados pela segunda vez, tendo sido saqueados antes por organizações nazistas em territórios ocupados.

Infelizmente, os exemplares foram afetados por problemas semelhantes aos de outras áreas da operação de caça a troféus dos soviéticos. Muitas fábricas, máquinas, instrumentos, ferramentas e aparatos científicos levados para a União Soviética jamais seriam usados. A falta de pessoas capacitadas, uma incapacidade de compreender manuais de instrução ou a ausência desses manuais, padrões incompatíveis e outros problemas logísticos, técnicos e práticos muitas vezes fizeram com que o equipamento ficasse inutilizado. E a falta de um armazenamento adequado levou milhões de livros-troféus a serem deixados em depósitos na União Soviética. Cidades como Kiev, Minsk e Leningrado haviam passado por uma destruição em grande escala. Na parte central de Minsk poucos edifícios estavam de pé, mas quase meio milhão de livros foi levado para essa cidade em ruínas. Em Moscou, milhões de exemplares alemães foram armazenados e deixados intocados em uma Igreja abandonada em Uzkoye, na região sudoeste da cidade.^[19] Em outros casos os livros estavam em estado tão ruim que nem chegavam a ser muito úteis. Por exemplo, a Academia de Ciências em Tbilisi recebeu cerca de 100 mil livros-troféus alemães danificados pela chuva.

Centenas de bibliotecas-troféus foram dispersas, com exemplares individuais sendo distribuídos para bibliotecas de toda a União Soviética. Mesmo essa distribuição enfrentou vários problemas, já que as bibliotecas tendiam a receber livros com temas aleatórios e em idiomas que muitas vezes seus leitores não compreendiam. Um relatório soviético do pós-guerra descreve como uma biblioteca de trabalhadores de uma fábrica

de produtos químicos recebeu livros sobre literatura antiga grega, enquanto outra recebeu revistas de moda francesas que haviam sido confiscadas. Vez ou outra retratos de Adolf Hitler chegaram a ser enviados para ambientes de trabalho.^[20] A distribuição era tão caótica que até mesmo bibliotecários soviéticos a essa altura começaram a questionar a validade do processo. Ninguém sabe quantos desses livros danificados foram transportados e descartados nos anos do pós-guerra. Os livros também precisavam passar por uma avaliação política, e os que eram “politicamente perigosos”, “decadentes” ou “burgueses” eram removidos.

O destino da Biblioteca Turguêniev de Paris não foi totalmente atípico. Como muitos outros acervos, a biblioteca foi desmantelada. Alguns livros acabaram em Moscou, mas a maior parte foi mandada para Minsk. Metade do acervo, cerca de sessenta mil livros, foi enviada para um dos clubes de oficiais do Exército Vermelho em Legnica, ao sul de Mysłowice – o quartel-general do Exército na Silésia.^[21] Parece ter sido um erro, resultado do caos que marcou a operação como um todo.

Quando o erro foi descoberto, as melhores partes do acervo, como manuscritos, primeiras edições e livros com autógrafos e dedicatórias de autores famosos, foram pegas e levadas para a Biblioteca Lênin em Moscou. Especialmente livros com referências a Lênin e a Bunin foram separados. Mas a maior parte do acervo permaneceu em Legnica. Depois da queda da União Soviética em 1991, um oficial russo, Vladimir Sashonko, que estava ali em meados da década de 1950, revelou o que aconteceu com os livros.

De acordo com Sashonko, havia muitos livros na biblioteca com o carimbo “Bibliothèque Russe Tourguéniev – Rue du Val-de-Grâce 9”. Um dia um tenente que estava encarregado da biblioteca explicou que eles “tinham recebido ordens de Moscou para queimar os livros na lareira”. Sashonko salvou um livro do acervo, que levou para casa como souvenir, mas o restante foi destruído: “Lentamente, a Biblioteca Turguêniev foi reduzida a fumaça e cinzas, que foram caindo sobre Legnica [...] tendo o mesmo destino trágico de milhões de infelizes que morreram nos campos de concentração dos fascistas e foram queimados nos crematórios”.[22]

No início de maio de 1945, Alfred Roosenberg vagava pela beira do Flensburg Fjord, na fronteira com a Dinamarca. O fiorde, ponto mais a oeste do mar Báltico, é muito bonito em maio, e faz sucesso com os velejadores. A guerra parecia quase distante. Roosenberg tinha deixado Berlim, transformada em cacos pelos bombardeios, no último instante. Ele se hospedou em um hotel em Flensburg, uma das poucas cidades da Alemanha que passou mais ou menos incólume pela guerra. Flensburg foi o lugar onde o último governo da Alemanha nazista se estabeleceu, chefiado pelo sucessor de Hitler, o grande almirante Karl Dönitz. Em 7 de maio de 1945, Dönitz finalmente assinou a rendição do Terceiro Reich. Roosenberg, andando à beira da água, pensava em seu destino. O suicídio certamente passava por sua cabeça, como pela de muitos outros líderes nazistas. No bolso ele carregava ampolas de cianeto.

Ao longo do ano anterior, Roosenberg tinha visto seu império

desmoronar. Depois que o Exército Vermelho reconquistou os territórios soviéticos, o Ministério Nacional para os Territórios Ocupados no Oriente não passava de um instrumento semântico. Seu reino no Oriente, antes gigantesco, e os sonhos associados a ele, pouco a pouco foi reduzido a nada, primeiro por Hitler e depois por Stálin. O inimigo que ele temia mais do que qualquer outro, o regime que considerava sua missão combater, que havia roubado sua Estônia, agora engolia a pátria alemã.

Em fevereiro de 1944, Roosenberg visitou sua Ostland pela última vez, em seu trem particular, o *Gotenland*. Mas ele nem tinha chegado a Reval quando Hitler mandou que voltasse. Na ausência de Roosenberg, seu quartel-general em Berlim fora destruído por um bombardeio. Depois disso, Roosenberg transferiu sua corte para seu trem, estacionado num subúrbio de Berlim. Ele continuou a trabalhar na primavera em seus planos para o congresso em Cracóvia, mas mesmo isso lhe foi tirado no verão quando Hitler cancelou todos os planos para o evento.^[23] Várias vezes ele tentou marcar uma reunião com o Führer, a quem não encontrava a sós desde novembro de 1943. No entanto, o acesso a Hitler era totalmente controlado por outro de seus inimigos – Martin Bormann. As queixas constantes de Roosenberg sobre a política do regime relativa ao front oriental haviam criado uma rixa com o Führer e com os demais líderes. Hitler havia nomeado Erich Koch, que anteriormente havia sido comissário do Reich para a Ucrânia, para aplicar métodos igualmente brutais na exploração e no saque da região do Báltico. Roosenberg tinha ordens estritas para não interferir no trabalho de Koch.

As tentativas de Roosenberg de falar sobre isso com o Führer fracassaram, mesmo quando ele tentou contornar Bormann falando diretamente com a secretária de Hitler. Em outubro ele decidiu desistir de tudo e escreveu uma carta amargurada renunciando ao cargo de ministro do Reich para os Territórios Ocupados no Oriente. Nos meses finais da guerra, Roosenberg viveu em um porão da casa de sua família, que tinha tido o telhado destruído por um bombardeio. Roosenberg passava o tempo cavando em sua horta, plantando verduras que, como ele devia saber, dificilmente teria como colher.

Hitler viu Roosenberg pela última vez num encontro com os líderes em fevereiro de 1945, quando o Führer falou sobre uma “arma secreta” que iria tornar a Alemanha vitoriosa na guerra. Foi a gota d’água. Os nazistas fanáticos se agarrariam àquela promessa enquanto o final se aproximava. Os dois não se falaram, e Roosenberg não acreditava na arma miraculosa de Hitler.

Em março, Roosenberg foi visitado pelo líder da Juventude Hitlerista, Artur Axmann, que planejava cavar túneis e travar uma guerra de guerrilha nos Alpes. Ele tentou convencer Roosenberg, mas o ideólogo já havia desistido. Axmann perguntou a Roosenberg o que dera errado, se a própria ideia do nacional-socialismo ou se a sua interpretação. Roosenberg escolheu colocar a culpa em seus camaradas de partido: “Disse a ele que era uma grande ideia que havia sido maltratada por homens que não estavam à altura dela. Himmler era o símbolo maligno de tudo aquilo”, ele escreveu em seu acerto de contas com Hitler publicado postumamente, *Grossdeutschland, Traum*

und Tragödie.^[24]

Pessoalmente, Roosenberg havia se demitido em função das constantes rejeições que Hitler lhe impunha. Mas em seus pensamentos íntimos, parecia ter preservado totalmente sua fé na ideologia.

Em 20 de abril, Roosenberg recebeu ordens de abandonar Berlim, embora tenha declarado que estava disposto a permanecer até o fim – mas, como um cão abandonado, ao se deparar com uma última ordem do Führer, ele partiu. Durante sua longa caminhada pela bela orla perto de Flensburg, semanas mais tarde, finalmente tirou suas ampolas de cianeto do bolso e lançou-as ao mar. Ele tinha decidido confrontar os que o haviam vencido.^[25]

Os planos de Heinrich Himmler eram diferentes. Ele raspou o bigode, colocou um tapa-olho, trocou de uniforme e mudou de nome para Heinrich Hitzinger – mas rapidamente foi preso por soldados britânicos que o acharam suspeito e confessou sua identidade. Com uma ampola escondida na boca, se suicidou em 23 de maio num campo perto de Lüneburg, ao sul de Hamburgo.

Alfred Roosenberg voltou para seu hotel e escreveu uma carta de rendição para o comandante das forças britânicas, marechal de campo Bernard Montgomery.

Roosenberg foi detido e levado para Kiel para ser interrogado. Tanto Stálin quanto Churchill defendiam a execução sumária dos líderes nazistas. Além disso, durante a conferência dos Aliados em Teerã, em 1943, Stálin sugeriu que entre cinquenta mil e cem mil oficiais alemães deviam ser fuzilados – uma sugestão que Roosevelt tentou desconsiderar. Na primavera de 1945, à medida

que a vitória Aliada se tornava cada vez mais iminente, havia um apoio crescente à ideia de um julgamento internacional dos criminosos de guerra alemães. Após negociações entre os Aliados, esses julgamentos tiveram início em 19 de novembro de 1945, em Nuremberg, a cidade onde os nacional-socialistas faziam seus comícios anuais.

Alfred Rosenberg era um dos nazistas de alto escalão no banco dos réus. Quatro das acusações mais sérias foram dirigidas ao principal ideólogo do regime: planejamento de uma guerra ofensiva, perturbação da paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Rosenberg disse ser inocente de todas as quatro acusações.

Enquanto ocorriam os julgamentos de Nuremberg, os Aliados ocidentais já tinham começado a trabalhar para tentar colocar alguma ordem no caos criado pelas operações de pilhagem de Rosenberg. Quem ficou encarregado dessa tarefa foi o programa Monumentos, Belas Artes e Arquivos (MFAA, em inglês), mais conhecido por seus *Monuments Men* [Caçadores de obras-primas] – uma unidade especial do exército Aliado ocidental, cuja missão era proteger o legado cultural europeu. A guerra estava sendo travada em dois fronts. Depois da invasão Aliada na Itália em 1943 e na França em 1944, a unidade passaria a maior parte do tempo salvando monumentos e tesouros culturais de seus próprios soldados, que muitas vezes nem sabiam no que estavam atirando. Depois da invasão da Alemanha, a principal tarefa passou a ser processar a enorme quantidade de obras de arte, antiguidades e livros que haviam sido roubados e que acabaram sendo encontrados em depósitos,

minas, celeiros, castelos e grutas.

Os Caçadores de obras-primas criaram vários depósitos para classificar e identificar os tesouros recuperados. Obras de arte e outros artefatos roubados foram levados a edifícios do Partido Nazista em Munique. A Biblioteca Rothschild em Frankfurt foi um dos primeiros lugares para onde o material foi enviado, mas quando percebeu a quantidade de livros que precisavam ser checados, a unidade teve de sair em busca de instalações maiores. Eles encontraram um espaço adequado em Offenbach am Main, um subúrbio de Frankfurt em que a gigante da indústria alemã IG Farben tinha sua sede. O quartel-general do conglomerado, maior complexo administrativo da Europa, passou a ser o novo depósito central para livros e arquivos roubados: o Depósito Arquivístico Offenbach. A tarefa de administrar a operação coube a um talentoso arquivista dos Arquivos Nacionais, em Washington, Seymour J. Pomrenze, que chegou a Frankfurt em fevereiro de 1946 enquanto a cidade enfrentava uma nevasca.^[26] Pomrenze era de origem judaica, e sua família fugira da Ucrânia no início da década de 1920. Ele se deparou com uma tarefa gigantesca em Offenbach:

Minhas primeiras impressões no Ponto de Coleta de Offenbach foram ao mesmo tempo opressivas e fantásticas. Parado ali diante de um mar aparentemente infinito de caixas e livros, eu pensava: que confusão terrível! O que eu poderia fazer com tudo aquilo? Como poderia fazer bem o meu trabalho? Mas havia uma missão mais importante do que arrumar aquela bagunça. Na verdade, a única ação possível era devolver os itens a seus donos o quanto antes.^[27]

Pomrenze foi recrutado por outro participante da MFAA, o bibliotecário Leslie I. Poste, que era o cérebro por trás do depósito de Offenbach. Desde a chegada da unidade na Europa em 1943, os Caçadores de obras-primas concentravam seus esforços em salvar obras de arte, monumentos e edifícios de importância histórica. As bibliotecas só passaram a receber uma atenção maior quando Poste foi contratado em 1945. Antes da chegada de Pomrenze, Poste tinha passado quase meio ano cruzando a Europa em meio às ruínas do Terceiro Reich, dirigindo milhares de quilômetros em busca de bibliotecas e arquivos roubados.

Pomrenze organizou uma força-tarefa de duzentos arquivistas, bibliotecários e trabalhadores no Depósito Arquivístico Offenbach, que começou a abrir caminho em meio àquele “mar infinito” de livros. A segurança era rigorosa, e todos eram revistados antes de deixar o prédio no fim do dia, embora Pomrenze admita que tenha havido furtos, especialmente de livros pequenos, que eram fáceis de esconder. Os Caçadores de obras-primas desenvolveram uma espécie de sistema de linha de montagem para identificação de livros, tirando fotos de ex-líbris e de outras marcas que identificassem seus proprietários. Um grupo de trabalhadores menos qualificado ficava com as fotografias dos ex-líbris mais comuns enquanto vistoriava os livros. Marcas menos comuns eram enviadas para exame de *experts*. Desse modo, era possível dividir duas pilhas enormes de livros, uma com volumes com identificação e outra, sem. No primeiro caso, eles eram imediatamente empacotados e enviados para os funcionários

encarregados de fazer a restituição em cada país.^[28]

Milhares de fotos de ex-líbris, resultado desse trabalho, ainda são mantidos nos Arquivos Nacionais, em Washington. Em março de 1946, o grupo de Pomrenze no arquivo de Offenbach já havia classificado perto de 1,8 milhão de objetos. E naquele mesmo mês alguns acervos começaram a ser devolvidos. Mas a restituição não estava completa. Os exércitos dos Aliados ocidentais, querendo se livrar do problema o quanto antes, defendiam um modelo simples de devolver cada acervo ao governo do país em que havia sido roubado. O modelo funcionava bem em casos de acervos grandes, mantidos mais ou menos inteiros e que pertenciam a instituições formais.

Duas bibliotecas que foram devolvidas já na primavera de 1946 foram a Bibliotheca Rosenthaliana e a Ets Haim de Amsterdã. Ambas foram encontradas em Hungen ainda nas caixas em que a ERR as havia guardado. Como as bibliotecas só foram transferidas para a Alemanha em 1943 e 1944, o instituto de Frankfurt não chegou a ter tempo de vistoriar os acervos, e provavelmente eles foram levados diretamente para o depósito em Hungen. Em março, o primeiro carregamento foi enviado a Amsterdã, mas na mesma época outra notícia trouxe sofrimento para a Rosenthaliana, quando se soube que o antigo curador da biblioteca, Louis Hirschel, havia morrido na Polônia junto com toda a sua família. Não sobraram muitos membros do círculo intelectual judaico de bibliotecários eruditos e pesquisadores bíblicos que eram marca registrada da biblioteca. A escolha do sucessor de Hirschel recaiu sobre um sobrevivente do Talmudkommando de Theresienstadt: Isaac Leo Seeligmann.

Para Seeligmann, que perdeu sua própria biblioteca, e para Amsterdã, que perdeu grande parte da população judaica, a nomeação foi uma espécie de consolo, ainda que pequeno. Porém, com a volta da biblioteca para Amsterdã, parte da identidade cultural judaica da cidade também renasceu.^[29] Sem esses acervos, parte significativa de quatrocentos anos de história religiosa, intelectual e econômica dos judeus na “Jeruzalem van het Westen” teria se perdido.

Um retorno mais impressionante foi o de acervos que haviam pertencido ao Instituto Internacional de História Social em Amsterdã. Em função do cabo de guerra interno, a biblioteca e o arquivo do IISG deixaram a Holanda em um estágio relativamente tardio, em 1943 e 1944, o que significava que boa parte do material ainda estava nas caixas. Parte do material havia sido evacuada tão recentemente que foi encontrado ainda a bordo de balsas no norte da Alemanha. Centenas de caixas foram encontradas em Hungen e no Castelo Tanzenberg na Áustria, para onde a ZBHS havia transferido seus acervos. Essa última parte foi devolvida pelo Exército britânico, que havia criado uma operação de restituição semelhante à de Offenbach.

No entanto, parte do material do IISG acabou no arquivo especial de Stálin, em Moscou.^[30] O arquivo do instituto, com foco no movimento de trabalhadores, em sindicatos e líderes socialistas, era particularmente interessante para a União Soviética. No instituto em Amsterdã por muito tempo se acreditou que os arquivos e livros desaparecidos tinham sido destruídos durante a guerra. Só depois de cinquenta anos soube-

se que não era o caso. Quando o encontrei no IISG, Houb Sanders contou: “A parte milagrosa é que a maioria dos arquivos voltou depois da guerra. A perda, no fim, foi consideravelmente pequena, só uns 5%. O que se perdeu foi levado para a União Soviética, que também foi onde acabaram os documentos de Trótski levados pelo serviço secreto soviético na década de 1930”.

Outra biblioteca holandesa que voltaria quase intacta foi a Klossiana, o acervo da ordem maçônica de Grootoosten der Nederlanden, em Haia. A coleção foi devolvida para o Offenbach em 1946. Mas parte dos arquivos da ordem desapareceu, e muito depois se descobriu que o material havia sido incorporado ao arquivo Stálin.

Se as bibliotecas holandesas tiveram sorte, o mesmo não se pode dizer das francesas. Além da Biblioteca Turguêniev, a Biblioteca Symon Petliura se perdeu e parece ter tido final semelhante ao ser desmantelada. Os arquivos acabaram tanto em Kiev quanto no arquivo-troféu de Stálin, onde o material foi mantido na seção reservada para “nacionalistas ucranianos”.^[31]

A exceção foi a biblioteca de exilados poloneses, a Bibliothèque Polonaise de Paris. Ainda não se sabe bem onde estava essa biblioteca quando cessaram as hostilidades – se no leste da Alemanha ou na Polônia. Seja como for, o acervo caiu em mãos polonesas e, em 1945, foi levado à Biblioteca Nacional, em Varsóvia. O mais provável é que a biblioteca tenha escapado das brigadas de caça a troféus por ter sido confundida com “propriedade polonesa”. Depois de longas negociações e pressão diplomática, os exilados poloneses em Paris conseguiram reaver

parte do acervo em 1947. Mas o que voltou não era uma biblioteca completa. Dos 136 mil volumes do acervo original, só 42.592 livros, 878 manuscritos, 85 desenhos e 1.229 periódicos foram recuperados. O resto sumiu.^[32]

Quando os colegas da Alliance Israélite Universelle voltaram à sede da organização no número 45 da rue La Bruyère em Paris, o prédio não estava nem de longe vazio. As prateleiras da biblioteca ainda estavam lotadas de livros; mas não eram os livros da Alliance, eram acervos saqueados que a ERR deixara ali. Por outro lado, partes da biblioteca da Alliance Israélite Universelle foram encontradas no arquivo de Offenbach e em Tanzenberg.

“Não sabemos o tamanho da parte que jamais voltou, porque até mesmo as listas, os inventários, os registros e os catálogos dos anos anteriores à guerra sumiram. O bibliotecário, depois da guerra, estimou que cerca de 50% dos livros voltaram; o resto havia sido transferido e jamais voltou”, disse Jean-Claude Kuperminc na Alliance.

Até mesmo partes do arquivo desapareceram. Meio século depois, documentos com o carimbo da organização apareceram em Minsk, Moscou e na Lituânia. Ao todo, Seymour J. Pomrenze e seus colegas entregariam cerca de dois milhões e meio de livros do arquivo de Offenbach. Outro meio milhão de livros foi devolvido pelo Exército britânico em Tanzenberg.^[33]

Apesar da imensa quantidade de trabalho realizado, apenas uma fração do que foi roubado acabou devolvida. De Offenbach, 323.836 livros foram enviados para a França, o que passava longe da estimativa de 1,7 milhão de livros saqueados, sem

contar os que foram levados quando 29 mil apartamentos em Paris foram esvaziados pela M-Aktion da ERR. A Bélgica, de onde centenas de milhares de livros foram pilhadas, só recebeu de volta 198 caixas de materiais.^[34] Proporcionalmente, a Holanda foi o país que mais recebeu livros de volta: 329 mil. Os Aliados ocidentais também devolveram exemplares para Itália, Alemanha, Tchecoslováquia, Hungria, Polônia, Iugoslávia e Grécia.

De todas as bibliotecas e arquivos roubados em Tessalônica, apenas dez mil livros foram devolvidos à Grécia, mas nem esses voltaram a seus lares. Quando encontrei Erika Perahia Zemour em Tessalônica, ela comentou: “Acho que nenhum livro jamais voltou para cá. Os livros repatriados foram armazenados em Atenas. Depois desapareceram. Ninguém sabe o que aconteceu com eles depois da guerra. Tentamos procurar, mas não encontramos nada. O mais provável é que tenham sido levados para a congregação judaica em Atenas”.

Por outro lado, os Aliados ocidentais encontraram uma quantidade ainda maior de materiais de arquivo judaicos da Grécia. “No total, 17 toneladas de materiais de arquivo foram despachadas para Atenas, sendo que sete toneladas vieram para Tessalônica. Infelizmente, alguém mandou a maior parte disso para Jerusalém depois da guerra. Os americanos por engano também mandaram material de Tessalônica para o YIVO em Nova York. Mas grande parte acabou em Moscou. Sobrou um pouco aqui, mas a maior parte se espalhou pelo mundo”, Zemour me disse.

No fim quem sofreu o maior golpe com a pilhagem foram os

coleccionadores particulares. Livros de acervos privados eram mais difíceis de identificar porque raramente tinham sido catalogados. Se os exemplares não tinham marcas de propriedade era praticamente impossível encontrar sua origem.

O modelo dos Aliados ocidentais, que deixavam a parte final da restituição a cargo dos governos nacionais, se mostrou ineficaz quando se tratava de devolver livros para indivíduos. Organizações e instituições tinham mais condições de pressionar as autoridades e receber indenizações, mas os indivíduos normalmente tinham se mudado e muitos também haviam trocado de nacionalidade, o que dificultava bastante o processo de restituição.

Mas as autoridades nacionais encarregadas da restituição tiveram parte considerável de culpa. Por exemplo, a instituição responsável pela devolução dos materiais na Bélgica, o Office de Récupération Economique, não fez muito para devolver acervos privados mesmo quando os donos haviam sido identificados em Offenbach e Tanzenberg.^[35] Uma possível explicação para isso é que depois da guerra o Office de Récupération Economique, como tantas autoridades encarregadas da restituição em países europeus, se concentrou em indenizar e restituir bens mais valiosos do que livros – como obras de arte, pedras preciosas e ouro.

Indivíduos que exigiam a devolução de suas bibliotecas, depois da guerra, basicamente não tiveram sucesso. Quando recuperavam parte dos livros, normalmente eram uns poucos exemplares de acervos grandes. Por exemplo, uma cidadã belga, Valérie Marie, recuperou 61 livros de uma biblioteca de dois mil

volumes. Em outro caso, Salvatore Van Wien recebeu oito de seus seiscentos livros.

O Office de Récupération Economique não procurava ativamente os proprietários, mesmo quando a origem de um acervo particular já estava clara. A restituição era feita de forma passiva, o que também marcou o processo em muitos outros países.^[36] No fim dos anos 1940, o Office de Récupération Economique começou a vender os livros que ninguém reivindicou.

Os Aliados ocidentais acabaram devolvendo uma quantidade relativamente alta de acervos à União Soviética, principalmente de livros que foram roubados do Partido Comunista e de outras instituições estatais. Quase 250 mil exemplares foram despachados de Offenbach para a União Soviética em agosto de 1946. Vários vagões também foram enviados de Tanzenberg. Infelizmente, o tráfego na outra direção foi bem menor.^[37]

Mas os Aliados ocidentais não foram totalmente inocentes. Quase um milhão de livros foi mandado para a Biblioteca do Congresso, em Washington. Várias bibliotecas grandes americanas enviaram delegações à Europa para ampliar seus acervos. Alguns livros foram comprados, mas muitas bibliotecas alemãs também foram confiscadas – às vezes com base em pretextos bastante duvidosos. Livros que foram confiscados de indivíduos, organizações ou instituições públicas ligados ao nazismo eram considerados “literatura inimiga” e “propaganda”. Por exemplo, a “biblioteca de trabalho” do Institut zur Erforschung der Judenfrage, com cerca de vinte mil livros, foi despachada para Washington. De acordo com as

regras, nenhum livro “saqueado pelos nazistas” podia sair da Alemanha. Mas muitas vezes era impossível saber se esse era o caso, já que nem todos os livros tinham marcas indicando seus proprietários. Muito mais tarde viriam à tona notícias de que livros roubados também haviam sido levados para os Estados Unidos.^[38]

Também não há dúvidas de que uma grande quantidade de exemplares, assim como aconteceu no front oriental, foi roubada por soldados americanos, franceses e britânicos. O sargento Burrage Child, especialista em arquivos que trabalhava para os Caçadores de obras-primas e que chegou à Europa em 1945, afirmou em uma carta que soldados americanos estavam “libertando livros” em todo o território alemão. “Agora entendo melhor as velhas histórias sobre soldados do norte fazendo pilhagem no sul. Os netos deles, e também os netos dos ianques, agora seguem o mesmo padrão.”^[39]

Depois da primeira triagem em Offenbach e Tanzenberg, centenas de milhares de livros continuavam sem ter suas origens e seus proprietários estabelecidos. Seymour Pomrenze e seus colegas frequentemente se sentiam forçados a se perguntar se havia restado alguém a quem devolver esses livros, muitos dos quais, como afirmou o sucessor de Pomrenze, Isaac Bencowitz, eram resquícios de comunidades e povos que já não existiam mais:

Na sala de classificação, eu encontrava uma caixa de livros que haviam sido reunidos pelos funcionários, como ovelhas perdidas colocadas num mesmo curral – volumes de uma biblioteca que em algum momento existiu numa

cidade distante da Polônia ou numa *ieshiva* agora extinta. Havia algo triste e fúnebre naqueles exemplares [...] como se sussurrassem uma história de desejos e esperanças que mais tarde foram destruídos [...] Eu me pegava desentortando esses livros e os colocando em caixas com uma certa ternura, como se eles tivessem pertencido a alguém de quem eu gostava, alguém que morreu recentemente.^[40]

Os funcionários do arquivo de Offenbach se depararam com um difícil dilema. A Europa, desde a Segunda Guerra Mundial, não era mais a mesma. Comunidades haviam sido aniquiladas, populações inteiras foram expulsas e o mapa geográfico havia sido redesenhado. Ao mesmo tempo que o processo de restituição estava em curso, acontecia uma das maiores crises de refugiados da história, com cerca de 30 milhões de pessoas em fuga ou sendo transferidas no centro e na parte oriental do continente.^[41] Milhares de comunidades judaicas de toda a Europa, mas principalmente na Europa Oriental, haviam desaparecido. Em muitos casos os sobreviventes não voltaram para suas casas, especialmente entre os que vinham da Europa Oriental, onde a guerra em muitos casos não causou impacto sobre um antissemitismo profundamente enraizado. Já em 1946 ocorreu um *pogrom* na cidade de Kielce, na Polônia, depois de rumores de que judeus haviam raptado e assassinado em um ritual um menino polonês – o mito medieval ressuscitado apenas um ano depois da libertação dos campos de concentração. Quarenta e dois judeus foram assassinados no *pogrom*, a tiros ou espancados até a morte. Entre os assassinos havia civis poloneses e autoridades de segurança comunistas.

Centenas de milhares de sobreviventes do Holocausto estavam em fuga, a maior parte seguindo para Palestina, América do Sul ou Estados Unidos para começar vida nova ou se reencontrar com suas famílias.

As centenas de milhares de livros judaicos em Offenbach considerados “sem dono” exigiram uma solução especial encontrada com a ajuda de uma organização chamada Reconstrução Cultural Judaica (RCJ), criada em 1947 e financiada por vários grupos judeus. A organização era chefiada pelo renomado historiador Salo Baron, e a filósofa Hannah Arendt fazia parte do comitê executivo.

Em 1949, quando a maior parte dos acervos identificáveis tinha sido devolvida, cerca de meio milhão de livros foi entregue à RCJ para ajudar a reconstruir comunidades e congregações judaicas. Esses livros seguiriam o fluxo de judeus refugiados e migrantes nos anos do pós-guerra. A maior parte, cerca de 200 mil exemplares, foi mandada para Israel, e quase 160 mil foram levados para os Estados Unidos.^[42] Também foram enviados livros para Grã-Bretanha, Canadá, África do Sul e vários países na América do Sul: Argentina, 5.053 livros; Bolívia, 1.218 livros; e Equador, 225 livros. Os livros iam principalmente para congregações, mas em certos casos também eram mandados para escolas. A Universidade Hebraica de Jerusalém recebeu uma grande quantidade de exemplares e manuscritos valiosos. Quem recebia os livros ficava proibido de vendê-los, e em muitos países os volumes foram marcados com um ex-líbris especial. Cada um dos 2.031 livros distribuídos para as congregações canadenses trazia o seguinte texto dentro: “Este livro era de

propriedade de um judeu, vítima de um grande massacre na Europa”.^[43]

Em fevereiro de 1947, uma jovem historiadora chamada Lucy S. Dawidowicz chegou ao arquivo em Offenbach. Sua tarefa era selecionar livros “sem dono” menos valiosos para serem enviados para campos de refugiados sobreviventes do Holocausto, onde havia uma grande demanda por livros. No entanto, quando começou a investigar o acervo, Dawidowicz reconheceu livros e material de arquivo.

Filha de migrantes judeus poloneses, ela se especializara em história judaica europeia ao estudar na Universidade Columbia nos anos 1930. Determinada a aprender iídiche, foi a Vilnius em 1938 para trabalhar no Instituto YIVO. Mais tarde ela descreveu como viajou para Vilnius “com a romântica convicção de que a cidade se transformaria em um centro mundial independente para a cultura iídiche”.^[44] Ela descreveu as cenas com que se deparou na famosa Biblioteca Strashun: “Num único dia você pode ver, em duas grandes mesas da sala de leitura, respeitáveis idosos com barba e chapéu, lendo absortos os textos talmúdicos, sentados lado a lado com homens de cabeça descoberta e mesmo mulheres com ombros descobertos em dias de calor. Às vezes você ouvia os mais velhos murmurando e reclamando do mundo moderno. E os jovens dando risada”.^[45] Dawidowicz partiu de Vilnius em agosto de 1939, semanas antes do início da guerra e do começo da catástrofe que exterminaria a Vilnius judaica.

Um dos fundadores do YIVO, Max Weinreich, que estava em Copenhague quando a guerra começou em 1939, foi a Nova York

e lá instalou a nova sede do instituo. Dawidowicz, que tinha se aproximado de Weinreich e de outros pesquisadores do YIVO, começou a trabalhar para o instituto. Na nova sede do YIVO temia-se que o inestimável acervo, construído ao longo de décadas, se perdesse para sempre. A missão original do YIVO, de fortalecer e dar relevância à cultura iídiche, agora havia mudado do modo mais trágico possível. Já não se tratava de dar relevância a uma cultura viva, e sim de salvar parte de uma civilização perdida. A grande cultura viva iídiche perecera no Holocausto. Em Israel, o hebraico seria dominante e o iídiche seria visto com resistência por uma nova nação que tentava criar uma forte identidade linguística e cultural.

Em 1947, quando começou a vistoriar as pilhas de livros em Offenbach, Lucy Dawidowicz encontrou documentos e livros que já havia visto em Vilnius.^[46] “Fui tomada por uma sensação quase sagrada, como se estivesse tocando algo espiritual [...] Cada livro sobrevivente daquele mundo se tornou um documento histórico, um artefato cultural e um registro de uma civilização assassinada”, escreveu Dawidowicz em suas memórias. Ao mesmo tempo que sentia reverência ao examinar os acervos, ela também estava consciente do “ranço de morte que emanava das centenas de milhares de livros e objetos religiosos, que perderam seus pais e eram restos mudos de seus donos assassinados”.^[47]

Dawidowicz encontrou periódicos, livros e material de arquivo de documentação histórica e etnográfica, coletados por pesquisadores do YIVO em comunidades da Rússia, da Ucrânia, da

Polônia e da Lituânia que já não existiam. Havia poemas, cartas, fotografias, áudios e canções em iídiche. Em meio às imensas montanhas de material, ela também encontrou o que havia sobrado da Biblioteca Strashun, com seus valiosos livros e manuscritos religiosos.

Depois de negociações, ficou decidido que os acervos não voltariam para a Lituânia, onde o instituto havia sido nacionalizado pelos bolcheviques antes mesmo da invasão alemã de 1941. Em vez disso, tudo seria despachado para a nova sede do instituto em Nova York. O YIVO também conseguiu a posse da Biblioteca Strashun, já que o acervo era considerado “sem dono”. Dos cerca de sessenta mil judeus que moravam em Vilnius antes da guerra, poucos tinham sobrevivido. Em julho de 1949, os fragmentos dessa “civilização” foram colocados em 420 caixas e deixaram a Europa a bordo do navio americano *ss Pioneer Cove*.

A cultura judaica não tinha desaparecido completamente de Vilnius, mas havia outros motivos fortes para não enviar o acervo para lá. Nesse mesmo período, em Vilnius, estava em curso outra operação de resgate – feita em nome do YIVO – que tentava encontrar os livros escondidos pelos judeus responsáveis pela triagem na Brigada do Papel. E também material que os poetas e *partisans* Abraham Sutzkever e Shmerke Kaczerginski retiraram de baixo do piso do *bunker* no gueto. Duas semanas depois da libertação de Vilnius, em julho de 1944, eles fundaram o Museu de Arte e Cultura Judaicas. O museu foi instalado em um prédio do antigo gueto que não tinha sido nacionalizado

pelos comunistas, a casa no número 6 da Straszuna, onde funcionara a biblioteca do gueto.

Nos meses seguintes, Sutzkever, que se tornou curador do museu, com o auxílio de um pequeno grupo de voluntários, conseguiu salvar mais tesouros ocultos. Uma das descobertas mais importantes aconteceu em uma fábrica de papel local, onde vinte toneladas de papel do vivo e de outros acervos judaicos ainda não tinham sido recicladas. Outras trinta toneladas foram encontradas com a organização estatal responsável pela limpeza de edifícios em escombros. Os cidadãos de Vilnius que ajudaram em segredo a esconder materiais entregaram sacos de batata cheios de livros e manuscritos. De maneira impressionante, eles conseguiram recolher 25 mil livros em iídiche e hebraico, 10 mil em outras línguas europeias e 600 sacos de material de arquivo. [48]

Todo o trabalho para salvar esses livros e documentos valiosos foi feito só com a ajuda de voluntários. Os pedidos feitos por Sutzkever para que as autoridades soviéticas fornecessem apoio prático e financeiro ficaram sem resposta. Pelo contrário, esses esforços para reconstruir uma identidade cultural judaica em Vilnius foram vistos com desconfiança e mais tarde com hostilidade. No sistema soviético não havia espaço para identidades alternativas.

Sutzkever foi o primeiro a compreender que esses tesouros, que haviam sido salvos dos nazistas com tanto esforço, precisavam ser salvos mais uma vez. Em setembro de 1944 ele já tinha ido a Moscou, contrabandeando partes selecionadas do acervo. Entre outras coisas, levou diários de Herman Kruk, que

tinha sido assassinado. Com a ajuda de um correspondente estrangeiro ele conseguiu enviar uma remessa para o YIVO em Nova York.

Shmerke Kaczerginski, que tinha maior simpatia pelo novo regime, substituiu Sutzkever como curador do museu. Mas não demorou para que Kaczerginski também fosse obrigado a admitir o que estava acontecendo, quando agentes da KGB passaram a visitar regularmente o museu. Eles começaram proibindo a biblioteca de emprestar livros que não fossem previamente aprovados pelos censores do regime. Infelizmente, os livros que Kaczerginski mandou para inspeção jamais voltaram.

Kaczerginski descobriu que trinta toneladas de livros e de material de arquivo que haviam sido encontrados estavam sendo postas em um trem com destino a uma fábrica de papel. Ele foi às pressas à plataforma e conseguiu salvar algumas obras do YIVO e da Biblioteca Strashun que estavam nos vagões abertos. Mas enquanto ele entrava em contato com as autoridades para tentar impedir que os livros fossem levados, o trem partiu e a carga foi destruída.^[49]

“Foi aí que nós, o grupo de ativistas do museu, percebemos uma coisa bizarra – precisamos salvar nossos tesouros *de novo*, e tirá-los daqui. Se a gente não fizer isso, eles serão destruídos. Na melhor das hipóteses, vão sobreviver, mas nunca mais vão ver a luz do dia no mundo judeu”, escreveu Kaczerginski.^[50]

Em segredo, Sutzkever e alguns ativistas judeus começaram a contrabandear algumas das partes mais valiosas do acervo,

enquanto Kaczerginski mantinha a fachada de leal cidadão soviético, planejando o futuro do museu. Um a um os ativistas fugiram para o Ocidente, levando tudo que conseguiam carregar. Em meados de 1946, tanto Kaczerginski quanto Sutzkever haviam deixado Vilnius com as malas completamente lotadas. Para grande tristeza deles, foi preciso deixar a maior parte do acervo para trás, e mais uma vez ele caiu nas mãos de um regime totalitário. Pouco depois da fuga deles, a KGB invadiu o museu, que foi confiscado. O acervo foi colocado em caminhões e levado a uma velha Igreja da cidade, onde foi jogado nos porões.

Shmerke Kaczerginski e Abraham Sutzkever chegaram a Paris e de lá mandaram para Nova York tudo o que tinham conseguido salvar. E foi aí que os dois amigos, que juntos haviam sobrevivido à ocupação nazista, a uma guerra *partisan* na floresta e ao regime soviético, se separaram. Kaczerginski migrou para a Argentina e Sutzkever, para a Palestina. Mas antes de deixar a Europa Sutzkever deu um depoimento amplamente divulgado contra os que haviam destruído sua cultura para sempre. Em 27 de fevereiro de 1946, ele se sentou no banco das testemunhas dos julgamentos de Nuremberg. Ele queria dar seu testemunho na sua língua natal, o iídiche, algo que o tribunal vetou desde o começo. Ele foi forçado a falar em russo. Em protesto contra essa decisão, como as outras testemunhas, ele se recusou a sentar, apesar de ter recebido várias ordens para fazer isso. Queria permanecer em pé, como se recitasse as sagradas escrituras. “Nas duas noites antes desse depoimento não dormi absolutamente nada. Vi diante de mim minha mãe correr, nua, por um campo coberto de neve; o sangue quente escorrendo de

seu corpo ferido começou a pingar das paredes do meu quarto, e me engoliu. Era difícil comparar sensações. O que é mais forte, o sofrimento ou o desejo de vingança?”^[51]

Em seu testemunho, Sutzkever fala sobre o extermínio da Vilnius judaica, e sobre como ele permaneceu no gueto do primeiro ao último dia. Falou sobre a mãe. Sobre como um dia ela desapareceu. Como ele procurou por ela no apartamento, mas só descobriu um livro de orações sobre a mesa e uma xícara de chá intocada.

Mais tarde ele descobriu o que havia acontecido a ela, quando os nazistas, em dezembro de 1941, deram um “presente” aos judeus. Carros cheios de sapatos velhos foram levados ao gueto. ^[52] Pouco depois, Sutzkever escreveu um poema intitulado “A Vogn Shikh” [Um vagão de sapatos]:

As rodas giram, giram –
O que levam pra esses lados?
Me trazem um vagão
De trêmulos calçados.
Vagão que é um casório
Na noite incandescente,
Dançam pilhas de sapatos
Como num baile dança a gente.

É festa, um feriado
Ou erro em tal supor?
Conheço esses calçados
E vê-los causa dor.

Os saltos sapateiam
“Pra onde, aonde eu vim?”
“Das velhas ruas de Vilnius
Nos mandaram a Berlim.”

Nem preciso saber quem,
Mas parte o coração:
Ah sapatos me contem
Esses pés onde estão?

Os pés dessas botas
Com botões, cano alto.
A criança dos chinelos
A mulher deste salto

Vejo infantis de sobra –
Por que não vejo uma criança?
Se vejo o sapato da noiva,
Cadê a moça de aliança?

Em meio a botas gastas
Um par da minha mãe, tão lindo!
Só no Sabá calçava
E sempre reluzindo.

E os saltos sapateiam
“Pra onde, aonde eu vim?”
“Das velhas ruas de Vilnius
Nos mandaram a Berlim.”

No banco dos réus estava Alfred Roosenberg. Uma década antes, aqui em Nuremberg, ele havia recebido o Prêmio Nacional Alemão para Arte e Ciência, o equivalente nazista do Prêmio Nobel. A dedicatória era assim: “Por ter ajudado a estabelecer e a consolidar a perspectiva global do nacional-socialismo tanto por meio da ciência quanto da intuição”. O tempo que ele passou na cela em Nuremberg não o levou a se converter nem a ter crises de remorso, mas deu a Roosenberg a possibilidade de refletir sobre o que dera errado, do seu ponto de vista. Além da corrupção ideológica da liderança em torno de Adolf Hitler, Roosenberg achava que o chamado culto ao Führer causara a ruína do Terceiro Reich. O movimento nacional-socialista se apoiou demais sobre os ombros de um só homem. Ele já pensava assim antes, mas durante o Reich era perigoso dizer isso.^[53] Para Roosenberg, o nacional-socialismo sempre foi maior do que Adolf Hitler, e sua ideia de criar a Hohe Schule tinha a ver com a criação de bases intelectuais e ideológicas que pudessem estabilizar o movimento no futuro. A análise de Roosenberg provavelmente fazia sentido até certo ponto, mas também era ingênua e idealista – sem o “culto ao Führer” o regime provavelmente teria desmoronado sozinho. Hitler tinha muito mais seguidores do que os dogmas.

Roosenberg “sempre viveu em um mundo filosófico ideal. Ele é completamente incapaz de organizar sua situação atual, bastante tangível, e procura o tempo todo escapar para um discurso sem rumo”, afirmou D. M. Kelly, um dos psicólogos que examinaram Roosenberg durante seu tempo na prisão.^[54]

O advogado de Roosenberg, Ralph Thomas, que tentou fazer

com que ele admitisse sua culpa e rejeitasse sua própria ideologia durante o julgamento, jamais teve a menor chance. Roosenberg não era Albert Speer, mas também não desmoronou como Ribbentrop ou Kaltenbrunner. Pelo contrário, se comportou friamente. Ao contrário de outros réus, ninguém achava provável que ele se suicidasse: “Não há indícios de depressão ou de preocupação suicida. Humor totalmente adequado”, escreveu William Harold Dunn, que fez uma avaliação médica e psicológica de Roosenberg.^[55] “A impressão que ele me deu foi de se agarrar a suas próprias teorias de maneira fanática e inflexível e de ter sido pouco influenciado pela revelação das crueldades e crimes do partido durante o julgamento.”^[56]

p. 172.

Quando um filme dos campos de concentração foi exibido durante o julgamento, Roosenberg olhou para o outro lado e se recusou a assistir. Ele passava seu tempo na sala trabalhando em suas memórias, onde insistia fixamente na ideia de que a Alemanha fora vítima de uma conspiração judaica – que agora saía vitoriosa. Sua luta tinha sido uma defesa contra essa conspiração mundial. Roosenberg não admitiu qualquer culpa. Ele não achava que sua lealdade ao partido pudesse ser um crime: “O nacional-socialismo foi uma resposta europeia à questão do nosso século. Foi a mais nobre ideia a que um alemão poderia dedicar suas energias”, ele escreveu em sua cela.^[57]

Embora Roosenberg não tivesse se envolvido tão diretamente quanto Himmler, Göring, Heydrich e outros líderes nazistas no planejamento da guerra ou do Holocausto, ele estava envolvido

demais em seu próprio papel de principal ideólogo para escapar do veredito inevitável. As teorias conspiratórias antissemitas e a ideologia racial que Roosenberg pregava havia décadas contribuíram para os eventos. Mas o que mais contribuiu para sua condenação foi o cargo de ministro do Reich para os Territórios Ocupados no Oriente. Embora tenha se admitido que Roosenberg protestou contra ações mais duras, ao mesmo tempo ele não fez nada para impedir que elas ocorressem, e continuou no cargo até o fim, o que foi mencionado nas alegações finais ao fim do processo em 1º de outubro de 1946.

“O verdadeiro crime de Roosenberg não foi ter agido como um homem fraco, mas sim ter escrito e falado como um homem forte”, afirmou um historiador.^[58] Roosenberg foi considerado culpado de todas as acusações. Ele foi condenado à morte.

Seus capangas foram tratados com muito mais leniência – os pesquisadores nazistas que pilharam o mundo à sua volta e ajudaram a construir a catedral ideológica de Roosenberg. A maior parte pôde voltar para a vida acadêmica ou para outras carreiras. Wilhelm Grau, que chefiou o instituto de Frankfurt nos primeiros anos, trabalharia no mercado editorial, e nos anos 1950 se tornou diretor de uma gráfica. Seu sucessor, Klaus Schickert, se tornou diretor de uma empresa em Colônia. Gerd Wunder, que chefiou as pesquisas em Ratibor, se reintitulou depois da guerra “historiador social”. Em vez de obras como *Questões raciais e judaísmo*, ele passou a publicar livros como *Relações históricas entre América do Sul e Europa*.

Alguns pesquisadores atraíram mais atenção do que outros, como o historiador Hermann Kellenbenz. Depois da guerra ele

trabalhou por um período na Universidade Harvard, nos Estados Unidos, e depois se tornou um historiador econômico internacionalmente respeitado. Ele continuou a publicar estudos sobre a economia dos judeus sefarditas, só que agora sem a parte ideológica.

Johannes Pohl, o “*expert* em judaísmo” do instituto de Frankfurt e um dos principais saqueadores, trabalhou depois da guerra na Franz Steiner Verlag, uma respeitada editora científica alemã, e, a julgar por seus textos em periódicos católicos, parece ter voltado à sua fé anterior. Os relatos detalhados de Pohl sobre os roubos nos vários fronts, onde ele listava o que havia sido “assegurado”, foram usados como provas contra Alfred Roosenberg nos julgamentos de Nuremberg. Mas o próprio Pohl jamais foi processado.^[59]

Duas semanas depois de sua condenação, nas primeiras horas de 16 de outubro de 1946, Roosenberg foi levado de sua cela para um pátio interno da prisão. Os dez criminosos de guerra foram levados um após o outro para o local de execução. O único a evitar a punição foi Hermann Göring, que, faltando apenas duas horas para sua execução, mordeu uma cápsula de cianeto que havia contrabandeado para dentro da prisão. Depois do ministro das Relações Exteriores Joachim von Ribbentrop, do líder da RSHA Ernst Kaltenbrunner e do marechal de campo Wilhelm Keitel, chegou a vez do principal ideólogo.

“Roosenberg estava desanimado e com o rosto magro quando olhou para o pátio. Sua pele tinha um tom marrom pálido, mas ele não parecia nervoso, e andou com passos firmes até o cadafalso. Exceto por dizer seu nome e por responder ‘não’

quando perguntaram se tinha algo a dizer, ele não pronunciou uma palavra sequer. Apesar de seu manifesto ateísmo, ele foi acompanhado por um capelão protestante que foi com ele até o patíbulo e ficou ao seu lado orando. Roosenberg olhou uma vez para o capelão, sem expressão. Noventa segundos depois, balançava pendurado na corda do carrasco. A dele foi a mais rápida das dez execuções”, escreveu o jornalista Howard K. Smith, que cobriu as execuções.^[60]

Junto com os outros, o corpo de Alfred Roosenberg foi levado para Munique, onde foram todos cremados no cemitério Ostfriedhof. Naquela mesma noite, sob o manto da escuridão, as cinzas dos homens executados foram lançadas no rio Isar.

CAPÍTULO 15

Um livro encontra o caminho de casa

Berlim–Cannock

Poucas cidades são tão cinzentas como Berlim em março. Da última vez em que estive na Breite Straße, uma alameda verde de árvores ocultava o fato de que esse era o lado feio da Ilha dos Museus. A parte sul da ilha não tem nem o mesmo nome, é chamada apenas de Ilha do Spree. Sebastian Finsterwalder apaga o cigarro ainda fora da Zentral- und Landesbibliothek Berlin.

Passaram-se mais de seis meses desde que comecei minha jornada aqui. Poucas semanas atrás, recebi um e-mail de Finsterwalder. Alguma coisa tinha acontecido.

A caminho de sua sala, Finsterwalder me diz que estão acontecendo outras coisas na biblioteca, que passa por grandes mudanças. Não só os livros estão sendo digitalizados como alguns bibliotecários serão substituídos por robôs. A catalogação vai ser assumida por uma empresa terceirizada que usa máquinas para fazer o trabalho. É mais barato. Mas muitos funcionários vão ser demitidos, diz Finsterwalder, que é ativo no

sindicato.

O projeto de restituição na Zentral- und Landesbibliothek Berlin vai continuar. Mas ninguém sabe por quanto tempo. Há anos de trabalho pela frente antes que Finsterwalder e seus colegas possam identificar os livros roubados no acervo.

“A gente não sabe quanto tempo tem. Nosso chefe continua falando como se esse projeto fosse acabar um dia. Normalmente, as investigações de restituição na Alemanha ocorrem por um período de tempo limitado, de dois ou três anos. Mas isso é algo que não tem como ser feito tão rápido. É um trabalho para gerações. E todo mundo sabe disso.”

A sala continua igual, exceto pelo fato de que o colega dele, Detlef Bockenkamm, não está aqui. Está no hospital. “Ele fraturou o quadril num acidente”, Finsterwalder me conta. Da parte dele, a luta continua, está escrevendo um novo estudo e criou um site para publicar materiais que ele e os colegas encontraram nos arquivos. Entre outras coisas, o fato de a biblioteca ter feito uma oferta em 1943 para ficar com cerca de quarenta mil livros roubados das casas de judeus deportados de Berlim.

“Está escrito muito claramente que o dinheiro pago pelos livros iria para a solução da ‘questão judaica’. A biblioteca sabia muito bem o destino que o dinheiro teria”, Finsterwalder diz, e me mostra a carta.

Na prateleira ao longo da parede, onde volumes com etiquetas de vários acervos foram organizados, alguns nomes e pilhas de livros foram acrescentados. Minha atenção imediatamente se volta para um livro com a assinatura “R.

Wallenberg”. Finsterwalder não sabe como o livro foi parar na biblioteca nem quem possa ter sido “R. Wallenberg”, mas sabe que o exemplar foi furtado. Depois de comparar a assinatura com a do diplomata sueco Raoul Wallenberg, podemos confirmar que se trata de outro Wallenberg.

De uma caixa de papelão branca sob sua mesa Finsterwalder pega outro achado do acervo que está investigando atualmente. Cuidadosamente ele abre o livro e vejo que as páginas têm texto escrito à mão – letras grandes, bonitas, intrincadas, escritas à tinta sobre um papel grosso marrom. A origem é revelada por um carimbo com três flores-de-lis. “Esse é um registro de uma paróquia da pequena congregação de Verpel. Aqui está anotado quem se casou ou foi batizado entre 1751 e 1771. Ele chegou à biblioteca como presente em 1945, mas não sabemos exatamente como. Claramente o lugar dele não é aqui. Ele foi roubado por alguém durante a guerra”, explica. Verpel fica na região de Champanha-Ardenas no nordeste da França, perto de fronteira com a Bélgica. Em 2010, 85 pessoas moravam no povoado.

É muito provável que as origens dos livros roubados que hoje estão na Zentral- und Landesbibliothek Berlin sejam mais variadas do que as de qualquer outra biblioteca na Alemanha – e possivelmente em toda a Europa. Além de ter comprado lotes inteiros de livros dos nazistas, roubados de milhares de casas de judeus, depois da guerra a biblioteca passou a guardar livros retirados de 130 locais diferentes em Berlim – de oficiais nazistas, institutos, autoridades públicas e de várias bibliotecas nazistas, incluindo o depósito de livros da Seção VII na

Eisenacher Straße, onde trabalhadores escravos judeus classificaram e encaixotaram os volumes. Ninguém sabe quantos livros ainda havia nas ruínas bombardeadas da antiga loja maçônica. Só se pode afirmar que parte deles veio parar aqui. Também há muitos exemplares roubados depois da guerra comprados no atacado de livreiros ou recebidos como “presentes”. Parte dos depósitos de livros para onde a biblioteca evacuou seu acervo também permaneceria intocada por décadas. Finsterwalder explica que dezenas de milhares de livros da biblioteca foram levadas para um celeiro perto de Berlim, onde permaneceram por quarenta anos.

Foi a partir desses acervos saqueados e esparsos que a antecessora da biblioteca, a Berliner Stadtbibliothek, reconstruiu seu acervo depois da guerra – em parte usando os livros para preencher as lacunas deixadas pelos bombardeios, mas também porque as brigadas de caça a troféus enviaram grande parte do acervo original para a União Soviética. Finsterwalder dá por irremediavelmente perdida essa parte da coleção. Ele acha que é mais importante para a biblioteca enfrentar sua própria história. Achar os donos de aproximadamente 250 mil livros roubados encontrados nesse prédio é um trabalho de detetive que, até agora, nenhum robô de catalogação do mundo pode realizar.

O que está em jogo é encontrar os livros de acervos que foram sendo sucessivamente desmembrados, espalhados, separados e triados. Até mesmo exemplares que pertenciam a coleções que foram, literalmente, pelos ares. “Temos muitos livros com estilhaços de projéteis”, diz Finsterwalder.

Estamos falando de bibliotecas fragmentadas até chegarem às

menores partes possíveis. Aqui há livros de milhares de bibliotecas, mas é comum que haja apenas um ou uns poucos exemplares de cada acervo. Esses fragmentos do que em algum momento foi uma biblioteca completa fazem meus pensamentos se voltarem para o cemitério judeu destruído em Tessalônica. O modo como lápides quebradas foram usadas como material de construção para muros da cidade e se tornaram parte dela. Do mesmo modo, a Zentral- und Landesbibliothek Berlin se ergueu fazendo uso de cacos e ruínas. Em geral esses pilares são invisíveis, mas assim como uma mureta de ardósia atrás de uma garagem suja de motos, ou um ex-líbris esquecido em uma folha de rosto, eles oferecem uma narrativa sobre como esses elementos em algum momento foram parte de algo ou de alguém.

À pilhagem seguiu-se a destruição, ambas igualmente deliberadas e consequências da guerra. Livros desapareceram em moedores de fábricas de papel, foram explodidos e queimados. Outros simplesmente apodreceram em depósitos esquecidos, celeiros e porões inundados. Mas uma destruição maior, incomensurável, ocorreu como consequência da dispersão dos acervos. Mesmo quando alguns volumes esparsos ainda existem nas prateleiras de outras bibliotecas aqui e ali, eles perderam seu contexto. Eles eram parte de bibliotecas que tinham valor próprio – acervos em que as partes formavam um todo maior.

A dispersão foi uma estratégia consciente dos saqueadores. Somente destruindo aqueles acervos eles seriam capazes de construir novos. Muitas dessas bibliotecas resultaram de décadas, às vezes séculos, de cuidadosa construção. Houve

gerações de sábios se reunindo e lendo os livros. Os exemplares também diziam algo sobre as pessoas que os possuíam e que os guardavam: o que elas liam e o que pensavam e com o que sonhavam. Às vezes as pessoas deixaram rastros na forma de passagens sublinhadas, anotações, notas nas margens ou pequenos comentários. Os belos ex-líbris desenhados pessoalmente que muitos leitores criaram para seus livros demonstram o cuidado e o orgulho que tinham de suas bibliotecas. Cada acervo, por si só, formou uma cultura singular, um retrato do mundo de seu criador, que se perdeu quando a coleção foi desmantelada. Os livros são fragmentos de uma biblioteca, de um mundo que existiu em algum momento.



Caixas de material de arquivo do Instituto Internacional de História Social em Amsterdã, repatriado do antigo arquivo secreto de Stálin em Moscou. A existência de uma enorme quantidade de livros e

arquivos na Rússia foi revelada depois da queda da União Soviética.

Mas eles também são fragmentos de pessoas. Da última vez que vim aqui, o bibliotecário Detlef Bockenkamm, que foi quem revelou a verdade sobre essa biblioteca, me contou algo no que eu nunca consegui deixar de pensar durante minhas viagens. Os nomes que ele encontrava nesses livros esquecidos sempre davam a mesma resposta: “Toda vez as pistas levavam a Auschwitz”. Uma conclusão perturbadora que mostrava como isso não é apenas uma biblioteca, é também um memorial daqueles que muitas vezes não tiveram direito a um túmulo. Em alguns casos, os livros são só o que essas pessoas deixaram.

A maior parte dos livros é muda, ou seja, não diz muito sobre seus donos. Na melhor das hipóteses, um fragmento, uma anotação, talvez um nome. Às vezes o nome é comum demais, e as vítimas são muitas. Só o que Finsterwalder e seus colegas podem fazer é registrar os detalhes no banco de dados e esperar. Milhares de livros aguardam ali, todos disponíveis para busca, como uma rede que espera que alguém, em algum lugar, seja capturado. De tempos em tempos chega um e-mail e um livro é aberto.

Um livro cujos rastros se perderam em Auschwitz há muito tempo está na mesa à minha frente. Um livrinho verde-oliva com um pequeno relevo dourado: uma foice diante de um feixe de trigo. Ele já estava na prateleira atrás de Finsterwalder da última vez que vim aqui. O título é *Recht, Staat und Gesellschaft*

[Lei, Estado e Sociedade]. Seu autor foi o político conservador Georg von Hertling, chanceler da Baviera no turbulento período ao final da Primeira Guerra Mundial. No lado de dentro da capa, em uma folha de rosto, há um ex-líbris simples, que cria uma moldura em torno de um nome: Richard Kobrak. No canto superior direito da página de título, alguém – provavelmente o próprio Kobrak – escreveu o nome a lápis. Como acontece com tantos outros livros na Zentral- und Landesbibliothek Berlin, é difícil dizer de onde veio o livro.

“É bem complicado. Encontramos esse livro faz uns anos; ele chegou à biblioteca na década de 1950”, diz Finsterwalder, pegando um catálogo em que mais ou menos mil livros foram registrados. Todos têm a mesma origem, uma pessoa chamada Dombrowski: “É um acervo curioso. Tem muitos livros roubados aqui, mas tem outros que não podem ter sido roubados, porque foram impressos depois da guerra. Não temos certeza alguma quanto à origem geográfica. Dombrowski soa polonês, mas não era um nome totalmente incomum na Alemanha. Tinha um Dombrowski com ligações com a Gestapo; pode ter sido ele”.

A biblioteca começou a registrar os exemplares em 1958. “Foi assim que encontramos a maior parte desses livros. Mas não deixa de ser curioso que tenham criado um catálogo só para eles. Normalmente as coisas não eram feitas assim”, diz Finsterwalder, e vira as páginas até chegar ao livro de número 766 – o livro de Richard Kobrak. “Esses números são usados até hoje; então, com a ajuda do catálogo, consegui chegar até as prateleiras e encontrar os volumes. A maioria ainda estava aqui. Eles vieram de vários acervos diferentes que foram espalhados

antes da guerra ou durante o conflito. Assim, fotografei os livros e pus tudo no nosso banco de dados público. O livro do Kobrak entre eles.”

Alguns livros que foram encontrados na Zentral- und Landesbibliothek Berlin vêm de pessoas e bibliotecas conhecidas. Na prateleira estão alguns livros que pertenceram ao pianista Arthur Rubinstein, famoso internacionalmente, incluindo uma coletânea de sonetos com uma dedicatória pessoal do poeta brasileiro Ronald de Carvalho. Mas a maior parte dos exemplares que estão aqui pertencia a gente comum.

Uma busca em vários arquivos pelo nome de Richard Kobrak não revela muita coisa. Em um arquivo genealógico encontro umas poucas linhas: “Dr. Richard Kobrak nasceu em 1890. Durante a guerra foi deportado no Transport 1/90 de Berlim para Theresienstadt 18/03/1943. Depois deportado no Transport Er de Thersienstadt para Auschwitz 16/10/1944. Dr. Kobrak perdeu a vida no Shoah”.^[1]

Graças à hedionda, seca e meticulosa burocracia nazista, sabemos mais sobre os números dos trens usados para deportar Kobrak do que sobre ele próprio. Meros números para designar uma pessoa entre milhões de outras que estavam sendo transportadas até as suas mortes. É comum que não haja mais nada.

O número de livros roubados que integram o acervo, por si só, impossibilita Finsterwalder e seus colegas de se aprofundarem muito mais. “Às vezes buscamos ativamente os donos, mas normalmente só colocamos as informações no banco de dados e torcemos para que alguém encontre, caso haja

descendentes”, ele diz. Mas cerca de um mês depois da minha primeira visita à biblioteca, em junho de 2014, um e-mail chegou. Alguém havia encontrado o livro de número 766, registrado por Finsterwalder no banco de dados. A mensagem foi enviada do outro lado do mundo, por uma cientista que estudava dengue no Havaí. Ela não era a descendente, mas acreditava conhecer a pessoa a quem o livro pertencia. Ela tinha se casado com alguém de outro ramo da família Kobrak, ligado ao irmão de Richard Kobrak que havia deixado a Alemanha nazista na década de 1930. No final do ano, segundo me contou Finsterwalder, chegou outro e-mail enviado por uma mulher chamada Christine Ellse que disse ser neta de Richard Kobrak.

Em um banco de dados alemão encontro um pouco mais sobre Kobrak e fico sabendo que até 1933 ele trabalhou como advogado e funcionário público na prefeitura de Berlim. Era casado com Charlotte Kobrak, três anos mais nova do que ele. O casal teve três filhos. Não há informações precisas sobre as datas de morte nem de Richard nem de Charlotte. Só sabemos que eles estavam em um dos últimos trens que partiram de Theresienstadt para Auschwitz em 16 de outubro de 1944.

É provável que, como centenas de milhares de outras pessoas no outono de 1944, eles tenham sido levados imediatamente para as câmaras de gás. Mas vejo que os três filhos do casal, que quando a guerra começou não passavam de adolescentes, sobreviveram. Como?



Richard Kobra conseguiu tirar seus três filhos da Alemanha em 1939, incluindo o pai de Christine Ellse, Helmut Kobra. No entanto, ao chegar à Inglaterra, ele foi deportado para a Austrália como “inimigo estrangeiro”.

Finsterwalder me passa o livro verde-oliva dentro de um envelope pardo acolchoado, com duas cópias de um contrato. O documento tem duas páginas e, por meio dele, a Zentral- und Landesbibliothek Berlin transfere a propriedade do livro para “os descendentes do dr. Richard Kobra”.

Recentemente o partido político de esquerda Die Linke e o partido ambientalista Die Grünen propuseram no Bundestag que as possibilidades para que as vítimas do nazismo recuperem seus pertences perdidos sejam melhores, mas Finsterwalder não

acredita que isso um dia venha a se realizar. “Na Alemanha a atitude é de que já pagamos o que devíamos. Infelizmente, não há muita vontade política para lidar com isso de maneira significativa.” Quanto a isso, Sebastian Finsterwalder e Detlef Bockenamm têm algo de ativistas da restituição. Apesar dos recursos limitados e da resistência burocrática, continuam a escavar nesse cemitério de livros e a expô-lo.

O tema da restituição, e a atenção que a imprensa dedicou ao assunto desde seu reaparecimento, nos anos 1990, tem se focado principalmente em casos espetaculares de obras de arte saqueadas e nos conflitos legais envolvendo a devolução de obras de arte que valem milhões de dólares – por exemplo, a bem-sucedida batalha legal empreendida por Maria Altmann, uma sobrevivente do Holocausto, para reaver algumas das maiores obras-primas do pintor Gustav Klimt que estavam nas mãos do governo austríaco. Em 2006, cinco telas restituídas naquele mesmo ano foram vendidas por 325 milhões de dólares. Esses casos muitas vezes envolveram truques sujos de museus, governos e advogados aproveitadores em detrimento de reivindicações legítimas de sobreviventes e de seus herdeiros. Acima de tudo, esses casos, e as fantásticas somas envolvidas que vêm à tona de tempos em tempos, ofuscaram a questão moral por trás da restituição. Isso deu munição para os adversários da restituição, que tentaram fazer parecer que o processo todo era, na verdade, movido por ganância. As vozes pedindo o fim das restituições ou que houvesse um “prazo” para a devolução em geral eram exatamente as de quem tem algum tipo de culpa moral nesses casos: negociantes de arte, museus e

governos.

Na espartana sala de Sebastian Finsterwalder na Zentral- und Landesbibliothek Berlin não há nada parecido com esses casos espetaculares de restituição, mas é mais fácil lembrar qual é o verdadeiro cerne da questão. Aqui a devolução de propriedade – centenas de casos desde o começo do processo, poucos anos atrás – acontece em grande medida sem que ninguém preste atenção. Nenhuma manchete, escândalo ou interesse da parte de escritórios de advocacia bem remunerados. Na maior parte dos casos o custo da postagem é maior do que o valor financeiro dos livros devolvidos. É um processo de restituição totalmente livre do mercado de arte onde o dinheiro fala alto. O valor desses livros é de outra espécie, que não pode ser medida em termos monetários. Do ponto de vista de Finsterwalder e de seus colegas, há uma obrigação moral por trás desse trabalho, que é a devolução de algo que foi perdido – livro a livro.

“Me perguntaram em Israel por que continuamos fazendo esse trabalho de varejo, tão demorado. Por que simplesmente não doamos os livros para famílias judias ou para a Biblioteca Nacional em Israel? Mas se ainda existir a possibilidade de encontrar descendentes ou sobreviventes, e normalmente essa possibilidade existe, acho que devemos devolver os livros para eles. Estou convencido de que é a coisa certa a se fazer. Depois disso, eles podem doar os livros se quiserem, mas essa decisão não cabe a mim, nem a uma biblioteca em Israel.”

Coloco o envelope pardo com o livro verde-oliva na minha mochila. Sou tomado por uma opressora sensação de responsabilidade, que logo se transforma em outra coisa. Poucos

dias depois, quando entro em um avião de Berlim para Birmingham, na Inglaterra, o livro continua na minha mochila. Mal encostei nele. Mas várias vezes nos últimos dias abri a mochila e espiei dentro do envelope pardo, para ter certeza de que ele ainda estava ali. Para onde poderia ter ido eu não sei. Nem sei quem poderia querer roubar o livro. Mas a ideia de que ele podia desaparecer me deixava nervoso. O livrinho verde-oliva não é nenhum grande tesouro – se fosse, talvez as coisas ficassem mais fáceis. Talvez nesse caso ele pudesse ser substituído em caso de perda, mas este livro é insubstituível.

Mas não havia livros apodrecendo apenas em celeiros perto de Berlim. Em outubro de 1990, uma revista cultural russa, a *Literaturnaia gazeta*, revelou que dois milhões e meio de livros-troféus alemães tinham sido esquecidos numa Igreja em Uzkoye, perto de Moscou. Várias décadas de umidade, bichos e uma cobertura de cocô de pombos que não parava de crescer transformaram os livros numa massa amorfa em processo de apodrecimento.^[2] A reportagem teve grande repercussão, não só na União Soviética, mas também na Alemanha. Era a primeira vez que o grande roubo de acervos alemães vinha à tona, em grande medida como consequência da *glasnost*, a política de transparência e abertura a que Mikhail Gorbachev deu início, numa tentativa de modernizar o sistema soviético.

As reformas de *gorbachev*, a *Glasnost* [abertura] e a *perestroika* [inovação], acabaram acelerando a queda do império. Em boa medida, porque a *glasnost* ajudou a expor os problemas do sistema e, desse modo, a retirar sua legitimidade. Também foi a primeira vez que vieram à tona informações sobre caça a troféus

durante a guerra, que até então eram sigilosas. No período do pós-guerra alguns acervos foram devolvidos, mas via de regra apenas para o bloco oriental. Nunca houve um debate sobre restituição, muito menos sobre a ideia de devolver algo ao Ocidente e de devolver materiais que haviam ido parar no arquivo secreto de Stálin.

A bem-sucedida abertura dos arquivos soviéticos não só ofereceu uma compreensão melhor sobre as pilhagens dos nazistas, já que milhões de documentos alemães confiscados foram liberados, como também permitiu que se descobrisse que milhões de livros e milhares de metros de estantes com materiais de arquivo, dados por anos como perdidos na guerra, na verdade estavam em outras prateleiras na União Soviética.

Até o destino trágico dos livros-troféus foi revelado. Eles estavam em péssimo estado, tinham apodrecido ou foram descartados. Passaram por vastas operações de exclusão feitas por arquivistas, censores e bibliotecários – não muito diferentes da exclusão de “literatura degenerada” conduzida pela Alemanha nazista na década de 1930. Muitas vezes, os mesmos livros foram considerados impróprios pelos dois lados, vistos como literatura burguesa ou decadente.^[3]

Nos anos que se seguiram à queda da União Soviética, surgiu o debate sobre a restituição desses livros-troféus. Um passo foi dado em 1992, quando se marcou uma conferência entre bibliotecas russas e alemãs. Entre os delegados russos estavam representantes de algumas das bibliotecas que mais haviam recebido livros-troféus, como a Vserossiyskaya Gosudarstvennaya Biblioteka Inostrannoy Literatury im. M.I.

Rudomino (VGBIL) – Biblioteca Estatal Russa de Literatura Estrangeira Margarita Rudomino. Rudomino, que foi superintendente da biblioteca durante a guerra, comandou o saque dos livros na Alemanha. No espírito da *glasnost*, a biblioteca tornou público um catálogo de livros valiosos desde o século XVI que tinham sido confiscados.^[4]

A conferência levou à criação de uma comissão para investigar a devolução de livros antigos e valiosos. Outros países, como Holanda, Bélgica, Hungria, Noruega, Polônia, Áustria e França, também abriram negociações com a nova Federação Russa tentando reaver acervos perdidos de livros e arquivos. Negociações semelhantes começaram a ocorrer com a Ucrânia e a Bielorrússia independentes, que receberam milhões de livros-troféus.

Várias bibliotecas, como a VGBIL em Moscou, tomaram a iniciativa por conta própria, e antes da conferência de 1992 604 livros roubados pelos nazistas tinham sido devolvidos à Universidade de Amsterdã.^[5] Holanda, Bélgica e França participaram do processo colaborativo para identificar e reaver material de arquivo perdido, que se presumia estar em algum lugar da Rússia. A escala do roubo de arquivos feito pelos soviéticos veio à tona quando foi fechado um acordo com a França para a devolução de 7 mil metros de prateleiras de materiais do arquivo secreto de Stálin em Moscou. Entre outras coisas, estavam lá arquivos da polícia secreta francesa e de ordens maçônicas, além de arquivos particulares pertencentes a Léon Blum, Marc Bloch e ao ramo francês da família Rothschild.

A permuta teve um preço. Além de pagar 3,5 milhões de francos, a França precisou entregar arquivos relativos à Rússia.^[6]

Documentos históricos inestimáveis que estavam nos arquivos secretos russos também começaram a vir à tona. Um emissário do presidente Boris Yeltsin entregou à Polônia documentos secretos sobre o massacre de Katyn durante a guerra, quando 22 mil poloneses, incluindo milhares de oficiais, foram executados pelo serviço de segurança soviético, a NKVD.

No entanto, o otimismo e as grandes expectativas, que durante alguns anos no início da década de 1990 definiram as relações entre Oriente e Ocidente, logo ficariam para trás. Embora Yeltsin tenha feito acordos para a devolução de materiais a vários países, a Duma (assembleia legislativa do final do Império Russo) passou a criticar cada vez mais a mão aberta do presidente.

A resistência partia principalmente de nacionalistas de direita e de comunistas, que rejeitavam todos os casos de restituição. Não demorou para os adversários terem maioria na Duma e suspenderem a devolução de arquivos franceses em 1994. A essa altura, cerca de três quartos do total já haviam sido entregues à França, mas vários caminhões enviados a Moscou tiveram de voltar vazios. A grande soma que a França pagou, supostamente para garantir a microfilmagem dos documentos, nunca foi recebida pelo arquivo e deve ter sumido no meio do caminho.^[7] Não seria a última vez que coisas desse gênero aconteceriam.

Os que se opunham à restituição afirmavam que os tesouros levados para a Rússia pelas brigadas de caça a troféus não foram roubados e sim “libertados pelo Exército soviético” e que,

portanto, foram levados de maneira legal para a União Soviética. A atitude dominante era de que a Rússia não tinha obrigação de devolver nada. Mas essa resistência estava longe de ser unânime, e muitos acadêmicos, bibliotecários e acima de tudo o governo Yeltsin acreditavam ser necessário fazer algum tipo de restituição para reconstruir as relações com o Ocidente. No entanto, os nacionalistas russos e o Partido Comunista rejeitavam veementemente esses argumentos e faziam campanhas duras contra a restituição. O *Pravda*, jornal do Partido Comunista, trazia manchetes como “Será que o povo russo vai ser roubado outra vez?”.[8]

Em outros países da antiga União Soviética, a atitude em relação à restituição de tesouros pulverizados variava entre a animosidade, a indiferença e o espírito de cooperação. Países como Bielorrússia e Ucrânia adotaram uma abordagem semelhante à da Rússia, enquanto a Geórgia, em 1996, devolveu 96 mil livros-troféus à Alemanha, seguida da Armênia, que também devolveu livros para a Alemanha.[9]

Quando a Rússia entrou para o Conselho da Europa, em 1996, parecia que as coisas iam mudar. Uma das exigências para que o país se tornasse membro era negociar a restituição de material a outros países europeus. Mas as esperanças logo foram por água abaixo. Em julho do mesmo ano, a Duma tentou aprovar uma lei que “nacionalizaria” todos os tesouros trazidos como troféus de guerra, tornando, assim, sua devolução impossível. Yeltsin, afirmando que a reputação internacional da Rússia estava em jogo, vetou a tentativa. No entanto, a proposta foi reapresentada pela Duma. Um deputado declarou que a devolução desses

tesouros seria como “cuspir no túmulo dos 27 milhões de cidadãos soviéticos mortos na guerra”.[10] Outro deputado ultranacionalista reclamou da submissão de Yeltsin aos alemães, que eram “vilões fascistas na época e continuam sendo hoje”.[11] O fim da União Soviética não diminuiu os sentimentos em relação à Grande Guerra Patriótica. O veto de Yeltsin foi derrubado em 1997, mas o presidente se recusou por um ano a sancionar a lei. Em 1998, a Corte Constitucional Russa obrigou Yeltsin a sancionar a lei. A nova legislação não só impedia a continuidade da restituição de tesouros artísticos para o Ocidente como também proibia a devolução de grandes quantidades de artefatos roubados de repúblicas do antigo bloco soviético.

Outra circunstância agravante foi o fato de os arquivos soviéticos terem sido mais uma vez fechados para pesquisadores ocidentais, o que tornou quase impossível rastrear os tesouros roubados. A *Glasnost*, a breve era de abertura, deu lugar a uma cultura de sigilo não muito diferente do “velho modo soviético”.

Embora a lei antirrestituição russa tenha de fato parado a devolução de grandes tesouros levados ao país como troféus de guerra, continuava sendo possível reivindicar acervos menores, ainda que isso fosse complicado e caro. Era necessário fazer tratativas diplomáticas, encontrar brechas legais e em alguns casos pura e simplesmente pagar propinas, com a exigência de que a pessoa evitasse a todo custo a palavra *restituição*, que tinha conotações políticas delicadas. Um dos primeiros casos desse tipo de “devolução” que a Duma estava disposta a aceitar dizia respeito ao arquivo Liechtenstein. Um acordo foi firmado em

1996 após negociações com a família real de Liechtenstein, cujo arquivo estava em Moscou. No entanto, nesse caso não se tratava de uma restituição, do ponto de vista da Duma, e sim de uma permuta. A família real, incitada pelos russos, comprou um acervo de documentos sobre o assassinato do czar e de sua família em 1918. Os documentos, que permaneceram ocultos em um cofre de banco em Paris por setenta anos, tinham vindo à tona recentemente em um leilão da Sotheby's. Eles foram vendidos por meio milhão de dólares.

O caso foi o início de uma nova fase em que a “restituição” deu lugar à “permuta”. Logo haveria outros desses casos de entrega de arquivos e bibliotecas em troca de algo. Mas não se pode dizer que esse tipo de troca fosse novidade; era uma volta ao velho sistema soviético, em que o regime trocava materiais como cartas ou livros para tomar posse de itens que desejava – especialmente se tivessem relação com Lênin e Marx, pelos quais se pagava praticamente qualquer preço. Por exemplo, há um caso em que o regime ofereceu uma tela de Kandinsky por um manuscrito de Lênin.

Na nova Rússia, onde o nacionalismo havia substituído o leninismo, o legado imperial assumiu importância central. A Rússia decidiu que os troféus de guerra não foram roubados, e sim libertados pelo Exército Vermelho, e que, portanto, deveria haver compensação por qualquer coisa que fosse devolvida. O diretor do Hermitage em São Petersburgo comentou a um jornal britânico: “Caso essas telas tivessem ficado na Alemanha depois de 1945 o imposto sobre herança já teria incidido sobre elas duas ou três vezes a essa altura. Para mim é evidente que a Rússia,

como guardiã dessas obras, tem mais direito a esses tesouros do que a Alemanha”.^[12]

Em 1999, a Grã-Bretanha obteve documentos sobre prisioneiros de guerra britânicos em campos de concentração alemães oferecendo em troca documentos sigilosos sobre o assassinato do czar Nicolau II. A França, ao evitar qualquer menção ao conceito problemático de “restituição”, teve êxito ao negociar a devolução de partes do arquivo que anteriormente havia sido retido. Em 2000, vários caminhões carregados de materiais foram devolvidos, incluindo pertences da Alliance Israélite Universelle, que recebeu mais de 34 mil documentos.

A Holanda e a Bélgica, depois de longas negociações, também recuperaram alguns arquivos. Os belgas tiveram de pagar 130 mil dólares como aluguel retroativo à Rússia por ter “preservado e armazenado” esses arquivos por cinquenta anos.

A Holanda chegou a um acordo com Yeltsin em 1992, mas a Duma impediu que a restituição fosse em frente. A solução, após anos de negociações infrutíferas e demoradas, foi fazer com que a rainha Beatriz fosse à Rússia em 2001 para assinar um acordo com Vladimir Putin. O arquivista-chefe do Arquivo Estatal holandês ouviu de um embaixador israelense que o regime russo gostava do glamour real. No mesmo ano, as primeiras caixas de material de arquivo começaram a chegar à Holanda. Era um material valioso, mais de três mil arquivos, com centenas de milhares de documentos. A maior parte pertencia a uma série de organizações e instituições judaicas, incluindo o Instituto Internacional de História Social em Amsterdã e a Grootoosten der Nederlanden em Haia. No entanto, o material não foi cedido

gratuitamente. A Holanda precisou pagar 100 mil dólares por aluguel de arquivos, custos administrativos e pela microfilmagem do material para os arquivos russos.^[13]

Para pessoas físicas, acabou sendo quase impossível reivindicar a posse de materiais, com uma exceção espetacular: os Rothschild. Em 1993, um pesquisador em busca de documentos relativos a Auschwitz no arquivo especial de Stálin encontrou documentos relativos a ramos da família tanto na Áustria quanto na França. O tempo foi exatamente suficiente para que os documentos franceses fossem enviados de volta à França em 1994, incluindo os arquivos do banco da família com sede em Paris, o Rothschild Frères. No mesmo dia em que os arquivos chegaram a Paris, um debate acirrado teve início na Duma, levando ao bloqueio de todas as restituições. Os documentos foram levados ao Arquivo Rothschild em Londres, que reunia e abrigava grande parte do famoso arquivo da família desde 1978.

No entanto, os documentos austríacos continuavam em Moscou, e eram considerados material histórico de valor inestimável sobre uma das famílias mais poderosas do mundo na indústria e nas finanças no século XIX. Também se descobriu que o arquivo continha parte dos documentos mais antigos sobre os Rothschild, remontando a Frankfurt e aos primeiros passos da carreira do ancestral da família, Mayer Amschel, que se estabeleceu como banqueiro na década de 1760.^[14] A importância dos documentos dos Rothschild não se devia unicamente à família em si, mas também, em um sentido mais amplo, pelo que ajudavam a compreender da história de finais do século XVIII

até a Primeira Guerra Mundial.

Era difícil apostar que qualquer processo de restituição para reaver esses documentos dos arquivos russos – cujo acesso ficava cada vez mais difícil – pudesse dar certo. Mas ainda havia outra possibilidade, que era a de fazer às autoridades russas uma oferta que elas não pudessem recusar e que, no fim, acabou sendo uma coleção de cartas russas de amor. No verão de 1999, uma enorme quantidade de cartas raras que o czar Alexandre II da Rússia escreveu para sua segunda esposa, a princesa Ekaterina Mikhailovna Dolgorukova, foi a leilão na Christie's. Os Rothschild compraram as cinco mil cartas por 180 mil libras. Eles receberam uma dica de que o arquivo estatal russo tinha interesse nas cartas, mas não tinha verba para comprá-las.^[15] O governo russo mordeu a isca e pouco tempo depois começaram as negociações.

Como em várias outras permutas, o governo tinha um bom pretexto para devolver os arquivos, no caso o fato de o confisco ter ocorrido na Polônia e não na Alemanha. Acima de tudo era a ideia de restituir algo aos “fascistas” (Alemanha e Áustria) que se tornou impossível na Rússia. Mas na lei antirrestituição havia uma cláusula afirmando que podiam ser feitas “exceções” às vítimas do nazismo. Depois de o governo descobrir que os documentos dos Rothschild não eram troféus, os arquivos foram devolvidos em 2001. As cartas de amor do czar foram aceitas em troca de “custos” que os russos tiveram para preservar os arquivos.

Mas, embora alguns documentos tenham sido devolvidos, muitos permanecem nos arquivos da Rússia, da Bielorrússia e da

Ucrânia, incluindo documentos roubados aos judeus de Tessalônica. Muita coisa ainda não foi recuperada, e a situação política da Rússia tornou impossível o aprofundamento das investigações. Apesar de alguns arquivos roubados terem voltado para casa depois da queda da União Soviética, um número consideravelmente menor de livros-troféus teve o mesmo destino. A devolução de 604 livros para a Holanda em 1992 segue sendo a única “restituição”, de acordo com as regras em vigência, de livros saídos da Rússia.

Antes mesmo de 1991, vieram à tona informações sobre muitas das bibliotecas mais valiosas ou, para ser mais exato, de partes delas, que ainda existiam na União Soviética. Uma delas era a Biblioteca Turguêniev de Paris. No entanto, logo se soube que os livros relevantes haviam irremediavelmente se espalhado por Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. Nos anos 1980, livros com o carimbo da Biblioteca Turguêniev apareceram em sebos de Moscou.^[16] Mais tarde, quinze livros foram encontrados em uma biblioteca universitária, a Voronezh, na Rússia central, e outro livro foi descoberto na universidade em Lugansk, na Ucrânia. Livros soltos foram encontrados bem mais a leste, até numa biblioteca na ilha russa de Sacalina, ao norte do Japão.^[17] Alguns livros voltaram para casa, provavelmente por meio de permutas ou da migração de russos. Por exemplo, dois livros da Biblioteca Turguêniev foram descobertos na Universidade Stanford, na Califórnia.

Quando a Biblioteca Turguêniev comemorou seu aniversário de 125 anos em 2001, apenas um único livro dos 100 mil que foram saqueados havia voltado a Paris. Em meio aos 600 livros

devolvidos à Holanda no início da década de 1990, havia uma Bíblia com o carimbo da biblioteca. O mais provável é que o livro tenha sido mandado para Amsterdã por engano, já que o texto estava em holandês. No início dos anos 2000 veio a confirmação de que entre oito mil e dez mil livros da Biblioteca Turguêniev continuavam em acervos estatais russos, principalmente na antiga Biblioteca Lênin, em Moscou.^[18] Finalmente, alguns anos mais tarde, foram devolvidos 118 livros, que podem ser vistos hoje na biblioteca em Paris. O motivo para que eles tenham sido devolvidos foi uma brecha legal, o que significava que aqueles exemplares em específico não estavam sujeitos às leis antirrestituição aprovadas pela Duma. Os volumes haviam sido encontrados antes na Polônia, e na década de 1980 haviam sido doados pelo Partido Comunista soviético como um presente para a Polônia. Portanto não eram considerados “livros-troféus” protegidos por lei. Eles foram entregues à embaixada francesa em Moscou perto do final de 2002.

Um caso possivelmente mais trágico foi o da Biblioteca della Comunità Israelitica, a biblioteca desaparecida da congregação judaica em Roma. A comissão criada pelo governo italiano em 2002, depois de pressões feitas pela congregação, concluiu que “não era inconcebível” que os livros tivessem sido levados para a União Soviética.^[19] Sua biblioteca irmã, a Biblioteca del Collegio Rabbinico, que também ficava na sinagoga no Lungotevere de' Cenci, em Roma, foi encontrada em Hungen e entregue ao Depósito Arquivístico Offenbach. Mas a Biblioteca della Comunità Israelitica jamais foi encontrada, e seu destino permanece um mistério. Não é provável que um acervo tão

impressionante tenha se perdido na triagem de Offenbach ou Tanzenberg – já que os livros da biblioteca tinham carimbos bastante visíveis.

A comissão concluiu que as bibliotecas foram remetidas em duas fases em 1943; embora a Biblioteca del Collegio Rabbinico tenha chegado a Frankfurt, o trem que transportou a Biblioteca della Comunità Israelitica seguiu outra rota. A hipótese mais provável é de que a biblioteca tenha sido levada ou para a ERR ou para a RSHA em Berlim e de lá evacuada para leste, para a Polônia, para os Sudetos ou para a Silésia. Mas não há indícios que confirmem isso, já que boa parte dos documentos relativos às atividades da ERR e da SS na Itália foi destruída.^[20] As investigações que a comissão fez sobre outros arquivos relacionados não chegaram a qualquer conclusão sobre o paradeiro da biblioteca, mas parece haver indícios de que ela tenha sido levada à União Soviética, muito provavelmente para Moscou.

Por isso, em 2005, a comissão cogitou a ideia de procurar os livros em acervos russos, algo que exigiria negociações no mais alto nível político. Os pesquisadores da comissão não tiveram acesso independente aos arquivos russos – as investigações tiveram de ser feitas por um grupo russo. Em 2007, chegou-se a um acordo pelo qual a comissão, com o auxílio de um banco, pagou 30 mil euros para que a Biblioteca de Literatura Estrangeira em Moscou procurasse os livros. A biblioteca apresentou três relatórios, que a comissão considerou insuficientes, por se basearem em grande medida em fontes,

arquivos e acervos que já eram de domínio público. Quando a comissão apresentou seu relatório final em 2009, nenhum livro havia sido recuperado. Embora não tenha sido possível provar que os livros foram encontrados em algum lugar da antiga União Soviética, a comissão declarou com certa resignação que investigações mais aprofundadas só seriam possíveis “depois que se encerrarem as limitações de acesso aos arquivos russos encontrados pela comissão durante suas atividades”.[21] Atualmente não existe disposição política para tornar os arquivos russos mais acessíveis, nem para que se retomem as restituições. Não parece que a situação política vá mudar no futuro próximo. Até que algo mude, milhões de livros-troféus – embora ninguém saiba dizer quantos – continuarão sendo “prisioneiros de guerra”, nas palavras da historiadora Patricia Kennedy Grimsted: “Hoje, na Rússia, não há disposição para devolver os livros para os países e famílias roubados. Ainda precisamos saber quais livros, do patrimônio cultural europeu, estão representados lá, um monumento às bibliotecas que foram destruídas e pulverizadas como consequência da mais terrível guerra da história humana”.[22]

Christine Ellse segura uma folha de papel A4 em que escreveu meu nome em grandes letras maiúsculas com caneta hidrográfica verde. Não chega a ser necessário, já que somos as duas únicas pessoas na pequena estação de Cannock. Na verdade, chamar o lugar de estação chega a ser um exagero, já que o local funciona mais como uma pausa para o trem que me trouxe de Birmingham. Cannock, em Staffordshire, na região

central da Inglaterra, é uma antiga zona de mineração de sobrados de tijolos construídos na época em que a extração de carvão era a base da economia da cidade. Mas depois da era Thatcher não sobrou muita coisa aqui.



Depois de uma longa espera, Christine Ellse de Cannock, perto de Birmingham, finalmente segura o livro do avô. É o único pertence de Richard Kobrak que foi recuperado.

“Falam que temos o mais alto índice de gravidez na Inglaterra, mas não sei se é verdade”, diz Ellse enquanto me leva de carro no curto trajeto até a casa da família na “única rua boa” de Cannock, como diz ela, rindo. Ellse, uma mulher magra na casa dos cinquenta anos, com um jeito de falar que na

Inglaterra seria chamado de “espiritoso”, trabalha numa escola de música ali perto.

Momentos depois Christine Ellse está sentada em um sofá de couro bege, respirando fundo. Lá fora há um jardim grande, de aparência rústica devido à falta de cuidado. Ela segura o pequeno livro verde-oliva com as duas mãos – olha para ele por um bom tempo e depois para mim.

“Hoje escrevi no Facebook que estava esperando este livro. Tentei fazer outras coisas, mas não deu muito certo. Fiquei só esperando este livro voltar. E me perguntei o porquê, digo, não tenho nem como ler isso; é em alemão. Eu realmente queria o livro, acho. Apesar de ser cristã, sempre me senti muito judia. Nunca consegui falar do Holocausto sem chorar, me sinto tão ligada a tudo isso”, diz Ellse, abrindo o livro e virando as páginas por um tempo antes de continuar.

“Fico muito grata por este livro porque... Conheci meus avós ingleses do lado da minha mãe. Eles viveram e depois morreram. Foi normal, não ter avós do lado paterno. Muita gente não tinha, mas no meu caso tinha alguma coisa anormal. Eu não tinha nem uma foto deles. Tinha um buraco ali, um vácuo emocional, se é que você me entende. Sempre teve alguma coisa que ficou no ar, que não era dita”, Ellse fala, apertando o livro.

“Sabe, meu pai nunca falou disso. Sobre o passado, sobre a guerra. Mas minha tia falava sem parar, o tempo todo. Ela era a irmã mais velha, por isso também era a mais ‘alemã’ de todos. Ela lidava com o assunto falando; meu pai lidava com isso nunca falando do assunto. Desde pequena eu sabia que alguma coisa terrível tinha acontecido. Sabia que meus avós tinham morrido

na guerra. Depois descobri que tinham morrido na câmara de gás, mas quando você é criança não sabe o que isso quer dizer. É só uma história – você não entende. Aí fiquei sabendo que eles morreram em Auschwitz. Só depois de adulta fui começar a entender e perceber o significado daquilo. Foi bem difícil quando soube que eles foram assassinados faltando só dez dias para as câmaras de gás serem desativadas. Foi uma agonia. E me imaginei sentada no trem, com frio e fome. E depois direto para as câmaras de gás. Nunca superei isso.”

Christine Ellse levanta e vai até uma mesa, onde espalhou pastas e arquivos com a história da família. A maior parte ela recebeu do historiador alemão Tomas Unglaube, que pesquisou a família Kobrak. De uma das pastas ela tira um retrato de família, feito pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Richard Kobrak está sentado à direita – um sujeito idoso, com rosto redondo, um bigode pequeno e bem aparado, as mãos juntas. A esposa, Charlotte Kobrak, está no meio do grupo, sorrindo para a câmera, uma mulher bonita com cabelos grisalhos nas têmporas. Ao redor deles estão os três filhos do casal, as meninas Käthe Kobrak e Eva-Maria Kobrak, e o pai de Christine Ellse, Helmut Kobrak, com a mão sobre o ombro do pai. Ele estava no fim da adolescência quando a foto foi feita.

A família se mudou de Breslau para Berlim em 1927, quando Richard Kobrak conseguiu um emprego na prefeitura. A família era cristã e não se identificava como judia. Cinquenta anos depois da guerra, a irmã mais velha, Käthe Kobrak, escreveu em seu livro de memórias, que Ellse me mostra:

No domingo seguinte à posse de Hitler como chanceler nossos pais nos contaram sobre nossa origem judaica. Nenhum deles era judeu praticante. Eles se casaram na Igreja, nunca cultivaram as tradições judaicas e ensinaram orações cristãs aos filhos. Mas os avós deles eram judeus, e, portanto, segundo a definição de Hitler, eles eram judeus e, pelo mesmo motivo, nós também éramos.^[23]

Em 1933, Richard Kobrak já havia sido rebaixado para um cargo de menor importância, mas teve permissão para manter o trabalho por ter sido soldado do exército alemão e lutado no front durante a Primeira Guerra Mundial. Ele tinha recebido a Cruz de Ferro. Mas em 1936, quando começaram a valer as Leis de Nuremberg, Kobrak foi forçado a “se aposentar” aos 45 anos de idade. Käthe descreve a vida da família na década de 1930 e como eles ficavam cada vez mais isolados:

Eu era popular na escola, mas ficava preocupada, achando que se meus amigos descobrissem não iam querer mais socializar comigo. Por isso, eu evitava amizades reais e parei de visitar os outros e de chamar meus amigos para irem lá em casa. Socializar com judeus podia ser perigoso para eles e para os pais deles.^[24]

É tão trágico. As crianças só ficaram sabendo que eram judias quando os pais contaram. Mas não sei como eles puderam ficar. Por que não saíram do país. Meu avô era um sujeito inteligente, como pôde se enganar assim? Ele era um funcionário civil de alto escalão. Será que não percebeu o que estava por vir?”

Nas memórias que deixou em áudio, a tia de Christine Ellse responde exatamente a essa pergunta, e a resposta dela poderia

em certa medida se estender a muitos dos que decidiram permanecer na Alemanha.

“O motivo para meu pai ter ficado: somos alemães, nosso lugar é aqui e Hitler (aquele demagogo austríaco!) não vai nos expulsar. Ele e as suas ideias malucas não vão durar para sempre. Foi um erro de julgamento fatal do meu pai, em geral um sujeito tão sábio e bem informado.”^[25]

Lendo o diário de Käthe KobraK você vê o laço apertando. O pai perde o emprego, amigos são levados pela Gestapo, e um a um os irmãos perdem qualquer possibilidade de continuar estudando. Como filhos de um veterano de guerra eles tiveram permissão para continuar frequentando as aulas, quando outros judeus estavam sendo expulsos. Depois da Noite dos Cristais em novembro de 1938 até mesmo Richard KobraK precisou admitir que não havia futuro. A essa altura era quase tarde demais. Faltando poucos meses para o começo da guerra, a família conseguiu tirar os filhos do país. A filha mais nova, Eva-Maria, foi enviada pelo Kindertransport, enquanto Helmut e Käthe saíram com vistos de trabalho e estudo. Käthe, a última a partir, saiu no início de agosto, um mês antes da declaração de guerra.

“Quando eles perceberam o que ia acontecer era tarde demais. Meus avós gastaram tudo o que tinham para tirar as crianças do país, mas infelizmente não conseguiram fugir. Eles não tinham dinheiro suficiente para isso.”

Depois do começo da guerra, o contato com os pais na Alemanha era esporádico. De tempos em tempos eles conseguiam mandar uma carta em que as crianças recebiam “fragmentos de informações”. Eles ficaram sabendo que os pais

foram despejados do apartamento e colocados em um pequeno quarto de um apartamento em Charlottenburg, que a mãe do pai delas tinha sumido, muito provavelmente deportada para o “leste”, e que eles tinham pouca comida. Käthe recebeu um último cartão-postal de Theresienstadt, para onde os pais foram deportados em 1943. Depois houve silêncio. O pequeno livro verde-oliva, *Recht, Staat und Gesellschaft*, provavelmente foi roubado do apartamento da família em Berlim quando as casas dos judeus deportados foram esvaziadas. O trajeto do livro de lá até a Berliner Stadtbibliothek não é claro, mas certamente esse foi apenas um dentre centenas de milhares de livros confiscados, triados e vendidos.

Na Inglaterra as irmãs ficaram com várias famílias adotivas e continuaram a estudar. Mas o pai de Ellse, Helmut, que tinha dezenove anos, foi detido pelas autoridades.

“Quando a guerra começou, ele foi detido pelos britânicos. Do ponto de vista deles, ele era um ‘rapaz alemão’ e, portanto, um inimigo. Primeiro foi deportado para a Ilha de Man, depois colocado num navio com outros alemães que seriam confinados na Austrália.”

No verão de 1940 ele foi deportado em segredo com 2.542 ‘estrangeiros inimigos’ no célebre navio *Dunera*, com destino à Austrália. Cerca de dois mil desses ‘estrangeiros’ eram judeus, homens entre 26 e 60 anos que tinham fugido dos nazistas na Europa. A viagem de 57 dias no navio foi feita em condições terríveis:

O navio era um inferno superpovoado, as redes de dormir batiam umas nas

outras e muita gente foi obrigada a dormir em mesas ou no chão. Vinte homens tinham de compartilhar o mesmo sabonete, cada grupo de dez dividia uma toalha [...] As latrinas transbordavam e a disenteria se espalhou pelo navio. Abuso físico e surras com as coronhas de rifles aconteciam todo dia. Um refugiado tentou usar a latrina à noite, o que era proibido. Enfiaram a baioneta na barriga dele.^[26]

Helmut Kobrak, que mais tarde foi liberado, tentou voltar para a Europa, mas o navio em que ele estava era comandado por britânicos.

“Eles o fizeram descer em Bombaim. Ele tinha vinte anos. Não tinha emprego, dinheiro, nem casa. Ele me disse que passou três noites andando pelas ruas. Acabou conseguindo um emprego em uma fábrica de algodão, mas só conseguiu voltar para a Inglaterra em 1949. Ele também nunca falou sobre a viagem no *Dunera*; provavelmente ficou traumatizado. Só fiquei sabendo disso quando comecei a investigar por conta própria”, diz Ellse.

Ela me conta que o mais difícil para o pai foi nunca ter conseguido completar os estudos.

“Acho que ele nunca superou isso. Ele era um aluno muito talentoso, mas teve que largar os estudos. Sempre sonhou em ser médico. Ele era um sujeito sociável, mas tinha aqueles ideais prussianos de justiça e dever. Eu realmente conseguiria ver meu pai como médico, mas no fim ele acabou trabalhando com joias em Londres. Ele se estimulava lendo. Era totalmente viciado em livros. Sempre que a gente ia viajar de férias ele levava uma mala cheia de livros.”

O pai de Christine Ellse, Helmut, morreu em 1994 e só aí ela começou a investigar a história da família. Ao longo dos últimos dez anos, com a ajuda de Tomas Unglaube, ela vem tentando formar um retrato da vida do pai e dos avós. As pilhas de arquivos, pastas e tiras soltas de papel tiradas de arquivos, todas espalhadas sobre a mesa, são apenas parte do material que ela conseguiu juntar.

“Este ano, Tomas mandou um pacote atrás do outro com materiais: fotocópias, estudos e documentos. E tentamos juntar tudo, como peças de um quebra-cabeça. Eu só sabia de alguns aspectos do que aconteceu com meu pai, porque tinha muita coisa sobre as quais ele não queria falar. Só uma vez ele se abriu. Foi num Natal quando eu estava com problemas. Eu estava bem chateada e quieta. Aí ele veio e me contou sobre a Noite dos Cristais. Ele tinha só catorze anos na época e fugiu para evitar ser preso. Passou a noite indo de um abrigo para outro.”

O crepúsculo está caindo, e, depois de horas de conversa, decidimos retomar a conversa amanhã. O marido dela, Mark Ellse, nos faz companhia no jardim de inverno e depois abre uma garrafa de Bordeaux. Ele é um sujeito conversador, um diretor de escola aposentado que anda pela casa de chinelos e roupão.

“Vamos tomar o melhor vinho. A gente tem que comemorar.”

Christine oferece uma caçarola de carne de veado com batatas assadas e couve-de-bruxelas. Antes de eu ir para um dos quartos de hóspedes, ela quer me mostrar as telas da tia Eva-Maria, que estão penduradas pela casa toda – paisagens expressionistas em cores brilhantes, muitas delas com temas do

sul da França.

“Ela era a caçula, por isso virou praticamente uma inglesa. Ela era extremamente antigermânica. Nunca passou uma noite da vida em solo alemão. Nunca quis ter mais nada a ver com a Alemanha.”

Christine Ellse está de pé na cozinha, absorta em um livro de encadernação vermelha, as páginas cobertas de cima a baixo com uma bela caligrafia em tinta azul. É o diário de guerra da tia Käthe.

“Ela continuou escrevendo durante toda a guerra. Começa em 3 de agosto de 1939, quando vai para a Inglaterra, e termina em março de 1945”, diz Ellse, secando as lágrimas com um guardanapo. Ela diz que nunca consegue ler o diário sem chorar, embora com os anos tenha ficado um pouco mais fácil. Ela coloca o livro verde-oliva do avô perto de si, e pergunto por que ela queria aquilo.

“Porque não tenho nada dele. Tenho as pinturas da minha tia. Tenho um tapete persa com um buraco, que herdei. Tenho coisas do meu pai, mas não tenho nada dos meus avós. E me sinto emocionalmente muito ligada a eles. Não sei o que vou fazer com o livro. Só quero olhar para ele. Segurar. É importante para mim”, diz Ellse.

Ela quer ler uma passagem do diário da tia e abre na página da última anotação, em 31 de março de 1945. Depois disso ela nunca mais escreveu nada, porque soube da “verdade”, explica Ellse, e então começa a ler:

Os russos estão ocupando toda a Prússia Oriental e quase toda a Silésia. Estão

em território austríaco e em boa parte da Tchecoslováquia. Parece realmente o fim – mas será que pode ser mesmo? Será que podemos nos arriscar a ter esperança? Será que pode ser verdade? E o que acontece com vocês agora? Faz uns dias ouvi uma descrição da vida em Theresienstadt – o que me consolou. Ouvimos que milhares de pessoas do campo foram libertadas na Suíça – será que mais gente foi libertada depois disso? Será que vão encontrar vocês entre essas pessoas? Tantas perguntas, tanta ansiedade – e a única resposta é “espere e veja”. Como Louis Palmer diz na escola: “Tenha fé”. Amanhã é Páscoa, e é só isso que a gente pode fazer – manter a esperança.^[27]



Agradecimentos

Nunca tive tanta gente para agradecer. Muitas pessoas contribuíram generosamente tanto com conhecimento quanto com tempo. Por isso, gostaria humildemente de dizer obrigado a quem tornou este livro possível, especialmente bibliotecários, arquivistas e pesquisadores que me receberam, abriram seus acervos e arquivos e, de modo generoso, compartilharam pesquisas, opiniões e contatos.

Quero agradecer aos bibliotecários e pesquisadores que me receberam nas visitas à Alemanha, principalmente Sebastian Finsterwalder e Detlef Bockenamm na Zentral- und Landesbibliothek, em Berlim, cujo trabalho dedicado e incansável para devolver os milhares de livros roubados da biblioteca admiro imensamente. Também quero dizer obrigado ao historiador da arte Uwe Hartmann, do Arbeitsstelle für Provenienzforschung, em Berlim; a Michael Knoche, Rüdiger Haufe e Heike Krokowski, da Herzogin Anna Amalia Bibliothek, em Weimar, e a Stephan Kellner, da Bayerische Staatsbibliothek, em Munique.

Na Holanda, quero fazer um agradecimento especial a Frits J. Hoogewoud, que trabalhou como bibliotecário da Bibliotheca Rosenthaliana, cujas investigações sobre a pilhagem das bibliotecas judias em Amsterdã foram inestimáveis – e que

também apresentou muitos pontos de vista importantes sobre o meu trabalho. Além disso, quero agradecer a Wout Visser, da Bibliotheca Rosenthaliana; Heide Warncke, da Ets Haim, e Huub Sanders, do Internationaal Instituut voor Sociale. Obrigado também a Jac Piepenbrock e Theo Walter, do Cultureel Masonniek Centrum, que me iniciaram nos segredos dos maçons e na empolgante história da Bibliotheca Klossiana.

Em Paris, quero agradecer ao principal curador e arquivista da biblioteca da Alliance Israélite Universelle, Jean-Claude Kuperminc, que me deu a oportunidade de voltar para várias visitas. Um caloroso agradecimento também para a guardiã da Bibliothèque Russe Tourguéniev, Hélène Kaplan, que generosamente me proporcionou um encontro inesquecível e compartilhou comigo o trágico destino de sua biblioteca. Meus sinceros agradecimentos para Witold Zahorski, da Bibliothèque Polonaise de Paris, e para Marek Sroka, historiadora e bibliotecária da Universidade de Illinois, que contribuiu com material de apoio sobre as bibliotecas polonesas.

Pela ajuda no meu trabalho em Roma, quero dizer obrigado a Dario Tedeschi, que chefiou a comissão do governo italiano para reaver a Biblioteca della Comunità Israelitica, e a Gisèle Lèvy, do Centro Bibliografico, que aprofundou minha compreensão sobre a emocionante e rica história literária dos judeus italianos.

Em Tessalônica, quero agradecer a Erika Perahia Zemour, do Museu Judaico, e também ao pesquisador independente Paul Isaac Hagouel, que generosamente me permitiu partilhar de seu material de pesquisa sem paralelos sobre a história judaica da cidade. E, em Vilnius, um agradecimento especial a Faina

Kuklainsky, chefe da congregação judaica na Lituânia, que me recebeu de braços abertos.

Na República Tcheca, devo muito ao bibliotecário Michal Bušek, que me recebeu no Museu Judaico em Praga e cujas investigações sobre as bibliotecas de Theresienstadt foram particularmente valiosas. Muito obrigado também a Tomáš Fedorovič, da seção histórica de Terezín, e a Renata Košťálová, do Centro de Documentação, que contribuíram com ideias sobre a operação de pilhagem na Tchecoslováquia durante a Segunda Guerra Mundial.

Muito obrigado àqueles cujas histórias, por diversos motivos, não entraram no livro. Um agradecimento especial é devido à dra. Christine Sauer, da Stadtbibliothek im Bildungscampus, em Nuremberg; a Christina Köstner-Pemsel, da Fachbereichsbibliothek Zeitgeschichte Universität, em Viena, e a Margot Werner, da Österreichische Nationalbibliothek.

Quero agradecer a Christine Ellse, neta de Richard Kobrak, que me recebeu em sua casa em Cannock, perto de Birmingham, e me permitiu conhecer a história de sua família.

Tenho uma dívida enorme com Patricia Grimsted Kennedy, pesquisadora associada do Instituto de Pesquisas Ucranianas da Universidade Harvard e pesquisadora honorária do Instituto Internacional de História Social (Amsterdã). Ninguém me ajudou tanto quanto ela com esclarecimentos e detalhes sobre as bibliotecas e arquivos que foram desmantelados durante a Segunda Guerra Mundial. Os ensaios, artigos e contatos que ela compartilhou comigo foram de tremenda importância. Igualmente importantes foram seus vários livros sobre o tema,

que são leitura obrigatória para quem quiser se aprofundar nesse tema complicado. Recomendaria especialmente *Trophies of War and Empire: The Archival Heritage of Ukraine, World War II, and the International Politics of Restitution* (2001), e *Returned from Russia: Nazi Archival Plunder in Western Europe and Recent Restitution Issues* (2013).

Também quero agradecer aos que trabalharam para garantir que o trabalho tenha resultado em um livro: minha editora Norstedts, e particularmente meu *publisher* Stefan Skog, que acreditou no livro desde nossa primeira reunião. Também a meus dois excelentes editores, Ingemar Karlsson e Malin Tynderfeldt.

Por último, mas não menos importante, obrigado aos que de vários modos me ajudaram com pontos de vista e checagem de fatos. Ao escritor Artur Szulcs, pelos comentários abrangentes sobre o livro. A Andreas Önnarfors, professor do Departamento de Literatura e de História ds Ideias da Universidade de Gotemburgo, por suas valiosas ideias sobre a história dos maçons. E obrigado ainda a Anders Burman, professor de História das Ideias na Södertörns högskola; a Erik Tängerstad, professor do Departamento de História e Estudos Contemporâneos da Södertörns högskola; e a Staffan Lundgren, editor da Axl Books e do site, que me ofereceram insights importantes sobre o Classicismo de Weimar, o Idealismo alemão e Goethe.

Pelas bolsas e pelo apoio que de vários modos tornaram este projeto possível, quero agradecer à Författarfonden, à Natur & Kultur, e à San Michele Foundation.

Anders Rydell, junho de 2015

Índice onomástico e remissivo

Abramovitsj, Gerson, 261

Abramowicz, Hirszt, 254

Acordo de Munique (1938), 141

Al-Andalus (Ibéria), 143-44

Aldanov, Mark, 145

Alemanha:

- abdicação do Kaiser, 66

- bombardeada pelos Aliados, 274-75

- ciência na, 114-15, 119-120

- conquista do mundo como objetivo da, 29, 105, 111, 189-190, 252-253

- cultura na, 295

- e o Pacto Molotov-Ribbentrop (1939), 238

- extrema direita na, 68-70, 72, 89, 104

- guerra contra a União Soviética, 164, 189-190, 251-52, 255, 262, 302-303

- livros roubados pelos soviéticos, 316-19, 360-61

- revolução (1918) na, 65-66, 107, 157-58

Alexandre II, Tsar, 365,

Alliance Israélite Universelle, Paris, 170, 172-73, 176, 190, 224, 278, 329, 363

Altmann, Maria, 356

Aly, Götz, 53

Amschel, Mayer, 283, 364

Amsterdã:

anarquistas, 178, 180

judeus em, 124-129, 141-151, 195, 220

livros saqueados em, 312, 318-19, 327-29

Anderson, James, 167

Ansky, S. (Rappaport), 234, 255

Anuário da Política Mundial Judaica, Um, 300

Apel, Willy, 57

Arbeitsstelle für Provenienzforschung, 47, 48

Arendt, Hannah, 234

Aristóteles, 128, 199

Arquivo Liechtenstein, 362-63

Arquivo Marx e Engels, Amsterdã, 131-34, 141

Arquivo Nietzsche, Weimar, 76

Arquivos Nacionais, Washington, 325

Arquivos Stálin, Moscou, 314, 317, 328, 359, 363

arte:

- confisco de, 12, 34, 50, 168, 134, 135, 314, 316, 318-319
- degenerada, 16, 156
- distribuição de obras saqueadas, 12, 139, 330, 356-57
- Monuments Men, 324-25
- origem de, 51

Auschwitz-Birkenau, campo de concentração, 11, 47, 151, 209, 227-29, 270-71, 273, 290, 292, 352, 354, 364, 371

Áustria, anexação da, 91, 99, 133

Averróis, 128

Axmann, Artur, 323

Bach, Johann Sebastian, 48, 55

Baeumler, Alfred, 114, 119–20

Bailey, Michael David, 299

Bakunin, Mikhail, 133

Bakunin, Pavel, 186

Baron, Salo, 334

Basto, Artur de Magalhães, 312

Bauhaus, escola, 67, 72

Bayer, Max, 16

Bayerische Politische Polizei, carimbo da, 85, 87, 88

Bayerische Staatsbibliothek, 83–85, 87, 98

Beatrix, rainha da Holanda, 363

Beethoven, Ludwig van, 48

Behr, Baron Kurt von, 172

Ben Asher, Rabino Jakob, 128

ben Israel, Menasseh, 127–28, 148

Bencowitz, Isaac, 333

Beneš, Edvard, 313

Ben-Gurion, David, 221

Benjamin, Walter, 19

Berberova, Nina, 184, 186, 189

Bergen-Belsen, campo de concentração, 46, 151, 228

Bergmann, Hugo, 312

Bergungsstelle für wissenschaftliche Bibliotheken [Organização de Resgate de Bibliotecas Científicas], 38–41, 277

Beria, Lavrenty, 314

Berlim:

- bombardeios a, 37, 53, 212, 272, 274, 276, 312, 322, 349
- evacuações de, 276–77, 279, 288, 303

Incêndio do Reichstag (1933), 16, 113
queima de livros em, 15-19

Berliner Stadtbibliothek, 31, 33-35, 37-39, 41-43, 45, 47-51, 53, 318, 349, 373

Bernstein, Elsa, 269

Berry, Burton, 215

Berta, Alice Victoria, 16

Beth Din Tzedek, Thessalônica, 225

Beutler, Marion, 16

Bíblia Pelplin, 186, 188

Bíblias Gutenberg, 75, 186, 188, 239, 319

Biblioteca de Literatura Estrangeira, Moscou, 316-17, 368

Biblioteca del Collegio Rabbinico Italiano, 195, 197, 205, 209, 211, 278, 367

Biblioteca della Comunità Israelitica, 197, 203-05, 207, 211-12, 367

Biblioteca do Congresso, Washington, 52, 99, 332

Biblioteca Duquesa Anna Amalia, Weimar, 74-79

Biblioteca Lênin, Minsk, 251, 82

Biblioteca Lênin, Moscou, 318, 321, 366

Biblioteca Militar, Varsóvia, 242

Biblioteca Nacional, Jerusalém, 211, 309, 357

Biblioteca Nacional, Varsóvia, 188, 242, 329

Biblioteca Omíada, 143

Biblioteca Strashun, Vilnius, 254-55, 258, 235-7

Biblioteca Symon Petlura, Paris, 182-83, 189-90, 282, 328

Biblioteca Vallicellinana, Roma, 209

Biblioteka Załuskich, Varsóvia, 242

Bibliotheca Klossiana, 154, 167, 168, 328

Bibliotheca Rosenthaliana, 124, 128-30, 142, 145-51, 207, 278, 304, 327

Bibliothèque Polonaise, 178, 182-83, 186, 188-89, 329

Bibliothèque Russe Tourguéniev, 178-84, 189-91, 282, 317, 320-21, 328, 366

Bismarck, Otto von, 65, 129

Bloch, Marc, 360

Bloem, Walter, 22, 39

Blum, Léon, 173, 282, 289, 360

Bockenamm, Detlef, 33-34, 36, 38, 41-43, 45-47, 277, 348, 352, 356

Bohr, Niels, 115

bolcheviques, 132, 247, 285, 336

- como inimigos ideológicos, 16, 41, 111, 157, 164, 248-49, 251-52, 288-91
- e a Revolução, 103-04, 250
- exilados em Paris, 179-81
- família do tsar assassinada por, 362
- literatura, 93, 183
- teorias da conspiração sobre, 105-10, 286-87, 290

Böll, Heinrich, 26

Bonaparte, Napoleão, 64, 202, 235

Bonnard, Abel, 301, 302

Bormann, Martin, 246-47, 322

Bosel, Siegmund, 226

Braunschweig-Wolfenbüttel, Duquesa Anna Amalia, 75

Brecht, Bertolt, 19, 21, 71

Brigada do Papel, 259-260, 262, 264, 272-73, 295, 337

Brunner, Alois, 226-28

bruxaria, pesquisa sobre, 297-99

Buchenwald, 56-59, 62, 146, 282, 289

Buchergilde Gutenberg, 22

Bülów-Wagner, Eva von, 106

Bund, der [União Judaica Trabalhista Geral], 235

Bunin, Ivan, 181

Bušek, Michal, 305-08, 311-13

Buttmann, Rudolf, 84

Cain, Julien, 282

Câmara Nacional de Literatura, 21-22

Carossa, Hans, 71

Carvalho, Ronald de, 353

Casa da Sabedoria, Bagdá, 143 Hungria, ocupação pela Alemanha, 292

Caso Damasco, 170

Católicos:

- como inimigos ideológicos, 13, 41, 91, 134, 290

- e a Contrarreforma, 95, 200

- e bruxaria, 297-99

- e o antissemitismo, 199

Centro Bibliografico, Roma, 193-95, 197, 200

Chagall, Marc, 237, 261

Chamberlain, Houston Stewart, Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts [Os Fundamentos do Século Dezenove], 106-07, 110-11, 115, 293

Child, Burrage, 332

Chopin, Frédéric, 178

Churchill, Winston, 164, 289, 324

Clemente XII, Papa, 161

Cohn, Salo, 311

Comissão para Arte Saqueada na Europa, 79

Comitê Especial para Reparações de Guerra, 314

Companhia das Índias Orientais, 125, 168

Comunistas:

alemães (1919), 65, 76–77
bibliotecas privadas de, 21, 178
como inimigos ideológicos, 13, 16–17, 19, 39, 49, 134, 249, 250
derrotados em Munique, 87–89
e a instabilidade política, 313
exilados russos em Paris, 180
propriedade confiscada de, 50, 94, 285, 332
restituição, resistência à, 360

Confino, Alon, 293, 294

Congresso Judaico Americano, 27

Conselho da Europa, 361

Constantino o Grande, 213

Constantinopla, queda de, 218

Crémieux, Benjamin, 282

Cromwell, Oliver, 127, 148

Dachau, campo de concentração, 261

da Costa, Uriel, 312

Dalí, Salvador, 173

Dannecker, Theodor, 302

Dawidowicz, Lucy S., 335–36

de la Fontaine Verwey, Herman, 129–30, 147, 150

Debenedetti, Giacomo, 208

Delarbre, Léon, 60

Depósito Arquivístico de Offenbach, 324–29, 332–33, 334–35, 367

Deutsche Studentenschaft, 18–19, 24–27

Diáspora Judaica, 198

Dittel, Paul, 297

Döblin, Alfred, 21

Dönitz, Karl, 321

Dreyfus, Alfred, 162, 171

Dubnow, Simon, 169, 232-34, 236, 264

Dunn, William Harold, 342

Ebert, Friedrich, 66

Ebert, Georg, 165

Eckart, Dietrich, 107-09

Ecole Rabbinique, Paris, 173

Eher, Franz, 24

Ehrenburg, Ilya, 263

Eichmann, Adolf, 163, 226, 228

Eichstät, Volkmar, 292

Eicke, Theodor, 268

Einstein, Albert, 20, 115, 218, 238, 286, 288

Eisner, Kurt, 289

Ellse, Christine, 354, 368, 370-372, 374-376, 380

Elsner, Günther, 40

Engels, Friedrich, 111, 132-4, 141, 179

ERR (Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg):

- Amt Ocidental, 138, 172
- arte saqueada por, 170, 186
- concorrência com a RSHA, 40, 49, 139-40, 165-66
- e o front oriental, 40, 248, 248-53
- em Vilnius, 257-59, 262
- evacuação da, 303-304
- formação da, 134
- guerra ideológica da, 136, 147-48

livros confiscados por, 37, 49, 141, 146-50, 168, 170, 172-77, 189-90, 224-26,
232, 245, 248-51, 274-75, 279-82, 286, 288-91, 303, 327, 329, 367

livros roubados pelos soviéticos, 316-18

M-Aktion, 149, 174, 281, 330

na França- 52, 139, 164-65, 170-74, 177, 329

na Holanda, 164-65, 167-68

na Itália, 206-08, 212

na União Soviética, 248-51, 288

Ernst II, Duque, 166

Ernst zum Kompass, Gotha, 166-7

Escritores freikorps, 69-71, 87-88, 119

Eslavos, como inimigos ideológicos, 13, 155, 240, 246-47, 252

Espanha, judeus sefarditas da, 199-200, 204, 218, 225

Ets Haim, Amsterdã, 142, 145-50, 207, 278, 327,

Ettersberg, floresta, 56-58

Exército Vermelho:

avanços do, 282, 304, 314,

Berlim bombardeada pelo, 33

brigadas de caça a troféus, 77, 314-320, 328, 349, 358-59, 360-62, 365

em Vilnius, 255, 264-65

Leningrado libertada pelo, 300

massacres do, 255

na Polônia, 238, 303-04

na Ucrânia, 182

pilhagens feita pelo, 38, 40, 49, 53, 76-77, 316-320

SMERSH (órgão de inteligência), 314

tática de terras arrasadas, 252

Expressionismo alemão, 66-67, 70, 101

Fareynikte Partizaner Organizatsye [Organizações Partisans Unidas], 261-263

Fascismo, 66-67, 71, 76, 131, 133, 206

Feder, Ernst, 41

Fédération des Sociétés Juives, Paris -173,

Fest, Joachim, 103

Fichte, Johann Gottlieb, 62-64

Finsterwalder, Sebastian, 32-34, 37-47, 277, 347-350, 353-54, 356-57

Forschungsabteilung Judenfrage [Departamento de Pesquisa para a Questão Judaica],
29, 285-87

França:

- bibliotecas de migrantes na, 177-192, 317,
- caso Dreyfus na, 162, 171
- invasão da Normandia, 282, 300-301, 324-25
- judeus com direito de cidadania na, 63, 170-71, 202
- maçons na, 164-165
- propriedade confiscada, 52, 139, 170-77, 256, 328-329

Franco, Francisco, 133, 163

Frank, Adolf - 287

Frank, Anne - 46

Frank, Hans - 302

Frank, Walter - 29

Frankfurt institute, see Institut zur Erforschung der Judenfrage - Franz Ferdinand,
assassinato de, 156-57, 162, 268-69

Frederico, Príncipe, -154

Frederico o Grande, 164

Freikorps, 65-66

Frenzel, Elisabeth, 287

Freud, Sigmund, 20, 26, 238

Frick, Wilhelm, 72, 73

Friedman, Philip, 177

Führer Dá uma Cidade aos Judeus, O (filme), 270

Fürth, Jaro, 269

Furtwängler, Wilhelm, 301

Galério, Imperador, 213

Gerron, Kurt, 270

Gestapo, 48, 90, 93, 134, 140, 255

Gide, André, 173, 282

Giesler, Hermann, 99, 120

Gobineau, Arthur de, 106, 293

Goebbels, Joseph, 17, 22, 25, 26, 39, 110, 118, 287, 292, 298, 301-02

Goethe, Johann Wolfgang von, 22, 24, 55, 61-65, 78, 105

- Arquivo Goethe e Schiller, 73, 77-79

- Associação Goethe, 73

- como maçom, 164

- como membro dos Illuminati, 166

- como poeta nacional, 64

- e a Biblioteca Anna Amalia, 74

- estátua de, 60, 63-64

- Fausto*, 58

- Museu Goethe, Weimar, 74

- nazificação de, 72-76

Goldschmidt, Arthur, 78-80,

Goldschmidt, Elijah Jacob, 255, 256

Gorbachev, Mikhail, 358

Göring, Hermann, 118, 139, 155, 247, 343

e a Gestapo, 90

suicídio de, 343-44

como beneficiado pelo roubo de arte, 11, 39, 139-140

Gorky, Maxim, 261

Görtsch, Werner, 296

Gotthardt, Hermann, 255, 256

Grã-Bretanha:

admiradores nazistas da, 148

judeus na, 127, 148

maçons na, 161, 167

Grade, Chaim, 235

Granada, judeus massacrados em, 144

Grande Loja da Inglaterra, 161

Grande Oriente da França, 165

Grande Sinagoga, Varsóvia, 93, 243-44

Grau, Wilhelm, 138, 291, 343

Grécia:

a “questão Judaica” na, 225-26, 287

ELAS, movimento de resistência, 227

pilhagem nazista na, 222-23, 280

resgate de propriedades judaicas negado na, 229

Salonica cedida à, 222

Gregório IX, Papa, 199

Grimm, Hans, 24, 70

Grimsted, Patricia Kennedy, 177, 278, 299, 319, 368

Grootoosten der Nederlanden, 154, 167, 328, 364

Gropius, Walter, 67, 72

Grothe, Hugo, 280

Grothe, Walter, 137-38
Grumach, Ernst, 276-77
Günther, Hans F. K., 72, 287
Gurlitt, Cornelius, 48

Hagemeyer, Hans, 300-302
Haim Habib, Rabbi Haham, 225-226
Hartmann, Uwe, 47-48, 50-53,
Haufe, Rüdiger, 77, 79, 80
Haus der Deutschen Kunst, 83
Hebraico, idioma, 234, 256, 238
Hegel, Friedrich, 62, 64
Heidegger, Martin, 114
Heine, Heinrich, 15, 286
Herder, Johann Gottfried, 62-64
Hermitage, S. Petersburgo, 363
Herrenchiemsee, 98
Herrmann, Wolfgang, 19, 20, 25
Hertling, Georg von, 352-58, 373, 376
Hertz, Gustav, 115
Herzl, Theodor, 261
Herz-Sommer, Alice, 269
Hexenkartothek (pesquisa sobre feitiçarias), 297-99
Heydrich, Reinhard, 140, 163, 296, 343
Heyse, Paul, 115
Himblar, Margareth, 297
Himmler, Heinrich, 55, 118, 226, 302
 como chefe da, 11, 88-90, 93-94, 140, 246-48, 342

- e a Bayerische Politische Polizei, 85
- e a Operação Barbarossa, 245, 247
- e a RSHA, 40, 49, 93-94, 100, 295, 297-98
- e Buchenwald, 57-58, 61
- e os guetos, 262-65
- ocultismo como interesse de, 93, 100, 155, 163, 275-76, 295-300
- suicídio de, 323

Hindenburg, Paul von, 17

Hirschel, Louis, 130, 147, 151, 327

Hirschfeld, Magnus, 21, 24

Hitler, Adolf, 24, 91, 97-98, 321-22

- antissemitismo de, 108-109, 290-91, 300-301
- ascensão ao poder, 109, 371-72
- beneficiado pelo roubo de arte, 11, 84, 138-39
- culto a, 18, 39, 73-74, 101-02, 117, 120, 244-45, 341
- e a Hohe Schule, 98, 118, 120
- e a SS, 89-90,
- e a União Soviética, 238, 303
- e o Acordo de Munique, 141
- e o Putsch da Cervejaria, 158
- e Rosenberg, 103, 107, 110, 140, 245-47, 302, 322-24
- Mein Kampf, 24, 87, 108, 110, 111, 116
- oponentes de, 90, 226, 246-47, 373

Hohe Schule der NSDAP, 249, 341

- institutos de pesquisa, 285-86, 302

- Zentralbibliothek, 277-81, 328

- planos para, 98-99, 118, 120-21, 134-37, 168, 248, 285, 287,

Hohe Schule do, ver Hohe Schule der NSDAP

Holanda, 125-27

arquivos devolvidos à, 362-365

bibliotecas na, 123-24, 280

invasão nazista à, 130, 149

maçons na, 165, 168

neutralidade da, 124

Holocausto, 29, 182, 217, 301, 313, 335, 354-55

e os julgamentos de Nuremberg, 324

homossexuais, 41, 56

justificação ideológica para, 258-59, 291-92

memórias do, 14, 16, 293-95, 350-52, 370-71

planos para, 285, 343

queima de livros como símbolo do, 26-27, 321

registros do, 260

sobreviventes do, 13-14, 46, 130, 229, 314, 309, 312, 327, 334,

Hoogewoud, Frits J., 142, 145, 147

Hörisch, Jochen, 287

Husseini, Haj Amin al, 301

Idealismo alemão, 62

Iídiche, idioma e cultura, 232-34, 236-37, 254, 335-36

IISG (Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis/ Instituto Internacional de História Social), 131-32, 140-41, 146, 173, 280, 327-28

Iluminati bávaros, 161, 166

Iluminati, 161, 166, 275

Iluminismo, 62, 68, 95, 128, 129, 159, 166

Iluminismo francês, 67-68, 127-28

Iluminismo Judaico (Haskalah), 129

Império Romano, 29, 108

Inocência III, Papa, 199

Inquisição, 56, 127, 144, 200-203

Institut d'Etudes des Questions Juives [Instituto para Estudos da Questão Judaica],
301-302

Institut für Sexualwissenschaft [Instituto para Estudos Sexuais], 21, 28, 92

Institut zur Erforschung der Judenfrage [Instituto para Pesquisa da Questão Judaica],
137, 148, 169, 172-73, 176, 200, 208, 223-24, 256-57, 277-281, 283-88, 290-91,
294, 301-02, 304, 327, 332, 344

Instituto Nacional para a História da Nova Alemanha, 224, 292

Instituto para a Cultura Judaica, ver YIVO

Intelectuais, 21-23, 28-29, 275-76

Intelligenzaktion, 240-41

Israel:

identidade cultural de, 335

livros enviados para, 308, 312, 330, 334

Israelitische Kultusgemeinde, Viena, 92, 311

Istambul, primeiro livro impresso em, 127-128

Itália:

invasão dos Aliados à, 324-25

judeus na, 195-212

propriedade confiscada na, 256, 280, 329

resistência aos nazistas na, 225-226

Ivan IV, Tsar, 182

Jagor, Fedor, 36

Jesuíta, Max, 244-45

Jeu de Paume, Paris, 170

Joelsohn, Rudi, 33, 36

Johst, Hanns, 22, 71

José II, imperador da Áustria, 268

Judas Macabeu, 198

Judeia, conquista da, 197-99

Judeus:

“judeu artificial” [künstlicher Jude], 159, 162, 147-48, 174, 176-77, 195-97,
204-08, 224-25, 248, 294, 313, 350-52, 354

asquenaze, 125, 146, 232-33, 236

assimilação dos, 233-34

bibliotecas privadas dos, 21, 38, 77-78, 129-130, 142, 145-49, 222-24

cemitérios profanados, 214-15, 217, 224

cidadania para, 63, 170-71, 202

como inimigos ideológicos, 11, 16-20, 22-23, 41, 69, 72-73, 93-94, 113, 134,
155-56, 164, 241, 294

conferência internacional sobre, 300-02

conversos, 142, 144, 201

cultura escolástica dos, 143-44, 232, 305, 326, 334, 339

e a “questão Judaica”, 136, 171, 204-05, 286, 290-93

e a ciência, 114-16

e a Kristallnacht, 92, 371-72, 375

e a Tanakh [Bíblia], 194-95

e as finanças mundiais, 173-74, 354

e as Leis de Nuremberg, 206

e memória, 294-95

e o antissemitismo nazista, 29, 63, 70, 72-73, 75, 89, 107-115

e o Caso Damasco, 170

e os Sábios de Sião, 104-06

em Al-Andalus, 142-44
 enviados para campos de extermínio, 56, 92, 146, 150-151, 174, 226-29, 243, 256, 262-64, 269-274, 292, 307-08,
 estrela amarela usada pelos, 199, 226
 experimentos médicos em, 228-29
 extermínio dos, 151, 169, 182, 243-44, 255-56, 285, 290-94, 335
 fuga dos, 78-79, 174, 224
 Hassidismo, 235
 Hebraico e Iídiche, idiomas, 95
 literatura dos, 127-28, 199-204
 perseguição aos, 16, 23, 27, 92, 103-04, 144-45, 155, 170, 182, 199-203, 209, 228, 235, 332-34
 propriedade confiscada de, 36-37, 46, 49-50, 78-79, 84, 92, 138, sefarditas, 125, 128, 142-152, 195-204, 219-225, 343-44
 sionistas, 133, 148-49, 170, 221, 234, 309
 sistemas educacionais dos, 170-71, 220
 teorias conspiratórias sobre, 99-100, 103-09, 133, 134, 147-48, 156-57, 159, 162-63, 286-87, 236-38, 288, 302, 342
 trabalhadores escravos em bibliotecas, 94-95, 256, 257-262, 272-73, 274-76, 349-350
 Jung, Guido, 206
 “Kampflied der Nationalsozialisten” (canção de batalha nazista), 25
 Cavaleiros Templários, 154
 Kaczerzinski, Shmerke, 263, 237-38, 337-39
 Kadima biblioteca, Saloníki, 222
 Kafka, Franz, 273, 305
 Kaiserschlacht [Batalha do Kaiser], 65

Kalmanovitj, Zelig, 258, 262, 264
Kaltenbrunner, Ernst, 296, 299, 342, 344
Kampfbund für deutsche Kultur [Liga Militante para a Cultura Alemã], 72, 73, 76
Kandinsky, Wassily, 72, 363
Kaplan, Chaim, 295
Kaplan, Hélène, 177-184, 186, 190-91
Kappler, Herbert, 207, 209
Karamzin, Nikolay, 182
Karl-Marx-Haus Trier, 34
Katz, Robert, Black Sabbath, 204
Keitel, Wilhelm, 344
Keizersgracht, 264, 131, 134, 138 - 141
Kellenbenz, Hermann, 224, 343
Keller, Helen, 27
Kellner, Stephan, 83-84, 87, 98
Kertész, Imre, 56
Kircheisen, Friedrich Max, 280
Klassik Stiftung Weimar, 74, 77, 79
Klee, Paul, 72
Klimt, Gustav, 356
Kloss, Georg, 154, 167
Knoche, Michael, 74-75, 77, 80
Knorring, Nikolai, 186
Kobrak, Charlotte, 354, 370-71
Kobrak, Käthe, 371-72, 373
Kobrak, Richard, 11, 34, 352-54, 356, 371-73
Koch, Erich, 247, 322
Kortezs, Zvi, 224

Kotljarevskaja, Marija, 186
Kraśiński, Zygmunt, 178
Krebs, Friedrich, 284
Krieck, Ernst, 114
Kristallnacht [Noite dos Cristais] (1938), 92–93, 373, 375
Krokowski, Heike, 77, 80
Kronfeld, Arthur, 21
Kropotkin, Peter, 186
Kruk, Herman, 257–61, 264–65, 294, 338
Kuperminc, Jean-Claude, 169–71, 329, 379
Künsberg, Baron Eberhard von, 249
Kuznitz, Cecile E., 237

La Rochefoucauld, François de, 182
Lachman, Walter, 46
Lagedi, campo de trabalhos forçados, 264–65
Landowska, Wanda, 173
Leão x, Papa, 200
Lebensraum, 25, 240, 253, 280
Lenard, Philipp, 115
Lenda da punhalada pelas costas, 69, 71, 158
Lênin, V. I., 19, 25, 180–82, 185, 282, 321, 363
Leonardo da Vinci, 186
Levante de Janeiro (1919), 66–65
Levi, Primo, 229
Lèvy, Gisèle, 193–95, 197, 200–201, 212
Lewisohn, Ludwig, 27
Ley, Robert, 102, 140

Librairie Lipschutz, 173

Liedtke, Father Antoni, 188, 240

Liga Hanseática, 105

Lituânia, 238

livros:

- acervos nazistas de, 28, 48, 83, 87

- almanaques antigos, 78, 79

- arianização de, 22-23

- bibliotecas de migrantes, 177-92, 282, 317

- confisco de, 12, 28, 39, 84, 91, 94, 139, 169, 188-89, 285

- distribuição de, 39, 49-50, 84, 225, 262, 278-81, 284-85, 312

- e a Brigada do Papel, 259-63, 273

- enviados para fábricas de papel, 259, 262

- funções dos, 13-14

- Geschenk [presentes], carimbos, 38, 349

- Judenbücher [livros de judeus], 33, 36, 38, 305-06, 312

- literatura degenerada, 18, 359

- literatura freikorps, 69-70

- nas “bibliotecas do povo”, 51, 330-31

- queima de, 13, 15-29, 70, 92, 200, 321

- resgate, 38-42, 131-33, 146-47, 172, 278, 305-21, 323-39, 347

- roído por camundongos, 194, 211

- valor ideológico dos, 12, 293

- incunábulos, 83, 128, 146-47, 203, 319

- valor simbólico dos, 14, 26, 29, 45

Lönnrot, Elias, 236

Lopatin, Alemanha, 179

Lublin, 242

Ludendorff, Erich, 158-59

Ludendorff, Mathilde, 156

Ludovico II, rei da Baviera, 98

Luís XIV, rei da França, 98

Lunski, Khaykl, 254, 255, 256, 258, 264

Lutero, Martinho, 18, 55, 158

Maçons, 153-68, 349-50

- Charter van Keulen [Carta de Colônia], 167

- como inimigos ideológicos, 11, 41-42, 49, 73-74, 137-138, 146-147, 154-57, 164, 249-50, 289-90

- e o humanismo, 163

- e os Illuminati, 131, 225

- martelo dourado dos, 167

- mitologia de, 161

- perseguição a, 56-57, 155-56, 163, 166

- pesquisa da RSHA sobre, 295-97

- propriedade confiscada de, 40-41, 49, 84, 94, 164-65, 167-68, 248, 275-76, 359

- teorias da conspiração sobre, 157-59, 161-62, 289

Maklakov, Vasily, 184

Malraux, André, 173

Mandel, Georges, 173

Manget, Jean-Jacques, 154

Manifesto Comunista, O, 132

Mann, Heinrich, 21, 71

Mann, Thomas, 16, 20-21, 23, 68, 70-71, 74, 84

Maomé II, Sultão, 218

Marc, Franz, 72

Marie, Valérie, 331

Marranos (conversos), 144-45

Marx, Karl, 111, 131, 132, 141, 179

Marxismo, 18, 107, 293

Maurois, André, 275

May, Paul, 149

Mayer, Hans, 26

Mazower, Mark, 225

McCarthy, Joseph, 27

Mencheviques, 133, 180

Mendelssohn, Moses, 129

Mengele, Josef, 228

Mezzasoma, Fernando, 301, 302

Mickiewicz, Adam, 179, 189

Miegel, Agnes, 22

Moczarski, Kasimierz, 144

Modernismo, 67, 69, 95, 101

Molho, Michael, 224

Montgomery, Sir Bernard Law, 324

Monuments Men, 324, 332

Mosteiro das Grutas de Kiev, 280-81

movimentos de trabalhadores, arquivos de, 132, 134, 328

Mozart, Wolfgang Amadeus, 164

Muneles, Otto, 273-74, 308, 309, 311-14

Museu de Arte e Cultura Judaicas, Vilnius, 311-12, 236-38

Museu Judaico, Praga, 305-314

Museu Judaico, Salonica, 217

Museu Rembrandt, Amsterdã, 141

Mussert, Anton, 301-302

Mussolini, Benito, 163, 206-207

nacionalismo, 27-28, 62-65, 69, 71-72, 88-89, 161

Nacional-socialismo, ver Partido Nazista; NSDAP

Nadel, Arno, 34

Nehama, Joseph, 224

Nettlau, Max, 133

Ney, Gottlieb, 249

Nicolau II, Tsar, 363

Nicolay, Nicolas de, 219

Nikome (os Vingadores), 265

Noite das Longas Facas, 90

Normandia, chegada dos Aliados à, 282, 300-301, 324-25

NSDAP, 71-72, 88, 108, 158, 248

Nuremberg, julgamentos, 248, 324, 339-345

Nuremberg, leis, 23, 206

Nussbaum, Ferdinand, 34

Ocultismo, 94-95, 156, 161, 163, 165-66, 275, 295-300

Odinets, Dimitri, 185

Office de Récupération Economique, Bélgica, 331

Olimpíada, Berlim (1936), 241

Olson, Ragnar, 158

Oppenheim, Jeremias, 195

Oppenheimer, Robert, 115

Ordem Jesuíta, 95, 159

Orquestra Filarmônica de Viena, 269

Osorgin, Mikhail, 181

Ossietzky, Carl von, 108

Ostbücherei, 190

Otomano, Império, 128, 218–221

Owen, Harry Collinson, 222

Pacifistas, 16, 19, 93

Pacto Molotov–Ribbentrop (1939), 238

Palestina, Estado judeu na, 171

Palmer, Louis, 377

Paris, queda de, 172

Park an der Ilm, Weimar, 61, 75–77

Partido Nazista:

- “arma secreta” do, 322

- antisemitismo no, 29, 63, 70, 72–73, 75–76, 89, 104–05, 107–115, 171, 176–77, 202, 206, 208, 287–292, 301–02

- ascensão ao poder, 16–17, 28–29, 62, 69–70, 84, 88, 101–02, 114–15

- censura imposta pelo, 17–18, 19, 25

- como bárbaros culturais, 26–26

- e a Lenda da punhalada pelas costas, 158

- e a Noite das Longas Facas, 90

- julgamentos de Nuremberg, 324

- e as exposições da vergonha, 156, 164

- violência idealizada pelo, 27, 70–71, 136–37

- e Weimar, 72, 76

- front ocidental, 239, 248–49, 256, 282

- front oriental, 240–41, 244–257, 262, 290, 303

- genocídios dos, 27

ideologia do, 27, 88, 120-21, 134-35, 176-77, 290-93, 303, 324, 357

inimigos, 11, 16-17, 91, 93-94, 136, 156, 303

Itália atacada pelo, 206-207

paz, sondagens secretas, 300

Princípio do Führer, 100-102, 121, 341-42

propaganda do, 21-23, 156, 163-64, 238-39, 268-70, 291-93

reformado (1925), 71

surgimento do, 85

Paulo IV, Papa, 201-02

Paulsen, Peter, 239

Paulus, Friedrich, 164

Pedro o Grande, tsar da Rússia, 127

Petersen, Julius, 74

Petliura, Symon, 182-83, 234, 251

Piepenbrock, Jac, 153-54, 164, 379

Pio VII, Papa, 202

Pio XII, Papa, 209

Piper, Ernst, Alfred Rosenberg, 109

Plano Marshall, 313

Plievier, Theodor, 17

Pohl, Johannes, 148-49, 207, 211, 223, 256, 278, 287, 344

Polícia Política Bávara (BPP), 163

Poloneses:

como inimigos ideológicos, 41, 134

enviados para campos de extermínio, 56

exilados em Paris, 179, 183, 186-88

grande migração de, 178-79

Iídiche como língua dos, 235

Levantes de Varsóvia (1830), 142; (1944), 197, 198-99, 262
memórias dos, 295
população inteira como alvo, 239-245, 252-53
propriedade confiscada, 52-53, 93-94, 240, 249, 251, 280, 311

Polônia:

brigadas de caça a troféus soviéticas na, 317-18
Derrota da, 238-39, 250

Pomrenze, Seymour J., 325-326, 329, 332

Poste, Leslie I., 326

Posthumus, Nicolaas Wilhelmus, 131-34, 141

Praga, 305-345

livros remanescentes na, 305-06

Preussische Staatsbibliothek (Staatsbibliothek zu Berlin), 48-49, 50, 318

Prilutski, Noah, 255-56

Princip, Gavrilo, 268

Primeira Guerra Mundial:

e o movimento conservador, 67-68
idealizada na literatura freikorps, 69-71
romantizada por Mann, 67-69
teorias conspiratórias sobre, 156-58, 162

Pröller, Peter, 38-39

protocolos dos Sábios de Sião, Os, 104-05, 110, 162, 286-87

Proust, Marcel, 173

Publikationsstelle Berlin-Dahlem, 189

Pułaski, Franciszek, 189

Putin, Vladimir, 363

Putsch da Cervejaria (1923), 71, 88, 158

Quisling, Vidkun, 34, 301

Raça, 28, 70, 72, 106-07

e a superioridade ariana, 24, 106, 111-12, 114, 118-19

e o fascismo, 205-06

pesquisa sobre, 285, 287, 293

Rappoport, Shloyme Zanol, 234

Rathenau, Walter, 71, 288-89

Ratibor/Racibórz, Polônia, 281-82

atividade de pesquisa na, 288-300, 343

Exército Vermelho na, 303-304

livros roubados da, 316-317

Reconstrução Cultural Judaica, 308, 334

Reforma, 17

Reich de Mil Anos, 29, 111, 113, 121

Reichsinstitut für die Geschichte des neuen Deutschland [Instituto Nacional para a História da Nova Alemanha], 85

Reichsministerium für die besetzten Ostgebiete [Ministério do Reich para os Territórios Orientais Ocupados], 39, 245-46

Reifenberg, Adele, 34

Remarque, Erich Maria, 19, 21, 70

Rembrandt van Rijn, 127

Renascença, 220, 224

Renascimento Italiano, 220

República de Weimar, 19, 66-73, 76, 88

classicismo de, 74, 105

como local de culto ao nazismo, 72, 76

e a transferência de poder, 90

República Nacional Ucraniana No exílio, 182

Revolta dos Macabeus, 198 Maimônides, 171, 199, 311

Revolução de Novembro, Alemanha (1918), 65, 107, 158

Revolução francesa, 63, 161, 166, 170, 202

Revolução Russa, 103-05, 82, 133, 181, 234, 250

Reyzen, Zalmen, 239

Rhodes, Cecil, 289

Ribbentrop, Joachim von, 249, 302, 342, 344

Richter, Hans, 196

Rieger, Eliezer, 130

Rieti, Moses, 204

Rietschel, Ernst, 63, 65

Rijksmuseum, Amsterdã, 146-47

Rilke, Rainer Maria, 24 Robison, John, 166

Röhm, Ernst, 88, 90

Roma, 156

Romantismo alemão, 62, 68, 70

Roosevelt, Franklin D., 164, 289, 324

Rosenberg, Alfred, 102-121

- antisemitismo de, 107-15, 150-51, 289, 290, 293-94, 295, 299-01
- como ideólogo nazista, 11, 98, 100-3, 109-10, 114-15, 117-18, 119, 120, 136, 323, 324, 342-44
- depois da guerra, 321-24
- e a Amt Rosenberg, 100, 102, 119-20, 134, 137, 139, 189, 278, 280, 284, 288, 299
- e a ERR, 39, 49, 136-37, 139-41, 189, 248
- e a identidade alemã no Báltico, 105-109, 119, 245
- e a Liga Militante para a Cultura Alemã, 72, 77

e a Operação Barbarossa, 244-249
e a Revolução Russa, 103-4
e as teorias da conspiração, 162-63, 289-90
e o congresso antijudaico internacional, 298-300, 322
e o controle da memória, 293
e o front oriental, 39, 245-10, 255, 256, 321-22, 343
e o Institut zur Erforschung, 148, 172, 174, 175, 224, 290, 294
e o NSDAP, 71-72, 102, 109
e o Völkischer Beobachter, 111, 119
e os confiscos, 164-65, 189-90, 192, 206, 244, 248-51, 278, 280, 284-85, 304,
324
e os julgamentos de Nuremberg, 247, 324, 241-45
e Os protocolos dos Sábios de Sião, 104-5, 111
e Tessalônica, 223, 224
execução de, 343-44
Hohe Schule do, 99, 100, 118, 120-21, 137-39, 280, 300, 341
O Mito do Século Vinte, 22, 103, 105, 106, 111-14, 118, 162-63

Rosenthal, Leeser, 128

Rothschild Frères, de, 173, 364

Rothschild, família, 137, 173-74, 282, 284, 288-90, 318, 360, Rothschild'sche
Bibliothek, Frankfurt, 137, 284, 325

Rubinstein, Arthur, 275, 353

Rubinstein, Ida, 173

Rudashevski, Yitzhak, 257

Rudomino, Margarita, 317-18, 359

RSHA (SS-Reichssicherheitshauptamt):

Amt II de, 93

biblioteca da, 42, 49, 52, 93, 273-74

concorrência com a ERR, 40, 49, 139-40, 166

criação da, 92-94

livros confiscados por, 148, 170, 177, 189, 250, 273, 275-77, 308, 311-12, 367

ocultismo como interesse de, 93-94, 156, 163, 166, 297-301

Seção VII da, 40, 93-94, 100, 139, 155, 166, 275, 284, 296 300, 311, 349

Rússia:

e impressores, 128

exilados políticos da, 177-78, 190

judeus asquenazes na, 232-33

nacionalismo na, 361

ver também União Soviética

Rust, Bernhard, 115, 117

SA, 28, 89, 90

Saloníki, 264-274

Sand, George, 178

Sanders, Huub, 131-32, 141, 328

Sashonko, Vladimir, 321

Schelling, Friedrich von, 62

Schemm, Hans, 116

Schenzinger, Karl Aloys, 70

Schickert, Klaus, 292, 300, 343

Schiller, Associação, 73

Schiller, Friedrich, 22, 61, 63-65, 77, 105, 158

Schjødt, Annæus, 34

Schlüter, Andreas, 249

Schmidt-Stähler, Alfred, 139, 150

Schoenfeld, Robert, 304

Schopenhauer, Arthur, 184, 186

Schormann, Gerhard, 299

Schultze-Naumburg, Paul, 72

Schutzverband deutscher Schriftsteller, 20

Schwartzbard, Sholom, 182

Schwedenkiste, 166

SD:

ataques a igrejas e congregações, 91, 146

biblioteca da, 90-91, 93

e trabalhadores escravos judeus, 276-77

na máquina de terros, 91, 136, 140, 146, 250

Sedov, Lev, 133

Seeligmann, Isaac Leo, 151, 269, 273, 275, 312, 327

Seeligmann, Sigmund, 149, 273, 312

Seghers, Anna, 21

Segunda Guerra Mundial, 108, 129, 170, 187, 191, 203, 205, 212, 333, 371, 382, 383

vitória dos Aliados na, 323-24

Selêucida, Império, 198

Seminário Teológico Judaico, Breslau, 93

Seminário Teológico Judaico, Nova York, 212

Seyss-Inquart, Arthur, 140

Sézille, Paul, 301

Shtif, Nokhem, 234

Simaite, Ona, 261

sindicatos, arquivos dos, 131, 328

Sionismo, 134, 149, 171, 221, 234, 309

Six, Franz, 93

Smith, Howard K., 344

Sobibór, campo de extermínio, 151

Social-democratas:

- arquivos dos, 132-33

- e a República de Weimar, 44-45, 69

- exilados russos em Paris, 181

- perseguição a, 16-17, 33

Socialistas:

- arquivos dos, 132-133, 328

- como inimigos ideológicos, 49, 69, 135, 289

- exilados russos, 181

Sommer, Martin, 56

Sonne, Isaiah, 204, 211

Sorani, Rosina, 208

Soukup, Friedrich, 298

Speer, Albert, 39, 99, 342

Spinoza, Baruch, 41, 127, 146

Springer, Julius, 22-22

Sroka, Marek, 243

SS (Schutzstaffel):

- campos de passagem da, 227, 261-63, 272-73

- castelos usados pela, 275, 297, 308, 314

- como proteção de Hitler, 89

- e a Amt Rosenberg, 139-40

- e a SA, 89-90

- e o Sonderkommando Paulsen, 239, 249

- filosofia totalitaria da, 88, 94

- formação da, 118

- Himmler como chefe da, 11, 88-90, 139-40, 177, 364-65, 298

inimigos estudados pela, 41, 302
inimigos perseguidos pela, 91, 275-76
livros confiscados pela, 33, 140, 239, 272-74, 275, 367
ocultismo como interesse na, 93-94, 163, 166, 275, 297-300
poder transferido para a, 247-48
violência da, 137, 255-56, 262-63
Waffen-SS, 16

Städtische Pfandleihanstalt, 37

Stálin, Josef, 133, 185, 192, 238, 303, 314, 316, 328

Stanley, Henry M., 33, 37 Stein, Charlotte von, 58

Strashun, Mattityahu, 254

Strauss, Emil, 71

Stravinsky, Igor, 72

Strindberg, August, 311

Stroop, Jürgen, 244

Stutthof, campo de concentração, 264

Stutz, Ulrich, 280

Stwertka, Julius, 269

Sutzkever, Abraham, 235, 259-65, 337-40

Sydow, Karsten, 48

Tatishchev, Vasily, 182

Tchecoslováquia, 141, 307, 311-14

Tcherikower, Elias, 234

Teatro Nacional, Weimar, 61, 63, 65-68, 70

Tedeschi, Dario, 204-07, 211-12 Teerã, conferência dos Aliados em, 324

Terceiro Reich:

derrota do, 303

e o Princípio do Führer, 101-02, 119, 341-42
estilo arquitetônico do, 99
estrutura de poder do, 139
ascensão do, 73-74, 76-77
ideal de Mann do, 68
obsessão com a coleta e posse de conhecimento, 87, 140
rendição do, 321
sistema educacional do, 113-119
sistema policial em, 88
ver também Partido Nazista

Tessalônica, 213-30, 278, 280, 289, 330, 350, 365

Testemunhas de Jeová, 41, 57

Theresienstadt (Terezín), 267-75, 295, 306-08, 312-13, 353, 373

Bücherfassungsgruppe de, 272-75

como campo modelo, 151, 268-71

Ghetto Swingers (banda de jazz) em, 269-71

Ghettobücherei/Zentralbücherei em, 269-71, 308

Judenrat em, 268

Talmudkommando em, 273-74, 276, 295, 306, 308, 311-12, 327

tifoide em, 271

vida em, 268-71, 376

visita da Cruz Vermelha a, 270-71

Thomas, Ralph, 342

Tolstói, Liev, 258, 261, 265

Tomás de Aquino, S., 199

Tongeren, Hermannus van, 164

Tratado de Versalhes, 18, 69, 111, 158

Treblinka, campo de extermínio, 264

Trótski, Leon, 19, 132, 133, 289, 328

Tucholsky, Kurt, 71

Turguêniev, Ivan, 179, 185

Ucrânia, devastação na, 253

Ullrich, Volker, Adolf Hitler, 109

Ulyanov, Vladimir Ilyich (Lênin), 180-81

Unglaube, Tomas, 371, 375

União Soviética:

- brigadas de caça a troféus, 77, 314-320, 328, 349, 358-59, 360-62, 365

- campos de trabalho na Sibéria, 250

- e as exposições da vergonha, 156

- e o front oriental, 39, 245-254

- e o Pacto Molotov-Ribbentrop (1939), 238

- escritores proibidos na, 190

- glasnost na, 359-361 planos de Hitler para a, 252

- guerra com a Alemanha, 204, 189, 251-52, 255, 261, 302-03

- inimigos ideológicos na, 136

- KGB, 335-36

- material saqueado da, 278-282, 231, 262, 359

- material saqueado levado para a, 49-52, 314-320, 328, 332, 349, 366-67

- NKVD, 314, 361

- Okhrana (service secreto) na, 104

- Operação Barbarossa na, 244-250, 254-55

- oposição à restituição na, 361-363, 366

- perestroika na, 190, 359

- pogroms na, 104, 171, 262

- queda da (1991), 320, 350, 360, 365

refugiados da, 131-32

Sala Âmbar no Palácio de Catarina, 249

Unione delle Comunità Ebraiche Italiane [União das Comunidades Judaicas Italianas],
193, 205

Universidade de Amsterdã, 359-367

Universidade Hebraica, Jerusalém, 334

Usque, Samuel, Consolaçam às Tribulaçoens de Israel, 123-24, 145, 200, 304

Utitz, Emil, 271

Valéry, Paul, 173

Van Wien, Salvatore, 331

Venizelos, Eleftherios, 223

Viena, 92, 220, 226, 311

Vilnius, 220, 231-39, 287

Brigada do Papel em, 258-63, 272, 295, 337

cultura iídiche em, 234, 236-37, 254, 335-36

e “Um Vagão de Sapatos”, 340-41

extinção do gueto em, 262-65

libertação de, 337

massacre dos judeus em, 255-57, 258-59, 336

Operação Barbarossa em, 254-55, 278-80

YIVO em, ver YIVO

Vilnius Löhner-Beda, Fritz, 59

Visser, Wout, 123, 128-29, 130

Völkischer Beobachter, 16-18, 110, 119, 157, 286

Voltaire, 182

Wagner, Richard, 106-07

Wahl, Hans, 73, 76-79

Wahle, Julius, 73

Walter, Theo, 153-55, 167

Warncke, Heide, 145

Wehrmacht, 247-48, 250, 254, 256

Weimar-Buchenwald, dicotomia, 62

Weinreich, Max, 234, 236, 239, 335

Weishaupt, Adam, 166

Weiss, Louise, 173

Weltkampf, Der, 286, 302

Wichtl, Friedrich, 162

Wiechert, Ernst, 59-60

Wiesel, Elie, 56

Wisliceny, Dieter, 226-28

Woskin-Nahartabi, Moses, 273

Wunder, Gerd, 288-89, 343

Yeltsin, Boris, 360-63

Zalman, Elijah ben Solomon, 235, 259, 261

Zanker, Paul, 63-64

ZBHS, ver Hohe Schule der NSDAP

Zemour, Erika Perahia, 217-18, 221, 229, 330

Zentral- und Landesbibliothek, Berlim, 31-32, 34, 42, 47-48, 53, 277, 347, 349-50, 353, 356-57

Zentralibliothek der okkuklten Weltliteratur, 94

Zentralibliothek für das gesamte politisch unerwünschte Schrifttum, 91

Zentralstelle für jüdische Auswanderung [Escritório Central para Migração Judaica], 149

Zhukov, Georgy, 316

Ziegler, Hans Severus, 73

Zona de Assentamento Judaico, 232–33

Zweig, Arnold, 17

Zweig, Stefan, 26, 41

Sobre o autor

Anders Rydell é jornalista, editor e autor de não ficção. À frente de um importante grupo de mídia sueco, Rydell dirige a cobertura de arte e cultura de 14 jornais. *Ladrões de livros* é seu primeiro trabalho publicado em inglês (*The Book Thieves*) e, assim como outro livro sobre nazismo do autor, *The Looters*, já foi traduzido para 16 idiomas.

1. Kontje, Todd. *The Cambridge Introduction to Thomas Mann*. Cambridge University Press, 2011, pp. 73-74.
2. Hill, E. Leonidas. "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 12, em *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
3. *Völkischer Beobachter*, 14 de abril de 1933.
4. Hill, "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 14.
5. Knuth, Rebecca. *Libricide: The Regime-Sponsored Destruction of Books and Libraries in the Twentieth Century*. Westport, CT: Praeger, 2003, p. 97.
6. Hill, "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 14.
7. Barbian, Jan-Pieter. *The Politics of Literature in Nazi Germany: Books in the Media Dictatorship*. Nova York: Bloomsbury Academic, 2013, p. 169.
8. Worthington, Jay. "Mein Royalties", *Cabinet* issue 10, 2003. Disponível em: <http://www.cabinetmagazine.org/issues/10/mein_royalties.php>. Acesso em: mar. 2018.
9. Hill, "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 16.
10. Joseph Goebbels, *Völkischer Beobachter*, 12 de maio de 1933.
11. Zweig, Stefan. *Varlden av i gar*, trad. Hugo Hultenberg. Stocolmo: Ersatz, 2011, p. 395.
12. Stern, Guy. "The Burning of the Books in Nazi Germany, 1933: The American Response", *Simon Wiesenthal Annual*, vol. 2, cap. 5.
13. *Holocaust Encyclopedia*, "Immediate American Responses to the Nazi Book Burnings". Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007169>>. Acesso em: mar. 2018. United States Holocaust Memorial Museum, 2014.
14. Daxelmüller, Christoph. "Nazi Concept of Culture and the Erasure of Jewish Folklore", p. 79, *The Nazification of an Academic Discipline: Folklore in the Third Reich*.

Bloomington: University of Indiana Press, 1994.

1. Rudi Joelsohn, memorial book. Disponível em: <<https://www.bundesarchiv.de/gedenkbuch/intro.html.en>>. Acesso em: mar. 2018.
2. Akt nummer 512-515 och 515/1. Inventarienummer C Rep. 120. Landesarchiv, Berlim.
3. Finsterwalder, Sebastian e Pröller, Peter. "Tracing the Rightful Owners: Nazi-Looted Books in the Central and Regional Library of Berlin", em *'The West' Versus 'The East' or The United Europe?*. Anais de um evento acadêmico realizado em Poděbrady em 8 e 9 de outubro de 2013, ed. Mečislav Borák. Disponível em: <<https://socialhistory.org/sites/default/files/docs/grimsted-podebradyessay13.pdf>>. Acesso em: mar. 2018. Documentation Centre for Property Transfers of Cultural Assets of WWII Victims, Praga, 2014. pp. 92-102.
4. Magruder, Melonie. "A Holocaust Survivor's Childhood Book Comes Home", *Malibu Times*, 22 de julho de 2009.
5. Sontheimer, Michael. "Retracing the Nazi Book Theft: German Libraries Hold Thousands of Looted Volumes", *Der Spiegel*, 24 de outubro de 2008.
6. Pudler, Heike e Scheibe, Michaela. "Provenienzforschung/-erschließung an der Staatsbibliothek zu Berlin". *Bibliothek Forschung und Praxis*, vol. 34, abril de 2010, pp. 51-56.
7. Briel, Cornelia. *Beschlagnahmt, erpresst, erbeutet. NS-Raubgut, Reichstauschstelle und Preussische Staatsbibliothek zwischen 1933 und 1945*. Berlim: Akademie Verlag, 2013.
8. Knuth, Rebecca. *Libricide: The Regime-Sponsored Destruction of Books and Libraries in the Twentieth Century*. Westport, CT: Praeger, 2003, p. 99.
9. Briel, *Beschlagnahmt, erpresst, erbeutet*.
10. Sontheimer, "Retracing the Nazi Book Theft".
11. Dehnel, Regine. "Perpetrators, Victims, and Art: The National Socialists' Campaign of Pillage". *Eurozine*, 26 de setembro de 2007.
12. Knuth, *Libricide*, p. 99.

13. Ibidem.

14. Dobbs, Michael. "Epilogue to a Story of Nazi-Looted Books; Library of Congress Trove of War Propaganda Included Many Stolen Jewish Works". *Washington Post*, 5 de janeiro de 2000.

15. Sontheimer, "Retracing the Nazi Book Theft".

1. Casa Branca, Gabinete do Secretário de Imprensa. "Remarks by President Obama, German Chancellor Merkel, and Elie Wiesel at Buchenwald Concentration Camp", 5 de junho de 2009.
2. Hackett, David A. *Der Buchenwald-Report: Bericht über das Konzentrationslager Buchenwald bei Weimar*. Munique: C. H. Beck, 2010, p. 188.
3. Neumann, Klaus. *Shifting Memories: The Nazi Past in the New Germany*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000, p. 179.
4. Wiechert, Ernst. *I dodens skog*, trad. Irma Nordvang, pp. 119-120. Estocolmo: Wahlström & Widstrand, 1946.
5. Prisioneiro n.º 4935, "Über die Goethe-Eiche im Lager Buchenwald". *Neue Zürcher Zeitung*, 4 de novembro de 2006.
6. Fichte, Johann Gottlieb. *Fichte: Addresses to the German Nation*. Cambridge University Press, 2009, p. 10.
7. Zanker, Paul. *The Mask of Socrates: The Image of the Intellectual in Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 4.
8. Lepenies, Wolf. *The Seduction of Culture in German History*. Princeton University Press, 2006, p. 157.
9. Gay, Peter. *Weimarkulturen 1918-1933*, trad. Per Lennart Mansson. Nova, Suécia: Nya Doxa, 2003, pp. 22-23.
10. Ibidem, p. 24.
11. Karlsson, Ingemar e Ruth, Arne. *Samhället som teater*. Estocolmo: Liber, 1983, p. 56.
12. Schoeps, Karl-Heinz. *Literature and Film in the Third Reich*. Rochester. NY: Camden House, 2003, pp. 3-6.
13. Görtemaker, Manfred. *Thomas Mann und die Politik*. Frankfurt: Fischer Verlag, 2005, p. 51.
14. Steinweis, E. Alan. "Weimar Culture and the Rise of National Socialism", *Central European History*, vol. 24, n.º 4. Cambridge University Press, 1991, pp. 402-14.

15. Wilson, W. Daniel. "Goethe and the Nazis", *Times Literary Supplement*, 14 de março de 2014.
16. Ibidem.
17. Hedges, Inez. *Framing Faust: Twentieth-Century Cultural Struggles*, Carbondale: Southern Illinois University Press, 2009, p. 73.
18. Wilson, "Goethe and the Nazis".
19. Weber, Jürgen. "...because Herr Goldschmidt is a Jew of course." *Arsprototo*, 1ed, 2013.
20. Ibidem.
21. Ibidem.
22. A antecessora da Biblioteca Anna Amalia antes da guerra era a Biblioteca Central de Literatura Clássica Alemã.

1. Kurzke, Hermann. *Thomas Mann: Life as a Work of Art: A Biography*. Princeton University Press, 2001, p. 364.
2. McNab, Chris. *The SS, 1923-1945: The Essential Facts and Figures for Himmler's Stormtroopers*. Londres: Amber Books, 2009, p. 18.
3. Stackelberg, Roderick. *Hitler's Germany: Origins, Interpretations, Legacies*. Londres; Nova York: Routledge, 1999, p. 116.
4. Schroeder, Werner. "Bücherraub. Strukturen des Bücherraubs: Die Bibliotheken des Reichssicherheitshauptamtes (RSHA), ihr Aufbau und ihr Verbleib", *Zeitschrift für Bibliothekswesen und Bibliographie* vol. 51, 2004, pp. 316-324.
5. Ibidem p. 316.
6. Barbian, Jan-Pieter. *The Politics of Literature in Nazi Germany: Books in the Media Dictatorship*. Nova York: Bloomsbury Academic, 2013, p. 112.
7. Schroeder, "Bücherraub", pp. 316-324.
8. Berenbaum, Michael. *The World Must Know*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009, p. 49.
9. Confino, Alan. *A World Without Jews: The Nazi Imagination from Persecution to Genocide*. New Haven, CT: Yale University Press, 2014, pp. 115-5117.
10. Grimsted, Patricia Kennedy. "Restitution of Confiscated Art Works: Wish or Reality?", anais de evento acadêmico realizado em Liberec de 24 a 26 de outubro de 2007, Tilia, 2008, p. 131.
11. Schroeder, "Bücherraub", pp. 316-324.
12. Grimsted, "Restitution of Confiscated Art Works: Wish or Reality?" p. 128.
13. Ibidem, p. 132.
14. Ibidem, p. 144.

1. “Models for a Nazi party school on the Chiemsee and for buildings on the Adolf Hitler-Platz in Weimar”, c. 1939, Divisão de Impressões e Fotografias, LOT 8613 (G) [P& P], Biblioteca do Congresso, Washington, DC.
2. Atas dos Julgamentos de Nuremberg, vol. 7, 6 de fevereiro de 1946. The Avalon Project.
3. Karlsson, Ingemar e Ruth, Arne. *Samhället som teater*. Estocolmo: Liber, 1983, p. 82.
4. Barbian, Jan-Pieter. *The Politics of Literature in Nazi Germany: Books in the Media Dictatorship*. Nova York: Bloomsbury Academic, 2013, p. 117.
5. Fest, Joachim. *The Face of the Third Reich*. Nova York: Pantheon Books, 1970, p. 163.
6. Roosenberg, Alfred. *Pest in Russland*. Munique: Franz Eher, 1938, p. 16.
7. Cecil, Robert. *The Myth of the Master Race*, Londres: B. T. Batsford, 1972, p. 17.
8. Roosenberg, Alfred. *The Myth of the Twentieth Century*. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011, p. 65.
9. Karlsson e Ruth, *Samhället som teater*, p. 90.
10. Ibidem, p. 93.
11. Cecil, *The Myth of the Master Race*, p. 17.
12. Ibidem, pp. 20-24.
13. Roosenberg, Alfred. *Dietrich Eckart: Ein Vermaechtnis*. Munique: Franz Eher, 1928, p. 45.
14. Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. Londres: Orion Books, 1970, p. 96.
15. Piper, Ernst. *Alfred Roosenberg: Hitlers Chefideologe*. Munique: Karl Blessing Verlag, 2005.
16. Ullrich, Volker. *Adolf Hitler: Die Jahre des Aufstiegs*, Frankfurt: Fischer Verlag, 2013.
17. Hitler, Adolf. *Mein Kampf D. 1, En uppgörelse*, trad. Anders Qviding. Estocolmo: Högglunds förlag, 2010, p. 322.
18. *Holocaust Encyclopedia*, “Protocols of the Elders of Zion”, United States Holocaust Memorial Museum, 2014. Disponível em: <www.ushmm.org/wlc/en/article.php>

ModuleId-10007058>. Acesso em: mar. 2018.

19. Roosenberg, *The Myth of the Twentieth Century*, p. 66.

20. Ibidem, p. 201.

21. Ibidem, p. 15.

22. Ibidem, p. 381.

23. Roosenberg, Alfred. *Gestaltung der Idee*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1943, p. 53.

24. Roosenberg, *The Myth of the Twentieth Century*, p. 4.

25. Macrakis, Kristie. *Surviving the Swastika: Scientific Research in Nazi Germany*. Oxford University Press, 1993, p. 79.

26. Lenard, Philipp. "Great Men of Science", p. 105, *Physics and National Socialism: An Anthology of Primary Sources*. Basileia: Birkhäuser, 1996.

27. Macrakis, *Surviving the Swastika*, p. 75.

28. Cecil, *The Myth of the Master Race*, p. 128.

29. Ibidem, p. 154.

30. Heinen, Franz Albert. *The Ordensburg Vogelsang*. Berlim: Christoph Links Verlag, 2014, p. 17.

31. Edler, Frank H. W. "Alfred Baeumler on Hölderlin and the Greeks: Reflections on the Heidegger-Baeumler Relationship", *Janushead*, vol. 1, n.º 3, 1999, parte 1.

32. Ibidem, vol. 2, n.º 2, 1999, parte 12.

33. Gerd, Simon. *Chronologie Hohe Schule der NSDAP*, Universität Tübingen, 2008.

1. Israel, Jonathan. *Conflicts of Empires: Spain, the Low Countries and the Struggle for World Supremacy*. Nova York: Bloomsbury Academic, 2003, p. 324.
2. Pearce, Brian e Lublinskaya, A. D. *French Absolutism: The Crucial Phase, 1620--1629*. Cambridge University Press, 2008, p. 118.
3. Boer, Harm Den. "Amsterdam as Locus of Iberian Printing in the Seventeenth and Eighteenth Centuries", p. 87, em *The Dutch Intersection: The Jews and the Netherlands in Modern History* (ed. Yosef Kaplan). Leiden; Boston: Brill, 2008.
4. Offenber, K. Adri (ed.). *Bibliotheca Rosenthaliana: Treasures of Jewish Booklore*. Amsterdam University Press, 2009, pp. 4-20.
5. Hoogewoud, J. Frits. "An Introduction to H. de la Fontaine Verwey's Bibliotheca Rosenthaliana During the German Occupation", *Omnia in Eo: Studies on Jewish Books and Libraries in Honor of Adri Offenber Celebrating the 125th Anniversary of the Bibliotheca Rosenthaliana in Amsterdam*. Lovaina, Bélgica: Peeters, 2006, p. 55.
6. Kloosterman, Jaap e Lucassen, Jan. "Working for Labour: Three Quarters of a Century of Collecting at the IISH", em *Rebels with a Cause: Five Centuries of Social History Collected by International Institute of Social History*. Amsterdã: Aksant, 2010, p. 17.
7. Gerd, Simon. *Chronologie Hohe Schule der NSDAP*. Universität Tübingen, 2008.
8. Ibidem.
9. Curtis, Michael. *Verdict on Vichy: Power and Prejudice in the Vichy France Regime*. Nova York: Arcade, 2003, p. 149.
10. Grimsted, Patricia Kennedy. "Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder". Amsterdã: IISH, 2011, p. 30.
11. Kloosterman e Lucassen. *Working for Labour: Three Quarters of a Century of Collecting at the IISH*, p. 14.
12. Battles, Matthew. *Library: An Unquiet History*. Nova York; Londres: Norton, 2003, p. 64.
13. Ginio, Meyuhas Alisa. *Jews, Christians, and Muslims in the Mediterranean World After*

1492. Londres; Nova York: Routledge, 1992, p. 8.

14. Hoogewoud, Frits J. "The Looting of a Private and a Public Library of Judaica and Hebraica in Amsterdam During World War II. The Cases of Ets Haim/Livraria Montezinos and Bibliotheca Rosenthaliana", em *Jewish Studies in a New Europe*. Copenhagen: C.A. Reitel A/S International Publishers, 1998, pp. 379–390.

15. Ibidem.

16. Ibidem.

17. Steinweis, Alan E. *Studying the Jew: Scholarly Antisemitism in Nazi Germany*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009, pp. 115–116.

18. Hoogewoud, Frits J. *Dutch Jewish Ex Libris Found Among Looted Books in the Offenbach Archival Depot (1946)*. Leiden, Boston: Brill, 1998.

19. Grimsted, "Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder", p. 253.

20. Hill, E. Leonidas. "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933–1945", p. 30, em *The Holocaust and the Book*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.

21. Hoogewoud, Frits J. "Omnia in Eo: Studies on Jewish Books and Libraries in Honour of Adri Offenbergh Celebrating the 125th Anniversary of the Bibliotheca Rosenthaliana in Amsterdam", pp. 50–51.

22. *Holocaust Encyclopedia*, "Westerbork", United States Holocaust Memorial Museum, 2014.

23. Hoogewoud, "Omnia in Eo", p. 56.

24. Levie Jehuda (Louis) Hirschel. *Dutch Jewry*. Disponível em: <www.dutchjewry.org/genealogy/konijn/189.shtml>. Acesso em: mar. 2018.

1. Thomas, Christopher Campbell. "Compass, Square and Swastika: Freemasonry in the Third Reich", tese, Texas A&M, 2011, p. 55.
2. Bessel, Paul M. "Bigotry and the Murder of Freemasonry". Disponível em: <www.bessel.org/naziartI.htm>. Acesso em: mar. 2018.
3. *Holocaust Encyclopedia*, "Freemasonry Under the Nazi Regime". United States Holocaust Memorial Museum, 2014.
4. Lower, Wendy. *Hitler's Furies: German Women in the Nazi Killing Fields*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013, p. 34.
5. Koppen, Jimmy. "The Conspiracy of Freemasons, Jews and Communists: An Analysis of the French and German Nationalist Discourse (1918–1940)", tese. Free University, Bruxelas, 2009.
6. Koppen, Jimmy. "The Anti-Masonic Writings of General Erich Ludendorff", tese. Free University, Bruxelas, 2010.
7. Ibidem.
8. Ibidem.
9. Ibidem.
10. Leão XIII, "The Letter 'Humanum Genus' of the Pope, Leo XIII, against Freemasonry and the Spirit of the Age, April 20, 1884", Trad. Albert Pike. Charleston: Grand Orient of Charleston, 1884.
11. *Holocaust Encyclopedia*, "Freemasonry", United States Holocaust Memorial Museum, 2014.
12. Koppen, *The Conspiracy of Freemasons, Jews and Communists*.
13. Roosenberg, Alfred. *The Myth of the Twentieth Century*, CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011, p. 116.
14. Thomas, *Compass, Square and Swastika*, p. 134.
15. Bessel, "Bigotry and the Murder of Freemasonry".
16. Thomas, *Compass, Square and Swastika*, p. 134.

17. István Fodor, et al. (eds.), *Spoils of War*, Nº 3. BremeB: Koordinierungsstelle der Länder für die Rückführung von Kulturgütern beim Senator für Bildung, Wissenschaft, Kunst und Sport, nº 3, 1996.
18. Grimsted, Patricia Kennedy. "Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder", p. 27.
19. Fodor et al., *Spoils of War*, p. 18.
20. Cultural Masonic Centre Prins Fredrik: Archives, Library and Museum of the Grand East of the Netherlands, p. 6.
21. Wiest, Irvine. "Freemasonry and the Nuremberg Trials. A Study in Nazi Persecution". Artigo apresentado no Décimo Quinto Consistório Anual da Society of Blue Friars. Washington, DC, fevereiro de 1959.
22. Ibidem.
23. Ibidem.

1. Dreyfus, Jean-Marc e Gensburger, Sarah. *Nazi Labour Camps in Paris: Austerlitz, Levitan, Bassano, July de 1943-August 1944*. Nova York: Berghahn Books, 2011, pp. 9-11.
2. Ibidem.
3. Sutter, Sem C. "The Lost Jewish Libraries of Vilna and the Frankfurt Institut zur Erforschung der Judenfrage", p. 221, em *Lost Libraries* (ed. James Raven). Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.
4. Grimsted, Patricia Kennedy. "The Road to Minsk for Western 'Trophy' Books: Twice Plundered but Not Yet Home from the War", *Libraries & Culture*, vol. 39, nº 4, 2004.
5. Rozier, Gilles. "The Bibliothèque Medem: Eighty Years Serving Yiddish Culture", *Judaica Librarianship*, 2004, pp. 4-15.
6. Hill, E. Leonidas. "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 31, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
7. Curtis, Michael. *Verdict on Vichy: Power and Prejudice in the Vichy France Regime*. Nova York: Arcade, 2003, pp. 148-149.
8. Cowan, James. "Sebald's Austerlitz and the Great Library", em *W. G. Sebald: Schreiben ex patria* (ed. Gerhard Fischer). Amsterdã: Rodopi, 2009.
9. Knuth, Rebecca. *Libricide: The Regime-Sponsored Destruction of Books and Libraries in the Twentieth Century*, Westport, CT: Praeger, 2003, pp. 92-93.
10. Sutter, "The Lost Jewish Libraries of Vilna and the Frankfurt Institut zur Erforschung der Judenfrage", p. 222.
11. Grimsted, Patricia Kennedy. "Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder", Amsterdã: IISH, 2011, p. 30.
12. Glad, John. *Conversations in Exile: Russian Writers Abroad*. Durham, NC: Duke University Press Books, 1992, pp. 271-273.
13. Service, Robert. *Lenin: A Biography*. Londres: Pan, 2010, p. 189.
14. Grimsted, Patricia Kennedy. "The Odyssey of the Turgenev Library from Paris,

1940–2002. Books as Victims and Trophies of War”. Amsterdã: IISH, 2003, p. 24.

15. Greenbaum, Avraham. “Bibliographical Essay”, p. 381, em *Pogroms: Anti-Jewish Violence in Modern Russian History*. Cambridge University Press, 2004.

16. Grimsted, Patricia Kennedy. “The Odyssey of the Petliura Library and the Records of the Ukrainian National Republic During World War II”. Texto extraído de *Cultures and Nations of Central and Eastern Europe in Honor of Roman Szporluk* (ed. Zvi Gitelman). Cambridge, MA: Harvard Ukrainian Research Institute, 2000, pp. 181–208.

17. Berberova, Nina. “The Disappearance of the Turgenev Library”, trad. Patsy Southgate, Grand Street, nº 41, 1992, pp. 94–101.

18. Ibidem.

19. Grimsted, “The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940–2002”, pp. 36–37.

20. Laskarzewska, Hanna. *La Bibliothèque Polonaise de Paris: Les Peregrinations de Collections dans les Années 1940–1992*, Paris: Bibliothèque Polonaise, 2004.

21. Sutter, Sem C. “Polish Books in Exile: Cultural Booty Across Two Continents, Through Two Wars”, pp. 144–145, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose), Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.

22. Ibidem, pp. 144–147.

23. Ibidem, p. 148.

24. Laskarzewska, *La Bibliothèque Polonaise de Paris*.

25. Ibidem.

26. Eckert, Astrid. *The Struggle for the Files: The Western Allies and the Return of German Archives After the Second World War*, Cambridge University Press, pp. 99–100.

27. Grimsted, “The Odyssey of the Petliura Library and the Records of the Ukrainian National Republic During World War II”, pp. 181–208.

28. Grimsted, “The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940–2002”, pp. 38–34.

1. Wiegand, Wayne A. e Davis Jr., Donald G. *Encyclopedia of Library History*. Nova York: Routledge, 2015, p. 323.
2. Circuncisão em bebês do sexo masculino.
3. Pugliese, Stanislao G. "The Book of the Roman Ghetto under the Nazi Occupation", p. 52, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
4. Benite, Zvi Ben-Dor. *The Ten Lost Tribes: A World History*, Oxford University Press, 2009, pp. 17-18.
5. Asher, Salah. "A Matter of Quotation", pp. 170-78, *The Italia Judaica Jubilee Conference* (ed. Shlomo Simonsohn, et al.). Leiden; Boston: Brill, 2012.
6. D'Ancona, Jacob. *The City of Light*. Nova York: Citadel, 2003, pp. 23-24.
7. Fishburn, Matthew. *Burning Books*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008, p. 4.
8. Stow, Kenneth R. "The Burning of the Talmud in 1553, in the Light of Sixteenth Century Catholic Attitudes Toward the Talmud", *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance* 34, 1972, pp. 435-439.
9. Berger, David. "Cum Nimis Absurdum and the Conversion of the Jews", *Jewish Quarterly Review*, pp. 41-49. New Series 70, 1979.
10. Stow, Kenneth R. *Popes, Church, and Jews in the Middle Ages: Confrontation and Response*. Aldershot, Inglaterra: Ashgate, 2007, p. 51.
11. Pugliese, "The Book of the Roman Ghetto Under the Nazi Occupation", p. 51.
12. Jerchower, Seth. "Judeo-Italian". The Jewish Language Research Website, BarIlan University.
13. Pugliese, "The Book of the Roman Ghetto Under the Nazi Occupation", p. 52.
14. Katz, Robert. *Black Sabbath: A Journey Through a Crime Against Humanity*. Londres: Arthur Barker, 1969, p. 120.
15. Comissão para a recuperação do patrimônio bibliográfico da Comunidade Judaica de Roma roubado em 1943, *Relatório de Atividades da Comissão para a recuperação do*

patrimônio bibliográfico da Comunidade Judaica de Roma roubado em 1943. Traduzido por Lenore Roosenberg. Governo Italiano, 2009. p. 15.

16. Pugliese, “The Book of the Roman Ghetto Under the Nazi Occupation”, p. 48.

17. Zuccotti, Susan. *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987, p. 33.

18. Sarfatti, Michele e Tedeschi, Anne C. *The Jews in Mussolini’s Italy: From Equality to Persecution*. Madison: University of Wisconsin Press, 2006, p. 179.

19. Ibidem, pp. 186–187.

20. Pugliese, “The Book of the Roman Ghetto Under the Nazi Occupation”, p. 52.

21. *Relatório de Atividades da Comissão para a recuperação do patrimônio bibliográfico da Comunidade Judaica de Roma roubado em 1943*, p. 30.

22. Pugliese, “The Book of the Roman Ghetto Under the Nazi Occupation”, p. 52.

23. Ibidem.

24. Weisbord, Robert G. e Sillanpoa, Wallace P. *The Chief Rabbi, the Pope, and the Holocaust: An Era in Vatican–Jewish Relations*. New Brunswick, NJ: Tradução, 2011, pp. 61–66.

25. Zimmerman, Joshua D. *Jews in Italy Under Fascist and Nazi Rule, 1922–1945*. Cambridge University Press, 2005, p. 231.

1. Mazower, Mark. *Salonica, City of Ghosts: Christians, Muslims and Jews 1430-1950*. Nova York: Vintage Books, 2006, p. 398.
2. Saltiel, Leon. "Dehumanizing the Dead: The Destruction of Thessaloniki's Jewish Cemetery in the Light of New Sources", *Yad Vashem Studies*, vol. 42, n° 1, 2014, pp. 11-46.
3. Ibidem.
4. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 398.
5. Saltiel, "Dehumanizing the Dead", pp. 11-46.
6. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 398.
7. Ibidem, p. 50.
8. Veinstein, Gilles. *Salonique 1850-1918: La "ville des Juifs" et le reveil des Balkans*. Paris: Editions Autrement, 1992, pp. 42-45.
9. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 48.
10. Ibidem, pp. 36-54.
11. Kerem, Yitzchak. "The Confiscation of Jewish Books in Salonika in the Holocaust", p. 60, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
12. Aini, Leah. "No Other Jews Like Them", *Haaretz*, August 12, 2010.
13. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 298.
14. Ibidem, pp. 298-301.
15. Kerem, "The Confiscation of Jewish Books in Salonika in the Holocaust", p. 300.
16. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 60.
17. Hastaoglou-Martinidis, Vilma e Molho, Rena. *Jewish Sites in Thessaloniki: Brief History and Guide*, Atenas: Lacabettus Press, 2009, p. 18.
18. Kerem, "The Confiscation of Jewish Books in Salonika in the Holocaust", p. 59.
19. Aini, "No Other Jews Like Them", *Haaretz*, 12 de agosto de 2010.
20. Kerem, "The Confiscation of Jewish Books in Salonika in the Holocaust", p. 60.

21. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 394.
22. Kerem, "The Confiscation of Jewish Books in Salonika in the Holocaust", p. 62.
23. Ibidem.
24. Mazower, *Salonica, City of Ghosts*, p. 400.
25. Bowman, Steven (ed.). *The Holocaust in Salonika: Eyewitness Accounts*. Nova York: Bloch, 2002 p. 160.
26. Hagouel, Paul Isaac. *History of the Jews of Thessaloniki and the Holocaust*. West Chester: University of Pennsylvania Press, 2006, p. 17.
27. Bowman, *The Holocaust in Salonika*, p. 166.
28. Bowman, Steven. *The Agony of Greek Jews, 1940-1945*. Stanford University Press, 2009, pp. 104-108.
29. Levi, Primo. *If This Is a Man*, Nova York: The Orion Press, 1959, p. 80.
30. Rivlin, Braha. "Retorno del Inferno", *Aki Yerushalayim*, nº 49-50, 1995.
31. Kerem, "The Confiscation of Jewish Books in Salonika in the Holocaust", p. 63.

1. Fishman, David E. "Embers Plucked from the Fire: The Rescue of Jewish Cultural Treasures from Vilna", p. 69, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
2. Ibidem, pp. 66–67.
3. Woolfson, Shivaun. *Holocaust Legacy in Post-Soviet Lithuania: People, Places and Objects*. Londres: Bloomsbury, 2014, p. 34.
4. Marten-Finnis, Susanne. *Vilna as a Centre of the Modern Jewish Press, 1840–1928: Aspirations, Challenges, and Progress*. Oxford; Nova York: Peter Lang, 2014, pp. 59–60.
5. Kuznitz, Cecile Esther. "YIVO", *The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, YIVO Institute for Jewish Research.
6. Kuznitz, Cecile Esther. *The Origins of Yiddish Scholarship and the YIVO Institute for Jewish Research*, dissertação de doutorado, Stanford University, 2000, citado em Marek Web, "Operating on Faith: YIVO's Eighty Years". *Yedies*, nº 199, 2005.
7. "Special Masters for Holocaust Victims Assets Litigation", YIVO, 2005.
8. Rheins, Carl J. "Recovering YIVO's Stolen Art Collection", *YIVO News*, nº 191, 2000–2001.
9. Einstein, Albert. "Letter of support for the YIVO Institute by Albert Einstein", 8 de abril de 1929, arquivo digital do YIVO, Documento nº: RG 82/yarg82f2243d002.
10. Novershtern, Avraham. "Reyzen, Zalmen", *The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, YIVO Institute for Jewish Research.
11. Sutter, Sem C. "Polish Books in Exile: Cultural Booty Across Two Continents, Through Two Wars", p. 149, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
12. Wardzyńska, Maria. *Był rok 1939. Operacja niemieckiej policji bezpieczeństwa w Polsce. Intelligenzaktion*. Instituto da Memória Nacional, 2009.
13. Sutter, "Polish Books in Exile", p. 149.
14. Hans van der Hoeven e Joan van Albada, "Memory of the World: Lost Memory:

Libraries and Archives Destroyed in the Twentieth Century”, UNESCO, 1996.

15. Sutter, “Polish Books in Exile”, p. 149.

16. Pasztaleniec-Jarzyńska, Joanna and Tchórzewska-Kabata, Halina. *The National Library in Warsaw: Tradition and the Present Day*. Varsóvia: Biblioteka Narodowa, 2000, p. 9.

17. Sroka, Marek. “The Destruction of Jewish Libraries and Archives in Cracow During World War II”, *Libraries and Cultures*, vol. 38, n° 2, 2003.

18. Knuth, Rebecca. *Libricide: The Regime-Sponsored Destruction of Books and Libraries in the Twentieth Century*, Leiden; Boston: Praeger, 2003, p. 84.

19. Sroka, “The Destruction of Jewish Libraries and Archives in Cracow During World War II”.

20. Ibidem.

21. Knuth, *Libricide*, p. 84.

22. Moczarski, Kazimierz. *Conversations with an Executioner*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1984, p. 164.

23. Trevor-Roper, Hugh e Weinberg, Gerhard L. (eds.). *Hitler’s Table Talk 1941-1944: Secret Conversations*. Nova York: Enigma Books, 2013, p. 27.

24. Davies, Norman. *Europe at War 1939-1945: No Simple Victory*. Londres: Pan Macmillan, 2008, p. 306.

25. Grimsted, Patricia Kennedy. “Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder”. Amsterdã: IISH, 2011, p. 33.

26. Grimsted, Patricia Kennedy. “Roads to Ratibor: Library and Archival Plunder by the Einsatzstab Reichsleiter Roosenberg”, *Holocaust Genocide Studies*, n° 19, 2005.

27. Grimsted, “Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder”, p. 23.

28. Arad, Yitzhak. *The Holocaust in the Soviet Union*, Lincoln: University of Nebraska Press, 2009, pp. 413-414.

29. Hill, Leonidas E. “The Nazi Attack on ‘Un-German’ Literature, 1933-1945”, p. 31,

The Holocaust and the Book (ed. Jonathan Rose), Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.

30. Grimsted, Patricia Kennedy. "Roads to Ratibor".

31. Ibidem.

32. Grimsted, "Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder", p. 23.

33. Hill, "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 32.

34. Ganzenmüller, Jörg. "Blockade Leningrads: Hunger als Waffe", Zeit Online, 18 de julho de 2011. Disponível em: <<http://www.zeit.de/zeit-geschichte/2011/02/Kriegsziele-Generalplan-Ost>>. Acesso em: mar. 2018.

35. Hill, "The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933-1945", p. 31.

36. Abramowicz, Hirszt. "Khaykl Lunski", pp. 260-264, *Profiles of a Lost World: Memoirs of East European Jewish Life Before World War II*. Detroit: Wayne State University Press, 1999.

37. Ibidem.

38. Prouser, Joseph H. *Noble Soul: The Life and Legend of the Vilna Ger Tzedek Count Walenty Potocki*. Piscataway, NJ: Gorgias Press LLC, 2005, pp. 1-3.

39. Fishman, "Embers Plucked from the Fire", p. 68.

40. Ibidem.

41. Rudashevski, Yitskhok. *Diary of the Vilna Ghetto*. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Council, 1991, pp. 77-78.

42. Kruk, Herman. "The Ghetto and the Readers", pp. 192-197, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.

43. Fishman, "Embers Plucked from the Fire", p. 69.

44. Ibidem.

45. Ibidem.

46. Web, "Operating on Faith: YIVO's Eighty Years".

47. Berger, Joseph. "Yiddish Poet Celebrates Life with his Language", New York

Times, 17 de março de 1985.

48. Fishman, “Embers Plucked from the Fire”, p. 71.

49. Ibidem.

50. “Ona Simaite”, Shoah Resource Center, the International School for Holocaust Studies. Disponível em: <www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206025.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

51. Web, “Operating on Faith: YIVO’s Eighty Years”.

52. Arad, Yitzhak. *In the Shadow of the Red Banner: Soviet Jews in the War Against Nazi Germany*. Jerusalém; Nova York: Gefen, 2010, p. 205.

53. Berger, Joseph. “Abraham Sutzkever, 96, Jewish Poet and Partisan, Dies”, *New York Times*, 23 de janeiro de 2010.

54. Wisse, Ruth. “Abraham Sutzkever”, *Holocaust Literature: Lerner to Zychlinsky*, Londres; Nova York: Routledge, 2003, pp. 1234-1237.

55. Friedländer, Saul. *The Years of Extermination: Nazi Germany and the Jews, 1939-1945*. Nova York: Harper Perennial, 2008, p. 633.

56. Fishman, “Embers Plucked from the Fire”, p. 73.

1. Harding, Luke e Osborne, Louise. "Vienna Philharmonic and the Jewish Musicians Who Perished Under Hitler", *Guardian*, 11 de março de 2013.
2. Michal Bušek et al., *Hope Is on the Next Page: 100 Years of the Jewish Library in Prague*, Praga: Museu Judaico, 2007, p. 37.
3. "Filme de propaganda nazista sobre Theresienstadt/Terezín", Arquivo de Filmes e Vídeos Steven Spielberg, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Film ID: 140.
4. Skloot, Robert. "Staying Ungoose-like: The Holocaust and the Theatre of Choice", p. 248, *Jewish Theatre: A Global View* (ed. Edna Nahshon). Leiden; Boston: Brill, 2009.
5. Bušek et al., *Hope Is on the Next Page*, p. 44.
6. Ibidem, pp. 38-39.
7. Ibidem, p. 41.
8. Ibidem, p. 63.
9. Schidorsky, Dov. "Confiscation of Libraries and Assignments to Forced Labor: Two Documents of the Holocaust", *Libraries and Culture*, vol. 33, 1998, pp. 347-388.
10. Grimsted, Patricia Kennedy. "Restitution of Confiscated Art Works: Wish or Reality?", anais da Conferência Acadêmica Internacional realizada em Liberec entre 24 e 26 de outubro de 2007, Praga: Tilia, 2008, pp. 144-145.
11. Schidorsky, "Confiscation of Libraries and Assignments to Forced Labor".
12. Ibidem.
13. Ibidem.
14. Grimsted, Patricia Kennedy. "Roads to Ratibor: Library and Archival Plunder by the Einsatzstab Reichsleiter Roosenberg", *Holocaust Genocide Studies*, vol. 19, nº 3, inverno de 2005, pp. 390-458.
15. Ibidem.
16. Rothfeld, Anne. "Returning Looted European Library Collections: An Historical Analysis of the Offenbach Archival Depot, 1945-1948", *RBM: A Journal of Rare Books*,

Manuscripts, and Cultural Heritage, vol. 6, nº 1, 2005.

17. Grimsted, "Roads to Ratibor".

18. Adunka, Evelyn. "The Nazi Looting of Books in Austria and Their Partial Restitution". Disponível em: <www.lootedart.com/MFVALY48822>. Acesso em: mar. 2018.

19. Ibidem.

20. Grimsted, "Roads to Ratibor".

21. Adunka, "The Nazi Looting of Books in Austria and Their Partial Restitution".

22. Riding, Alan. *And the Show Went On: Cultural Life in Nazi-Occupied Paris*, Nova York: Alfred A. Knopf, 2010.

23. Grimsted, "Roads to Ratibor".

1. Grimsted, Patricia Kennedy. "Roads to Ratibor: Library and Archival Plunder by the Einsatzstab Reichsleiter Roosenberg", *Holocaust Genocide Studies*, nº19, 2005, pp. 390–458.
2. Piper, Ernst. "Die Theorie des mörderischen Wahns", *Frankfurter Rundschau*, 12 de outubro de 2005.
3. Topik, Steven e Pomeranz, Kenneth. *The World That Trade Created: Society, Culture and the World Economy, 1400 to the Present*, Londres; Nova York: Routledge, 2014, p. 208.
4. Sutter, Sem C. "The Lost Jewish Libraries of Vilna and the Frankfurt Institut zur Erforschung der Judenfrage", p. 222, *Lost Libraries* (ed. James Raven), Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.
5. Grimsted, Patricia Kennedy. "The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940–2002. Books as Victims and Trophies of War", Amsterdã: IISH, 2003, p. 38.
6. Grimsted, "Roads to Ratibor".
7. Von Papen-Bodek, Patricia. "Anti-Jewish Research of the Institut zur Erforschung der Judenfrage in Frankfurt am Main between 1939 and 1945", pp. 155–173, *Lessons and Legacies vi: New Currents in Holocaust Research*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2004.
8. Ibidem.
9. Sutter, "The Lost Jewish Libraries of Vilna and the Frankfurt Institut zur Erforschung der Judenfrage", p. 220.
10. Potthast, Jan Björn. *Das jüdische Zentralmuseum der SS in Prag: Gegnerforschung und Volkermord im Nationalsozialismus*, Frankfurt: Campus Verlag 2002, p. 180.
11. Grimsted, "Roads to Ratibor".
12. Ibidem.
13. Ardelia Hall Collections, Records Concerning the Central Collecting Points, Offenbach Archival Depot, 1946–1957, National Archives and Records Administration, M1942, Seção 1, fotos 15–17.

14. Ibidem, foto 12.
15. Ibidem, foto 13.
16. Confino, Alon. *A World Without Jews. The Nazi Imagination from Persecution to Genocide*. New Haven, CT: Yale University Press, 2014, p. 151.
17. Papen-Bodek, Von. "Anti-Jewish Research of the Institut zur Erforschung der Judenfrage in Frankfurt am Main between 1939 and 1945", pp. 155-173.
18. Ibidem.
19. Grau, Wilhelm. "Die Geschichte des Judenfrage und ihr Erforschung", *Blatter fur deutsche Landesgeschichte* 83, n° 3, 1937, p. 167, citado em A. Confino, *A World Without Jews*, p. 110.
20. Ibidem, p. 194.
21. Ibidem, p. 196.
22. Ibidem, p. 177.
23. Ibidem, p. 241.
24. Kaplan, Chaim. *Scroll of Agony: The Warsaw Ghetto Diary of Chaim A. Kaplan*, Trad. Abraham Katsh. Nova York: Macmillan, 1965, pp. 90-91.
25. Ibidem, pp. 399-400.
26. Grimsted, Patricia Kennedy. "Sudeten Crossroads for Europe's Displaced Books: The Mysterious Twilight of the RSHA Amt VII Library and the Fate of a Million Victims of War", *Restitution of Confiscated Art Works: Wish or Reality?*, ed. Mecislav Borak, Praga: Tilia, 2008, pp. 160-161.
27. Ibidem, p. 142.
28. Leszczyńska, Katarzyna. *Hexen und Germanen: Das Interesse des Nationalsozialismus an der Geschichte der Hexenverfolgung*, Bielefeld: Transcript Verlag, 2009, p. 52.
29. Bailey, Michael David. *Magic and Superstition in Europe: A Concise History from Antiquity to the Present*, Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2007, pp. 235-237.
30. Leszczyńska, *Hexen und Germanen*, pp. 18-20.

31. Bailey, *Magic and Superstition in Europe*, pp. 235–240.
32. Grimsted, “Sudeten Crossroads for Europe’s Displaced Books”, pp. 162–163.
33. Papen–Bodek, Von. “Anti–Jewish Research of the Institut zur Erforschung der Judenfrage in Frankfurt am Main between 1939 and 1945”, p. 170.
34. Hagemeyer, Hans. “Preparations already made for the International Congress”. *Nazi Conspiracy and Aggression Vol. IV*, Document No. 1752–PS. Avalon Project. Carta datada de 15 de junho de 1944.
35. Ibidem.
36. Papen–Bodek, Von. “Anti–Jewish Research of the Institut zur Erforschung der Judenfrage in Frankfurt am Main between 1939 and 1945”, p. 163.
37. Ibidem.
38. Hagemeyer, “Preparations already made for the International Congress”.
39. Ibidem.
40. Grimsted, “Roads to Ratibor”.
41. Ibidem, “The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940–2002”, p.45.
42. Grimsted, Patricia Kennedy. “Reconstructing the Record of Nazi Cultural Plunder”, IISH Research Paper 47, 2011, p. 427.
43. Brown, Violet e Crosby, Walter. “Jew Finds Hebrew Collection Nazis Stole in Lie Drive”, *Brooklyn Daily Eagle*, 9 de abril de 1945.

1. Sniegón, Tomas. *Vanished History: The Holocaust in Czech and Slovak Historical Culture*. Nova York: Berghahn Books, 2014, p. 214.
2. Jelinkova, Andrea. "Books in the Terezín Ghetto and their Post-War Fate", *Judaica Bohemiae*, 2012, pp. 85-107.
3. Ibidem.
4. Grimsted, Patricia Kennedy. "Sudeten Crossroads for Europe's Displaced Books: The Mysterious Twilight of the RSHA Amt VII Library and the Fate of a Million Victims of War", p. 165, *Restitution of Confiscated Art Works: Wish or Reality?*, ed. Mécislav Borak, Praga: Tilia, 2008.
5. Ibidem, p. 165.
6. Ibidem, pp. 172-174.
7. Lucy Schildkret a Joseph A. Horne, "Subject: Restitutable books in Czechoslovakia", 19 de abril de 1947. Registros Relativos aos Pontos de Coleta Centrais ("Ardelia Hall Collection"): Offenbach Archival Depot, 1946-1951. M1942, Roll 006, p. 101.
8. Grimsted, "Sudeten Crossroads for Europe's Displaced Books", p. 175.
9. Frits J. Hoogewoud, "Dutch Jewish Ex Libris Found Among Looted Books in the Offenbach Archival Depot", *Dutch Jews as Perceived by Themselves and by Others: Anais do Oitavo Simpósio Internacional sobre a História dos Judeus na Holanda*, Leiden; Boston: Brill, 2001, p. 254.
10. Michal Bušek et al., *Hope Is on the Next Page: 100 Years of the Jewish Library in Prague*, Museu Judaico, Praga, 2007, p. 63.
11. Grimsted, "Sudeten Crossroads for Europe's Displaced Books", p. 180.
12. Grimsted, Patricia Kennedy. *Trophies of War and Empire: The Archival Heritage of Ukraine, World War II, and the International Politics of Restitution*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001, p. 251.
13. Grimsted, Patricia Kennedy. "The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940-2002: Books as Victims and Trophies of War", Amsterdã: IISH, 2003, p. 48.

14. Ibidem, pp. 50–51.
15. Ibidem, pp. 52–53.
16. Ibidem, p. 59.
17. Grimsted, Patricia Kennedy. “The Road to Minsk for Western ‘Trophy’ Books: Twice Plundered but Not Yet Home from the War”, *Libraries & Culture*, vol. 39, n° 4, 2004.
18. Grimsted, Patricia Kennedy. “Tracing Trophy Books in Russia”, *Solanus* 19, 2005, pp. 131–145.
19. Ibidem.
20. Grimsted, *Trophies of War and Empire*, pp. 259–260.
21. Grimsted, “The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940–2002”, p. 56.
22. Ibidem, p.65.
23. Cecil, Robert. *The Myth of the Master Race*. Londres: B. T. Batsford, 1972, p. 214.
24. Roosenberg, Alfred. *Grossdeutschland, Traum und Tragödie*, Selbstverlag H. Härtle, 1970, p. 180.
25. Cecil, *The Myth of the Master Race*, pp. 216–217.
26. Pomrenze, Seymour J. “Personal Reminiscences of the Offenbach Archival Depot, 1946–1949: Fulfilling International and Moral Obligations”, *Washington Conference on Holocaust Era Assets*, ed. J.D. Bindenagel, Washington, DC: Dept. of State, 1999, pp. 523–528.
27. Ibidem.
28. Ibidem.
29. Verwey, Herman de la Fontaine. “Bibliotheca Rosenthaliana During the German Occupation”, em *Omnia in Eo: Studies on Jewish Books and Libraries in Honor of Adri Offenbergh, Celebrating the 125th Anniversary of the Bibliotheca Rosenthaliana in Amsterdam*. Lovaina: Peeters, 2006, pp. 70–71.
30. Kloosterman, Jaap e Lucassen, Jan. “Working for Labour: Three Quarters of a

Century of Collecting at the IISH”, p. 14, em *Rebels with a Cause*. Amsterdã: Askant, 2010.

31. Grimsted, Patricia Kennedy. “The Odyssey of the Petliura Library and the Records of the Ukrainian National Republic During World War II”, pp. 181–208, *Cultures and Nations of Central and Eastern Europe in Honor of Roman Szporluk* (ed. Zvi Gitelman), Cambridge, MA: Harvard Ukrainian Research Institute, 2000.

32. Laskarzewska, Hanna. *La Bibliotheque Polonaise de Paris: Les Peregrinations de Collections Dans les Années 1940–1992*, Paris: Bibliothèque Polonaise, 2004.

33. Grimsted, Patricia Kennedy. *Returned from Russia: Nazi Archival Plunder in Western Europe and Recent Restitution Issues*, Builth Wells, País de Gales: Institute of Art and Law, 2013, p. 207.

34. Ibidem, p. 206.

35. Ibidem.

36. Ibidem, p. 209.

37. Grimsted, “The Road to Minsk for Western ‘Trophy’ Books”.

38. Dobbs, Michael. “Epilogue to a Story of Nazi- Looted Books”, *Washington Post*, 5 de janeiro de 2000.

39. Ibidem.

40. Sutter, Sem C. “The Lost Jewish Libraries of Vilna and the Frankfurt Institut zur Erforschung der Judenfrage”, p. 231, *Lost Libraries* (ed. James Raven), Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.

41. Magocsi, Paul Robert. *Historical Atlas of East Central Europe*. Seattle; Londres: University of Washington Press, 1993, pp. 164–168.

42. Ibidem.

43. Ibidem.

44. Gelles, W. “Interview with Historian, and the Author of ‘The War Against the Jews’ and ‘From That Place and Time.’” *Publishers Weekly*, 5 de dezembro de 1989.

45. Dawidowicz, Lucy S. *From That Place and Time: A Memoir, 1938-1947*. Nova York: W. W. Norton, 1989, p. 119.
46. Farmer, Walter Ings. *The Safekeepers: A Memoir of the Arts at the End of World War II*, Berlim; Nova York: Walter de Gruyter, 2000, p. 101.
47. Dawidowicz, *From That Place and Time*, p. 316.
48. Fishman, David E. "Embers Plucked from the Fire: The Rescue of Jewish Cultural Treasures from Vilna", pp. 73-74, *The Holocaust and the Book* (ed. Jonathan Rose). Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
49. Ibidem.
50. Ibidem.
51. Sutzkever, Abraham. "Mon témoignage au procès de Nuremberg", *Les Ecrivains et la Guerre*. Paris: Messidor, 1995.
52. Delage, Christian. "The Place of the Filmed Witness: From Nuremberg to the Khmer Rouge Trial", *Cardozo Law Review*, vol. 31, 2010.
53. Cecil, Robert. *The Myth of the Master Race*, p. 221.
54. Andrus, Burton C. *The Infamous of Nuremberg*. Londres: Leslie Frewin, 1969,
55. Cecil, *The Myth of the Master Race*, p. 219.
56. Ibidem.
57. Ibidem, p. 228.
58. Ibidem, p. 229.
59. Steinweis, Alan E. *Studying the Jew: Scholarly Antisemitism in Nazi Germany*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009, pp. 115-116.
60. Smith, Howard K. "The Execution of Nazi War Criminals", International News Service, 16 de outubro de 1946.

1. Richard Kobrak. Disponível em: <www.geni.com/richard-kobrak>. Acesso em: mar. 2018.
2. Grimsted, Patricia Kennedy. *Trophies of War and Empire: The Archival Heritage of Ukraine, World War II, and the International Politics of Restitution*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001, p. 257.
3. Ibidem.
4. Ibidem, p. 258.
5. Ibidem.
6. Ibidem, p. 394.
7. Ibidem, p. 396.
8. Ibidem, p. 400.
9. Grimsted, Patricia Kennedy. "The Road to Minsk for Western 'Trophy' Books: Twice Plundered but Not Yet Home from the War", *Libraries & Culture*, vol. 39, nº 4, 2004.
10. Grimsted, Patricia Kennedy. *Returned from Russia: Nazi Archival Plunder in Western Europe and Recent Restitution Issues*. Builth Wells, Wales: Institute of Art and Law, 2013, p. 291.
11. Grimsted, *Trophies of War and Empire*, p. 403.
12. Chebotarev, Tanya and Ingersoll, Jared S. (eds.), "Russian and East European Books and Manuscripts in the United States", pp. 114-119, *Anais de uma Conferência em Homenagem ao Décimo Quinto Aniversário do Arquivo Bakhmeteff da Rússia*. Nova York: Routledge, 2014.
13. Grimsted, *Returned from Russia*, p. 245.
14. Ibidem, p. 289.
15. Chebotarev and Ingersoll, "Russian and East European Books and Manuscripts in the United States", pp. 117-119.
16. Grimsted, Patricia Kennedy. "The Odyssey of the Turgenev Library from Paris, 1940-2002. Books as Victims and Trophies of War", Amsterdã: IISH, 2003, p. 14.

17. Ibidem, p. 90.
18. Ibidem, p. 96.
19. Comissão para a recuperação do patrimônio bibliográfico da Comunidade Judaica de Roma roubado em 1943, *Relatório de Atividades da Comissão para a recuperação do patrimônio bibliográfico da Comunidade Judaica de Roma roubado em 1943*. Traduzido por Lenore Roosenberg. Governo italiano, 2009, p. 6.
20. Ibidem, p. 26.
21. Ibidem, p. 43.
22. Grimsted, “The Road to Minsk for Western ‘Trophy’ Books”.
23. Käthe Kobrak: Diário, 10 de agosto de 1995, acervo particular.
24. Ibidem.
25. Ibidem.
26. Parkinson, Alan. *From Marple to Hay and Back*. Marple Local History Society, 2002.
27. Käthe Kobrak: Diário, 3 de agosto de 1939–31 de março de 1945, acervo particular.

QUANDO decidiu seguir o rastro dos saqueadores de livros do período nazista, o jornalista sueco Anders Rydell lançou-se numa jornada de milhares de quilômetros pela Europa. Seu intuito era compreender os fatos que levaram a essa ação tão cruel e descobrir o que ainda existe de tudo o que se perdeu durante a Segunda Guerra Mundial.

“Milhões de livros esquecidos de milhões de vidas perdidas”, foi o que constatou o autor após percorrer as mais remotas bibliotecas do continente. Mas o que de fato desejavam os soldados de Hitler com a pilhagem de livros pertencentes a judeus, comunistas, políticos liberais, maçons, católicos e tantos outros grupos de oposição? Como esse crime literário sem precedentes na história contribuiu para o aniquilamento cultural dos povos perseguidos pelo nazismo?

Ladrões de livros – A história real de como os nazistas roubaram milhões de livros durante a Segunda Guerra relata em detalhes os saques efetuados em bibliotecas, livrarias e acervos pessoais no período nazista. Mostra, ainda, como um pequeno time de bibliotecários trabalha heroicamente para tentar devolver esses exemplares às vítimas do Holocausto e suas famílias. Uma narrativa emocionante que revela o que um único livro pode representar para quem perdeu tudo no conflito mais sangrento da história.

“A OBRA DE RYDELL É UMA MISTURA FASCINANTE ENTRE HISTÓRIA, INVESTIGAÇÃO E ‘ATIVISMO DE RESTITUIÇÃO’ QUE NÃO DEIXARÁ DE INSPIRAR OS LEITORES.” – *LA Review of Books*

“UM RELATO IMPRESSIONANTE DO PODER PERVERSO DE HITLER.” – *BBC*



 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 Selocritica

 planetadelivros.com.br